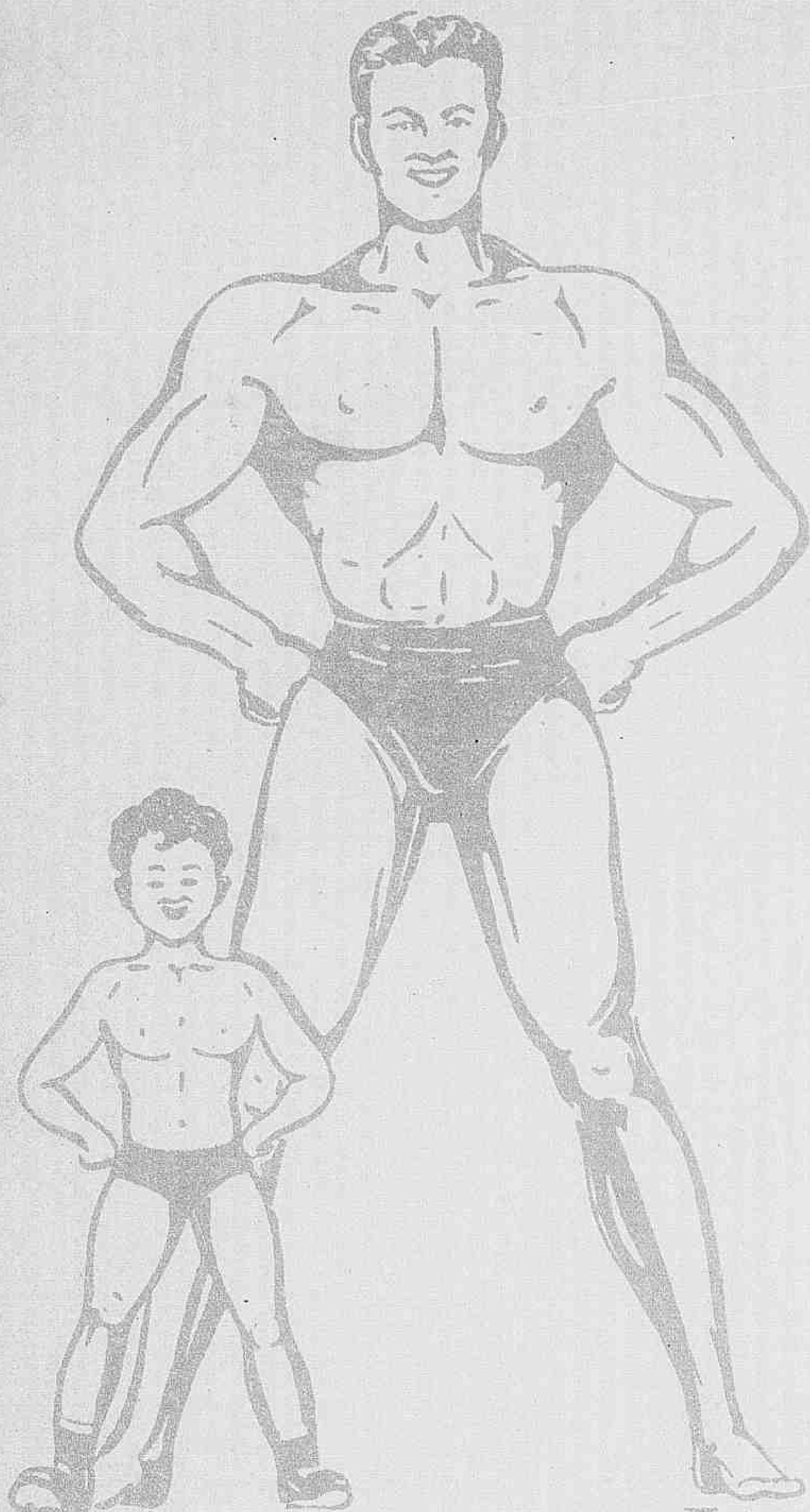
EU SEI TUDO





ARQUIMEDES E SEUS ENGENHOS DE GUERRA
OS MARIDOS NUNCA DÃO OUVIDOS
SEU FILHO PODERÁ SER UM GÊNIO
POR QUE TEMOS SOLUÇOS ?

ARROZINA



O alimento ideal dos bebês



JÁ ALIMENTOU DUAS GERAÇÕES DE CAMPEÕES



Encontra-se
ARROZINA
em tôdas as farmácias e drogarias do Brasil



Instituto Dietético Infantil S.L.

FÁBRICA: AV. ODILA, 1549 - Cx. Postal, 4334 - ESCRITÓRIO: R. MARIA PAULA, 136 - Fone 33-4263 - S. PAULO ★ FILIAIS NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO
Rua Juan Pablo Duarte, 42 — D. Federal

BAHIA — SERGIPE
Rua Carlos Gomes, 3-A — Salvador

PERNAMBUCO — PARAIBA
Rua da Saudade, 323 — Recife

RIO GRANDE DO SUL
Rua Riachuelo, 959 — Pôrto Alegre

CEARÁ — PIAUÍ — MARANHÃO
Rua Pedro Pereira, 755 — Fortaleza

DEPÓSITOS E REPRESENTANTES NOS DEMAIS ESTADOS

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS





Tapêtes e passadeiras

de forração em côres
lisas e com flores

Grupos estofados

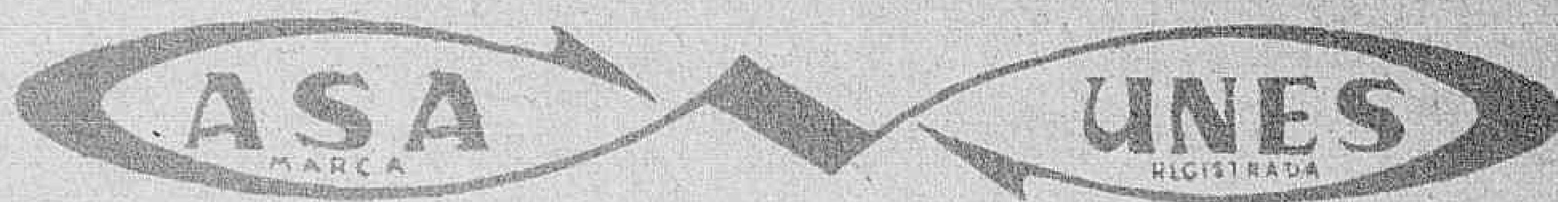
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

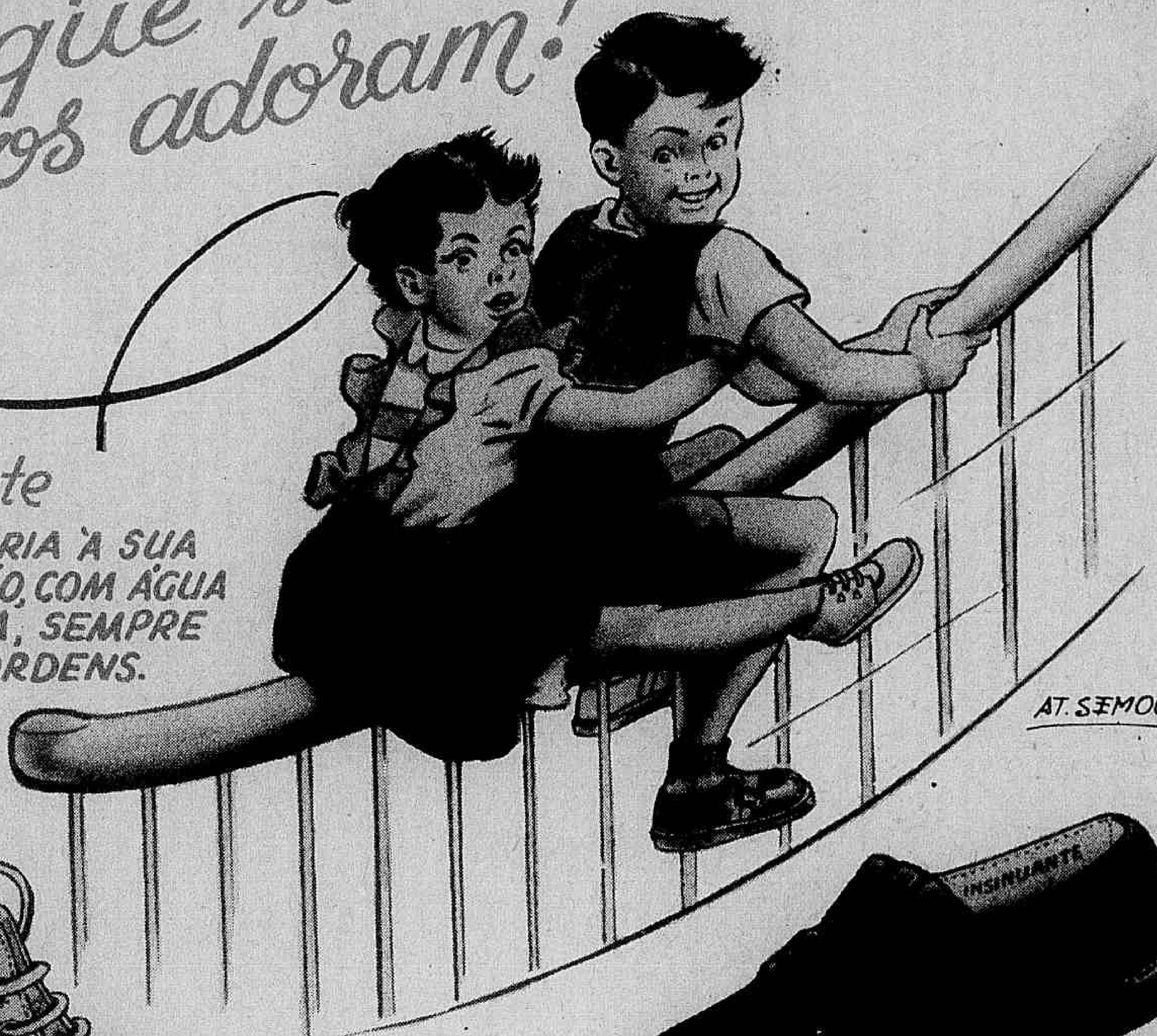
Preços que animam a comprar

Vendas a vista e a prazo



65 rua da CARIOCA 67 -- RIO

Sapatos que seus filhos adoram!



insinuante

UMA GALERIA À SUA DISPOSIÇÃO, COM ÁGUA GELADINHA, SEMPRE ÀS SUAS ORDENS.



099



126

NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS.



127

099 — Cr$ 75,00. Uma botinha que é um encanto! Tôdas as côres. Num. de 18 a 22.

126 — Cr$ 100,00. "Mucasin infantil". Uma maravilha de sapato! Sola de borracha tipo Ayrline, em tôdas as côres. Num. de 20 a 27.

127 — Cr$ 100,00. Magnífico sapato infantil! Sola de borracha tipo "Ayrline". Grande variedade de côres. Num. de 20 a 27.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito. Redator-chefe: M. R. de Castro. Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Publicidade em São Paulo: J. Gomes Bastos, R. Barão de Itapetininga, 24 — 6.º, and., sala 60. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.



O FANTASMA SEDUTOR

Por HERBERT DALMAS

— QUE TOLO TINHA SIDO! — PENSOU JOHN, AMARGAMENTE — PASSARA DIAS INTEIROS SONHANDO COM A TAL PEQUENA... E AGORA ELA ZOMBAVA DÊLE!

JOHN Mallory, recostado na mais cômoda cadeira do apartamento e olhando para os próprios pés (tinha um metro e oitenta e sete de altura), ponderava sôbre um problema.

John, aliás, tinha sempre muitos problemas na cabeça, mas êste o preocupava *especialmente,* porque era... ridículo.

Há mais de uma semana êle vinha gastando todos os seus momentos de folga pensando numa pequena que jamais vira! E nem sequer falara com ela por telefone, ou se comunicara por carta, a não ser pelo cheque que lhe enviara pelo aluguel do apartamento que ela lhe cedera mobilado.

O essencial, segundo a sua análise, era poder concluir *se* era possível a personalidade de alguém permanecer num lugar, quando a mesma já não estivesse lá — ou se seria por ter êle pensado *tanto* nela que acabasse por acreditar em tal possibilidade. A primeira devia ser a resposta certa, porque fôra, afinal, o que o induzira a pensar *tanto* nela!

Podia-se até pensar que Amanda West (êste era o seu nome, e um nome bem simples e adequado) tivesse mobilado o apartamento especialmente para agradá-lo. As poltronas eram grandes, macias — destas onde a gente se sente bem mesmo — e os cinzeiros também grandes e pesados — poucas coisas irritavam John mais do que cinzeirinhos bonitinhos e femininos, que estão sempre tombando e derramando o seu conteúdo.

As côres predominantes no apartamento eram sóbrias e firmes: marron e grenat; e havia aquêle quadro de um veleiro,

enfeitando a lareira, justamente o quadro que John teria escolhido e, sendo êle apaixonado por navegação, ficava horas olhando o barco sôbre as águas agitadas.

Uma semana atrás, enquanto procurava, na gaveta da cômoda, por uma toalha — as toalhas eram enormes e felpudas (só ela poderia escolher toalhas assim!) —



êle encontrara um envelope de fotografias com o nome de Amanda.

E' realmente uma *tolice romântica*, essa de um homem trazer no coração a imagem da pequena ideal; mas John tinha de admitir que esta pequena era realmente o sonho que nem pensara puder realizar. Ela era o tipo da pequena *às direitas*, que não queria aparentar outra coisa. Podia-se ver que ela era bonita, pois não se escondia sob camadas de pós e cremes. Seus cabelos eram escuros, talvez castanhos, longos, com suaves ondas naturais... Embora a fotografia não mostrasse, êle achou que deviam estar simplesmente presos, atrás. O vestido era simples, com decote quadrado e mangas compridas.

John se lembrava, agora, que devia ter perguntado mais, a respeito dela, a Dave Wilson. Dave era o amigo comum, que arranjara o apartamento para John, quando soube que êste ia ficar em Nova York por uns meses. Explicara simplesmente que ela trabalhava numa firma de publicidade, que estava de férias e que pretendia, depois, passar uns tempos com amigas em Westchester, durante o verão. John encontrara um bilhete dela, no apartamento, dizendo que estaria de volta das férias no dia quinze, e que, se êle quisesse falar de qualquer assunto sôbre o apartamento, poderia telefonar para o escritório onde ela trabalhava.

Bem: era o dia quinze. Naturalmente êle não poderia inventar qualquer coisa para poder telefonar, mas chegara alguma correspondência para ela, e isto parecia-lhe um motivo mais do que justo para telefonar.

Quando ela atendeu ao telefone, êle achou que a sua voz era exatamente como êle havia imaginado. Êle informou que tinha a correspondência para entregar e, com espanto próprio, arriscou:

— Se você não tem outro programa, poderia ir jantar comigo, hoje...?

— Com muito prazer — respondeu Amanda — tenho muita vontade de saber como você é!

Objetiva e honesta, como êle esperava! Ela prometeu encontrá-lo no *hall* do "Saint George", às seis, e John foi pontualíssimo.

Nova York vinha sendo, para êle, um lugar de surprêsas e êle sabia que esta seria a melhor de tôdas.

Passados uns cinco minutos, uma pequena, que estava sentada no sofá do *hall*, levantou-se e caminhou para êle, dizendo:

— Você é John Mallory, não é?

John, tremendo dos pés à cabeça, disse que sim.

— Eu sou Amanda West — falou a pequena — Cheguei à conclusão de que você não saberia reconhecer-me, se eu não me apresentasse.

Nesta altura, John estava começando a refazer-se da surprêsa.

Agora estavam no salão, tomando um *cocktail*. Foi bom que ela começasse a falar, porque *êle não conseguia*. Mas, pensando melhor, esta pequena *não podia ser Amanda West!* Tentando não chamar a atenção, êle aproveitou tôdas as ocasiões para olhá-la bem. Finalmente, achou que podia haver uma leve semelhança, muito leve mesmo. O rosto da pequena do retrato era quase infantil em sua simplicidade e esta era *pra lá de glamurosa.*

Talvez fôsse o *make-up*, o *rouge*, o *baton* e o pó; mas... não! Não era isso. O vestido também era completamente diferente; naturalmente êle não poderia esperar que ela viesse com o mesmo vestido, mas o... o estilo era diferente. Era prêto. Êle não sabia dizer de que material, mas era bem justinho no corpete, e de saia ampla. O chapéu pequenino e inteiramente original — o que o fêz notar que os cabelos eram diferentes, também — curtos e cuidadosamente penteados.

Enfim, tudo estava confuso para êle!

— Bem; eu... encontrei alguns retratos — disse êle — no meu apartamento e com o seu nome...

Ela começou a rir e depois parou um pouco, atrapalhada pela expressão séria que viu no rosto dêle.

— Oh! A prima Amanda! — disse ela, finalmente. — Nós temos o mesmo nome e somos muito amigas. Ela enviou aquêles retratos para que eu a ajudasse a escolher um, para ampliar.

E, rindo novamente, terminou:

"— Coitada da prima Amanda...

John não parecia ouvi-la, mas, por fim, disse:

— Eu gostaria de conhecer essa sua prima...

Amanda olhou para êle em silêncio, alguns instantes, para perguntar, finalmente:

— E por quê?

— Bem... E' que ela é o tipo da pequena que eu sempre desejei... conhecer.

E, também, não sei por que, achei que tinha sido ela quem mobilara o apartamento... tão combinado com o meu gôsto! Tudo, ali, é tão perfeito e me agrada tanto...

— Realmente, ela me ajudou na decoração — confessou Amanda.
— Foi mesmo? — perguntou John, novamente animado.

— Foi. Ela adora estas coisas...
— Ela deve ser formidável! — afirmou John, lembrando-se das toalhas de banho, grandes e macias, tão diferentes das que as mulheres geralmente escolhem. — Sim, eu gostaria de conhecer essa sua prima.

— Pois está bem... — disse Amanda — Queria mesmo pedir a você para deixar eu ir buscar umas coisas minhas, que esqueci no apartamento. Se eu fôr amanhã, à tarde, levarei a prima Amanda comigo.

— Leva mesmo? Seria formidável.
Amanda então preveniu que teria de tomar um trem, às nove horas, e êles foram jantar num restaurante pequeno que ela própria sugeriu, e onde uma orquestra tocava baixinho e podia-se dançar com calma.

John ficou um pouco inquieto porque, sendo alto e magro, e meio desajeitado, era também todo sem graça para dançar. Tratou de conversar bastante para evitar o assunto mas, o pior é que êle mesmo não sabia falar sôbre assuntos mundanos, que, segundo êle achava, seriam os preferidos de Amanda. Depois de fazer o pedido ao *garçon*, ela falou:

— Eu gostaria que você falasse um pouco... a seu respeito. E' engraçado saber que no nosso apartamento está morando um rapaz que nem conhecemos. Dave, é claro, disse que você é formidável; mas foi tudo! Parece que êle falou alguma coisa também, sôbre cinema. Será, você, de Hollywood? Que interessante!

— Não concordo — replicou John, friamente. — Nasci lá, meu pai era escritor de argumentos, no tempo do cinema mudo. Assim porém que fiquei dono do meu nariz, só pensei em sair de lá!

— Nós, cá de fora, temos uma idéia diferente! — disse ela com um sorriso gentil.

Então êle começou a rir, dizendo:
— E' possível. E talvez seja por isso que eu tenha ficado tão impressionado com a sua prima. Nunca vi uma pequena assim! As de Hollywood só pensam em aparecer como cavalo de circo...

— Talvez você tenha ficado alérgico às *glamurosas* — disse Amanda. — Vamos dançar um pouco?

John sentiu uma onda de frio. Mas... que poderia êle fazer?

Recusar seria pior do que dançar mal. Mas, quando êle se encontrou na pista, com Amanda nos braços, ficou admirado da própria leveza. Temia pisar os pés dela e isto não aconteceu.

Quando voltaram à mesa, ela falou:
— Mas você ainda não me disse o que está fazendo em Nova York.

John ficou sùbitamente sério. Tôda a alegria dos momentos que acabava de passar se desvanecera ante a lembrança das semanas de hesitação e timidez que vinha passando em Nova York.

— Eu faço o que êles chamam... filmes comerciais. Propaganda. Juntei algum dinheiro e montei firma própria; mas não sou bom vendedor.
— Será... se o que tem para vender fôr bom!

— Realmente! Mas não consigo chegar até o chefão e fazê-lo ouvir-me. Há uma centena de outros rapazes, tentando a mesma coisa. E todos têm "pistolão", enquanto eu *só tenho boas idéias.*

— E idéias, hoje em dia, não andam sobrando. Pelo menos as boas...
John nunca encontrara um bom ouvinte para as suas idéias, mas Amanda parecia interessadíssima.

— Muito bem! — disse Amanda, quando êle acabou de contar tudo. — Não sei por que êle deixará de ouví-lo e de aceitar a sua produção, se você explicar tudo, direitinho, como explicou a mim. Há muito tempo não ouço uma idéia tão boa para publicidade.

A essa altura ela olhou para o relógio e êle, por sua vez, viu que o tempo *voara.*

— Antes de irmos — disse êle, surpreendendo-se com as próprias palavras — vamos dançar mais uma vez?

E pôde verificar que, *com ela*, era capaz até de dançar bem. Chegou mesmo a fazer com segurança uns passos que viu outro par fazendo e repetiu-os com sucesso.

— Oh! Estava ótimo! — disse Amanda, rindo, quando a música parou. — Mas não posso perder o meu trem! Então, amanhã, às cinco, eu irei lá e levarei a prima Amanda, se você ainda quiser.

— Sim, é... será ótimo! — respondeu John, meio preocupado.

*

No dia seguinte, às quatro e meia, êle já estava em casa. Fôra um dia leve. Ainda estava sob a impressão dos prodígios que realizara na pista de dança.

Às cinco em ponto, a campainha tocou. E só então êle notou que não sabia mais o que tinha a dizer, quando fôsse apresentado à prima Amanda.

Abriu a porta e lá estava ela, em sua frente!

Os cabelos cuidadosamente escondidos sob um pequenino chapéu, mas o resto era justamente como no retrato.

— Alô! — disse ela, sorrindo e entrando sem esperar o convite dêle.

E como êle olhasse em redor, como à procura de outra pessoa, ela começou a rir e falou:

— Não há outra. Eu inventei a prima Amanda. Jamais pensei que alguém pudesse gostar daqueles retratos. Tirei-os antes de vir para Nova York. Depois descobri que uma moça não consegue grande coisa, aqui, continuando *daquela maneira.*

Então êle disse:

— E' melhor você se pintar...

Ela arregalou os olhos, apertou os lábios e levantou a cabeça.

— Pois bem, é o que eu vou fazer.

Entrou no quarto, trancou a porta, batendo-a mais do que seria necessário. E o tempo foi passando. John caminhava para lá e para cá e fumou sete cigarros. Finalmente a porta se abriu.

— Até logo! — disse Amanda.

Estava novamente como na noite anterior. Trouxera roupa numa pequena valise.

— Espere! — disse John, pegando-a por um braço — Sabe o que eu fiz hoje? Fui procurar um figurão em publicidade e falei como uma vitrola. E êle ouviu a minha idéia e achou formidável.

— Muito bem! — disse ela, friamente; e quis retirar o braço.

John segurou-a com fôrça, pela mão:

— Sente-se, por favor! Eu fiz tudo isto por que você disse que a idéia era boa... e porque tive coragem para tirar você para dançar, ontem, e não pisei em seus pés e... porque você é como é: linda! Não, não me interrompa! Êste negócio de trazer no coração a imagem da pequena ideal é bobagem. Não sabemos qual o tipo da pequena ideal até que ela aparece, e ficamos apaixonados. Os homens não vêem um palmo adiante do nariz! Sabe por que eu mandei você se pintar?



Ela não respondeu e John puxou-a pela mão, obrigando-a a sentar-se novamente, então disse:

— E' porque eu gosto mais de você *assim!* Aí está! Agora, eu compreendo que desejava encontrar uma pequena do tipo *bem doméstico* porque... sou tímido.

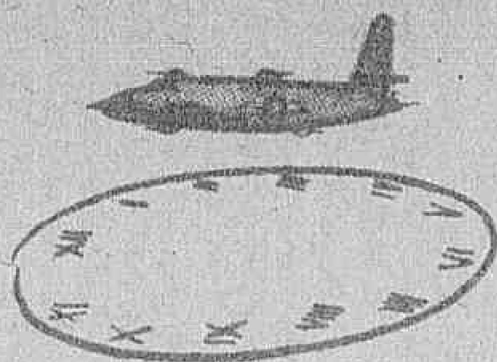
E como Amanda fizesse menção de levantar-se, êle a segurou novamente e puxou-a para si. A valise caíu no chão...

Pouco depois, Amanda afastou a cabeça, respirou fundo, olhou para John, achando que uma mulher sempre tem o que fazer... Ela, por exemplo, teria agora que retocar o *baton.* Depois, olhando para John, disse:

— Você, John, pode ser tudo... menos tímido!

UMA ANEDOTA DOS TEMPOS DE GUERRA

Por DICK DANN





No Escola de Atiradores Aéreos do Forte Myers, situada no Campo Buckingham, no Estado da Flórida, o instrutor explicava como as posições dos aviões inimigos são identificadas, em combate, de bordo de um bombardeiro. Descrevia o "sistema de relógio", pelo qual o avião em que o atirador esteja é figurado como estando de frente para o número doze de um mostrador de relógio. Os aviões inimigos ficam, assim, localizados pelos demais números, de um a onze. Desenhando um bombardeiro no quadro negro, e dispondo as figuras de alguns aparelhos inimigos, o instrutor inquiriu os alunos, pedindo que êstes localizassem as posições dos combatentes, de acôrdo com o "sistema".

Um dos estudantes, que tinha dificuldade em identificar a hora exata, de tanto errar exasperou o instrutor, que falou:

— Escute Johnson, se você não pode assimilar um problema tão fácil, acho melhor desistir de tornar-se um atirador.

Isto dito, desenhou outro aeroplano no quadro negro, na posição "cinco horas".

— Tente mais uma vez. Identifique a posição dêste avião!

— Seis horas! — anunciou Johnson, confiante. Mas, vendo o olhar de desespêro do instrutor, acrescentou, ràpidamente: — Pelo horário de verão.



AMOR E GRADES

Para William Canning e Marsella Walsh, não obstante a tristeza de seus rostos, êste deve ser um dos dias mais felizes de suas vidas. Ambos acabam de contrair matrimônio; eram noivos desde meninos, e contam 23 e 20 anos de idade, respectivamente. Assim, encerram seu romance côr-de-rosa com o casamento, segundo as novelas. Mas, aqui, por trás do altar nupcial, há o cárcere. O marido cumpre sentença de sete anos, por roubo e por haver disparado um tiro contra um policial. Ficou em liberdade apenas para a cerimônia nupcial e teve mais quinze minutos para fazer um lanche com a espôsa. Depois foi reconduzido ao cárcere de Glasgow (Inglaterra), para uma lua de fel. No clichê, o casal a caminho do lanche.



FEITOS UM PARA O OUTRO

CRIATURAS COMO SALLY E JEFF SEMPRE TÊM AS MESMAS VELHAS DIFICULDADES COM O AMOR

Por
WILLIAM BRANDON

A primeira vez que Jeffrey a viu foi numa segunda-feira, ao meio-dia, no "Matna-Studios". Ela surgiu do escritório de Mr. Guilfoyle, e veio caminhando pelo corredor, a mão entrelaçada com a de um rapaz muito moço e de óculos de tartaruga, com lentes grossas.

Caminhavam apressadamente e riam, juntos, de alguma coisa; ao caminhar, balançavam cadenciadamente os braços unidos pelas mãos, enquanto, com a mão livre, ela procurava ajeitar um cacho rebelde, prendendo-o, com dedos hábeis, atrás da orelha.

Passaram diante de Jeffrey, que estava sentado no vestíbulo, numa pomposa cadeira Luís XVI, com o chapéu pousado nos joelhos; ela olhou para êle, sempre rindo, e pareceu, por um instante, a ponto de dizer "Alô" para êle, como se o reconhecesse ou pensasse reconhecer.

Por sua vez — e estranhamente — Jeffrey teve a mesma impressão, sentiu o mesmo impulso, a mesma vontade de sorrir e de dizer "Alô"; foi uma brusca impressão, ao primeiro olhar... Como se fôsse alguém que conhecesse.

Êles passaram adiante, varando o vestíbulo e desaparecendo no prolongamento do corredor, sempre de mãos dadas e caminhando muito depressa, os passos acertados como os dos cadetes da Escola de Guerra, em dia de desfile, e o rapaz agora falando com entusiasmo e gesticulando com a mão livre.

Ela vestia uma bonita **sweater** verde, que lhe modelava o busto perfeito, e da qual arregaçara as mangas até acima dos cotovelos. Um pouco mais adiante, ela voltou francamente a cabeça e olhou para trás, justamente a dois passos de atingir a porta, ao fundo do corredor, por onde,

finalmente desapareceu com o seu companheiro.

Jeffrey se sentiu ruborizado, ao notar que a secretária de Mr. Guilfoyle, Miss Trout, o estivera observando.

Para desculpar-se, êle falou, à guiza de satisfação:

— Creio que ela julgou que eu fôsse outra pessoa... sua conhecida, talvez!...

— Pode ser... — disse Miss Trout — O nome dela é Sally Ryan. Conhece alguém com êsse nome?

— N...não. Creio que não — confessou Jeffrey, lamentando não poder responder afirmativamente. — Talvez eu a tenha visto em fotografias.

— Ela não é artista... E' uma de nossas moças, escritoras de argumentos. Mas, realmente, é muito bonita.

Jeffrey gaguejou ligeiramente, ao responder, com bem visível precipitação:

— Não quis dizer isso...

— Mas Sally é mesmo! E muito ímida... Como o senhor! Não me urpreenderia se tivessem nascido m para o outro...

Miss Trout sorriu, como alguém que sabe o que está dizendo; mas, no seu olhar havia mais bondade, mais gentileza, do que divertimento. Miss Trout ra uma criatura angular, com caelos grisalhos, cortados curtos. Tinha nodos e pensamentos maternais. Pouo depois dizia, com voz bondosa:

"— Não se zangue com o que eu isse. Acho adorável uma pessoa ser mida.

— A senhora se engana quanto à ninha natureza — disse Jeffrey, prourando firmar a voz. Nos arredores la Biblioteca da Universidade sou conhecido como homem de decisão...

— Acredito mesmo que seja assim... nos arredores dessa biblioteca...

Uma "cigarra" cantou em algum lugar sob a sua mesa e ela anunciou:

"— Mr. Guilfoyle já poderá ver o seu filme, agora...

Jeffrey disse um "Muito obrigado" levantou-se da poltrona. Hesitou ligeiramente, depois disse:

"— Ela... ao menos, não foi tímida para segurar, como fêz, a mão daquele rapaz!"

Miss Trout recuou ligeiramente, com uma boa risada, que encheu o vestíbulo. Jeffrey, sentindo as faces escaldantes, careteou um instante, sem saber que atitude tomar, e penetrou o escritório de Mr. Guilfoyle, sobraçando as latas de filmes documentários, que acabara de fazer.

Mr. Guilfoyle, no momento, tomava m comprimido contra dor de cabeça. Com a maior naturalidade, perguntou ao seu jovem visitante:

— Quer um, Dr. Jones?

— Não, obrigado — respondeu Jeffrey — Vou me aguentando sem êsses remédios...

— Faz muito bem



— disse Mr. Guilfoyle, dando ao rosto uma expressão dramática. — Como invejo o senhor! Moço, sadio, feliz... e fora dos negócios de filmes... E' por isso que não precisa de aspirinas ou zenzedrinas. Não queira saber de filmes, Dr. Jones!



— Na verdade, não tem havido muitos pedidos para os meus filmes... — confessou Jeffrey.

Novamente no vestíbulo, encaminhando-se para a saída, sempre sobraçando os seus filmes, tornou a encontrar Miss Trout, que foi logo dizendo:

— Êle é apenas um dos assistentes do Diretor. E trabalham juntos.

Jeffrey parou para perguntar de quem ela falava, porém Miss Trout apenas piscou um ôlho, afirmando que não precisava fingir que não entendia. Naturalmente que ela se referia ao rapaz de óculos, que êle vira passar pelo corredor, de mão dada com aquela moça... Sally Ryan.

Na verdade, Miss Trout não podia ser censurada, pois, em Hollywood, o romance está no próprio ar, como perfume, poeira, "fog" ou o que queiram; e penetra pelos olhos. Miss Trout, vivendo naquele ambiente que deslumbrava, não podia admitir que êle **apenas vira** aquela deliciosa criatura, porque simplesmente a havia confundido com alguém de suas relações, nesse primeiro olhar, pôsto que, depois êsse olhar continuara esticando, esticando, sempre prêso ao vulto encantador.

E já Miss Trout retomava a palavra para dizer:

— O senhor deve saber como é essa gente de teatro e cinema. Todos êles são diferentes das demais pessoas.

Jeffrey afirmou, convencido:

— A senhora precisava ver como vivemos na Biblioteca.

*

Pouco depois regressava à Biblioteca da Universidade, onde entregou os filmes ao Dr. Kettling, o Diretor, e esqueceu Sally Ryan totalmente...

Êsse esquecimento, porém, durou pouco. Hollywood, essa genérica comunidade, incluindo West Los Angeles, onde os Estúdios "Matna" estavam localizados, ficava apenas a poucas milhas da Biblioteca da Universidade, onde Jeffrey era um dos pesquisadores, engajado num trabalho escolar de Retórica da Restauração.

Ocasionalmente, uma ou duas vêzes por mês, Jeffrey viajava para Matna, a fim de obter filmes especiais, com os quais o Dr. Ketting pudesse ilustrar as suas conferências. Tinha grande satisfação em prestar êsse pequeno favor ao seu Diretor, porque o Dr. Kettling não sabia dirigir automóvel, e era muito fatigante para êle, essa viagem. Além do mais, sendo o Dr. Kettling seu chefe no serviço, não podia recusar.

A despeito de suas visitas aos estúdios Matna, Jeffrey considerava Hollywood como um lugar desconhecido, que ficava muito distante e que êle podia ver sòmente fechando os olhos e sonhando...

E foi, assim, sonhando, que recomeçou a pensar nos olhos curiosos e sorridentes de Sally Ryan.

Naturalmente, era ridículo ficar, assim, pensando nela! Vira-a apenas por meio minuto, ou nem isso, sequer; talvez vinte ou mesmo quinze segundos apenas. Quanto tempo, realmente, ela levara, com aquêle caminhar apressado, que formava corrente de ar, quando passava, graciosa e risonha, sacudindo a mão dentro da mão do rapaz de óculos, até atingir o fim do corredor? Da próxima vez em que visitasse o estúdio da Matna, não se esqueceria de medir o corredor com um olhar bem calculado. Provàvelmente vinte segundos, não mais!

De qualquer maneira, segundo pensou, talvez nunca mais tornasse a ver Sally Ryan. Ela, com tôda certeza, já o esquecera completamente; tão depressa a porta do fundo do corredor se fechou sôbre ela!

Mas também poderia ter ocorrido o contrário, se — digamos — ela trabalhasse na Biblioteca da Universidade e não no estúdio da Matna. Caso trabalhasse na Biblioteca, teriam que se encontrar todos os dias. Talvez êle pudesse marcar encontros e passeios com ela, sendo então muito mais razoável que se surpreendesse — pensando nela.

Não. Não conseguia representá-la no lugar de Miss Lippiatt, a empregadinha da Biblioteca, que mais parecia um cabide vestido, embora não fôsse difícil imaginá-la como uma das assistentes da Biblioteca, especialmente porque não ficavam jamais muito tempo no cargo. As assistentes da Biblioteca — segundo Miss Lippiatt vivia queixando-se — estavam sempre casando antes mesmo de aprender o que deveriam fazer no emprêgo. E êsse segundo detalhe também foi muito agradável à imaginação de Jeffrey.

Foi enquanto imaginava Sally Ryan como uma assistente da Biblioteca, talvez como essa de vestido de lã, marron, que nesse instante penetrava no escritório do Dr. Kettling, que compreendeu estar vendo a própria Sally nessa pequena de marron. Olhara para êle diretamente e, novamente, parecera a ponto de sorrir, embora não o fizesse.

Depois de sua primeira surprêsa, Jeffrey começou a pensar em alucinações e, logo a seguir decidiu segui-la, penetrando também no escritório do chefe. Ali, porém, descobriu que ela já desaparecera por outra porta.

— Não; não sei o nome dela — respondeu o Dr. Kettling à pergunta do seu jovem auxiliar.

— E' alguém do Estúdio Matna; veio buscar uns filmes que Guilfoyle precisava ter de volta. Por que perguita? E' alguém que você conhece?

— Não... — respondeu Jeffrey.

— E' um pequenão! — comentou o Dr. Kettling, que assobiou significativamente. — Assim é o cinema, meu caro! Até as secretarias são verdadeiras belezas. E' preciso haver um ambiente de beleza e encantamento para que possam trabalhar!

— Ela não é secretária de ninguém — disse Jeffrey. — E' uma encarregada de **scripts.**

— Ahn! — exclamou o Dr. Kettling, olhando intrigado para Jeffrey — Pensei que você tinha dito não saber quem ela era!

Jeffrey balbuciou, explicando que, de fato, não sabia muito bem — e retirou-se.

Quando, dias depois, fêz nova visita aos estúdios da Matna, penetrou no imenso edifício com o coração batendo violentamente. Viu inúmeras mulheres, tôdas bonitas, mas não conseguiu avistar Sally Ryan. Apanhou os filmes que ali fôra buscar, e saíu do escritório do Sr. Guilfoyle; caminhava na direção da saída, quando lembrou-se de que havia deixado o automóvel na própria área interna do estúdio, ao lado de uma centena de veículos. Encontrou o seu automóvel e gastou algum tempo arrumando, no seu interior, as latas de filmes, ao mesmo tempo que lançava olhares ansiosos para as mulheres que passavam. Agora, caminhava de volta ao escritório do Sr. Guilfoyle. Explicou a Miss Trout que acreditara ter esquecido ali a sua caneta-tinteiro.

— Oh, meu bem — disse Miss Trout com o seu modo maternal de falar. — Havemos de encontrar, amanhã, na hora da limpeza da sala.

— Na verdade, não tem grande importância — disse Jeffrey. Começou a se encaminhar para a saída, com ar desanimado. Repentinamente parou, curvando-se para atar o cordão do sapato.

Quando terminou, anunciou:

"— Bem; agora vou indo. (Mas agora era o outro sapato, cujo laço merecia ser refeito.)

— **Bye-Bye** — disse Miss Trout, carinhosamente.

Como se as palavras representassem uma fórmula mágica, Sally Ryan apareceu pela porta do fundo do corredor. Sobraçava um volumoso manuscrito, capeado com cartolina azul. Os seus olhos eram também azuis, porém mais escuros. Passou a dois passos de distância, e desta vez sorriu francamente para êle. Disse "olá!" para Miss Trout e penetrou na sala do Sr. Guilfoyle, enquanto Jeffrey, extasiado, ficava pensando que Sally tinha voz quente e simpática.

— Hum! Agora estou entendendo — murmurou Miss Trout... Era **essa** a "caneta-tinteiro" que estava procurando!

Jeffrey engoliu duas vêzes, antes de poder dizer, gaguejando:

— Creio que guardei em outro bôlso.

Oh! Como gostaria de ter um pretexto para esperar o retôrno de Sally! Mas viu, pelo brilho nos olhos de Miss Trout, um brilho zombeteiro, que nenhum pretexto seria suficiente. Então resignou-se.

— Bem... Até a vista!

— Até a vista! Tenho a certeza de que vai voltar correndo!

★

Foi exatamente o que êle fêz. Descobriu que um dos filmes entregues pelo Sr. Guilfoyle estava incompleto, e por isso, dois dias depois, Jeffrey reaparecia na **Matna.**

Miss Trout informou que Guilfoyle precisava extrair uma autorização extra para as partes que faltavam; só êle podia assinar!

— Venha comigo — disse ela. — Creio que o encontraremos no **Palco-C.**

Miss Trout conduziu Jeffrey através de um imenso edifício pintado de amarelo e que era o palco de som. No seu interior tudo eram luzes e confusão. Jeffrey nunca vira fazer um filme, até então, e por certo teria achado tudo muito interessante, se não tivesse tropeçado num rôlo de fio-elétrico e caído justamente sôbre Sally Ryan, que se achava sentada numa cadeira de lona.

Jeffrey ajudou a sua "vítima" a levantar. Estava encabuladíssimo! Mal pôde gaguejar:

— Queira desculpar. Não foi por querer!

— Não houve nada — disse Sally. — Não creio que tenha quebrado nada.

★

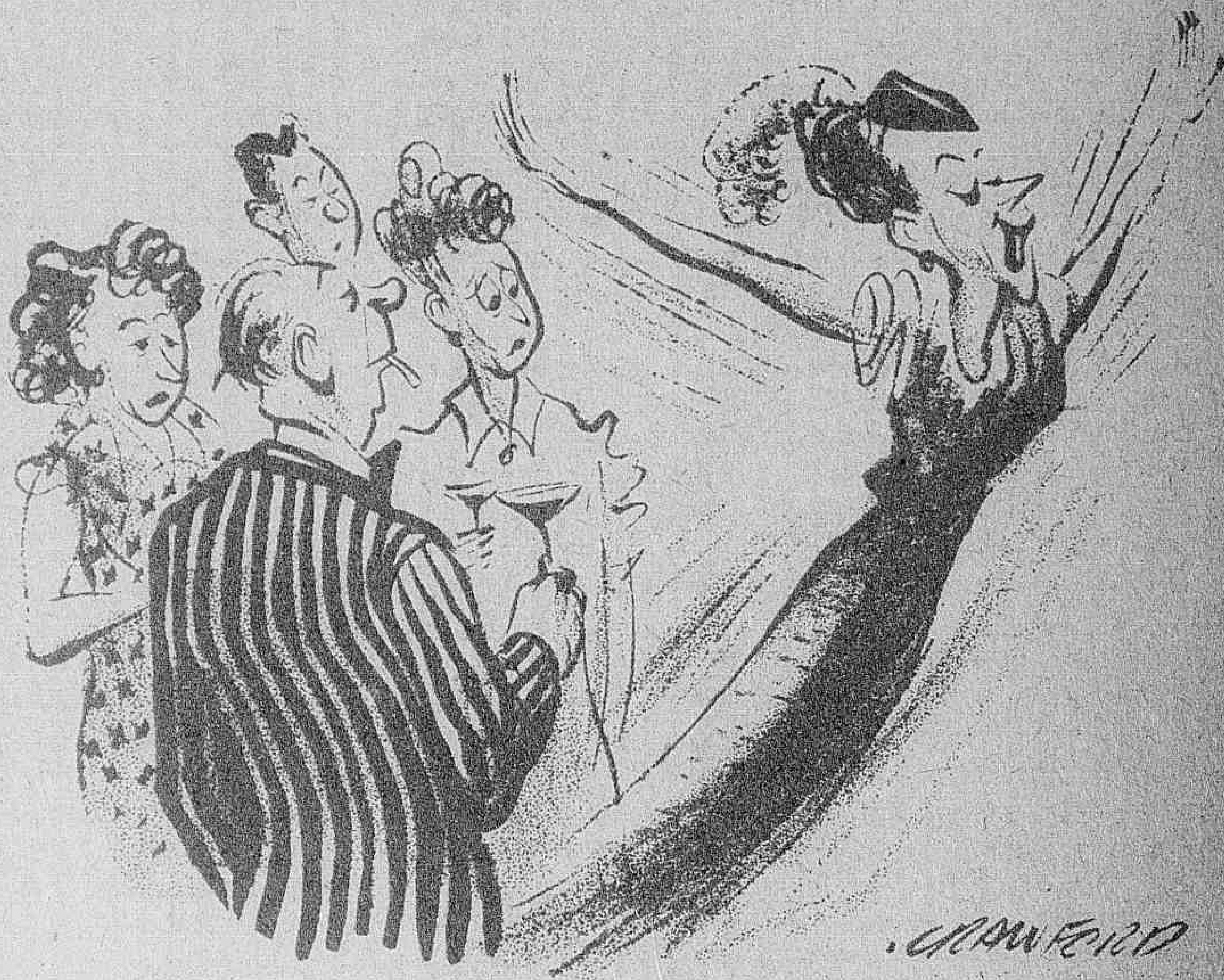
Miss Trout fêz as apresentações. Explicou a Sally que Jeffrey era um historiador da Biblio-

★ ★

A "boa resposta" do mês

Por CHAMP PHILLIPS

TENDO publicado recentemente o seu primeiro livro, uma jovem escritora, muito convencida, compareceu à reunião que mensalmente costumavam fazer seus conhecidos, no meio dos quais contavam-se pintores, escritores, poetas, todos com menos sucesso do que a egoísta escritora, que se dispôs, nessa ocasião, a jactar-se diante dos demais.



Em contraste com as modestas roupas que as pessoas presentes usavam, ela compareceu vaidosamente trajada com um vestido caríssimo. Embora o grupo tivesse uma reputação de fazer críticas excessivamente francas, e observações assáz picantes, a novel escritora fêz o possível para monopolizar a conversação. Se alguém contava um fato qualquer, ela procurava contar um fato que mais atraísse a atenção dos presentes. Tudo o que alguém já tivesse feito, ela também tinha feito, e, o que era mais, havia escrito a respeito disso no livro que publicara.

Com uma expressão de domínio e de triunfo em seu rosto, chegou a afirmar, num dado momento da reunião:

— Minhas experiências na vida abrangem um campo tão vasto, que tenho material para escrever diversos livros. Vejam, por exemplo, a aviação: aos quatorze anos, eu já efetuava "solos"; aos dezesseis, estava prática em vôo cego e, aos vinte...

Uma das senhoras presentes, não podendo mais suportar o cabotinismo da escritora, a quem considerava uma verdadeira "bruxa", inclinou-se para a frente e, com uma expressão de profundo interêsse pelas bravatas da outra, falou:

— Conte-lhes a respeito do recorde que estabeleceu na guerra, queridinha! — Isto foi dito num tom de voz sussurrante, mas que podia ser ouvido por todos os presentes, e, prosseguindo: — Não é verdade que você foi pilôto de provas da "Companhia Americana de **Vassouras Voadoras?"**

teca da Universidade. Depois explicou a Jeffrey que Sally era uma encarregada do **script**, que tinha por missão acompanhar a filmagem.

Jeffrey pigarreou, clareando a voz, antes de dizer:

— Deve ser um trabalho interessante.

— Oh, sim! — disse ela, com um sorriso delicioso.

Miss Trout, porém, voltou a falar:

— Isto aqui é sufocante. Já vou sair. Vem comigo?

Não havia outro remédio. Jeffrey mais uma vez desculpou-se:

— Até a vista... E desculpe! Fui tão desastrado!

— Até a vista — disse Sally, oferecendo-lhe a mão.

Miss Trout levou o visitante. Em caminho censurou-o.

— Mas que timidez, meu Deus! Por que não aproveitou para convidar Sally para almoçar?

— Para... almoçar? Mas, se apenas fomos apresentados!

— Ora, rapaz! As moças, hoje, não exigem longo conhecimento para aceitar um convite para almoçar.

— E', hein? — disse Jeffrey, que logo a seguir declarou, com resolução: — Pois vou convidá-la agora mesmo!

— Vá, logo! — replicou Miss Trout.

*

Assim Jeffrey voltou a procurar Sally. Ela estava procurando ajeitar, novamente, a cadeira de lona.

Tão logo chegou junto dela, perguntou, num fôlego só, nervosamente:

— Quer almoçar comigo, Miss Ryan?

Ela, tomada de surprêsa, pôde, a princípio, apenas olhar para Jeffrey, muda de espanto. Depois...

— Almoçar? — repetiu, batendo as pálpebras; finalmente, sorriu e disse: — Muito obrigada... Mas, hoje é impossível. Vou perder tôda a minha hora de almôço com o novo diretor para que fui designada. Trata-se de um argumento histórico e vai dar muita dor de cabeça. Talvez, um outro dia...

*

Jeffrey voltou para junto de Miss Trout, verdadeiramente com a alma cinzenta. Ao olhar interrogativo dela foi logo dizendo:

— Ela recusou. Disse que tinha serviço extraordinário com um novo diretor.

— E deve ter mesmo. Aqui, o que não falta é trabalho.

Porém Jeffrey pensava de outra forma. Pensava e se acusava. Cair justamente sôbre ela, quebrando a cadeira em que se sentava e pouco depois aparecendo, intempestivamente, para fazer um convite para almoçar... Aquilo fôra perder a sua oportunidade de ouro! E provàvelmente, nunca mais teria outra, a fim de poder apagar a pobre impressão criada com êsse primeiro fracasso.

— Êles estão às voltas com roupas e móveis de não sei que século — disse Miss Trout. — Talvez você fôsse boa ajuda para êles. Como "consultor técnico"...

— Acha, então, que eu podia trabalhar aqui?

— Estou apenas palpitando... Nem você gostaria de trocar de vida.

— Ela disse que era um filme histórico. De que época? Sabe?

— Hmm. Não sei. Ouvi dizer que era a respeito do Jovem Pretendente...

— Ah! Então corresponde ao século dezoito. Eu ainda estou no dezessete!

— Dezessete, hein? Umm! Mas que são cem anos?

*

Jeffrey fêz a si mesmo a mesma pergunta uma ou duas vêzes, no correr da semana seguinte. Para ser franco, no século dezoito, a Inglaterra não era o seu forte, estando mesmo levemente informado sôbre êsse campo de estudos. Além do mais, o pôsto de consultor-técnico não o tentava, realmente... Mas a verdade é que, ao fim da semana, êle telefonou para Miss Trout, pedindo-lhe que falasse ao Sr. Guilfoyle sôbre a possibilidade de o aceitarem como consultor nesse filme histórico.

Miss Trout perguntou com voz de surprêsa:

— Com certeza sabe o que está fazendo, não?

Jeffrey teve, imediatamente, a impressão de que Sally havia dito alguma coisa a Miss Trout, relativamente a não simpatizar com êle e que Miss Trout era bastante gentil e diplomata para disfarçar a coisa: **"Tenha calma, trouxa! Ainda não compreendeu que ela não quer nada com você?"**

Perguntou, alarmado:

— A senhora falou com ela... alguma coisa?

— Nada, nada... Nem a tenho visto, êstes dias — disse Miss Trout. — Além do mais, devo iniciar minhas férias amanhã, e por isso só poderei falar com o Sr. Guilfoyle ligeiramente. Êle depois dirá qualquer coisa diretamente a você.

Falava com acentuada falta de convicção — segundo Jeffrey pensou. — Receou que ela o considerasse louco. Mas a idéia de trabalhar na "Matna", vendo Sally o dia todo, talvez sentando ao lado dela, seguindo o "enrêdo" do filme, dominou inteiramente o seu pensamento. Fútil ou não, era um sonho que o enchia de felicidade.

*

O Diretor telefonou mais tarde, evidentemente assombrado por saber que Jeffrey estava ansioso para interromper a sua brilhante carreira na Biblioteca, para se meter no cinema. Jeffrey explicou que estava mesmo interessado. O Sr. Guilfoyle foi logo dizendo que se Jeffrey contava ganhar muito mais, não devia esperar grande coisa; disse mais que teria, primeiro, que levar a proposta à aprovação do diretor da produção.

Assim fêz e, depois de outros sete dias, Jeffrey foi informado de que o diretor da produção aprovara, estando dependendo ainda da aceitação por parte do Departamento do Pessoal.

Algumas vêzes, tendo Jeffrey arranjado pretextos para ir à "Matna", ali não encontrou Miss Trout, que gozava suas férias. Assim não podia chegar até o palco de som... e ver Sally. Oh! Mas depois de estar trabalhando no estúdio, êle teria um "passe" especial!

Finalmente, ao fim de outra semana, um aviso telefônico solicitava sua presença, na próxima segunda-feira, no estúdio. O serviço deveria ter a duração de seis semanas.

Jeffrey gastou o resto da semana preparando-se para deixar a Biblioteca por seis semanas. O Dr. Kettling atendera ao seu pedido de dispensa, embora confessasse a Jeffrey o seu desgôsto e impressão que tinha de que o seu jovem auxiliar não estava regulando bem. Segunda-feira, pela manhã, entre esperançado e receoso, Jeffrey chegou ao estúdio da Matna.

*

Guilfoyle foi, pessoalmente, apresentá-lo ao diretor do filme, um homem gordo e com ar fatigado. A seu lado, uma encantadora ajudante cuidava do "script", apontando-lhe o seguimento do filme. Era uma loura espetacular... mas não era Sally!

— Nesta primeira cena, Lady Traves viaja para Londres — disse o diretor. — Viaja numa "cadeirinha" e...

— Não! — disse Jeffrey — Viaja numa "berlinda".

Voltou-se, a seguir, para a loura e perguntou:

— E' a encarregada do "script"?

— E' assim que êles me chamam — respondeu ela, mastigando **chiclet.**

— Berlinda? — repetiu o diretor.

— Sim. Uma "berlinda".

— Oh! Eis uma boa idéia! — exclamou o diretor.

Jeffrey voltou a se dirigir à "script-girl":

— Não há aqui uma "script-gir" chamada Sally Ryan?

— Oh, sim! Mas já saíu do estúdio.

— Muito bem! Vamos adotar a berlinda — declarou o diretor, nesse momento, depois de anotar num caderninho a sugestão de seu novo consultor-técnico. — A seguir, temos a cena em que ela bate à porta...

Nesse instante, Jeffrey pergunta à loura auxiliar, julgando ter ouvido mal:

— Ela saíu...?

— Sim. Há duas semanas.

Jeffrey apenas pensou que Miss Trout devia ter gracejado com ela, a respeito dêle próprio, e Sally deixara o emprêgo apenas para fugir de uma situação que considerava intolerável, quando êle fôsse ali também trabalhar. Oh! Como desejou, nesse instante, dar um bom murro no próprio nariz!

*

— Quantas portas deverá ter essa berlinda? — interrompeu, nesse instante, o diretor.

— Duas — respondeu Jeffrey, que logo a seguir disse para a pequena a seu lado: — "Santo Deus! Ela não precisava deixar o emprêgo!"

A loura, porém, explicou:

— Ela deixou o estúdio para ir trabalhar em outro lugar... Deixe ver se me lembro... Oh, sim! Assistente da Biblioteca da Universidade! Por que fêz isso, é o que não sei!

Nesse instante, tudo pareceu rodar na sala e Jeffrey pôde apenas ouvir a voz do diretor, perguntando:

— Quer uma de minhas benzedrinas?

*

CARA DE PALHAÇO TAMBÉM PODE SER PATENTEADA...

Sabiam os leitores que a cara de um palhaço famoso pode ser garantida por patente oficial? Aí está o grave funcionário do Escritório de Patentes Internacionais, Stant Bult, que trabalha caprichosamente sôbre um ôvo. Sim, é sôbre ovos de galinha que são reproduzidas as "caras" mais famosas e que valem mais dinheiro num picadeiro — para que não possam ser imitadas! **Não acham interessante? Em todo caso, o que desejaríamos é que alguns tratassem de mandar tirar patente de... algumas graças e anedotas realmente novas.**



RECENTEMENTE, em pleno Caribe paradisíaco, alguns membros da tripulação de um cargueiro inglês amarraram uma corda em volta da cintura de um dos marinheiros e levaram-no até a amurada, pendurando-o sôbre o mar, de cabeça para baixo.



Jackie Cooper e Janis Paige, artistas dos palcos da Broadway, ilustram alguns dos processos de cura dos soluços, adotados pela maioria das pessoas, que crêem poder aniquilar, assim, êsse incômodo mal. Aqui, os dois astros colocam a vítima de cabeça para baixo, a fim de curá-la de uma crise de soluços.

— Êle estava com soluços! — explicaram os marinheiros, depois, aos oficiais que acorreram para o local. — Um bom susto talvez fizesse parar com o acesso!

Colocado sôbre o tombadilho, o homem lançou um olhar para seus companheiros, balançou a cabeça num gesto desanimado, e soltou um "Hic!" terrível.

★

Os soluços constituem uma das mais antigas aflições humanas. Tanto assim, que é mencionado em pedras datando de tempos que se perdem na antiguidade. Já naquela época, o homem era atormentado por êsse mal! E, até hoje, o mundo médico continua imprestável diante do problema de curar as crises de soluços. A ciência sabe o que é o soluço, mas não sabe explicar **por que** uma dessas crises ataca o leitor **hoje**, e não **amanhã** ou **depois**. Os pesquisadores continuam a encontrar obstáculos, em suas tentativas para interromper os soluços, e alguns médicos chegam, mesmo, a confessar que **talvez seja impossível interromper o que a natureza tenha iniciado.**

Alguns soluços fizeram história, no seio da medicina. Uma mocinha, por exemplo, soluçou durante 47 dias, e uma outra... **por três anos,** antes que conseguisse libertar-se do incômodo mal.

Mais recentemente, um paciente, de 26 anos, em Los Angeles, soluçou **durante 3 anos e meio,** sofrendo uma baixa de 61 para 36 quilos, em seu pêso!



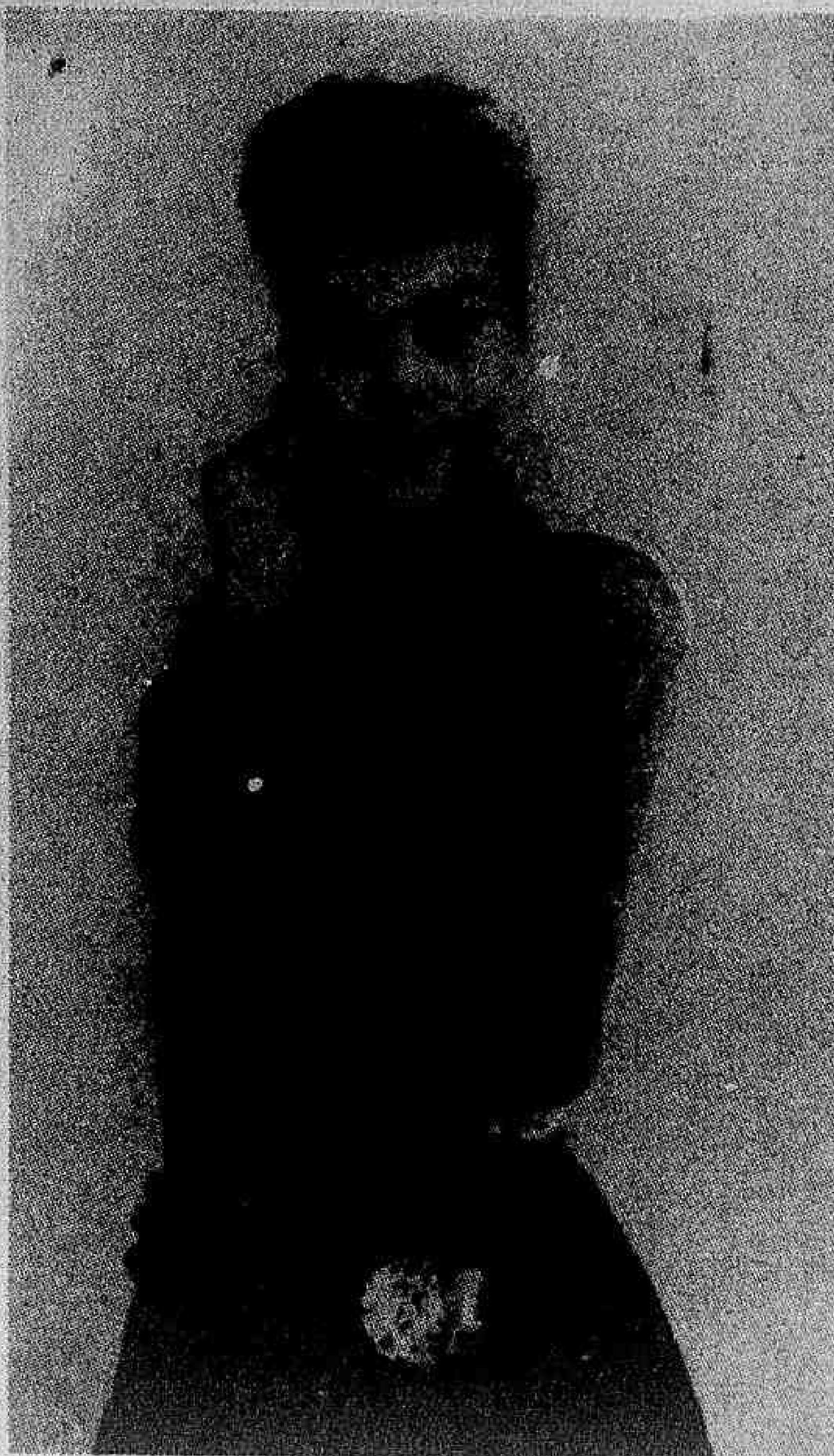
Porque

EIS UM MAL "CÔMICO", MÉDICOS. A CIÊNCIA SABE, CURAR, BEM COMO OS QUE

Por JHAN

Certa vez, uma crise de soluços ficou famosa, na política. Calvin Coolidge era sujeito a soluços brandos, os quais êle atribuía à sua mania de comer nabos. Numa noite, após um banquete que incluíu esta indigesta raiz, o então Presidente dos Estados Unidos se levantou, a fim de fazer o que todos esperavam que fôsse um importante discurso. Famoso por sua brevidade, êle estabeleceu, dessa vez, um recorde. Abriu a bôca, emitindo apenas um "hic", e sentou-se em seguida!

25 000 CASOS (SÉRIOS) DE SOLUÇOS, ANUALMENTE — Ninguém sabe por que, mas o fato é que as mulheres estão sujeitas, duas vêzes mais que o homem, a repetidos ataques de soluços. Quanto maior



Algumas pessoas recomendam que se beba um garrafão de cerveja — "hic"!

a freqüência dessas crises, maior seu tempo de duração. Uma crise que dura mais de uma hora dá, em resultado, que a atormentada pessoa chame um médico, tornando-se, assim, um dos 25 000 casos clínicos anuais, nos Estados Unidos. São de uma para três, as probabilidades de que o indivíduo sofra um ataque suave de soluços, nos próximos seis meses.

Se isto ocorrer com o leitor, não há necessidade de ficar alarmado. O Dr. Samuel Bellet, professor associado de Cardiologia, na Escola Graduada de Medicina, da Universidade de Pennsylvania, e que há muito tempo estuda o fenômeno dos soluços, afirma que tratamentos médicos muito simples eliminam cêrca de 99 por cento dos casos. Em poucas palavras, os soluços começam quando o indivíduo ingere muita cerveja, come demais, ou se emociona em excesso; um só dêsses itens é capaz de

QUE TAMBÉM ATORMENTA OS

PORÉM, OS CASOS QUE PODERÁ

NÃO PODERÁ — A MAIORIA...

e JUNE ROBBINS

acarretar a inflamação que irrita o nervo frênico (do diafragma), um nervo que se estende pela parte trà-seira do pescoço, vindo do cimo da coluna espinal. O nervo frênico é o "chefe" do diafragma, o extenso músculo da respiração, que está disposto como uma lâmina, entre o tórax e o abdomen. Em resposta



Coloquem a cabeça do paciente no interior de um saco e rompam o mesmo (não a cabeça), com uma vassourada.



Janis Paige tenta um antiquado e difícil método: o de beber água pelo bordo do copo.

aos firmes sinais usuais do nervo frênico, o diafragma se expande, a fim de possibilitar a inspiração do indivíduo, contraíndo-se para facilitar a expiração. E, quando isso acontece, fazendo o nervo frênico começar a **pular**, o diafragma, em íntima ligação com o mesmo, passa a pular também. Resultado: **soluço!** Ou, no caso — menos comum — de dupla contração: **duplo soluço!**

Uma infecção insuspeita, um tumor ou uma indisposição, também podem produzir o tipo de irritação que causa o soluço. Um ataque, que se estenda por mais de vinte e quatro horas, acaba por ser, geralmente, sintoma de algo mais sério.

Para o caso de um soluço contínuo, a primeira providência dos médicos é a de tentar acalmar o paciente com a codeína ou uma outra droga semelhante.

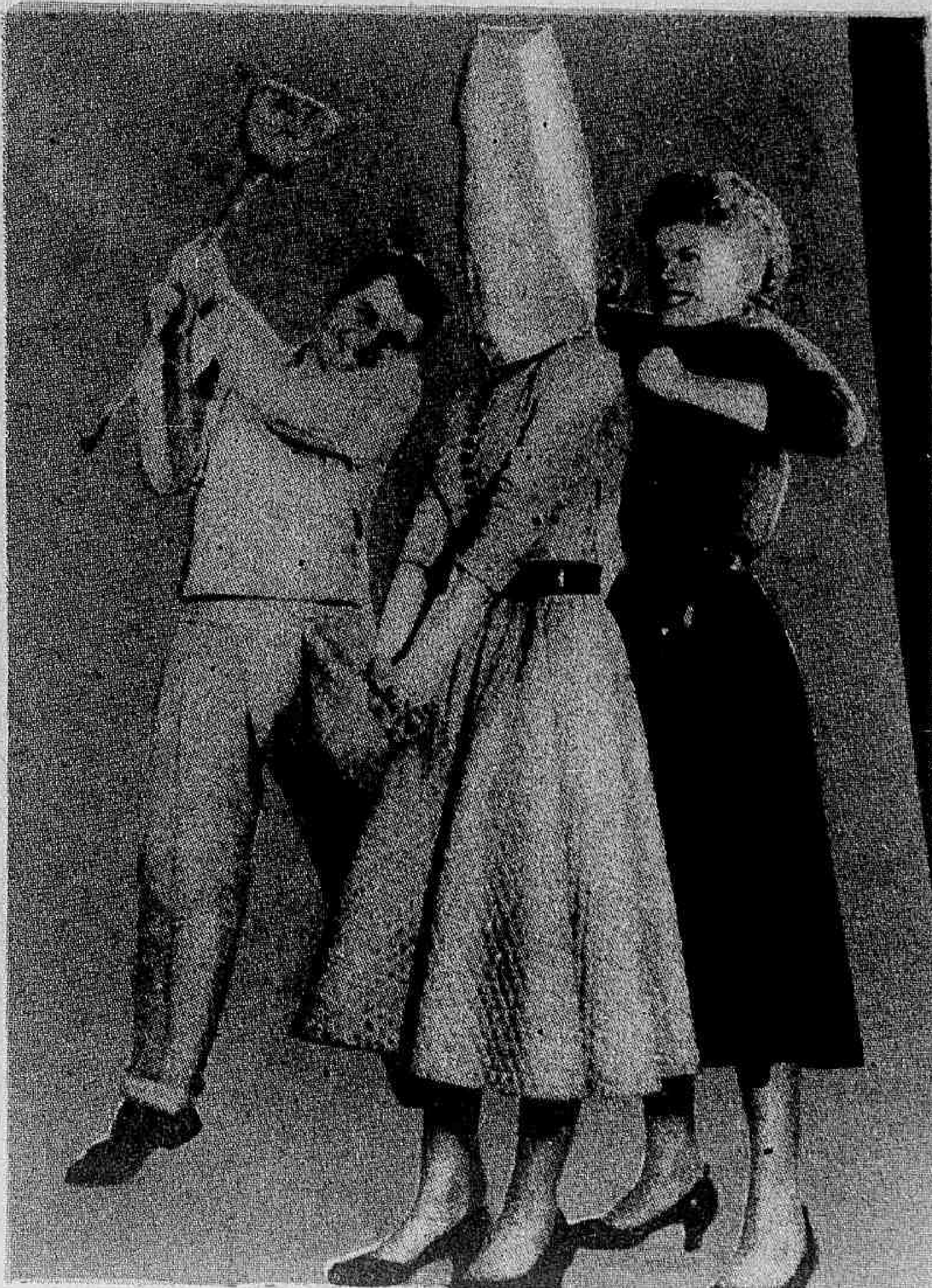
O Dr. Bellet costuma utilizar um tubo, que introduz na garganta do paciente, e por êle derrama cloreto de etil, nos casos de crises suaves. No tratamento de severos ataques de soluços, êsse facultativo reporta o sucesso obtido em 60 por cento dos casos, com uma droga denominada "sulfato de quinina". Derivado do antiquado quinino, o sulfato de quinina diminui a reação do diafragma aos tremores experimentados pelo nervo frênico.

E' claro que cinco minutos — ou pouco mais — de soluços constantes não requerem tratamento médico, mas podem atormentar bastante uma pessoa. E, para livrar-se dêsse incômodo, o indivíduo põe em prática alguns dos recursos que lhe foram ensinados, para debelar êsse mal. Alguns dêles **não têm** o mínimo efeito e, quando o soluço desaparece, após a aplicação de um dêsses processos, tudo não passa de simples coincidência.

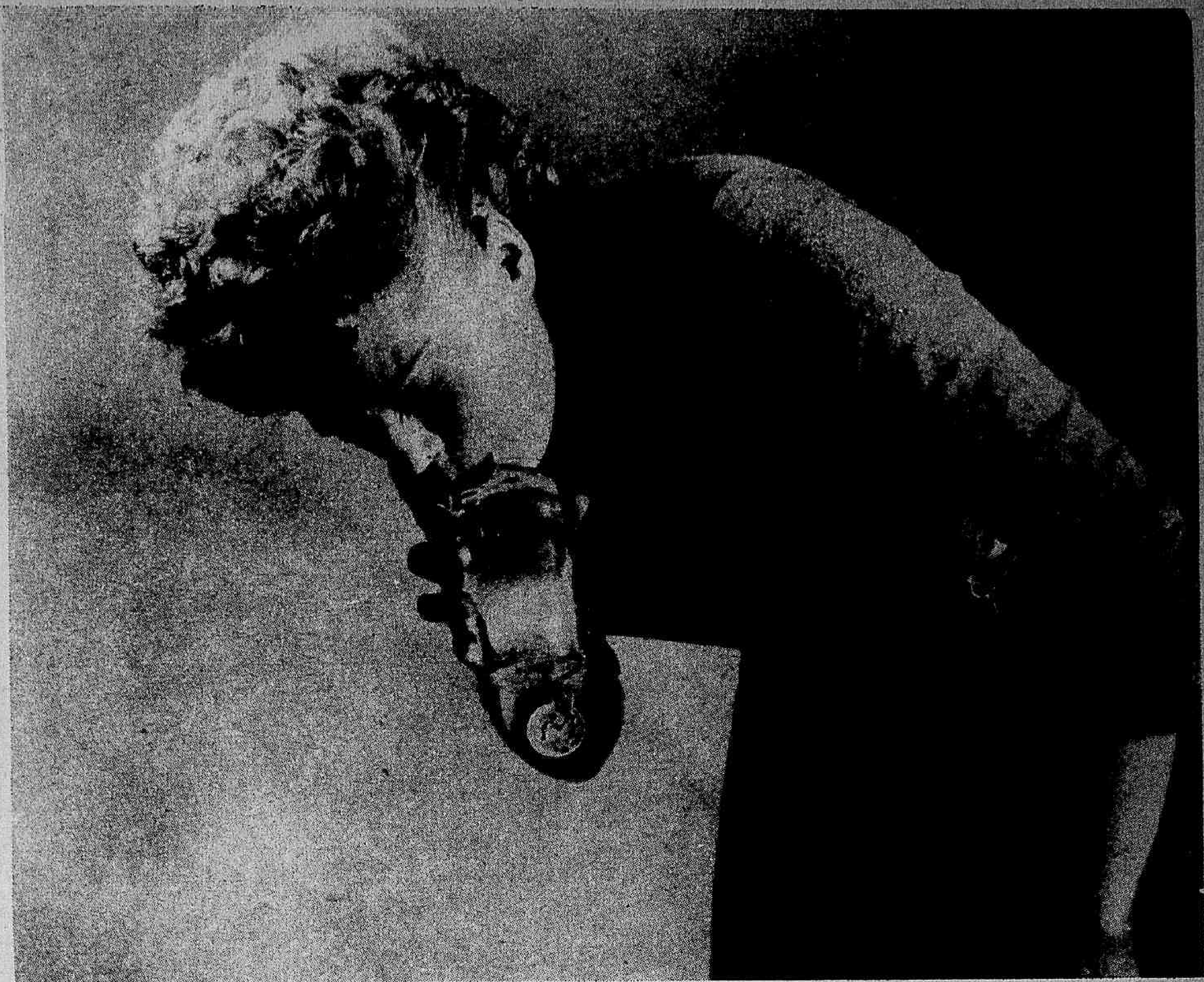
Muitas pessoas, quando atacadas por êsse mal, comem um pedaço de pão com mostarda, bebem um pouquinho de vinagre, coçam com os dedos o lóbulo da orelha — ao mesmo tempo que andam em círculos, durante cêrca de 5 minutos — bebem um garrafão de cerveja, pedem a alguém que suba sôbre seu ventre, batem com a cabeça contra uma parede de pedra, e outros **remédios...**

NÃO DEVEMOS "PREGAR" SUSTOS NAS PESSOAS QUE SOLUÇAM — O tratamento por meio de algum choque apresenta alguns resultados positivos, desde... que o "paciente" não interrompa o soluço por haver sofrido um colapso nervoso, que pode, até mesmo, acarretar a morte! Assustar a vítima, saíndo de um canto escuro, repentinamente, ou ameaçando empurrá-la dentro de um poço, apresentam "ótimos" resultados... **na opinião da vovó.**

Muitos dos antiquados processos caseiros, para a cura dos soluços, "atacam" certa parte do cérebro, e parece provocar algum sério distúrbio nas



"BU!" O leitor poderá perder o soluço... e sofrer um colapso nervoso!



Coçar o lóbulo da orelha e andar à roda, durante cinco minutos, dizem que ajuda . . .

funções do nervo frênico. Um antigo livro de "medicina-caseira", da Nova Inglaterra, aconselha a aplicação de "moedas" geladas na parte posterior do pescoço ou, não as tendo à mão, um pouco de neve ou um pedaço de gêlo!

Compressas de mostarda, sôbre o peito, era um modo popular de curar os soluços, ao tempo de D. João VI.

O mais eficiente dos métodos caseiros é o de relaxar os nervos e músculos, prendendo a respiração por alguns segundos, impedindo, dessa forma, que o oxigênio se introduza na corrente sanguínea. Os médicos aplicam usualmente êsse método, administrando um pouco de dióxido de carbono ao paciente, por meio de máscara de algodão.

O leitor pode obter resultados semelhantes, com processos um "pouco mais" perigosos, seguindo as indicações estampadas num antigo exemplar de um jornal de Boston. Ei-los:

"Prenda a respiração e conte até 100. Se isto não der resultado, conte até 1 000!"

"Levante a cabeça, feche os olhos e a bôca, coloque as mãos sôbre os ouvidos e comprima as narinas com os polegares" — aconselha outro **método** de cura para os soluços.

Um remédio de **triplo** tratamento veio de Boston, numa carta endereçada à família de um "sofredor", em Nova York:

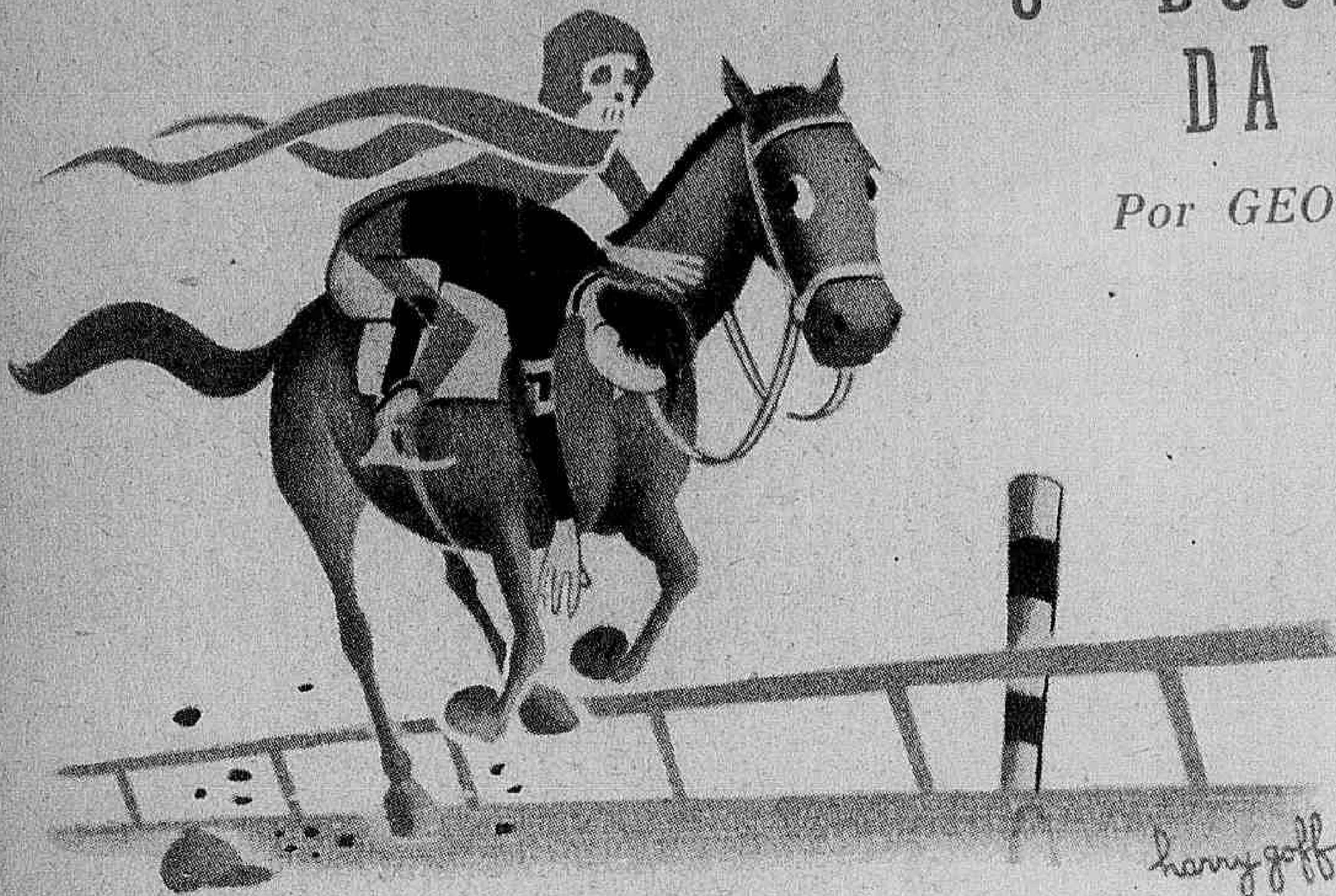
"Coloquem um saco em volta da cabeça do paciente, e amarrem-no bem, no pescoço. Façam a vítima respirar dentro do mesmo, durante cinco minutos. Se continuar a soluçar, rompam o saco, batendo com uma vassoura na cabeça do paciente. Em seguida, coloquem-no sob um chuveiro frio.

Provàvelmente, o mais embaraçoso caso de soluço, nos anais médicos, foi o verificado num grande hospital dos Estados Unidos, onde a vítima de uma crise de soluços, que já havia perdido cêrca de sete quilos, foi internada para tratamento. Todos os médicos locais vieram prestar auxílio no espantoso caso mas, ao fim de uma semana, a paciente, uma jovem de 17 anos, continuava a soluçar. Finalmente, foi chamado um médico com alguma experiência em hipnoterapia. Depois que a jovem fitou o especialista, caíu num profundo sono hipnótico; então, o hipnotizador disse-lhe, em tom firme, que o ataque de soluços desapareceria brevemente.

E, de fato, o tratamento deu resultado. Quando a moça acordou, alguns minutos depois, seus soluços haviam desaparecido como por milagre — **mas o hipnotizador saíu do hospital soluçando!**

O "DOCE BEIJO"... DA MORTE

Por GEORGE SCULLIN



SEU nome era "Beijo Doce" e, para uma égua, mesmo sendo uma égua "puro-sangue", estava ficando velha. Se algum dia chegasse a vencer qualquer prova de "steeplechase", teria que fazê-lo com brevidade. Em tôda sua campanha, tinha realizado apenas algumas carreiras regulares. O resto, foram fracassos sôbre fracassos.

Seu nome era F. Hayes e, para um jóquei, mesmo sendo um bom jóquei, estava ficando velho. Se quisesse montar um grande *ganhador*, algum dia, teria que fazê-lo breve. Aos 55 anos de idade, tomara parte apenas numa carreira, entrando descolocado.

Isto ocorreu em 1923, o ano do grande "Zev", e Hayes sabia que jamais montaria, naquele famoso hipódromo. Mas "Beijo Doce" era uma boa saltadora e Hayes tinha muita habilidade e paciência para ensinar cavalos, preparando-os para tomar parte em corridas de obstáculos. Durante quatro longos anos, tinha trabalhado para a *Coudelaria Frayling*. Dia após dia, havia preparado cavalos, para que outros jóqueis colhessem os louros da vitória e fôssem aclamados pela multidão.

Na primavera de 1923, porém, Hayes teve a primeira oportunidade de envergar as sêdas da Coudelaria Frayling, numa corrida. O resultado foi desanimador.

— Está disposto a deixar que os *verdadeiros jóqueis* disputem as carreiras? — perguntou Frayling.

Hayes moveu a cabeça, em sinal de negativa, respondendo:

— Sou um bom jóquei! Só preciso é de uma outra oportunidade.

— Você é muito pesado!

— Poderei perder pêso. Farei um treinamento contínuo. Provarei ao senhor que também posso obter vitórias, como qualquer outro jóquei!

Hayes tinha bastante conhecimento a respeito de turfe, para saber que, em corridas rasas, êle não teria muitas oportunidades; mas, nas provas de obstáculos — ah, ali era diferente! — Naquele tipo de carreira, sua habilidade em saltar lhe daria ampla vantagem sôbre os seus adversários mais jovens! Dêsse modo, começou a treinar com a égua. A mocidade que faltava a esta era compensada por sua inteligência. O objetivo de Hayes era a corrida de obstáculos que se realizaria em Belmont Park, um páreo quase sem importância, que seria levado a efeito, mais como uma novidade, do que com outro qualquer objetivo. O prêmio para o vencedor seria de cêrca de mil libras.

Diàriamente, antes de amanhecer, Hayes saía de casa para correr pela estrada, metido em camisas de lã, a fim de reduzir seu pêso, de 62,500 gramas para 58 quilos. Quando atingiu o pêso almejado, não havia uma grama sequer de gordura "extra", em seu corpo. Logo que o sol aparecia, lá ia o jóquei treinar com "Beijo Doce", preparando-se para o grande dia. Ao entardecer, estava faminto, mas, ainda assim, sua refeição era extremamente leve, pois temia engordar, pondo por terra todo o plano que idealizara.

No dia 4 de junho, data em que se realizaria a corrida, o jóquei e sua montada estavam preparados para vencer a carreira, que seria disputada em 3 200 metros.

O favorito era o cavalo "Gimme", que seria pilotado pelo jóquei Merger, estando cotado a 8 por 5. "Beijo Doce" estava cotada a 5 por 1.

A despeito da grande excitação que dêle se apoderou, quando se dirigiu para o "starting gate", e da estranha fraqueza que sentia nos braços, largou bem com a égua e, ao completarem a primeira milha do percurso, "Beijo Doce" parecia engolir a pista, saltando os obstáculos com a mesma facilidade de um coelho; em segundo, a dois corpos de "Beijo Doce", estava correndo "Gimme". Logo depois, Merger começou a tocar sua montada e esta, obedecendo, veio logo juntar-se a "Beijo Doce". Os dois animais se aproximaram do obstáculo seguinte, lutando cabeça com cabeça. O páreo passou a ser uma disputa entre os dois jóqueis. "Gimme" tinha o "handicap" de ser mais ligeiro, e ganhava terreno no intervalo dos obstáculos. Mas Hayes tinha a habilidade de fazer sua montada levar ampla vantagem durante e logo após os saltos.

"Beijo Doce" saltava de modo elegante e rápido, raspando com a barriga a trave dos obstáculos. "Gimme", no entanto, pulava muito alto, perdendo o ritmo do galope e, com isso, ficava atrasado após cada salto.

O último obstáculo apareceu. Os dois animais, mais uma vez, se aproximaram, quase na mesma linha. Um segundo antes do salto, os dois estavam tão próximos um do outro, que os ombros de seus jóqueis chegavam a se tocar. Mais uma vez a égua levou vantagem no salto, adiantando-se um pouco. Hayes inclinou-se sôbre ela, "tocando" com energia. Agora podia ouvir "Gimme" correr esforçadamente, a fim de recuperar o terreno perdido...

Havia ainda um bramido que tronitroava em seus ouvidos. Parte do mesmo se originava da multidão, aplaudindo o quase vencedor. Êle ouvia isso, e sabia que os aplausos eram para êle. A outra parte daquele rumor era o *galopar de um outro cavaleiro*, o horrendo cavaleiro que *jamais* perde uma corrida!

A cabeça de Hayes estava apoiada sôbre a paleta de "Beijo Doce", quando esta cruzou a linha de sentença, dois corpos à frente de "Gimme". A multidão julgou que estivesse ajeitando qualquer coisa, no arreiamento.

"Beijo Doce" continuou a correr, sem contrôle. Em seguida, vagarosamente, diminuiu o passo, parando finalmente. Então, todos viram seu jóquei cair ao solo, morto!

Havia sofrido um colapso cardíaco.

★

Sòmente depois que a égua foi levada para a cocheira, é que os diretores do prado afixaram o nome do vencedor. Não fôra a *Morte* que ganhara: fôra *Hayes!*

O PRÍNCIPE QUE TROCOU O TRONO DOR UM AMOR

O QUE NÃO DISSE O DUQUE DE WINDSOR

(III)

1936: *MRS. SIMPSON ENTRA PARA A HISTÓRIA*

1931-1936. A mais bela época da vida do jovem príncipe de olhos tristes...

Algumas semanas depois de haver sido apresentado à Mrs. Simpson, o príncipe de Gales rumava para Biarritz. Eduardo viajava incógnito, com o nome de **Lord Renfrew**; mas, naturalmente, ninguém, na famosa estação balneária, ignorava que personagem se escondia sob êsse nome. Alguns oficiais, com as respectivas espôsas, o acompanhavam. Para o príncipe,



Uma das primeiras fotografias do Príncipe de Gales, depois de ser proclamado rei, com o nome de Eduardo VIII.

fôra alugada uma "vila" a beira-mar, com uma pontinha de praia particular.

Alguns dias mais tarde, igualmente em Biarritz, Mrs. Simpson aparecia acompanhada de sua tia, Bessie. Também ela viajava com nome diferente; seus papéis tinham sido passados no nome da **Con-**



Durante todo o último ano de seu pai, o rei Jorge V, já muito enfêrmo, coube ao Príncipe de Gales representá-lo, tendo que sair em carruagem.

dêssa Carrick; mas, naturalmente, ao fim de vinte e quatro horas, todo o mundo, em Biarritz, sabia quem ela era, e qual o motivo de sua visita à linda cidade.

De resto, nenhum dos dois escondia, absolutamente, que estivesse feliz, sempre que tinham ocasião de se encontrar reunidos, e que podiam ficar a sós e em paz.

Eduardo vai procurar Wallis no cabeleireiro ou mesmo na costureira, onde ela ensaia vestidos. Passeiam juntos pela praia ou almoçam nos terraços abertos, que dominam o mar muito azul. Isto, evidentemente, fica muito longe do resto do mundo... Mas existem binóculos! Alguns fotógrafos, mais ousados, conseguem tomar fotografias do par apaixonado; porém os jornais inglêses, aos quais são elas oferecidas, recusam a publicação.

A vida privada do Príncipe de Gales só a êle mesmo pertence!

Quando, algumas semanas mais tarde, êle retorna a Londres, tôda a côrte se surpreende e rejubila. Há muitos anos que o príncipe não tem bom aspecto... e tão bom humor.

★

No inverno seguinte, Eduardo se dirige a Kitzbuehel, anunciando o seu desejo de praticar o "ski". Mais uma vez é acompanhado por um cortejo de amigos, do qual se separa ao fim de poucos dias, a fim de passar todo o seu tempo com a criatura alta e esbelta, recém-chegada de Londres. Juntos realizam excursões prolongadas, pelo terreno coberto de neve...

Foram feitos também alguns passeios a Budapest, onde mais uma vez os enamorados se encontraram. À noite, no Ritz, jantavam e dançavam; a seguir, refugiavam-se nos restaurantes e "boites" mais íntimas e elegantes, dançando até a madrugada.

As belas mulheres de Budapest (e são muito belas mesmo!) foram as primeiras a reconhecer que Mrs. Simpson era particularmente brilhante! E... surgiram os boatos, as "revelações"... e as fotografias! Foram publicadas nos Estados Unidos. Na Inglaterra, entretanto, continuaram a ignorá-las.

Algumas semanas mais tarde, o príncipe retorna a Londres. Mas dura pouco a sua permanência na côrte de seu pai. Meses depois, o Príncipe de Gales empreende um cruzeiro de verão, no **yacht** do Duque de Westminster, o "Cutty Sark"

Apenas alguns íntimos são convidados: Wallis Simpson também faz parte da excursão. Positivamente, tornaram-se inseparáveis.

E só o futuro poderia dizer quão forte era a significação do têrmo **inseparáveis!**

Em janeiro de 1936, não há mais o Príncipe de Gales. Resta sòmente o rei Eduardo VIII!



E no entanto, segundo provou mais tarde, era esta a maneira como gostava de viajar.

Eis a fotografia familiar e excepcional, que todos os fotógrafos da Europa teriam desejado tirar.



Na côrte, na imprensa local e internacional, nas "boites" noturnas do West End de Londres e nas embaixadas, todos perguntam:

— O jovem rei continuará a existência que tivera, até então, como Príncipe de Gales? Conservará seus antigos amigos ou fará como Henrique IV, que se separou dos companheiros do Príncipe Henrique logo após haver subido ao trono?

Sem sombra de dúvida, era isso o que todos esperavam ver o príncipe fazer. Em geral, não tinham os observadores uma bem elevada opinião sôbre os amigos do Príncipe de Gales.

O futuro biógrafo de Eduardo, Hector Bolitho, os chama de "lisonjeadores de segunda classe"... Por motivos desconhecidos, o príncipe não era bom psicólogo.

Psicólogo ou não, devemos reconhecer que êle continuou fiel a seus amigos. Mesmo o fato de ter sido elevado ao trono não parece haver causado qualquer influência sôbre as relações com os seus companheiros de mocidade.

E isso foi o que puderam assistir, todos os que compareceram ao primeiro "gala real", depois de concluído o prazo de luto. Tratava-se da recepção na qual, conforme a tradição, velhíssima, são apresentadas à côrte as **débutantes** da melhor sociedade.

Eduardo transforma tudo: em vez da recepção rígida, oferece um **garden party** nos jardins do palácio de Buckingham. Aliás, êle

Em baixo: Que regosijo, quando êle podia estar com Wallis e alguns amigos, [illegible] navegar em Vene[illegible]m vez de num couraçado da *Home Fleet!*



espera ardentemente, e pede aos céus que a festa seja adiada... por motivo da chuva ou de outra qualquer razão. Mas a chuva chegou muito tarde — e bastante cedo, pelo menos para estragar os vestidos de **organdi** das damas mais belas.



Já com o espírito preocupado com Mrs. Simpson, o príncipe tinha que suportar conversações intermináveis...

O rei afasta o atacante com um gesto firme — e nem sequer lhe concede um olhar. Segundos depois, o agressor é desarmado.

O atentado se transforma imediatamente num acontecimento mundial. Mesmo Hitler envia um telegrama em que exprime as suas felicitações mais calorosas, por haver abortado "êsse atentado infame".

Mas não tarda a transpirar do inquérito, que se não tratara nem sequer de um "atentado". George Andrew Mahon, de 36 anos, o agressor, não teria podido fazer fogo com a arma empunhada, que, parece, não tinha balas, nem gatilho! O caso se resumia na tentativa de um desesperado ou de um louco, que apenas desejava atrair sôbre a própria pessoa a atenção do público!

Mahon é condenado a um ano de prisão, e depois pôsto em liberdade.

No outono de 1937, quando — desde muito tempo — o rei não era mais rei, nem residia mais na Inglaterra, êsse atentado continuava sendo um exemplo da impressionante popularidade desfrutada por Eduardo VIII. De fato, Mahon não conseguiu, jamais, encontrar trabalho. Todos recusavam até mesmo falar com o culpado. E de tal forma, que o desgraçado foi pedir a Jorge VI a necessária autorização para trocar de nome!

O caso Mahon só pareceu perigoso durante alguns segundos. Porém êsses dois segundos foram suficientes para espalhar, por tôda Londres, e mesmo pelo continente europeu, boatos alarmantes. Tais boatos chegam aos ouvidos de Mrs. Simpson e, talvez, pela primeira vez, compreende ela todo o trágico complicado da situação. Quando compreende que Eduardo podia estar estendido, entre a vida e a morte — pois os boatos não escondiam essa possibilidade — e que ela nada pode fazer; não pode ir para junto do seu leito!

Tem que ficar em casa, os braços cruzados, esperando, esperando, esperando até perder todo o seu sangue frio.

Depois, ao fim de uma hora ou duas — uma eternidade para a mulher que espera — a voz do rei se faz ouvir pelo telefone. Fica surpreendido com as numerosas perguntas que, em sua agitação, ela lhe faz. Êle ignora, completamente, o que foi dito a seu respeito, em Londres — como

Naturalmente, Mrs. Simpson foi convidada. Todo o mundo pôde contemplar **a norte-americana**: todo o mundo pôde admirar a sua lindíssima **toilette** vinda de Paris.

★

Um curto entreato. Em meados de julho, há um atentado contra o jovem rei.

Caminhando na esteira da banda militar, à frente das tropas da sua guarda, regressa o jovem rei da bênção das bandeiras, em Hyde Park, quando um homenzinho, de ombros largos e encurvados, passa, ligeiro, entre os guardas, e brande um revólver na direção de Eduardo VIII!



Foi assim, voltando de uma cerimônia, sob o imenso "Busby", que êle repeliu, bravamente, um atentado.



Mas eis o "vestuário" que o jovem príncipe preferia para jogar o tênis, quando estava em Biarritz.

poderia saber? — e por isso mesmo não pensou em telefonar mais cedo para a tranqüilizar. Agora, porém, emocionado, por sua vez, ante aquêle desespêro feminino, corre à residência de Wallis, para a consolar.

Não. O jovem rei não tem a menor intenção de se afastar de Mrs. Simpson! Ao contrário, tudo indica que mais e mais estará ligado a ela e que até mesmo pretende tornar a sua ligação, por assim dizer... "oficial".

Sua próxima medida é a de mandar acrescentar o nome de Mrs. Simpson nas notícias da côrte e que diàriamente são comunicadas à imprensa. Nesse **Boletim** é dito como o rei passou o dia, quem recebeu, os que comeram à sua mesa, etc. A nota em questão indica que um certo número de personalidades jantou com o rei, entre elas figurando o nome de Mrs. Simpson (em último lugar, pôsto que é uma burguesa).

No entanto, essa informação insignificante provocou emoção considerável na redação dos jornais. No jornal **oficioso**, o "Times", chegou a provocar — conforme se soube, mais tarde — "uma terrível conferência da imprensa". A mesma durou tanto tempo que, na manhã seguinte, o "Times" saiu uma hora mais tarde que de hábito

(fato sem precedente em sua história). Finalmente, os redatores-chefes dos diferentes jornais da **City** decidiram publicar a nota, pôsto que, de qualquer maneira, "a vontade do rei era lei para o "Times".

Mais ainda: Eduardo apresenta a sua elegante amiga a seu irmão, o Duque de York, que, nesse instante, ignora, certamente, que será graças a ela que êle próprio subirá ao trono da Inglaterra!

O rei continua a convidar Mrs. Simpson para as cerimônias e jantares oficiais da côrte. Ela faz parte, por exemplo, do pequeno número de pessoas presentes à recepção de Charles Lindbergh e sua espôsa. Nessa ocasião, as demais pessoas presentes eram nada menos que o Duque e a Duquesa de York, dois ou três outros parentes e o Presidente do Conselho, Baldwin, acompanhado de sua espôsa.



"Little David" — como era chamado por sua avó, a Rainha Alexandra (de quem era o favorito) — Eduardo VIII aos nove anos de idade.

★

Ainda um pouco mais tarde, no mês de agôsto, Eduardo empreende um pequeno cruzeiro no **yacht** a vapor, "Nahlin". Wallis Simpson lá está. E' um grande progresso sôbre os fatos anteriores. Sim... E' admissível que um rei convide uma dama para cerimônias mais ou menos oficiais, na côrte, mas o que não pode ser é que com ela embarque num pequeno **yacht**. Uma tal excursão só pode ser explicada de uma maneira.

Evidentemente, não é essa a primeira viagem por mar que Eduardo realiza com Wallis. Mas, então, êle era o Príncipe de Gales — agora é o Rei!

Os jornais britânicos não fazem qualquer alusão a Mrs. Simpson. Porém a imprensa norte-americana não se mostra discreta. Um rei que vai e que vem em companhia de uma senhora e, principalmente, de uma senhora casada, passa a criar uma nova sensação, que o público faz questão de conhecer detalhadamente.

Naturalmente, tôda a Inglaterra está a par dessa viagem romântica. Começam a murmurar, a cochichar, sendo que muita gente o faz com ar inquieto. Mas essas pequeninas histórias, mais ou menos escandalosas, são logo esquecidas, numa época em que ocorrem fatos importantíssimos, e na qual são ouvidos os primeiros trovões da terrível tempestade, que, três anos mais tarde, viria a cair sôbre a Europa e sôbre o mundo todo.

De fato, os italianos já invadiram a Abissínia. Em Moscou, começam a ser notados os primeiros movimentos de uma política de dois gumes. Em Tóquio é registrado um golpe de Estado militar, no curso do qual o presidente do Conselho, Okada, é assassinado. O mundo inteiro vive em constante sobressalto, e principalmente esmagado e emudecido diante do golpe de Hitler, que, apesar de tôdas as promessas e de todos os Tratados, invadiu a Renânia, enquanto Berlim se preparava para os Jogos Olímpicos! Em Wilna, enterram o coração do Marechal Pilsudsky, morto um ano antes. A chama olímpica é acesa na pequenina cidade grega de Olímpia...

O Ministro da Guerra britânico, Sir Samuel Hoare, pede à Câmara dos Comuns votação urgente para o programa naval.

Enquanto isso, em Londres, os círculos oficiais se mostram taciturnos e os membros do gabinete movem a cabeça com ar desanimado, relativamente a Eduardo VIII...

★

No próximo número:

CONTRA UMA LINDA MULHER, UM MINISTRO E UM ARCEBISPO!

★ ★

NOVIDADE NA CONSTRUÇÃO DE ARRANHA-CÉUS

Tomando uma iniciativa que pode ter profunda repercussão sôbre a construção de arranha-céus, uma firma construtora desta cidade usará, pela primeira vez, uma fachada totalmente de alumínio, em um arranha-céu de vinte e seis pavimentos, destinado a escritórios.

O edifício em questão, situado na elegante Park Avenue, ia ser revestido dos materiais tradicionais, mas ficou resolvido empregar-se o alumínio, depois de realizadas algumas experiências coroadas de pleno êxito.

Uma das principais vantagens do revestimento de alumínio é que o edifício conservará, indefinidamente, o seu aspecto de "novo", em vista das propriedades de resistência à umidade.

Essas vantagens, que são de grande importância no setor da construção de edifícios para escritórios, onde a concorrência é muito intensa, assegurarão um rendimento muito maior aos edifícios revestidos de alumínio, que aos dos revestidos com os materiais convencionais.

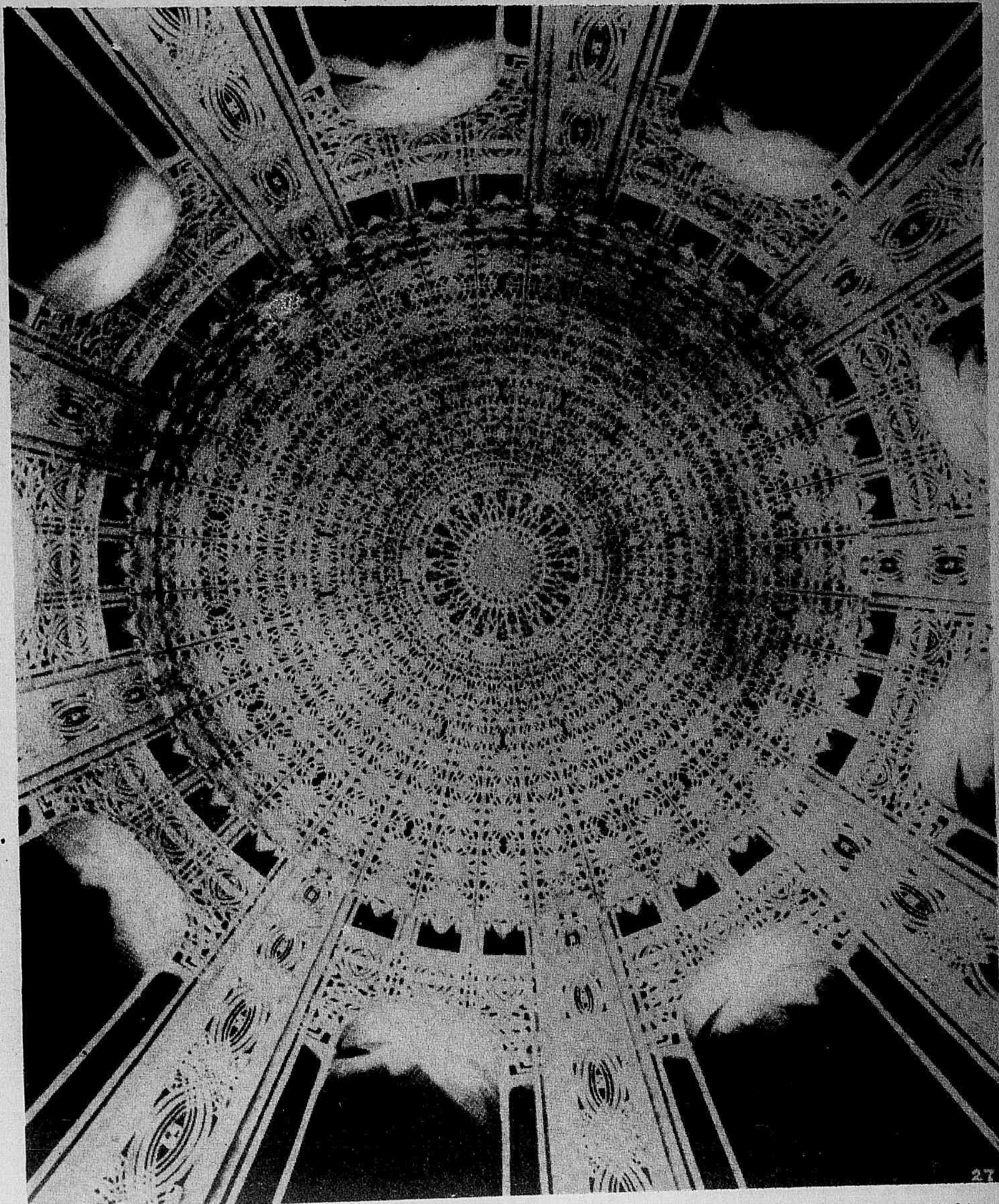
Além disso, o interior do edifício ficará muito mais protegido contra a umidade e as mudanças de temperaturas.

A estrutura se distinguirá, ainda, pelo fato de a luz solar refletida nas diversas facetas dos painéis, durante as diversas horas do dia, produzir efeitos muito interessantes, na fachada do edifício. Os painéis terão uma tonalidade cinzenta, para se evitar a ofuscação, e as janelas terão a côr natural, para que ofereçam um atraente contraste.

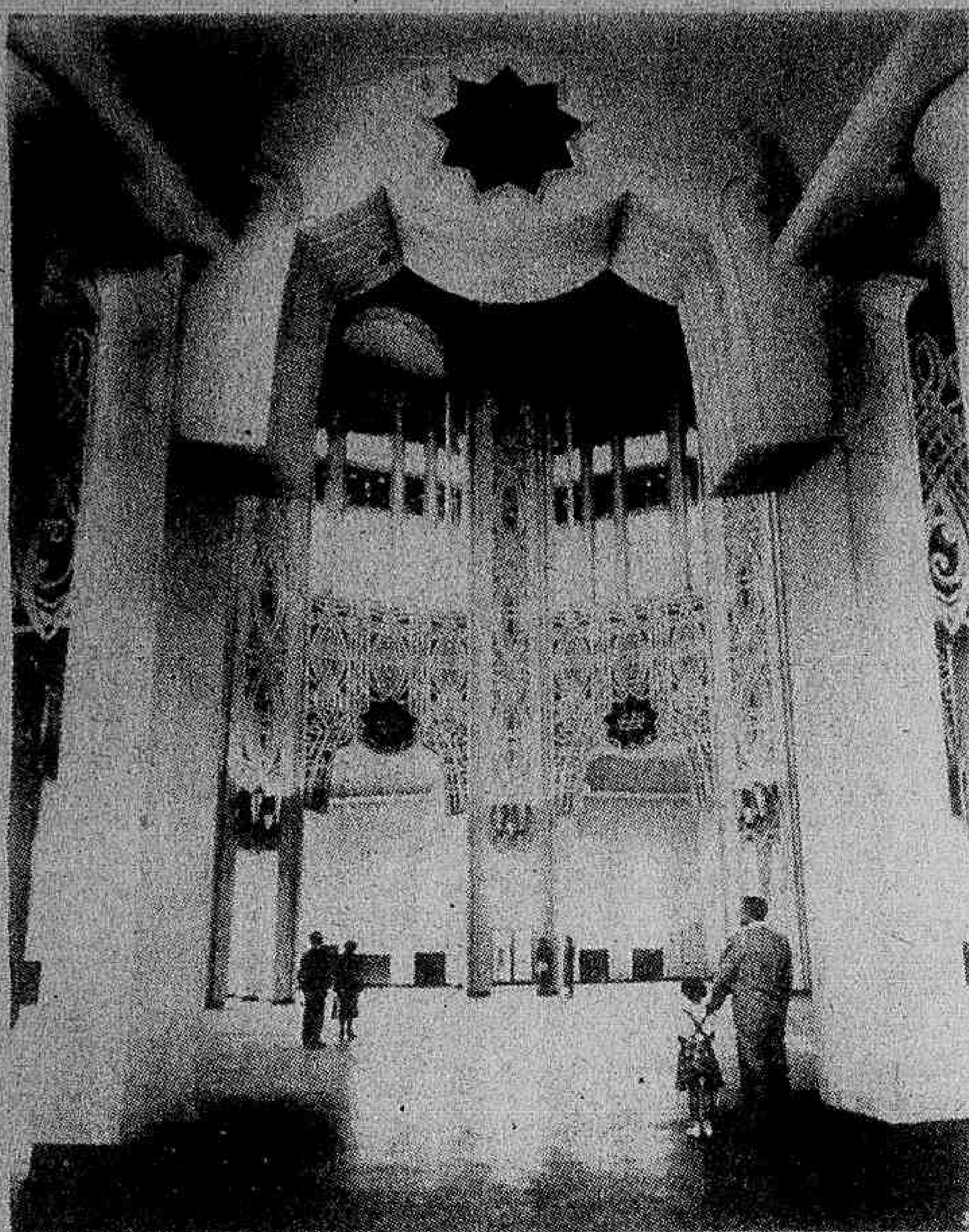
TEMPLO UNIVERSAL DA LUZ

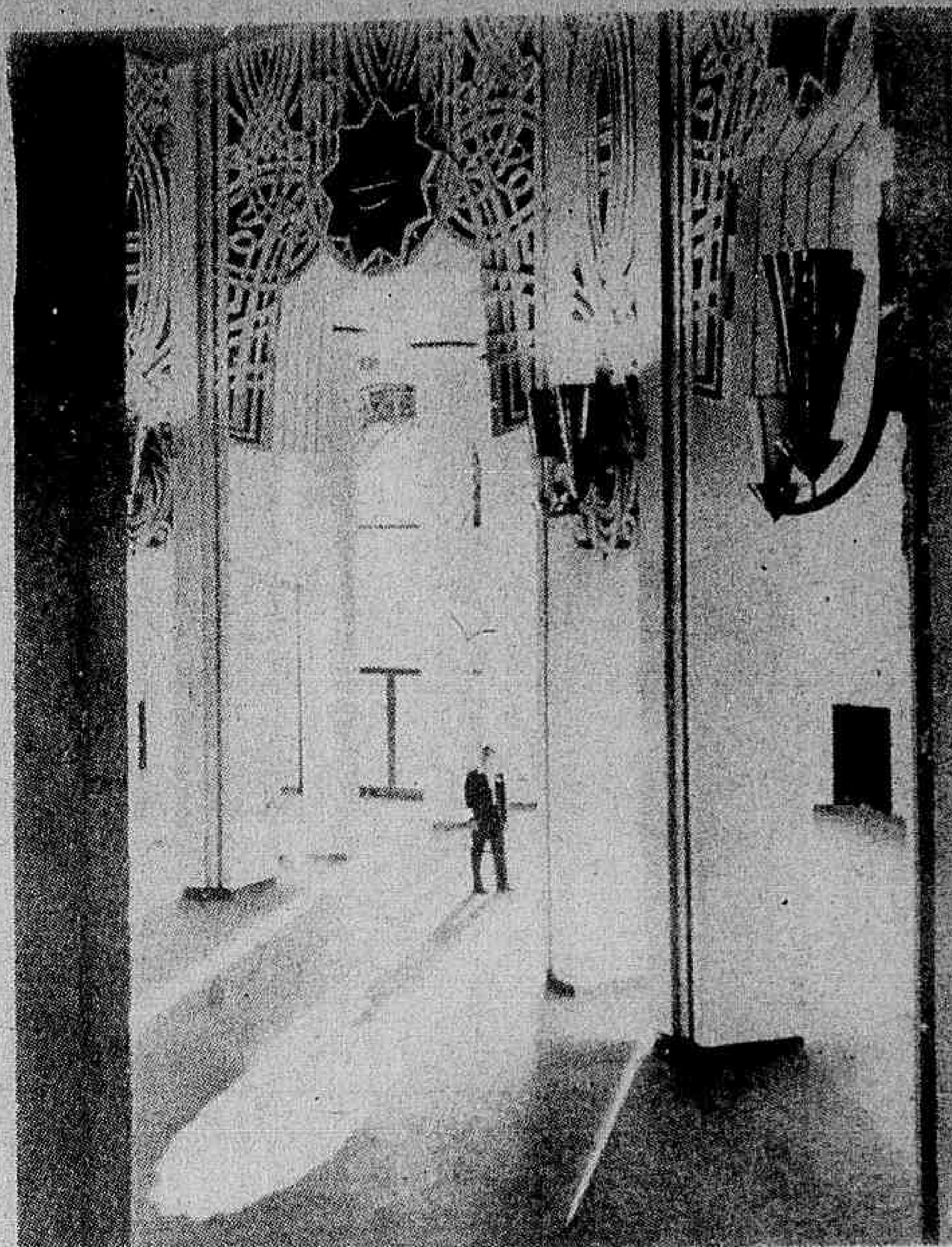
ABRE SUAS PORTAS AOS FIÉIS DE TÔDAS AS RELIGIÕES E RAÇAS

NAS margens do Lago Michigan, em Wilmette, Illinois, poucas milhas ao norte de Chicago, em pleno coração do continente norte-americano, foi inaugurado em maio último o "Tmeplo Universal Baha'i", que abriu suas portas de par em par a tôda a humanidade, sem discriminação alguma.



O precioso desenho da majestosa cúpide do Templo Universal Baha'i, às margens do Lago Michigan.





Auditório onde se ouvirão passagens extraídas dos Livros Sagrados de tôdas as religiões do mundo.

Êsse templo já ganhou renome por sua arquitetura original e a beleza de sua forma, tendo sido visitado por centenas de milhares de pessoas de tôdas as partes do mundo. O seu custo foi de dois milhões e meio de dólares. O seu desenho parece ser um delicado trabalho de renda branca e reluzente, que, por ser perfurado, permite que a luz se infiltre por tôdas as partes, de fora para dentro.

A estrutura dêsse templo tem a forma de uma estrêla de nove pontas, pôsto que tem nove lados, nove portas, nove avenidas e, entre elas, nove jardins, fontes e vasos. E', na palavra de um de seus ilustres visitantes, uma grande canção em pedra, cuja música, pelo olhar, toca a esfera interna do ritmo. A própria veneração aumenta quando se contempla a beleza espiritual dos grandes ideais universais que inspiraram a ereção dêsse *Templo Universal de Luz*: os ideais da unificação, da fraternidade, da compreensão e da tolerância de tôdas as raças, nações e religiões, e o amor e o serviço distribuído a todos os sêres humanos, qualquer que seja a sua raça, religião ou nacionalidade.

E', realmente, uma criação absolutamente nova, não recordando nada do que até agora tenha sido feito. Concebeu-o Louis Bourgeois, um arquiteto francês, cujo impulso criador se fêz substância nessa obra, que exprime o seu pensamento poético em formas geométricas.

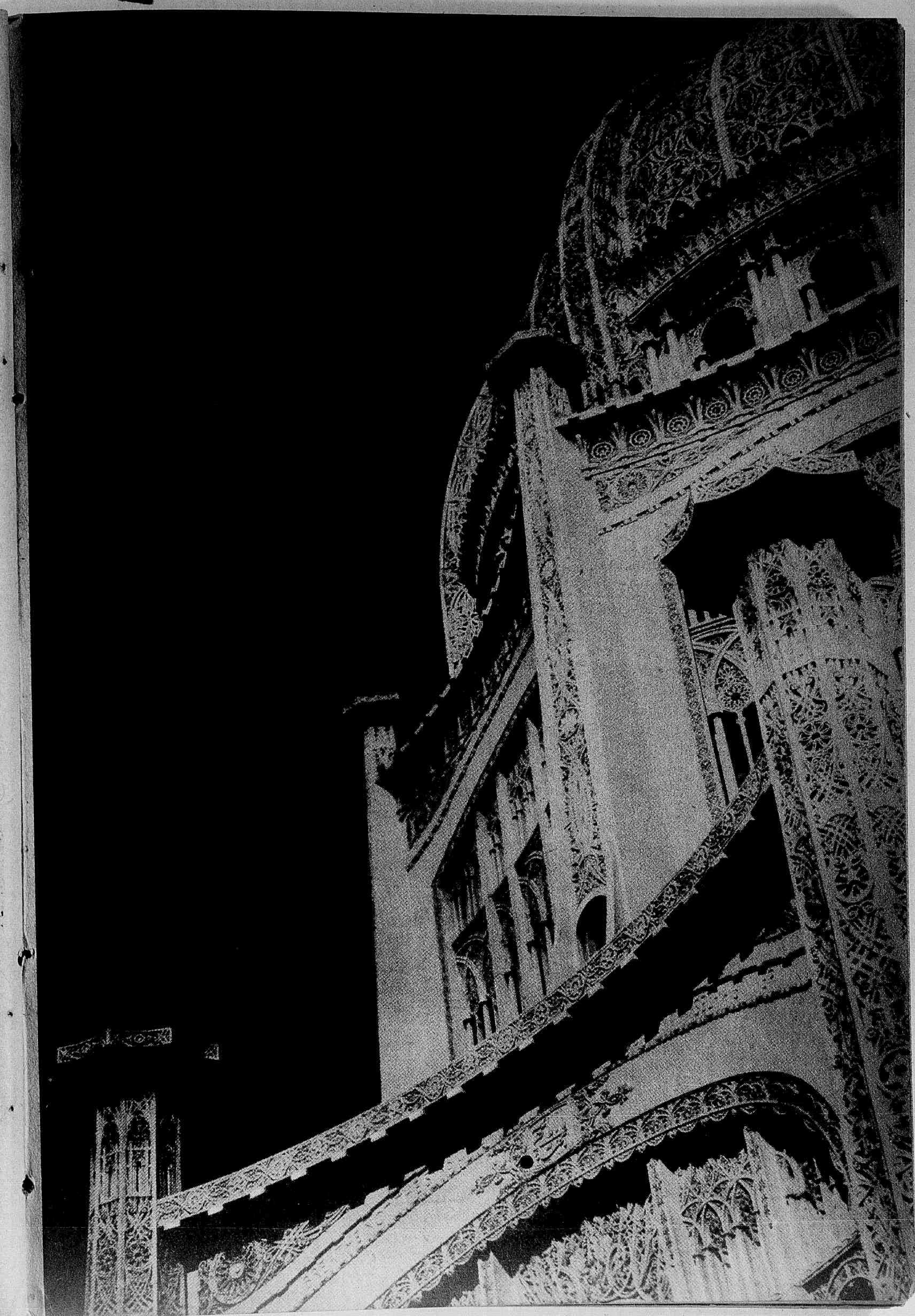
A arquitetura do Templo é um desenho de delicada beleza infinita, que se compõe de uma combinação de todos os princípios arquitetônicos dos estilos existentes: arábico, gótico, egípcio, grego, romano, bisantino, pérsico, renascença e românico. Nesse desenho, todos os estilos de arquitetura religiosa culminaram num único.

Entrelaçados na ornamentação, notam-se os símbolos de tôdas as religiões: a cruz, o crescente e a estrêla, o triângulo e o duplo triângulo, o círculo ou sol, a estrêla de nove pontas e também figuras de constelações de estrêlas, ovais com formas de fôlhas e flores e, particularmente, da flor do lótus.

Coroam a cúpula perfurada algumas figuras matemáticas, que representam a curva orbital dos planêtas em redor do Sol. Esta cúpula é uma das mais singulares do mundo, em desenho e estrutura.

Pelo que já foi exposto, o leitor sabe que a forma arquitetônica do Templo se baseia no número nove (9), que simboliza a *Perfeição,* além de representar as nove religiões existentes no mundo. Revela, em seu conjunto, tudo o que o homem usou para sugerir a deidade ou eternidade.

As nove avenidas do Templo, entrelaçadas por jardins, partem das nove portas rodeadas de 18 grades circulares. Cada um dos 9 lados do edifício tem a forma de um semicírculo, que tem a aparência de braços estendidos, dando as boas-vindas aos que chegam de tôdas as direções. Os corpos primeiro e segundo dêsse Tem-





À noite, poderosos refletores modelam e destacam a belíssima e impressionante arquitetura do Templo.

plo estão apoiados em nove colunas, e a cúpula é abraçada por nove arcos, que se juntam no ápice, como mãos em oração.

O material usado na ornamentação consiste de quartzo cristalino e opaco, e cimento branco, que é quase tão duro como o diamante. Os serviços religiosos, celebrados no Templo, consistirão da leitura de passagens tomadas das Escrituras Sagradas de tôdas as religiões do mundo, lidas por vozes belas e melódicas, e do canto de coros "a cappella".

O edifício terá, em futuro próximo, importantes dependências: instituições para crianças órfãs, um hospital-dispensário para os pobres, um lar para os incapacitados, um hospital para os desajustados e uma universidade para a mais alta educação científica e artística. Estas cinco instituições auxiliares, em seus arredores, serão dedicadas ao serviço social e humanitário. Assim fica expressada a dupla natureza da religião: um aspecto, *o volver-se para Deus,* e o outro, *o serviço em benefício do homem.* A religião será harmonizada com a ciência e a ciência será um complemento da religião, ambas espalhando as suas dádivas materiais e espirituais sôbre a humanidade.

Esta grandiosa estrutura foi levantada como expressão material dos Ensinamentos da *Fé Mundial Baha'i,* a unificação mundial, regeneração espiritual e verdadeira irmandade dos homens de tôda a Terra.

Sôbre cada porta, de uma coluna a outra, tanto interior quanto exteriormente, há diferentes versículos gravados, tomados das Escrituras Baha'is, feitos de tal forma, que podem ser lidos a distância mais ou menos apreciável.

São êstes os textos que podem ser lidos sôbre as portas, do lado exterior:

1) A terra é um só país e a Humanidade seus cidadãos.
2) O mais amado de tudo, aos Meus olhos, é a Justiça; não te separes dela, se Me desejas.
3) Meu amor é a Minha fortaleza; o que nêle entra, está salvo e seguro.
4) Não murmures contra os pecados dos outros, enquanto fores, tu mesmo, um pecador.
5) Teu coração é o Meu lar; santifica-o para Minha descida.
6) Fiz da morte um mensageiro de gôzo



ABDU'L-BAHA, sábio persa, que colocou a primeira pedra do Templo.

4) Vós sois os frutos de uma só árvore e as fôlhas de um só ramo.
5) Irmanai-vos com os crentes de tôdas as religiões com um espírito de amizade.
6) Oh, filho do ser! E's Minha lâmpada e Minha luz está em ti.
7) Oh! filho do ser! Caminha com Minhas leis por amor a Mim.
8) Meu amor é o teu Paraíso; tua missão celestial é reunir-te a Mim.
9) A luz de um bom caráter supera a luz do sol.

George Grey Barnard, um dos mais conhecidos escultores da América do Norte, disse, do Templo:

— E' o mais belo desenho que já vi!

O professor Luigi Quaglia, de Turim, Itália, assim opinou:

— Esta é uma nova criação, que revolucionará a arquitetura no mundo. Sem dúvida terá página permanente na História. E' uma revelação de outro mundo!

Outro notável arquiteto, ao contemplar o modêlo de gesso do Templo, numa exposição realizada no Clube de Engenharia, de Nova York, em junho de 1920, afirmou:

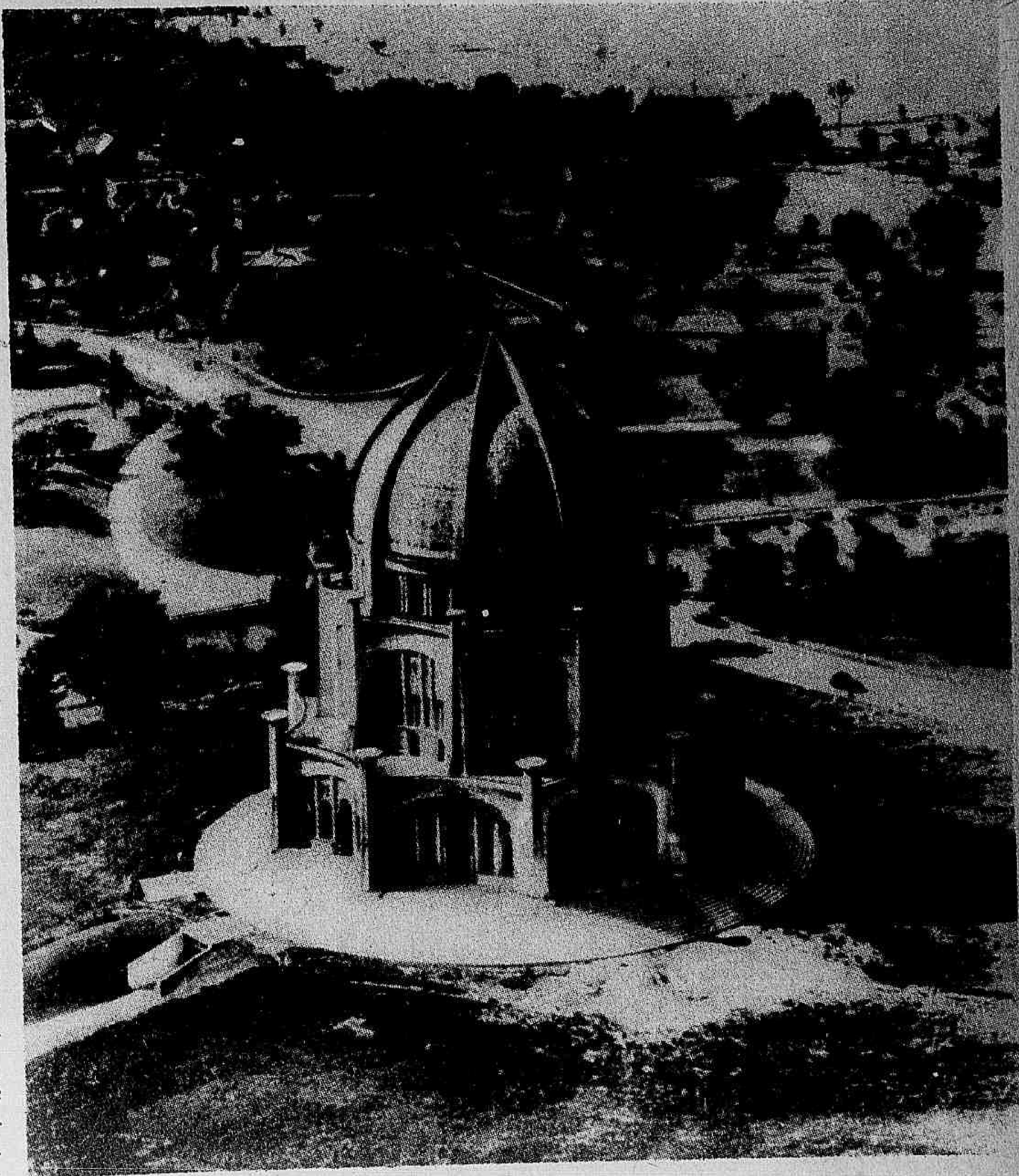
— Esta é a primeira idéia nova na arquitetura religiosa dêsde a Idade Média.

para ti. Por que, pois, te afliges?

7) Menciona o Meu nome em Minha terra, para que em Meu céu Eu possa recordar de ti.
8) Oh! vós, os ricos da terra! Os pobres que estão entre vós são Meu depósito: cuidai dêles.
9) A fonte de tôda sabedoria é o conhecimento de Deus. Exaltada seja a Sua Glória.

As inscrições sôbre as portas internas do Templo são as seguintes:

1) Todos os Profetas de Deus proclamam a mesma fé.
2) A religião é uma luz radiante e uma fortaleza inexpugnável.
3) Tão poderosa é a luz da unidade que pode iluminar a terra inteira.



Perspectiva aérea do magnífico Templo Universal de Luz,, em Wilmette, Illinois.

ONDE ESTOU? QUE ACONTECEU?

Por PARKE CUMMINGS

O diretor de uma organização tem o direito — suponho — de insistir em que seus auxiliares lhe entreguem as mensagens corretamente, e façam memorandos claros e concisos, de modo que êle saiba, exatamente, e a qualquer momento, o que se passa na organização. E' bem verdade que não sou diretor de companhia, e minha espôsa e meus filhos estão longe de ser meus subalternos; mas, às vêzes, chego a suspirar, desejando que os recados a mim transmitidos por êles, sejam um pouco menos vagos.

Os habitantes da minha casa se especializam em assuntos diferentes uns dos outros. O Pedrinho, que é o filho menor, atende o telefone. Eis um exemplo típico de como êle transmite o recado que recebeu:

— O Sr. Hitler lhe telefonou, pedindo que telefone para êle, logo que chegue.

— **O Sr. Quem?**

— Bem, foi isso que eu entendi.

— Ora, escute aqui! Não conheço ninguém com êsse nome. Não seria, **por acaso,** Hillman?

— E'... é isso mesmo! Hillman!

Telefonei, em seguida, para Tom Hillman, e sua espôsa me informou que êle se ausentara da cidade, duas semanas antes, com destino à Austrália, e só voltaria dentro de quatro meses!

Uma posterior inquirição revelou que Pedrinho poderia entender o nome da pessoa que me telefonou como sendo Watson, Lewis ou Connerly. E o mistério continuou insolúvel até que, três dias depois, Ed Booth ligou para minha residência, informando que conseguira algumas entradas para o jôgo de futebol do dia anterior, sendo uma para mim. Por que eu não lhe telefonara, conforme o recado que me deixara?

Isto me deixou bastante irritado, ao reconhecer minha própria estupidez, pois Pedrinho queria se referir a Booth. Afinal de contas, **Booth** não é um nome **muito diferente** de **Hitler...**

Minha espôsa se especializa nas informações de caráter técnico:

— O homem estêve aqui, inspecionando a geladeira elétrica, e informou que o problema consiste em "promulsão imprópria".



— E o que significa isso?

— Ora, êle disse que você saberia o que isto significa.

— Êle disse, hein? E... quanto é que isso vai custar?

— Dois e setenta e cinco dólares.

Raciocinando um pouquinho em tôrno do complicado têrmo técnico, acabei por dizer:

— Bem, isso parece razoável. Quase três dólares por...

— Eu também acho que não é caro, pois êle disse que talvez seja necessário mudar o motor da geladeira e...

— Ei! Nesse caso, talvez êle tenha querido dizer **duzentos e setenta e cinco dólares!** Dois e setenta e cinco!

— Bem, êle falou qualquer coisa a respeito de cem dólares — com certeza deve ser o que cobra pelo trabalho. Mas, é claro, se fôr o simples caso de um curto-circuito, como êle espera, mandou perguntar se você não estará interessado em colocar um novo... radiador, ou coisa parecida...

Bem, meus caros leitores, deixemos de lado o caso da geladeira, e vamos focalizar as "artes" de minha filha de oito anos, Cíntia:

— Betty convidou-me para ir com ela a um piquenique.

— Ótimo! Quando é?

— Às duas e meia!

— Mas, se agora são quatro horas!

— Oh, não! Não é hoje! O piquenique será realizado na próxima semana.

— Ah, sim. Mas, **quando**?

— Às duas e meia. Betty me disse que vai levar sanduíches, um bôlo, refrescos, sorvete...

Como vêem, minha filha Cíntia é um verdadeiro arquivo: sabe tôdas as iguarias que a amiga levará para o convescote. Mas o dia...

E assim vou vivendo, cheio das alegrias que me proporciona a querida família que constituí!

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÉVAL

A casa tinha a seguinte distribuição: uma sala grande e uma cozinha, à direita; à esquerda uma alcova, que era a da jovem. A cozinha dava para o pátio; a alcova tinha uma janela para a rua de Saint-Honoré e a sala uma outra para a rua de Chantre. Na cozinha havia outras duas grandes alcovas: uma pertencia à velha Francisca Berrichon e a outra ao seu neto, João Maria Berrichon. Êste quarto baixo só tinha uma entrada: a porta da escada; mas, ao fundo da sala, junto à cozinha, havia outra escada que conduzia ao andar superior.

Êste andar era composto apenas por dois quartos: o de mestre Luís, que comunicava com a escada, e o outro interior, sem saída e cuja aplicação se desconhecia.

O segundo quarto estava sempre fechado à chave. Nem Francisca, nem João, nem mesmo a encantadora jovem, jamais tinham sido autorizados a vê-lo. Só uma pessoa compartilhava com mestre Luís do segrêdo daquele aposento misterioso: o corcunda. No entanto, ali devia passar-se qualquer coisa de estranho e inexplicável: cada vez que o corcunda entrava, via-se sair mestre Luís e vice-versa.

Ninguém conseguiu ver juntos aquêles amigos que pareciam tão intimamente ligados.

★

No mesmo dia em que se celebrou o solene Conselho de família no palácio de Gonzaga, a jovem que vivia com mestre Luís encontrava-se sòzinha no quarto, na casa da rua de Chantre.

Escrevia sôbre uma pequena secretária. Os últimos raios do crepúsculo vespertino filtravam-se através da janela, cujas cortinas tinham sido levantadas.

Era uma jovem muito formosa, de cabelos negros, sorriso meigo e figura esbelta. Os olhos, azuis escuros, brilhavam intensamente sob o arco das negras e sedosas sobrancelhas. Tôda ela respirava um encanto e uma doçura fascinantes. Os seus modos e gestos eram distintos e notava-se nêles uma altivez nativa. O seu nome — que Francisca e o jovem Berrichon estavam proibidos de pronunciar — era o de Aurora.

A jovem encontrava-se completamente só. Quando a falta de luz não lhe permitiu continuar a escrever, deixou a caneta e principiou a sonhar.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, onde estão as muralhas do castelo de Caylus-Tarrides. Ali, em 1699, o marquês, viúvo, retirou-se com sua filha Aurora, a quem obrigou a viver uma vida de reclusão, conforme tinha sido a da sua própria espôsa, o que lhe valeu o sobrenome de Caylus-Ferrôlho. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, um dos mais brilhantes jovens senhores da Franca, cansado da vida dissipada que levava em Paris, foi repousar em suas terras, no Jurancon e, recuperando as fôrças, foi cacar no vale do Luron, onde não tardou a se enamorar de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor "avançara muito", às escondidas do velho Caylus. Quatro anos depois, Nevers já não habitava mais no Jurançon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua príncipe de Gonzaga, com quem o marquês pretendia casar a filha. Gonzaga possuía dois grandes amigos. Um era Felipe de Bourbon, duque de Chartres, sobrinho de Luís XV, mais tarde duque de Orleans e Regente de Franca. O outro era Felipe de Lorena, duque de Nevers. Na côrte eram chamados "os 3 Felipes", devido à grande amizade que os unia. Eis por que o marquês o desejava para genro, pois, além de boas relações, Gonzaga era herdeiro de Nevers, por ser êste solteiro. E, mais ainda, ninguém esperava que Nevers vivesse muitos anos, com a vida que levava. Numa tarde de outono de 1699, numa estalagem não distante do Castelo, reúnem-se cêrca de uns dez espadachins, homens de origem duvidosa, cheios de ambição, mas bôlsa sempre vazia e que, por isso mesmo, viviam alugando a espada para "serviços inconfessáveis". Todos sabem o que vão fazer: atacar e matar Nevers, para dar a Gonzaga a fortuna de que tanto necessitava. O intermediário é Peyrolles, factotum do príncipe, covarde, embora boa espada também. Entre os "bravos" que vão fazer o serviço estão Cocardasse e Passepoil, dois inseparáveis amigos, que têm um só ídolo na vida: o jovem Cavalheiro Henrique de Lagardère, a quem ensinaram a pegar numa espada, e que hoje era insuperável com uma na mão! Pouco depois, estando os espadachins cercando um pequeno pagem, descoberto junto dos fossos do castelo, são interrompidos por um novo personagem, que os deita a todos no chão. E' Lagardère, que vinha defender o menino, seu servidor. Todos baixam a cabeça e Lagardère relata, então, estar viajando para o exílio, após ter matado um nobre em duelo, mas que, antes de deixar a França, precisa cruzar a espada com . . . Nevers! A notícia alvoroca a todos os espadachins que, a seguir, vislumbrando mais facilidade para o seu serviço, propõem ajudar Lagardère a liquidar Nevers. A revolta do cavalheiro é terrível e imediatamente enxota a todos êles do local, dizendo que os considerava indignos de usar uma espada e, depois, sabendo que ali estavam para massacrar Nevers, exproba-lhes o procedimento. Oito contra um! Depois que se retiram, Lagardère vê chegar dois homens. Um é Peyrolles e o outro o príncipe Gonzaga. Chamam pelos capangas e julgando que Lagardère era um dêles explica ao companheiro que "tudo estava preparado", mas infelizmente não pudera obter as fôlhas do registro de casamento, pois as mesmas tinham sido arrancadas do registro da igreja. Depois de morto Nevers, e de desposar Aurora de Caylus, teria tôda a fortuna da sua vítima com a apresentação do registro de nascimento da menina, embora a êsta desse um fim prematuro. Pouco depois retiram-se, a janela é aberta e Lagardère, fingindo ser Nevers, recebe de Aurora a filha e uma caixa contendo a fôlha do registro, arrancada ao registro da paróquia, para evitar que fôsse roubado por seus inimigos. Pouco depois surge Nevers e logo deseja duelar com Lagardère, sem notar que êste tem a criança nos

Os mil ruídos da rua chegavam até os seus ouvidos, sem a comoverem. Tinha a encantadora cabeça apoiada na mão, enquanto o olhar se dirigia ao céu. Parecia sorrir para Deus e elevar-lhe a sua prece habitual.

Entretanto, brilhou-lhe uma lágrima nas pálpebras, resvalando depois pelas faces sedosas.

— Como demora! — murmurou.

E guardando os papéis dispersos pela mesa, numa caixinha, escondeu-a depois debaixo da cama.

— Até amanhã! — disse, como se se despedisse de um amigo a quem falasse todos os dias.

Depois fechou a janela, pegou numa guitarra e principiou a dedilhar as cordas, distraìdamente.

Esperava, com certeza, alguém que se demorava. Tivera tempo para ler tôdas as páginas do manuscrito fechado na caixinha.

Aquelas páginas constituíam a sua história ou, pelo menos, tudo quanto sabia a êsse respeito. Era o relato das suas impressões, dos seus sentimentos e das aspirações do seu coração.

Por que as escrevera?... As primeiras linhas do manuscrito respondiam a esta pergunta. Aurora dizia:

"Começo a escrever uma noite em que me encontro sòzinha, depois de o ter esperado, em vão, durante todo o dia. Não são para êle estas páginas. E' a primeira coisa que faço e não lhe dedico. Não! Não gostava que lesse estas páginas, onde falo dêle a todo o momento e onde apenas dêle me ocuparei. Por quê?... Ignoro-o; não saberia mesmo responder a esta pergunta.

"Também não escrevo para mim e não redigiria estas memórias, se não tivesse o desejo de que tôdas as intimidades do meu espírito se conheçam depois da minha morte, pois creio que morrerei nova. Não o desejo... Se eu morresse, êle chorar-me-ia como eu a êle. No entanto, quando penso que do túmulo talvez pudesse ver o que êle tem escondido no coração... Quando penso nisto sinto vontade de morrer!...

"Disse-me que meu pai morreu e minha mãe ainda deve viver. E' pois, para vós, minha mãe, que eu escrevo. O meu coração pertence a êle, inteiramente e, no entanto, também é todo vosso.

"Gostaria de pedir a alguém capaz de me responder, que me explicasse o mistério desta dupla ternura. Teremos, por acaso, dois corações?!

"Escrevo para vós e parece-me que nada vos devo ocultar. Sim, ante os vossos olhos descobrirei o mais recôndito da minha alma. Não é a minha mãe a grande amiga que tudo deve saber? Não é a mãe

---

braços. Porém o seu adversário tudo revela do que ocorreu e do que ainda está para ser consumado. E afirma que estará ao seu lado contra os assassinos. De fato, trava-se a batalha e, apesar de se defenderem como leões, Nevers é morto, pelas costas, por Gonzaga que, vendo as coisas mal paradas, assim agiu, como covarde que era. Mas nada podem contra Lagardère que, com a criança nos braços, abre caminho e consegue fugir, tendo ainda ferido Gonzaga numa das mãos. Passam os an s, morre Luís XIV e, sendo o futuro Luís XV muito criança, coube a regência a Felipe de Orleans. Obrigada pelo pai. Aurora desposara Gonzaga, que agora desfrutava da imensa fortuna de Nevers. Ambicioso, Gonzaga resolvera abrir um banco nos jardins do seu palácio, vendendo, a pêso de ouro, bancas menores aos que quisessem especular. Entre os que chegam estão dois velhos conhecidos. Cocardasse e Passepoil, que viveram sempre fungindo do seu ídolo, temendo a sua vingança, pois dêle tinham ouvido dizer que matara alguns dos que haviam tomado parte no assassinato de Nevers. No leilão das bancas surge um corcunda recheado de dinheiro, que compra o que restava para vender: a casa de um cão. O seu nome é Ésopo, que tem oportunidade de ver Gonzaga contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, como seus espadachins, enquanto aguarda a chegada de Faenza e Saldanha, outros dois que tinham ajudado a matar Nevers e que agora tinham títulos de nobreza, graças à proteção de Gonzaga. O príncipe de Gonzaga tinha planos ainda mais vastos. Conseguira uma substituta para Aurora de Nevers! Conseguira arranjar uma jovem espanhola, que pretendia apresentar à viúva de Nevers como sua filha, Aurora. Peyrolles tudo arranjara e agora ia buscar a mocinha para a levar a Gonzaga. Em caminho, porém, descobre Faenza e Saldanha, mortos, caídos numa ruela, com um feio ferimento no meio da fronte. O golpe de Nevers! Levada, afinal, à presença de Gonzaga, êste convence a pobre moça de que ela é Aurora de Nevers, herdeira de um grande título e de uma das maiores fortunas da França. A espanhola, cujo verdadeiro nome era D. Flor, declara que êsse era o nome de uma mocinha da sua idade, e que conhecera tempos antes, na Espanha. Vira-a, até, mais recentemente, em Paris! Sim, à rua de Chantre! Pouco depois Peyrolles vem trazer a notícia da morte de Faenza e Saldanha... e como morreram. Trêmulo de mêdo, Gonzaga se prepara para a reunião de família, que trataria da sucessão de sua grande vítima, do duque de Nevers! Ah! Se até lá pudesse deitar mão à verdadeira Aurora! A reunião é presidida pelo regente de França, na qualidade de primo e maior amigo de Nevers. Gonzaga, após um discurso muito hábil, em que procura destacar o seu esfôrço no sentido de restituir a filha de Nevers à desolada viúva, manda introduzir na sala a inocente Dona Flor, que não é recebida com entusiasmo por Aurora de Caylus, que acaba afirmando não reconhecer em Dona Cruz a filha Aurora de Nevers. Isto porque alguém, que não via, falou, por trás do reposteiro: "Aqui estou!" e, a seguir, a viúva, para assombro de Gonzaga, anuncia que irá ao baile do Regente (pois ali a voz misteriosa prometera mostrar-lhe a filha). Pouco depois, Peyrolles informa a seu amo que Lagardère está em Paris e, como prova, anuncia a morte de Faenza e Saldanha, "marcados pelo bote de Nevers". Gonzaga manda Cocardasse e Passepoil ao endereço de Aurora, fornecido ingênuamente por Dona Cruz, e para atrair Aurora junta um bilhete, assinado "Lagardère", que o corcunda se prontifica imediatamente a "falsificar", alegando que conhece muito bem o espadachim. Faz ainda mais: pede um salvo conduto ao príncipe, prometendo entregar o documento a Lagardère, atraindo-o, assim, a uma armadilha.

o médico que pode curar as mais terríveis enfermidades da alma de sua filha?!

"Uma vez, através da janela do meu quarto, vi uma jovem ajoelhada diante de uma mulher de rosto bondoso. A jovem chorava aflitivamente, e a mãe, comovida, inclinou-se para beijá-la. Oh! que felicidade, mãe querida! Eu também julgo sentir os vossos beijos na minha fronte! Vós também deveis ser carinhosa e linda! Vós também deveis saber consolar e sorrir!

"Aquêle terno quadro encontra-se sempre presente diante dos meus olhos! Vejo-o acordada e adormecida! Sinto inveja das lágrimas daquela rapariga. Mãe querida: se vos tivesse a vós e a êle a meu lado, que mais poderia desejar neste mundo?!

"Nasci na França, mas não me disseram onde. Também não sei a minha idade, mas julgo que muito breve completarei vinte anos.

"Será sonho ou realidade?... A minha recordação é tão vaga, tão longínqua!... Creio lembrar-me de uma mulher de rosto lindíssimo, que algumas vêzes vi, inclinada e sorrindo, sôbre a minha cama. Seria minha mãe?

"Mas logo a seguir encontro-me envolvida em trevas e parece-me escutar o ruído de uma luta tremenda. Talvez isto não passe de sonho formado durante a noite, pelo cérebro febril de uma criança. Alguém me levava nos braços... Uma voz, forte como um trovão, fêz-me estremecer... Em seguida, corremos na obscuridade... tinha frio!...

"Uma densa bruma rodeia estas recordações. O meu amigo podia dissipá-la, mas quando o interrogo acêrca da minha infância, sorri tristemente e cala-se.

"Daí por diante as minhas lembranças são mais nítidas: vejo-me ainda, nos Pirineus espanhóis. Levava a pastar, no campo, as cabritas de um homem que nos dava hospitalidade. O meu amigo encontrava-se doente e muita vez ouvi dizer que estêve à morte. Quando, à noite, regressava à herdade, fazia-me ajoelhar diante do leito e, juntando as minhas mãos, dizia:

"— Aurora, pede a Deus que eu viva!...

"Uma noite deram-lhe os últimos Sacramentos. Confessou-se, chorando. Pensava, sem dúvida, que eu não o ouvia, e disse:

"— A minha pobre filha vai ficar sòzinha.

"— Pense em Deus, meu filho! — disse-lhe o sacerdote.

"— Sim, padre, penso em Deus e tenho fé, porque Êle é bom. Mas não temo por mim... a minha pobre menina ficará desamparada e só. Seria um grande pecado, padre, eu querer levá-la comigo?...

"— Matá-la?! — exclamou o sacerdote aterrado — Meu filho, delira, com certeza!

"Suavemente aproximei-me da cama.

"— Amigo Henrique — disse-lhe olhando-o com firmeza — não tenho mêdo da morte e quero ir contigo para o cemitério.

"Se minha mãe pudesse ver, então, o seu rosto, pálido e descarnado!

"Tomou-me nos braços, ardendo em febre, e recordo-me que repetia sem cessar:

"— Deixem-me sòzinho com ela!... Deixem-na aqui só comigo!...

"E adormeceu, depois de me ter beijado.

"Quiseram arrancar-me dali, mas não o conseguiram; para isso seria necessário matarem-me!

"Entretanto, eu pensava:

"— Levar-me-á consigo?!

"Ao cabo de algumas horas, despertou. Estava banhado em suor.

"— Estou salvo! — exclamou com alegria.

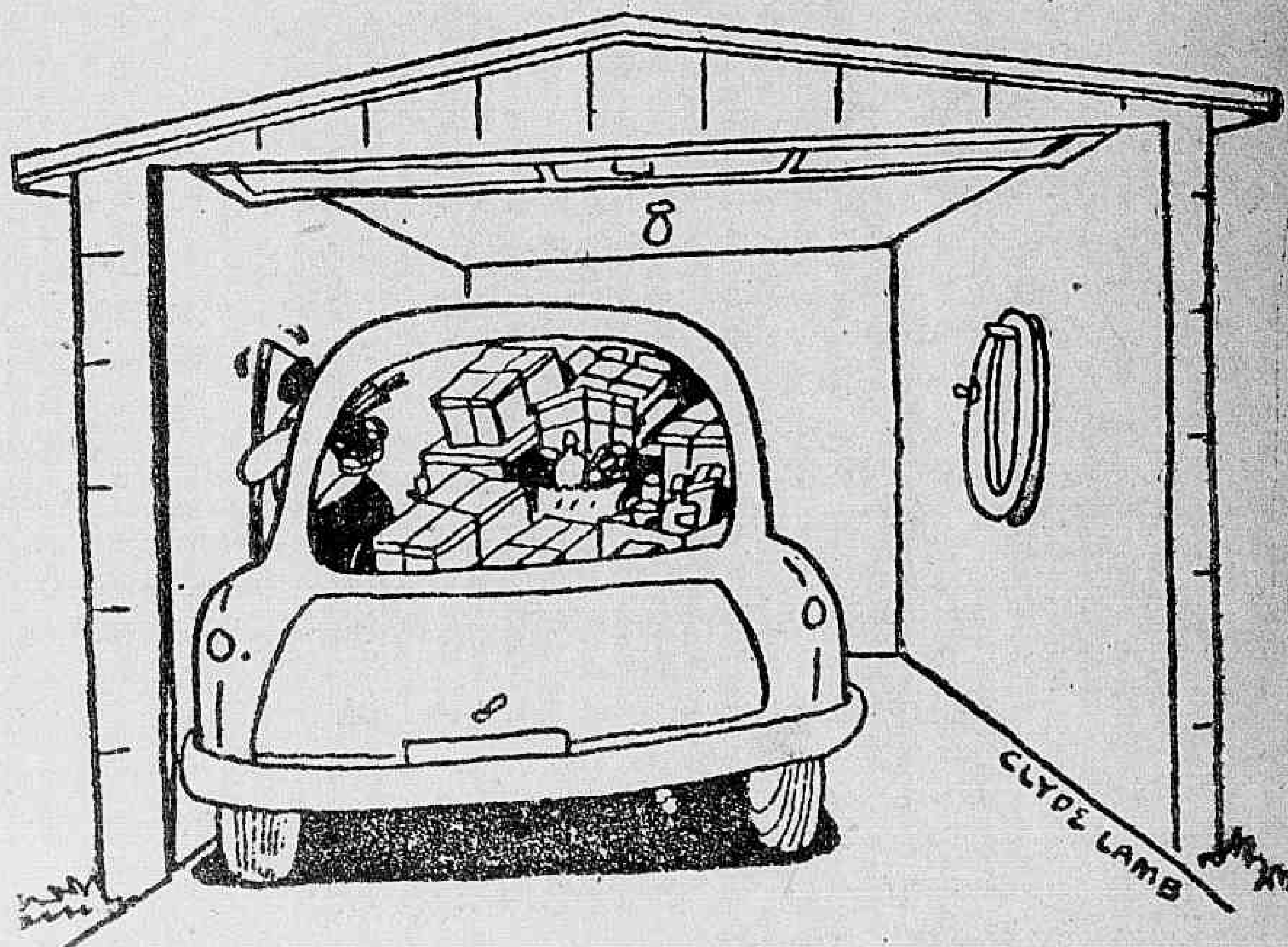
"E ao ver-me abraçada a êle, acrescentou:

"— Curaste-me, anjo meu!...

"Nunca o examinara com atenção. Um dia, ao contemplá-lo, pareceu-me o homem mais interessante do mundo. Daí por diante, nenhum havia tão formoso, nem tão simpático como êle.

"Deixamos a herdade e internamo-nos no país. O meu amigo, já refeito da sua doença, trabalhava no campo, como jornaleiro. Soube depois que o fazia para me sustentar.

"Vivíamos numa rica casa de campo. O dono cultivava a terra e vendia bebidas aos contrabandistas. Henrique recomendara-me que nunca saísse do recinto que havia atrás, e nunca fôsse para a sala comum.



"Mas... uma tarde foram comer, na granja, uns senhores que acabavam de chegar da França. Eu estava a brincar com os filhos do dono da casa e, como êles quisessem ver os recém-chegados, segui-os, sem me lembrar da proibição. Dois estavam sentados à mesa e rodeados de criados e de gente armada. Ao todo, eram sete. Um, com aparência de chefe, fêz um sinal ao companheiro e ambos olharam para mim. O que parecia o amo, chamou-me e começou a acariciar-me, enquanto o outro falava em voz baixa com o dono da casa.

"Quando voltou para a mesa, ouvi-o dizer:

"— E' ela!

"— A cavalo! — ordenou o chefe.

"E ao mesmo tempo entregou ao dono da granja uma bôlsa cheia de ouro.

"Virando-se para mim, disse:

"— Vem, pequena; vamos buscar o teu pai.

"Não opus resistência; pelo contrário, fiquei radiante por ir vê-lo antes da hora habitual.

"Montaram-me num cavalo para o qual subiu um dos homens.

"Eu não sabia o caminho que conduzia ao ponto onde Henrique trabalhava, mas ao cabo de meia hora de suave balanço do trote do cavalo, enquanto cantava e ria, julgando-me tão feliz como uma rainha, perguntei:

"— Ainda falta muito para chegarmos ao sítio onde está o meu amigo?

"— Pouco... — responderam-me.

"Continuamos a caminhar... caía a noite. Principiei a ter mêdo e quis apear-me do cavalo. O homem com quem eu seguia gritou aos outros:

"— A galope!

"Ao mesmo tempo, apoiou a mão na minha bôca para abafar os gritos. De súbito, através dos campos, vimos avançar um cavalo que engolia a distância como um turbilhão.

"— Era o meu amigo, montado num cavalo sem freio, nem sela. O caminho por onde êle voava fazia um cotovelo à entrada de um bosque bordejado por um rio. Atravessou o rio e cortou um grande pedaço da distância. Cada vez ganhava mais terreno. Quase não reconhecia nêle o meu pai, o meu amigo Henrique. Parecia, naquele momento, tão formoso e terrível como o céu em dia de tempestade. De um salto, o cavalo chegou até nós e caiu, esgotado. Henrique levava na mão um arado.

"— A êle! — gritou o homem que me transportava.

"Mas o meu amigo estava prevenido. Brandiu a pesada relha e descarregou dois golpes. Dois homens, armados com espadas, caíram no chão, banhados em sangue. Cada vez que o meu amigo vibrava novo golpe, gritava:

"— *Aqui estou!... Aqui estou!... Lagardère! Lagardère!*

"O homem que me levava quis fugir, mas o meu amigo não o perdia de vista. Um golpe derrubou-o também.

"Não me assustei e, enquanto durava a luta, gritava sempre, agitando as mãos:

"— Henrique!... Meu amigo, Henrique!... Coragem! Coragem!

"Ao terminar o combate, montou o cavalo de um dos mortos, tomou-me nos braços e levou-me dali a todo galope.

"Não voltamos à granja. O meu amigo disse-me que o dono nos atraiçoara e depois acrescentou:

"— Só numa cidade se pode estar escondido!

"Era então necessário esconder-nos?!... Nunca pensara nisso. A curiosidade despertou ao mesmo tempo que a vaga noção de que eu devia tudo àquele homem generoso. Perguntei-lhe e êle, estreitando-me entre os seus braços, disse-me

"— A seu tempo saberás!

"Depois, acrescentou com melancolia:

"— Já te cansaste de me chamar pai?

"Não tenhas ciúmes, querida mãe. Êle foi para mim, ao mesmo tempo, o pai, a mãe, a família, tudo! A culpa não é tua!...

"Quando recordo os tempos da minha infância, as lágrimas umedecem-me os olhos. Foi sempre tão bom, tão meigo, tão terno, tão carinhoso!...

"Os teus beijos, mãe, não podiam ser mais doces do que as suas carícias... as carícias daquele homem, tão terrível e tão valente... Ah! mãe, se o visses, tenho a certeza de que também o adorarias!

XXI

Recordações da infância

"Eu nunca estivera numa cidade. Quando avistei ao longe os campanários de Pamplona, perguntei o que era aquilo.

"— São as igrejas — respondeu o meu amigo. — E ainda hás-de ver muitas outras coisas bonitas!

"Esta promessa entusiasmou-me. Entramos em Pamplona. Os altos edifícios roubavam-nos o ar e a luz.

"As flores e o campo alegre tinham desaparecido para sempre!... Com o pouco dinheiro que ainda restava, Henrique alugou uma casa, onde passei a viver recolhida.

"O meu amigo saía pela manhã e só regressava à noite. Quando ia ao seu encontro, notava que trazia as mãos negras, a fronte coberta de suor e o olhar triste. No entanto, as minhas carícias afugentavam a tristeza do seu rosto.

"Éramos muito pobres, mas o meu amigo arranjava sempre forma de me poder levar guloseimas e brinquedos. Quando me trazia qualquer coisa, vinha sempre satisfeito e sorridente.

"— Aurora — disse-me uma noite — a partir de hoje chamo-me Luís e tu Mariquita. Mesmo que te perguntem com insistência, nunca digas os nossos verdadeiros nomes.

"Nunca me disse que era o cavalheiro Lagardère; soube-o por casualidade. Naturalmente queria que eu o ignorasse.

"Eis aqui como soube o seu verdadeiro nome e o ofício que exercia em Pamplona...

"...Uma noite, à hora em que costumava regressar do trabalho, bateram à porta. Julgando que era Henrique, abri. mas ao ver dois desconhecidos retrocedi espantada.

"Eram dois cavalheiros altos e de porte altivo. As suas grandes espadas infundiram-me mêdo. Um era velho; o outro bastante jovem.

"— Olá, minha menina! — exclamou o primeiro — E' aqui que mora o senhor Henrique?

"— Não, senhor!

"Os recém-chegados entreolharam-se.

"Encolhi os ombros.

"— Aqui mora D. Luís — respondi.

"— D. Luís?... Ah! é verdade!... E' exatamente êsse! Entrai, D. Sancho, meu sobrinho — continuou. Entre, esperaremos por êle, não tenhas mêdo, menina.

"E D. Sancho entrou, triste e silencioso. O mais velho, que se chamava D. Miguel, acendeu um cigarro e principiou a conversar com o sobrinho, muito animadamente.

"Ouvi alguém subir a escada e corri para a porta. Henrique ficou surpreendido ao ver aquêles dois desconhecidos.

"— Que desejam? — perguntou sêcamente.

"— Apresentar o meu sobrinho D. Sancho — disse D. Miguel, cumprimentando.

"— Agradeço que me digam o que pretendem — acrescentou Henrique impaciente.

"— Direi em duas palavras o que aqui nos trouxe — respondeu o fidalgo — uma vez que não tem tempo a perder... Nosso primo Carlos, que acompanhou a embaixada de Madrid, viu-o em casa do armeiro Cuenca e disse-me que era o cavalheiro Henrique de Lagardère!

"O meu amigo empalideceu e b a i x o u os olhos. Julguei que ia negar, porém, nada disse.

"— A primeira espada do mundo! — prosseguiu D. Miguel — O homem a quem ninguém venceu! Não se dê ao trabalho de negar, cavalheiro, porque me certifiquei da verdade antes de vir!

"— Não o nego — retorquiu Henrique com voz sombria. No entanto, poderá custar-lhes muito caro a descoberta do meu segrêdo!

"E ao dizer isto, fechou a porta. Dom Sancho principiou a tremer.

"— Custar-nos-á o que pedir, cavalheiro; trazemos os bolsos cheios de ouro! — respondeu D. Miguel sem se perturbar.

"E, ao mesmo tempo que esvaziava a bôlsa em cima da mesa, fêz sinal ao sobrinho para o imitar.

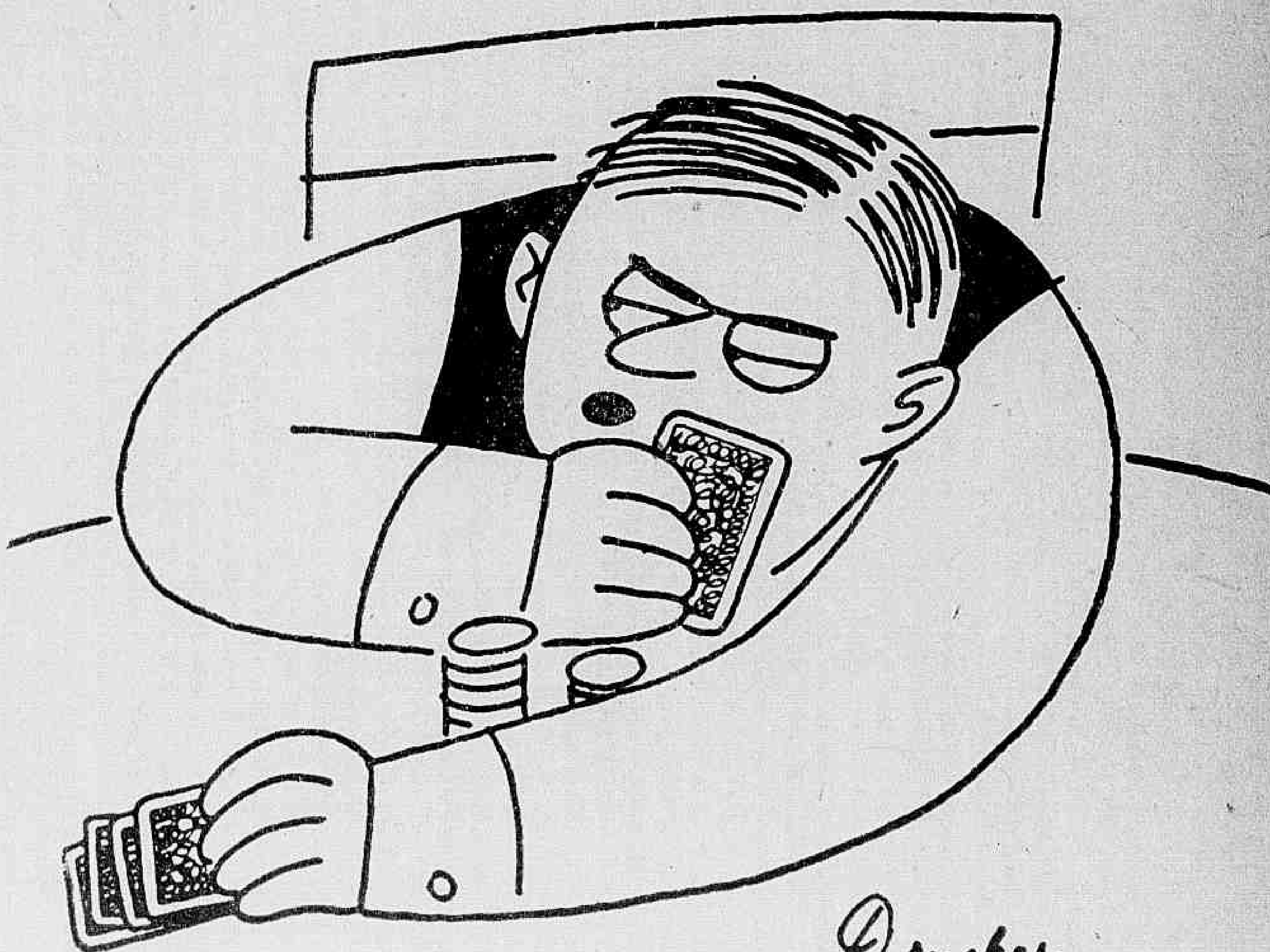
"Henrique olhava-os assombrado.

"D. Miguel, mexendo no ouro, prosseguiu, dirigindo-se ao meu amigo:

"— Não se ganha tanto, cinzelando espadas em casa de mestre Cuenca, não é verdade?... Não se zangue... Não queremos saber por que motivo o brilhante cavalheiro Lagardère exerce êsse ofício que estraga as mãos e cansa o peito... Vimos aqui apenas para lhe revelar um segrêdo de família e portanto propor-lhe um bom negócio.

"— Sou todo ouvidos — disse Henrique.

"— O meu sobrinho, cavalheiro, é um tanto covarde... é necessário dizê-lo... Galanteava uma jovem muito bonita e, embora não seja estúpido e possua uma fortuna razoável, a dama preferiu outro... Pode imaginar o resto... O meu sobrinho não se conformou com a sua desgraça e insistia em pretender o amor da sua adorada. Devido a essa insistência, recebeu, ontem à noite, um par de bofetadas do rival! Ora, essa injúria precisa lavar-se com sangue... Compreende o que desejo? O meu sobrinho considera-se incapaz de lavar a afronta que recai sôbre tôda a



— *Quero quatro cartas.*

família e eu sou demasiado velho para me meter nessas coisas. Entende-me, cavalheiro?...

"O rosto do meu amigo iluminou-se, enquanto os olhos contemplavam, absortos, o montão de ouro.

"— Julgo compreender e estou disposto a servi-los!

"— E' um digno cavalheiro! — exclamou D. Miguel.

"O sobrinho desenrugou as sobrancelhas e esfregou as mãos de contente.

"— Já sabia que acabaríamos por nos entender — prosseguiu D. Miguel. — O maroto que nos colocou nestes apuros chama-se D. Ramiro Nuñez Tonadilla... é baixo, gordo... usa barba...

"— Nada disso interessa... — interrompeu Henrique.

"— Mas é necessário saber... Precisamos evitar qualquer engano. O ano passado fui ao dentista, para me tirar um dente que me doía, mas apesar das minhas advertências êle tirou um que estava bom...

"A fronte do meu amigo ensombrou-se.

"— Uma vez que pagamos, queremos que nos sirva bem... Creio que é tudo quanto há de mais justo!... D. Ramiro tem o cabelo ruivo e usa sempre um chapéu cinzento com plumas pretas. Tôdas as noites, cêrca das sete horas, passa em frente da pousada *Os três mouros*...

"— Basta, cavalheiro! — exclamou Henrique — Só agora compreendo o que me pede... Supus tratar-se de dar umas lições de esgrima a seu sobrinho...

"E não lhes permitiu que dissessem uma só palavra mais, obrigou-os a guardar o seu dinheiro e despediu-os, dizendo:

"— Negócios dessa espécie, nunca os fará o cavalheiro Lagardère!

"Naquela noite ceamos pão sêco.

"Eu era então demasiadamente criança para atingir bem o significado daquela cena, no entanto, comoveu-me profundamente. Quanto ao nome de Lagardère, a minha idade também não me permitia compreender a estranha auréola de que estava rodeado, e só agora explico a mim própria o espanto dos meus raptores quando êle os atacou pronunciando o seu nome.

"Mais tarde soube quem era Henrique de Lagardère e senti uma grande tristeza. A sua espada brincara com a vida dos homens e a sua vontade com o coração das mulheres... Êste fato encheu-me de tristeza; no entanto, poderia impedir-me de o amar?...

"Querida mãe: desconheço o mundo e ignoro, portanto, como serão as outras raparigas e o que fariam no meu lugar. Quanto a mim, mãe querida, amo ainda mais o meu amigo desde que sei quem êle é. Tenho sido um poderoso objetivo na sua vida. Como êle mudou desde que é meu pai adotivo!

"Talvez me acusem de orgulhosa, porém reconheço que, por minha causa, é bondoso, prudente e bom. Quando compreendi isto, a minha amizade, por êle, sofreu uma grande transformação.

"Os seus beijos paternais incendeiam-me o rosto e quando me encontro sózinha, choro.

"Mas... antecipo-me e estou a falar de assuntos que datam apenas de ontem...

"Em Pamplona, o meu amigo principiou a educar-me, muito embora quase não tivesse tempo para me ensinar, nem dinheiro para comprar livros, porque os seus ganhos mal chegavam para cobrir as nossas despesas imprescindíveis. Estava aprendendo o ofício de cinzelador.

"O homem que matava por uma palavra, por um olhar, sofria pacientemente as censuras do seu mestre... Tinha uma filha!... Quando voltava a casa com o produto do seu trabalho, sentia-se ditoso como um rei, porque eu lhe sorria.

"Outra que não fôsse minha mãe, também sorriria irônicamente ao ler isto: a si, porém, tenho a certeza de que há de fazê-la chorar. Lagardère possuía apenas um livro e êsse livro era um tratado de esgrima. Foi nêle que aprendi a ler.

"Os livros não representam nada, minha mãe! O professor é tudo! E a prova é que, se conheço a teoria da esgrima, sei também da bondade e dos dignos sentimentos que uma jovem deve possuir. Li-os no coração de Henrique, que, com uma paciência evangélica, me ensinou a decifrar o segrêdo da leitura... Sentada nos seus joelhos, ensinava-me o nome das letras e as minhas garotices, em lugar de o aborrecerem, faziam-no rir. Aquilo, para êle, em vez de representar trabalho, era alegria! Quando eu lia bem, beijava-me. Em seguida, ajoelhávamos ambos e ensinava-me a rezar as orações da noite.

"Digo-lhe que Henrique era uma mãe extremosíssima!... Vestia-me, lavava-me, penteava-me e, aos domingos, depois de tratar de tudo quanto lhe era possível, levava-me à missa, e dávamos um passeio.

"Certo dia surpreendi-o a querer passar um vestido... Oh! Não se ria, mãe!... Sim, o cavalheiro Lagardère, o homem terrível, era quem me cosia a roupa.

"Desta maneira, fui formando o meu coração e a minha inteligência, portanto, a minha vida pertence-lhe.

"Algumas vêzes, depois das nossas lições, interroguei-o acêrca da minha família, e, quando lhe falava em minha mãe, entristecia e dizia-me: "— Aurora, prometo que um dia hás de conhecê-la!

"Foi tudo quanto consegui que me dissesse.

"Mas essa promessa cumprir-se-á, tenho a certeza. Henrique nunca mentiu. além disso, o meu coração diz-me que êsse momento se aproxima.

"Como vou adorá-la, mãe muito querida!... Mas, quero continuar a contar tudo quanto se relaciona com a minha educação... Continuei recebendo as suas lições muito tempo depois de sair de Pamplona e de Navarra. Não tive outro professor senão êle. Mas a culpa não era sua. Quando o seu maravilhoso talento de artista se impôs e principiou a ganhar muito dinheiro, disse-me:

"— Quero que saibas tudo quanto deve saber uma senhora distinta... Em Madrid há colégios muito bons, onde podes ser educada como te compete.

"— Não quero mais nenhum professor!... — retorqui eu.

"— Mas eu já ensinei tudo quanto sabia, minha pobre Aurora — respondeu êle, sorrindo.

"— Pois nesse caso, não quero aprender mais nada!

XXII

A ciganinha

"Tornou-se necessário sairmos de Pamplona, onde principiamos a ser menos pobres. Henrique conseguira fazer umas pequenas economias que nos foram muito úteis. Creio que nessa época devia eu ter os meus dez anos.

"Uma noite, Henrique regressou inquieto e eu aumentei-lhe as preocupações dizendo-lhe que um homem, com o rosto oculto na capa, estivera todo o dia rondando a porta de nossa casa. Henrique não quis jantar. Vestiu-se e cingiu as armas, como se se dispusesse a empreender uma grande viagem. Vestiu-me o meu melhor vestidinho e, quando concluíu a minha *toilette*, saíu por alguns momentos. Eu não estava sossegada, pois havia já muito tempo que não o via tão excitado. Quando regressou, fêz um pequeno embrulho das nossas coisas mais necessárias, e disse-me:

"— Aurora, vamos partir!

"— Por muito tempo? — perguntei.

"— Para sempre!...

"— Como? Então deixamos aqui abandonados os nossos móveis?... — repliquei, olhando tristemente para o mobiliário.

"— Sim... Tudo quanto aqui se encontra será para um pobre homem que habita nesta mesma rua... Quando lhe comuniquei as minhas intenções, ficou radiante... O mundo é assim!

"— Mas, para onde vamos, querido amigo?

"— Só Deus o sabe! — respondeu, procurando ser alegre — Vamos, Aurora, é tempo de sairmos daqui!

"E agora, minha mãe, preciso dizer-lhe uma coisa terrível, mas a minha pena hesita... não quero, porém, ocultar-lhe seja o que fôr...

"Quando chegamos à rua, vi um objeto estranho, caído à beira do passeio. Henrique quis ocultá-lo com o corpo, mas não o conseguiu. Como êle ia muito carregado, consegui ver o que era. Ao compreender a minha intenção, chamou-me; era tarde!... Por baixo duma capa que levantei devagarinho, descobri um corpo humano e no rosto do cadáver reconheci a misteriosa sentinela que todo o dia passeara sob as nossas janelas. Compreendi, então, tudo quanto se passara e o horror fêz-me desmaiar.

"Mais uma vez, Henrique arriscara, por mim, a sua vida!...

"Quando despertei, já noite, encontrei-me num quarto muito mais pobre do que aquêle que deixáramos. Estava sòzinha — ou pelo menos assim o julgava — deitada numa cama de madeira, com cortinas encarnadas. A luz do luar penetrava por uma varanda que havia em frente do meu leito. A brisa da noite agitava os ramos das árvores.



— Êles costumavam viajar no mesmo ônibus, todos os dias, até que acabou ocorrendo êste "desastre"...

"No aposento do rés-do-chão ouvia-se o som confuso de vozes...

"A certa altura, chamei por Henrique. Ninguém me respondeu, porém uma sombra deslizou até à minha cama. Era êle! Fêz-me sinal para me calar e, colocando os lábios junto do meu ouvido, disse muito baixinho:

"— Descobriram a nossa pista e perseguem-nos!... Estão lá em baixo!

"— Mas quem?

"— Os companheiros daquele que viste no chão, junto à porta de nossa casa.

"O cadáver!... Estremeci dos pés à cabeça e pouco faltou para perder os sentidos novamente. Henrique beijou-me e continuou:

"— Já estiveram tentando abrir esta porta, mas como eu a trancara por dentro, foram procurar uma alavanca para a arrombar! Não tardam a voltar!

"— Mas... que lhes fêz, querido amigo, para êles o perseguirem desta maneira?

"— Roubei a prêsa, que êsses lôbos estavam prestes a devorar!

"A sua prêsa!... Era eu? Não podiam haver dúvidas!... Sim, era eu afinal, a causa do seu infortúnio e de tôdas as perseguições!... Num momento, compreendi tudo. Aquêle homem tão bom, tão nobre e tão digno, ocultava-se como um criminoso, por minha causa!... Por quê?

"— Pai!... Querido pai!... Deixe-me ficar e fuja, suplico-lhe! — exclamei chorando.

"Henrique, colocando-me a mão na bôca, retorquiu:

"— Cala-te, minha louquinha! Se me matarem, sou obrigado a deixar-te, mas, por enquanto, ainda estou vivo!... Levanta-te, sim?

"Fiz um esfôrço tremendo para lhe obedecer, porque me sentia muito fraca.

"Soube então que Henrique fôra obrigado a levar-me nos braços, durante muito tempo, tendo chegado àquela casa, exausto pelo cansaço. Entrou, pediu que nos dessem qualquer coisa para comer e um quarto para descansar.

"Os donos eram uns caseiros e, segundo parecia, boas pessoas. Deram-nos o quarto onde nos encontrávamos — situado no primeiro andar — e o meu amigo ia deitar-se no catre existente no mesmo aposento, quando ouviu o galope de cavalos, que se detiveram à entrada. Em vez de se deitar, Henrique abriu a porta de mansinho e aproximou-se do patamar.

"Lá em baixo, conversavam. O meu amigo pôde ouvir o dono da casa dizer:

"— Sou fidalgo; não costumo atentar contra os meus hóspedes!

"Logo em seguida, porém, Henrique ouviu o som que produz uma bôlsa cheia de ouro, ao cair em cima de uma mesa. Uma voz, conhecida do meu amigo, respondeu ao estalajadeiro:

"— Toma e cala-te!... O assunto liquida-se com facilidade, sem ruído, nem escândalo!

"Henrique voltou à pressa para o quarto e fechou a porta o melhor que pôde. Em seguida, precipitou-se em direção da varanda a ver se podia fugir por ali. As copas dos grandes álamos estavam ao alcance da mão! Ao longe, via-se um extenso prado e um rio, cujas águas a luz da luz prateava.

"— Estás muito pálida, Aurora, — disse, quando me levantei. — Costumas ser corajosa e podes ajudar-me!... Ânimo, minha filha!

"— Oh! Sim! — retorqui, alegremente — Quero ajudar-te...

"Levou-me à varanda e perguntou-me:

"— Serás capaz de descer por esta árvore até ao chão...

"— Sim... se prometeres ir reunir-te a mim, logo em seguida.

"— Prometo... Agora, ou nunca, minha querida Aurora! — acrescentou em voz baixa, tomando-me nos braços.

"E Henrique depôs-me num dos ramos, precisamente quando se ouviam, de novo, passos na escada.

"— Logo que chegues lá em baixo — disse-me — atiras uma pedra para aqui. Será o sinal!... Depois, corras em direção à margem do rio e esperes por mim.

"Quando ouvi o barulho que já faziam ao tentar forçar a porta, quis ficar para ver, mas Henrique, impaciente, disse-me:

"— Desce!... Vamos, depressa!...

"Obedeci. Ao chegar ao solo, atirei a pedra. Então, ouviu-se um ruído formidável. Devia ser a porta que caía, feita em pedaços. As minhas pernas pareceram de chumbo. Petrificada, fiquei no mesmo lugar. Ressoaram dois tiros...

"Henrique surgiu na varanda e dando um salto veio cair a meu lado.

"— Desgraçada! — exclamou, ao verme — Já te julgava fora de perigo!... Agora aquêles bandidos vão fazer fogo!

"Tomando-me nos braços, principiou a correr. Da varanda, vieram vários tiros e de súbito notei que o meu amigo estremecera violentamente.

" —Está ferido? — perguntei, com ansiedade.

"Encontravamo-nos no meio do campo. Henrique deteve-se e, voltando-se para os bandidos que carregavam as armas de novo, gritou-lhes duas vêzes:

"— Lagardère!... Lagardère!...

"Em seguida transpôs um valado e assim ganhamos a margem do rio.

(*Continua no próximo número*)



A MADALENA DOLORIDA — Quintino Massys (1460-1530)
Berlim, Museu Imperador Frederico.

Quintino Massys se coloca nos confins de duas épocas artísticas. A sua arte ainda está prêsa à dos grandes mestres da pintura da primeira metade do século XV, como, por exemplo, do holandês Dierick Bouts e, mais ainda, do seu compatriota, Ruggiero van der Weyden. Mas já pertencia a um tempo no qual haviam surgido novas idéias, e não podia livrar-se de seguir a tradição. Contemporâneo e amigo de Erasmo de Rotterdão, não se apegava à arte estritamente provincial. A aura do cosmopolitismo que nascia nas cidades dos Países Baixos, na sua parte meridional e especialmente no grande empório de Antuérpia, onde vivia Massys, necessàriamente deveria abrir-lhe a mente para uma mais livre e elevada concepção da vida e da arte. Muitos estudiosos argumentam que Massys havia estudado a arte italiana na Itália e que essa foi a razão da sua evolução. De fato, após o século XV, e por todo o XVI, o italianismo conseguiu firmar-se fortemente na Europa setentrional. Apesar disso, a convivência com outros artistas, seus compatriotas, manteve intata a sua personalidade, ao passo que a arte italiana, a não ser alguma coisa acessória e de motivo arquitetônico, podemos dizer que marcou a sua evolução de forma mais agradável, especialmente no retratar a beleza feminina, dando-lhe colorido mais delicado e mais rico; disso é belíssimo exemplo êsse pequeno quadro (32x24 cm) de Berlim, pertencente à maturidade do artista. Por êle se tem igualmente um indício da transformação que naquela época sofrera na paisagem; Massys já sabe tratar a atmosfera com vaporosa ligeireza. E' evidente que êsse pequeno quadro é um fragmento de uma Confissão ou de uma Piedade. No mesmo museu há, do mesmo Massys, uma Madona com o Menino, que, pela intimidade e profundidade do assunto, pela beleza da forma, o esplendor do colorido não é inferior ao presente. — C. Koetschau.

OS MARIDOS NUNCA DÃO OUVIDOS

Por **KEN DRAFT**

«TENHO um problema — escreveu uma senhora para o "consultório médico" de uma revista de Pennsylvania. — Meu marido parece não ouvir o que falo, até mesmo quando o jantar está na mesa. Não desejo provocar discussões... Que posso fazer, para que êle me dê mais atenção?

Prezada senhora. Existem vários meios interessantes, ao seu alcance:

1) Desistir do jantar.

2) Amarrar-lhe um fio de comunicações.

3) Puxar uma cadeira e sentar, tomando parte na aula que acabo de iniciar, intitulada: "Como fazer o tolo do meu marido se arrepender de não haver prestado atenção".

CASO N. 1 — Madame está preparando um jantar, com o qual recepcionará pessoas das relações do casal. Na manhã do notável acontecimento, deve dirigir-se ao seu marido, e imprensá-lo contra a parede, dizendo:

— Na volta, não esqueça de parar na casa da Dorinha, trazendo a cadeira que nos falta, a fim de completar o número exato de assentos, para os convidados de hoje.

Quando êle voltar ao lar, *sem a cadeira* (como fatalmente deverá acontecer), não é necessário argüi-lo com animosidade:

— E a cadeira, seu palerma?

Será bastante, apenas, que Madame diga o seguinte (olhando friamente para as mãos vazias do marido):

— Pelo que vejo, você esqueceu de trazer a cadeira. Bem; não faz mal. *Nós* daremos um jeito!

Uma vez à mesa, cada pessoa terá o seu lugar, prèviamente designado, com exceção, é claro, do marido. E Madame olhará suavemente para êle, comentando, com um sorriso:

— Já que você esqueceu a cadeira que eu lhe destinava, querido, teremos que utilizar qualquer outra coisa... Que tal o banquinho da cozinha?

Êle poderá ficar aborrecido e mesmo extremamente zangado; mas não terá o topete de discutir em público, sabendo que será taxado de incompetente, distraído, etc. Como não cabe no banquinho da cozinha, muito baixo para a mesa da sala de jantar, resolverá utilizar os catálogos telefônicos, a fim de completar a altura ideal do banco. Isto ainda não sendo suficiente, irá recolhendo tôdas as revistas que encontrar à mão, fazendo uma verdadeira pilha, sôbre o banquinho. A menos que prefira jantar, sentado simplesmente no banco, arriscando-se a fraturar o queixo quando estiver mastigando, dada a evidente possibilidade de chocá-lo contra o bordo da mesa.

Não restam dúvidas de que, na vez seguinte, quando Madame pedir que seu espôso traga uma cadeira emprestada, da casa de Dorinha, êle será capaz de trazer até três...

CASO N. 2 — Trabalho cotidiano de limpeza do lar: — "Amorzinho, coloque estas miudezas no armário de coisas velhas". Êste é um dos pedidos a que poucos maridos satisfazem. Ou ainda: — "Ponha os restos de comida no depósito de lixo".

Recomendo, aqui, o método do "tendo pensado".

— Tenho pensado em que devemos deixar de desperdiçar as sobras de comida! — dirá a *cara-metade*. — Elas constituem ótimos adubos para o jardim.

Em seguida, apresentará ao desinteressado marido um livro, no qual se lê: "Cave um enorme buraco, com um metro e oitenta de largura, três metros de comprimento, e meio metro de profundidade..."

Tenham, porém, muito cuidado! Um homem que se ocupa de jogar as migalhas de comida no depósito de lixo ou na cova do canteiro, pode ser capaz de atos incompreensíveis.

CASO N. 3 — Os maridos revelam estar sofrendo de um avançado estado de retardamento de audição, quando as espôsas começam a pedir que comprem alguma coisa nova para completar a decoração interna da casa. Por exemplo: como todos sabem, "é perigoso" dormir numa cama cujo estilo já caiu de moda. As donas de casa devem utilizar, assim, o plano por mim estabelecido, semelhante ao processo utilizado no caso anterior.



"— Bem feito! Que lhe sirva de lição, por não me ter dado ouvidos!"

— Querido, esta cama velha está caindo aos pedaços. Tenho comigo uma fôlha, que retirei de uma revista, mostrando como se deve consertar camas que se encontrem neste estado. Aqui diz: "Substitua os velhos encaixes, colocando outros, presos por cavilhas; mude as fôlhas empenadas, e ajuste os cantos da cama". A nossa também está necessitando de um novo envernizamento. Se você demorar mais um dia, fazendo êsse consêrto, teremos que dormir no chão...

Tão logo a diligente espôsa tenha terminado êste pequenino discurso, um olhar de indignação se fará notar no marido, embora êle finja não ter ouvido. Em seguida, Madame poderá informar-lhe que, no mês passado, viu, numa casa de móveis, um leito de casal, de aparência magnífica.

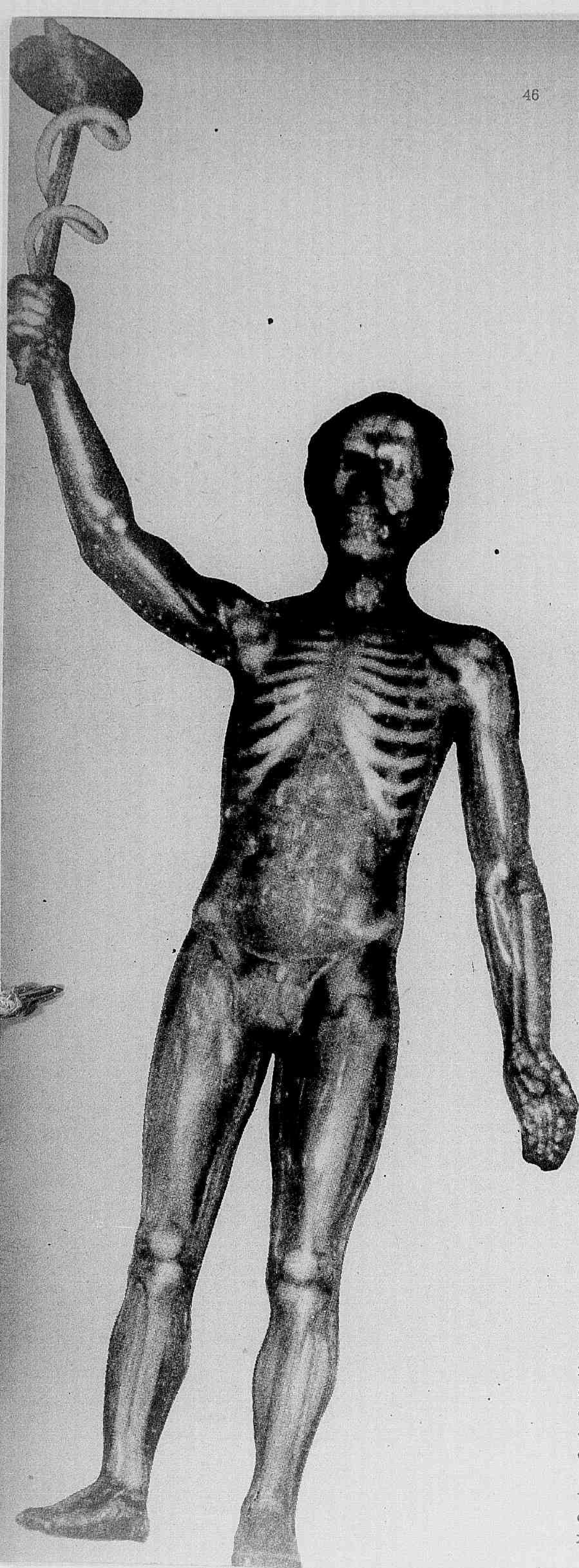
E' provável que, nesse mesmo dia, a nova mobília já esteja em casa...

Um momento, por favor! Acabo de receber um bilhete, de uma jovem espôsa, presente à nossa aula. Vejamos o que diz a nota:

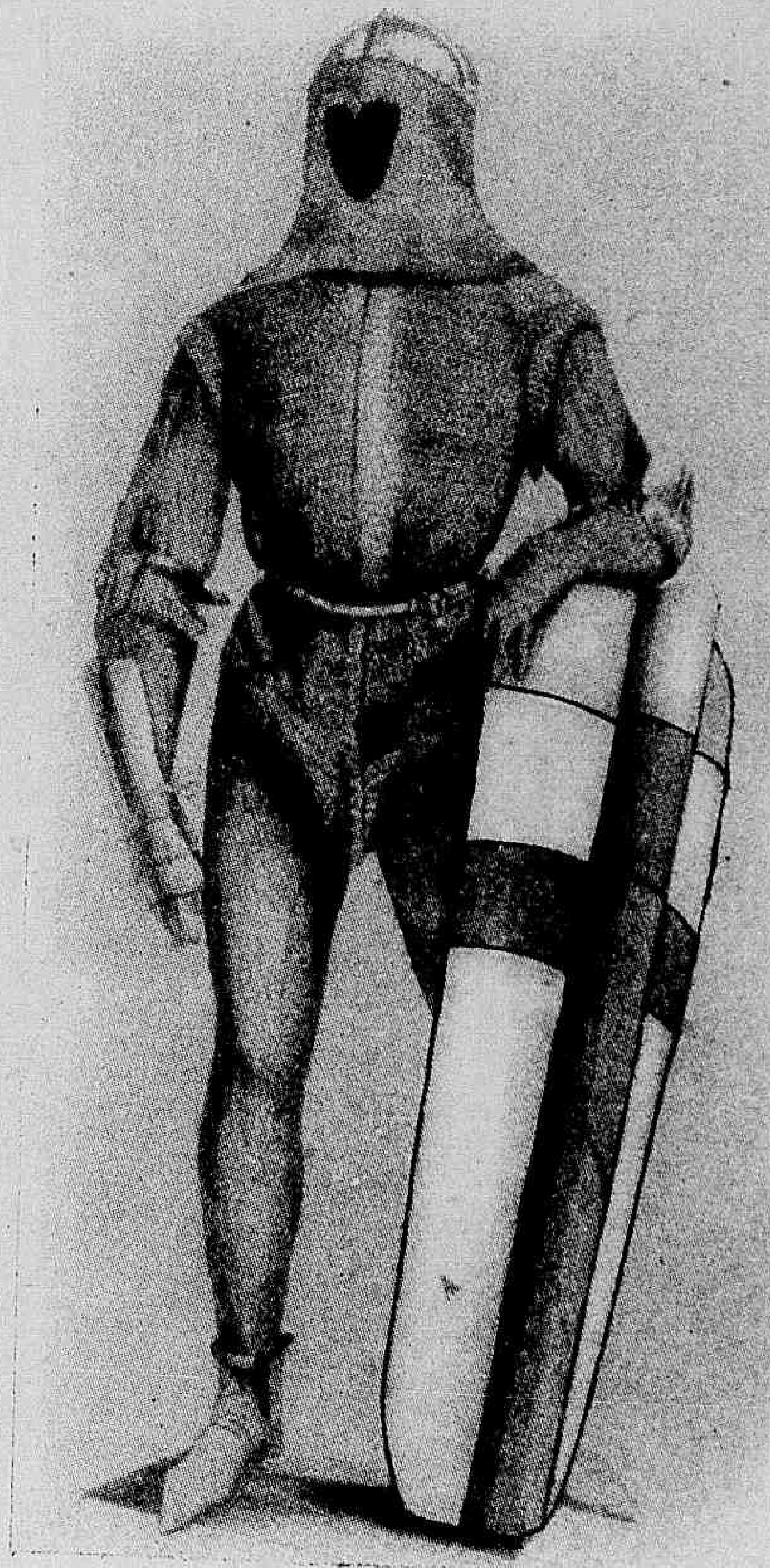
"— Mas... E se êle *consertar* a cama velha?"

Ora, ora, minha cara senhora! Não terá entrado na sala errada? A aula para *principiantes* é dada na sala do andar térreo. Nenhuma das donas de casa aqui presentes perderia tempo em fazer uma pergunta *tão ingênua!*

QUE SOMOS?



EM princípios do ano passado, certa mulher de Chicago, Estados Unidos, foi internada num hospital, com o corpo completamente congelado. A infeliz permanecera deitada, numa rua daquela cidade, durante tôda a noite, enquanto o termômetro baixava a apenas seis graus centígrados.



Um cavalheiro vestido de ferro (Idade Média)

A temperatura do seu corpo descera a 35,5°C, ou seja, 1,9°C, abaixo do normal e 4,5°C abaixo do ponto considerado fatal nos sêres humanos; no entanto, a mulher continuava a viver! Levada para o hospital, apesar de haver perdido as pernas e todos os dedos, com exceção do polegar esquerdo, ela conseguiu sobreviver!

Êste fato constitui uma prova cabal do vigor e da resistência de que está dotado o corpo humano. Portanto, leitor, na próxima vez em que se resfriar, pense muito

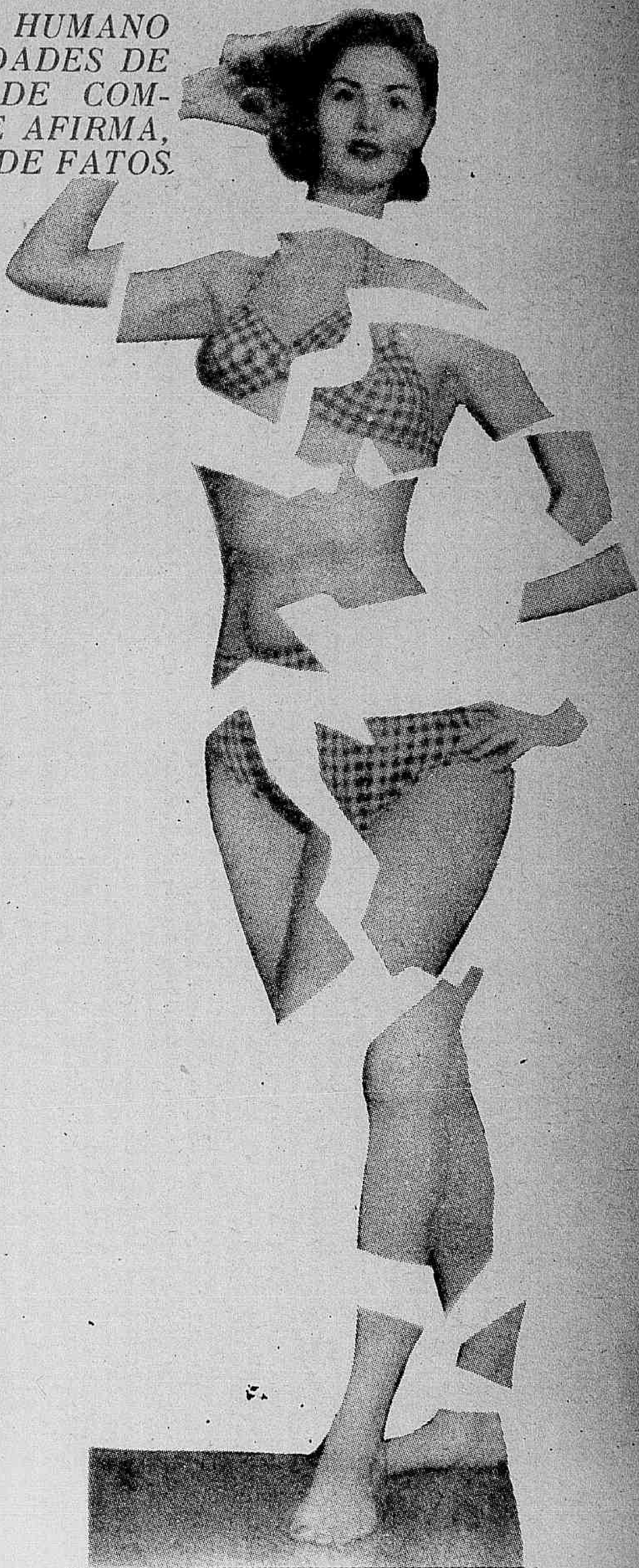
RESISTENTES OU FRÁGEIS

Por LEONARD A. PARIS

O AUTOR AFIRMA QUE O CORPO HUMANO E' DOTADO DAS MESMAS QUALIDADES DE RESISTÊNCIA DE UM CARRO DE COMBATE. E, PARA REFORÇAR O QUE AFIRMA, EXPÕE UMA SÉRIE ASSOMBROSA DE FATOS.



Um moderno combatente couraçado (Fuzileiro naval norte-americano)



Em geral, acreditamos ser muito frágeis, mas, de fato, temos quase a mesma resistência de um moderno "carro de combate".

no assunto. Nossa constituição física é, de algum modo, semelhante à de um carro de combate. Podemos refazer-nos ràpidamente de moléstias e acidentes, com um vigor e um brio verdadeiramente excepcionais.

Não há como negar que, algumas vêzes, necessitamos de auxílio; mas, por outro lado, mesmo sem o auxílio de que necessitamos, somos capazes de sobreviver, em certas ocasiões. Em suma, é difícil abater um dos representantes da espécie humana. Assim como êsse incrível caso ocorrido em Chicago, são inúmeros os fatos se-

melhantes, reportados nos assentamentos médicos.

A publicação especializada da Associação Médica Americana relata um caso de sobrevivência, após o indivíduo haver suportado uma temperatura superior a quarenta e dois graus.

Os médicos nazistas, que realizaram pavorosas experiências, no campo de prisioneiros de Buchenwald, registraram um caso de recuperação, após a temperatura do corpo do indivíduo ter sido mantida em 34°C durante trinta minutos!

Reportando-nos, agora, ao tempo em que o único meio de transporte era o cavalo, citemos o caso de Elizabeth Woodcock, que retornava a casa, quando foi colhida por uma tempestade de neve, no meio do caminho. Resolveu desmontar, para guiar o animal, mas êste escapou de suas mãos, fugindo. Elizabeth ficou perdida em meio à violenta tempestade e, cega e exausta, sucumbiu finalmente, permanecendo caída num banco de neve durante oito dias! No entanto, apesar de tôdas as privações que sofreu nesse período, conseguiu sobreviver, perdendo apenas alguns dedos.



Talvez para experimentar se suportam, os homens trocam

RESISTIU A UMA TEMPERATURA DE 82°C — Os casos de temperaturas anormalmente altas são igualmente capazes de deixar-nos pasmados. Há, por exemplo, o fato ocorrido com a paciente de um hospital, em Dublin, na Irlanda. Sofrendo de histeria, a mulher forçou o registrador gráfico de febre a ultrapassar a linha divisória do papel, tal o estado febril em que se encontrava. Foi necessário construir-se um termômetro especial para a paciente, e êste indicou uma temperatura de 54,8°C, que era quase dezoito graus acima da temperatura normal. E, apesar disso, a paciente conseguiu resistir e sobreviver!

O record, porém, pertence a um cidadão de Nova York que, após ser gravemente ferido, num acidente, teve a temperatura elevada para o absurdo de 72°C! Possìvelmente, o fato de ser um bombeiro auxiliou sua recuperação, impedindo que o desgraçado sucumbisse.

A capacidade do corpo humano, em resistir à febre e ao frio, em índices considerados mortais, é uma evidente demonstração das qualidades de resistência de que está dotado. Durante a última Grande Guerra, ocorreram inúmeras demonstrações da "endurance" da nossa natureza. Um dos casos mais espantosos foi o ocorrido com Robert Tapscott e Wilbert Widdicombe.

Êsses dois marinheiros britânicos ficaram vogando no mar, juntamente com outros cinco companheiros, quando seu navio de carga, o **Anglo-Saxon**, naufragou, em 1940. Êles permaneceram no meio do oceano durante 70 dias, navegando 2 500 milhas num bote de 5 metros de comprimento. 56 dias após o naufrágio, a ração de água se esgotou; 6 dias antes, a reserva de mantimentos terminara. Os outros cinco homens sucumbiram, mas Tapscott e Widdicombe resistiram a tôdas as provações por que passaram e, 70 dias depois do naufrágio, aportavam às Ilhas Bahamas. Algum tempo depois, ambos estavam completamente refeitos.

É interessante a questão referente ao espaço de tempo que um ser humano pode viver sem comer.

Há um quarto de século, um grupo de cientistas do "Laboratório de Nutrição", da "Instituição Carnegie", de Washington, decidiu fazer uma observação científica em tôrno do assunto. O paciente que se submeteu à cruenta experiência permaneceu 31 dias sem comer ou beber qualquer coisa, a não ser água distilada. Após êsse longo período, êle ainda estava suficientemente forte para subir um lance de 8 degraus, sem necessidade de amparo!

No ano de 1950, um alemão chamado Willy Schmitz se submeteu a uma experiência semelhante, ficando encerrado num compartimento de vidro, no "zoo" de Frankfort. Por 58 dias, o homem ingeriu apenas soda e fumou cigarros. Quando foi libertado de sua cela, solicitou lhe concedessem o record de jejum em todo o mundo. Nesses 58 dias, Willy perdeu mais de 31 quilos!

O CASO DO CHEFE DE TRABALHADORES DE ESTRADA DE FERRO — A reivindicação de Willy Schmitz permanece incontestada, pelo menos oficialmente. No entanto, vários outros relató-



golpes terríveis. O homem é o único animal que luta violentamente, mesmo sem ódio. Por "prazer"...

rios médicos citam casos igualmente espantosos e, dentre êles, destaca-se o de um velho maníaco, de 62 anos, que recusou alimento durante quatro meses, sem sucumbir. Há, também, o caso de uma inglêsa que, durante dois anos, viveu de ópio, gin e água.

Não são sòmente as privações físicas e alimentares que o corpo humano pode suportar. Mas pode também resistir a doenças "incuráveis".

Dez anos atrás, certa mulher de Nova York foi levada ao hospital, para ser operada de câncer. No entanto, o tecido de seu fígado estava também afetado pelo terrível mal, e em tal estado que já era considerado inoperável. Há menos de um ano, a mesma cidadã voltou ao hospital, para ser submetida a uma outra espécie de operação. Quando os médicos a examinaram, nesta segunda vez, não encontraram o menor vestígio de câncer. A mulher conseguira obter uma cura "espontânea" e, assim, ficou mais uma vez provado que o corpo humano é capaz de coisas realmente maravilhosas.

Um dos casos mais notáveis de recuperação foi o que ficou conhecido pelo nome de "Caso da Alavanca", ocorrido nos Estados Unidos.

Em 1847, o chefe de uma turma de trabalhadores' da estrada de ferro, chamado Phineas P. Gage, estava a encher uma cavidade com pólvora, pronto a provocar uma explosão. Alguma coisa, infelizmente, provocou a explosão da pólvora antes do tempo calculado, e a deslocação de ar fêz uma barra de ferro, semelhante a uma alavanca, com cêrca de um metro, trespassar a sua cabeça. A barra penetrou na face esquerda de Gage, sob o ôlho, e veio sair no tôpo do crânio. Por incrível que seja, o homem nem ao menos desmaiou.

Imediatamente, levaram-no para um hotel, a um quilômetro de distância, onde o corajoso indivíduo ainda teve fôrças para galgar uma escada, penetrando, assim, no consultório de um médico. Às dez da noite, Gage ainda estava conciente. Mais tarde, foi acometido de febre, delirando por algum tempo e, posteriormente, conseguiu recuperar-se e, com exceção da perda da vista esquerda, tornou a ser fìsicamente normal.

Merece ser citado, também, o caso de um inglês que disparou um tiro numa das têmporas, com uma pistola calibre 38. O homem não sòmente sobreviveu, como também, com êsse tiro, curou-se do desequilíbrio nervoso que lhe dera fama de louco. Sua espôsa, porém, afirma, ainda hoje, que êle é "tão mal humorado, ranzinza e difícil de tratar como o era antes de tentar o suicídio".

Um dos órgãos vitais que podem, algumas vêzes, ser afetados e continuar em suas funções

normais, é o miocárdio. Há um fato muito interessante, ocorrido com um veterano fuzileiro norte-americano, de 25 anos, que trabalhava diàriamente, levando uma vida absolutamente normal, **com uma bala alojada naquele órgão!**

O fuzileiro tinha sido ferido em Okinawa, e passou 10 meses em diversos hospitais da Marinha. Ficou constatado que, se fôsse tentada uma operação, o homem poderia sucumbir; assim, ficou resolvido que êle podia voltar à vida civil, e às suas ocupações normais de antes da guerra, apesar de continuar com o projétil alojado no miocárdio!

"VOLTA À VIDA" — Com um pouco de sorte, êsse ex-fuzileiro poderá continuar a viver por mais algumas dezenas de anos. Outros relatórios médicos nos falam de, pelo menos, um caso semelhante. Êste também se refere a um soldado que foi ferido da mesma forma e que se recuperou, morrendo vinte anos depois, com a bala ainda alojada na parede do miocárdio.

Mesmo quando êsse órgão deixa de funcionar, por alguns momentos, a vida não se extingue. Os cirurgiões aprenderam a efetuar massagens no miocárdio e a auxiliar o corpo humano na recuperação das funções normais dêsse órgão. Os casos dêsses "retornos" à vida têm sido muito freqüentes, nos últimos anos.

Talvez um dos mais dramáticos, seja o referente a uma jovem paciente, de 23 anos de idade, que ingressou no "Hospital Americano", de Chicago, a fim de ser submetida a uma operação no apêndice. Sob a anestesia, o pulso começou a faltar. O cirurgião fêz uma incisão de emergência, e passou a efetuar massagens no miocárdio, fazendo-o retornar à sua função normal, após 19 minutos em que não parou essa prática. A mulher conseguiu recuperar-se, posteriormente, embora sempre se tenha acreditado que uma interrupção da circulação do sangue, no cérebro, superior a quatro e meio minutos, pode causar a paralisia, a cegueira, ou mesmo ter outra qualquer grave conseqüência.

Casos como êsse constituem prova cabal das qualidades de robustez e resistência do corpo humano. Mas é nos casos de acidente que mais se fazem notar tais qualidades.

Recentemente, um habitante de Paris obteve alta do hospital, após recuperar-se de queimaduras que cobriram 70 por cento da superfície do seu corpo. Até recentemente, tais queimaduras seriam consideradas fatais. No entanto, com os recursos de que está dotada a moderna medicina, na maioria dos casos idênticos a êsse, o paciente sobrevive.

Quase na mesma época em que ocorreu tal fato, os leitores de jornais dos Estados Unidos ficaram espantados com a história de um garôto de dois anos, que caíra de um décimo quinto andar e sobrevivera. A criança foi levada para um hospital, com uma das pernas quebradas, a clavícula luxada, e múltiplas lesões internas. No entanto, após o tempo necessário à recuperação do organismo, o menino voltou ao seu estado de saúde anterior à queda. A juventude e uma excelente saúde muito o auxiliaram nessa recuperação.



Têm ocorrido casos, no entanto, de pessoas com o organismo depauperado e não totalmente são, mas que, mesmo assim, surpreendem pela resistência de que são dotadas. Temos, por exemplo, a história do assassinato do "Durável" Mike Malloy. Sendo um alcoólatra, Malloy atraíu a atenção de certos indivíduos, que freqüentavam uma "tendinha", na qual êle acabara de entrar. Trago após trago, o homem ia "enchendo a caveira" e, a cada novo copo, parecia que aquêle seria o último, tal o estado de vacilação e fraqueza que êle aparentava.

Os referidos indivíduos tiveram a idéia de efetuar um seguro de vida em nome de Malloy, sendo êles os beneficiários, encorajando-o a beber ainda mais, em seguida, até sucumbir. Assim fizeram, obtendo apólices que totalizavam mil e oitocentos dólares. Imediatamente, passaram a embebedá-lo cruelmente, com uísque ordinário. No entanto, Malloy apenas ficava ligeiramente bêbedo, por mais que bebesse.

Já impacientes, os perversos indivíduos alimentaram-no com ostras embebidas em álcool e com sardinhas acompanhadas de outra beberagem. Tudo o homem ingeria, pedindo ainda mais bebida.

O FIM DE MIKE MALLOY — Certa noite frígida, ainda não tendo desistido de seu criminoso intento, os homens embriagaram Malloy, levando-o em seguida para uma estrada deserta. Lá, jogaram o desgraçado do automóvel, semi-nu, fazendo-o mergulhar na água gelada. No dia seguinte, o alcoólatra apareceu, apenas ligeiramente resfriado.

Finalmente, já desesperados, os homens contrataram um motorista de "taxi" para atropelar Malloy. Quando isto foi feito, êles obrigaram o motorista a dar marcha-à-ré, passando por cima do corpo do pobre bêbedo. Malloy foi internado num hospital, com algumas costelas fraturadas. Ao fim de 10 dias estava na rua, todo animado.

Sem atinar mais com outro qualquer meio, os bárbaros criminosos resolveram envenenar o "Durável" Mike com gás e, mesmo assim, só conseguiram seu intento colocando um tubo na bôca do pobre homem e cobrindo-lhe o rosto com uma toalha.

Assim, conseguiram abater aquêle que resistira a tantas provas cruéis. Mas, a fim de receber o dinheiro, tiveram que subornar um médico sem escrúpulos, para que êste emitisse um falso atestado de óbito. E foi isto o que os perdeu. Presos e julgados, foram condenados à cadeira elétrica.

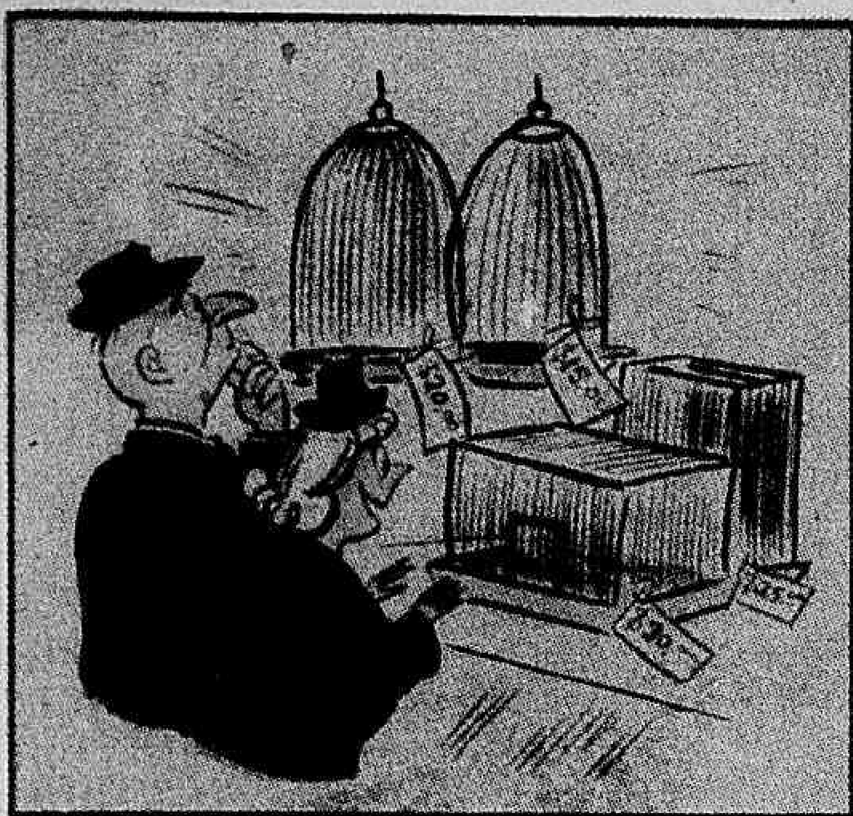
Apesar de morto, o "Durável" Mike Malloy vencia mais uma vez!

AS "DELÍCIAS" DO LAR



O CANÁRIO

Por ED NOFZIGER





Êsses "bichinhos" lindos só precisam de uma gaiolinha... um pouquinho de alpiste . . .





...um banho, de vez em quando... um pequeno exercício...





. . . e encherão a casa tôda com seu canto forte e interminável! A não ser que se prefira trocar por um casal de peixinhos dourados! . . .

COMÉRCIO INTERNACIONAL

Por PAUL STEINER

SE um homem procurar importar lâminas usadas da marca Gillette, para o Irã, terá que desistir, pois isso é contra os regulamentos postais daquêle país. Se um homem, na Grã-Bretanha, tem o súbito impulso de exportar água de colônia para a Bassutolândia, terá que desistir, também, pois isto é contra os regulamentos postais britânicos. Assim, de um modo ou de outro, inúmeras curiosas restrições são impostas nas relações internacionais dos serviços de correios. E, dentro do vasto número dessas restrições, é interessante destacar as que se seguem:

NÃO SERVEM COMO ALIMENTOS — Nenhum tipo de queijo ou de conservas pode ser remetido para o Líbano; nenhuma espécie de melaço ou de farinha, para a Turquia. Todo o giz remetido para o Egito, destinado aos estudantes, deve ter estampado no envoltório o têrmo: "Veneno", escrito em arábico e em outra língua.

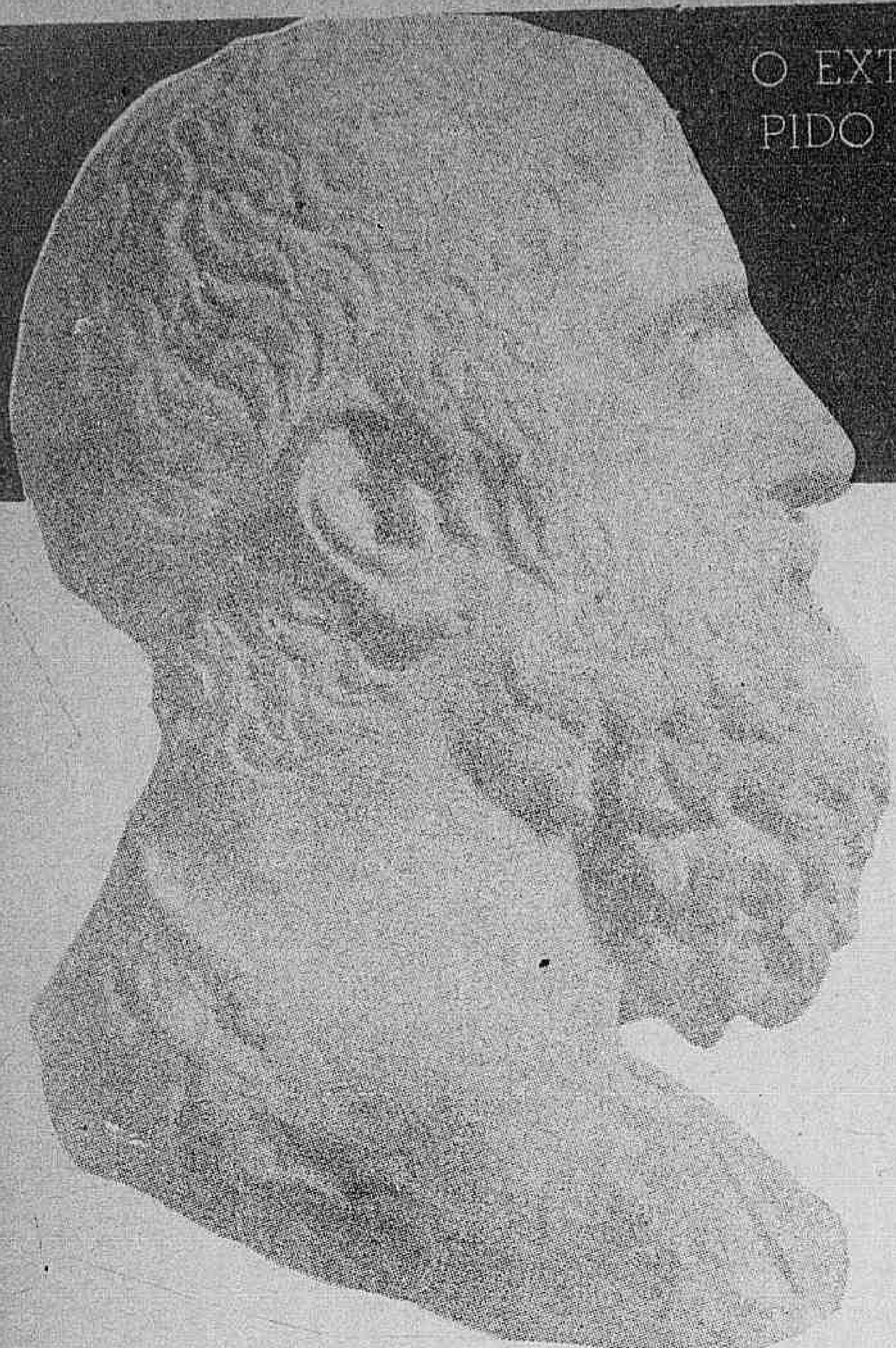
FLORA — Os olmos não podem ser remetidos dos Estados Unidos para a Irlanda, e o mesmo se dá com o feno e a palha ou qualquer artigo feito da mesma. Nenhum dos tipos de feijão mexicano (*sebastiana palmeri*, da família *euphorbiacea*) pode ser remetido para a Índia. Como fertilizantes, ou com outros propósitos, nenhum dos estercos de camelos, porcos e cabras pode ser enviado para o Líbano.

FAUNA — Burma proíbe a entrada de peles de animais e penas de aves, exceção feita das de avestruz, que podem ser importadas como espécimes naturais. As abelhas são proibidas nas cidades canadenses não dotadas de estações ferroviárias (!). A entrada de abelhas é também proibida na Bulgária, a menos que os invólucros que as contenham sejam dotados de pequenos furos. A Bulgária não aceita, igualmente, ovos de bicho da sêda, a não ser nos períodos compreendidos entre 1.º de agôsto a 1.º de setembro, e 1.º de fevereiro a 15 de março.

FERRAMENTAS E OUTROS INSTRUMENTOS — Facões não podem ser remetidos para a Costa do Ouro, o mesmo acontecendo com os uniformes, "a menos que sejam endereçados a pessoas devidamente autorizadas a utilizá-los". Também rêdes de pesca com malhas de diâmetro inferior a três centímetros não podem entrar na Bulgária. A Guatemala não admite o envio de esporões para briga de galos, nem apitos do tipo utilizado pelos policiais. Na Colômbia não é permitida a entrada de material para composições de bombas de gás lacrimogêneo. E, finalmente, na República Dominicana, é proibida a importação de adagas ou estiletes.

O EXTRAORDINARIO MATEMATICO QUE SAIU PIDO E GRITANDO A PALAVRA "EURECA!"

ARQUIMEDES



Um busto do grande gênio que foi Arquimedes.

Por BERNARD BROMAGE

★

DÊEM-ME um ponto de apoio, e serei capaz de mover a terra! — Esta é a frase atribuída a Arquimedes. *Nada* era muito pequeno ou muito grande para ficar acima ou abaixo do alcance de sua capacidade inventiva, desde um "brinquedo chinês" para crianças, até uma ilustração explicativa dos movimentos dos astros. Nada era difícil para êle. Era capaz de idealizar um sistema hidráulico, uma combinação de turbinas e cordas, ou um sistema de roldanas, com o qual, segundo os cronistas da época, êle pôde arrastar, certa vez, um dos maiores galeões reais, completamente equipado e carregado.

Quem era êsse homem, êsse sábio, que, sendo o maior orgulho de Siracusa, na paz, era o seu mais eficiente defensor, na guerra?

Arquimedes nasceu em Siracusa, em 287 A. C.; era filho de Fídias, um astrônomo, amigo íntimo do rei Hieron, daquela região, e do filho dêste soberano, Gelon. Durante a infância, o grande sábio viajou pelo Egito, como discípulo e companheiro de Conon, um celebre matemático e astrônomo. Na antiga e misteriosa terra dos faraós, Arquimedes se deu o trabalho de medir as pirâmides, procurando descobrir, também, os processos de sua construção.

Mais tarde, estudou em Alexandria (fundada por Alexandre o Grande e tornada um centro renovador do mundo, em literatura, ciência e filosofia). No afamado colégio, conhecido como "o Museu", sentou aos pés de Euclides, o grande geômetra, especulando com tôda a energia de sua mente independente, as teorias formuladas por seu mestre.

Arquimedes voltou ao lar com uma ampla reputação, mas não encontrava meios de demonstrar todo o seu imenso talento.

Não porque desejasse obter prêmios por suas concepções geniais, nem o menor interêsse em ser aclamado pelas multidões, preferindo, antes, a solidão e o silêncio.

Mas, a solidão que êle desejava era povoada pelas suas sucessivas invenções. No Egito, Arquimedes já havia desenhado um sistema de irrigação, cujo propósito era a drenagem de água para a irrigação dos campos. Arquimedes era, contudo, indiferente ao destino de tais descobertas e invenções, classificando-as como sendo "as diversões de um geômetra nas suas horas de folga".

ESTUDOS ABSTRATOS — Tôda a cidade de Siracusa passou a falar a respeito de sua excêntrica preocupação em tôrno dos *estudos abstratos*. Quando lhe ocorria uma idéia, Arquimedes esquecia tudo o mais (até mesmo o comer e o dormir), concentrando-se, de corpo e alma, no problema que tinha diante de si. Era capaz de desenhar figuras geométricas sôbre cinzas ou sôbre qualquer superfície arenosa. Quando, ao untar o próprio corpo com óleo, após o banho — de acôrdo com o costume da época — era, às vêzes, assaltado por uma inspiração, utilizava a própria pele como uma superfície experimental, onde jogava com números e traçava círculos, triângulos, etc.

Um dos que ouviram falar do famoso sábio foi o Rei Hieron, que devotava a

A CORRER PELAS RUAS DA CIDADE DE SIRACUSA COMPLETAMENTE DES
FOI TAMBÉM O INVENTOR DE MÁQUINAS CAPAZES DE DETER UM EXÉRCITO

e seus engenhos de guerra

existência às artes da paz, adornando sua capital com tudo que fôsse útil e belo. Decidiu, assim, empregar o gênio de Arquimedes na maior escala possível.

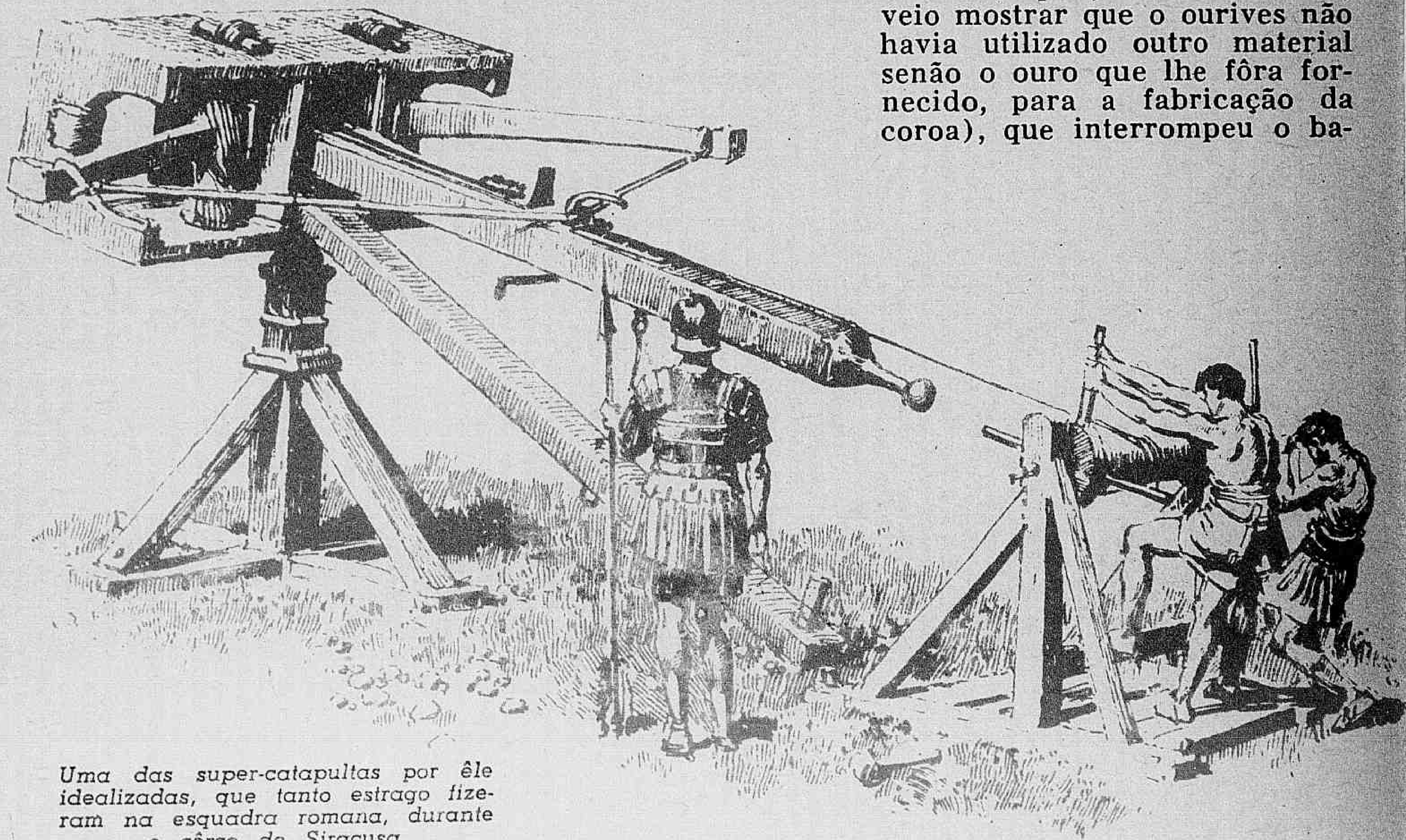
Havia o Rei Hieron, pouco tempo antes, mandado fazer uma coroa com uma certa quantidade de ouro. O ourives, a quem havia sido confiado o serviço, trouxe a coroa pronta, com o mesmo pêso da quantidade de ouro que lhe havia sido fornecida; mas, o rei suspeitou de que a coroa houvesse sido feita com uma liga de ouro e prata.

Encarregou então Arquimedes de verificar se a peça era mesmo apenas de ouro, ou se a prata também entrava em sua composição. O problema, naturalmente, era determinar o exato volume da coroa; porque o ouro, sendo muito mais pesado que a prata, se o seu pêso tivesse sido substituído, em qualquer quantidade, por esta última, o volume aumentaria.

UM GRANDE MOMENTO — Aconteceu que Arquimedes, certa manhã, foi ao banho, num banheiro público, enquanto o problema lhe atormentava o cérebro. Notou, casualmente, que a banheira estava cheia até a borda. Ocorreu-lhe então, instantâneamente, que uma quantidade de água do mesmo volume de seu próprio corpo teria que ser deslocada, antes de que o mesmo ficasse completamente submerso.

Atentamente, o sábio penetrou na banheira, observando a água que transbordava; isto sugeriu ao sábio que, colocando uma quantidade de ouro com o pêso exato da coroa, num vaso cheio d'água e, em seguida, comparando a quantidade de água deslocada, com a quantidade do líquido deslocado posteriormente, uma vez introduzida a coroa no vaso, a diferença em seus respectivos volumes, embora pequena, seria fàcilmente notada.

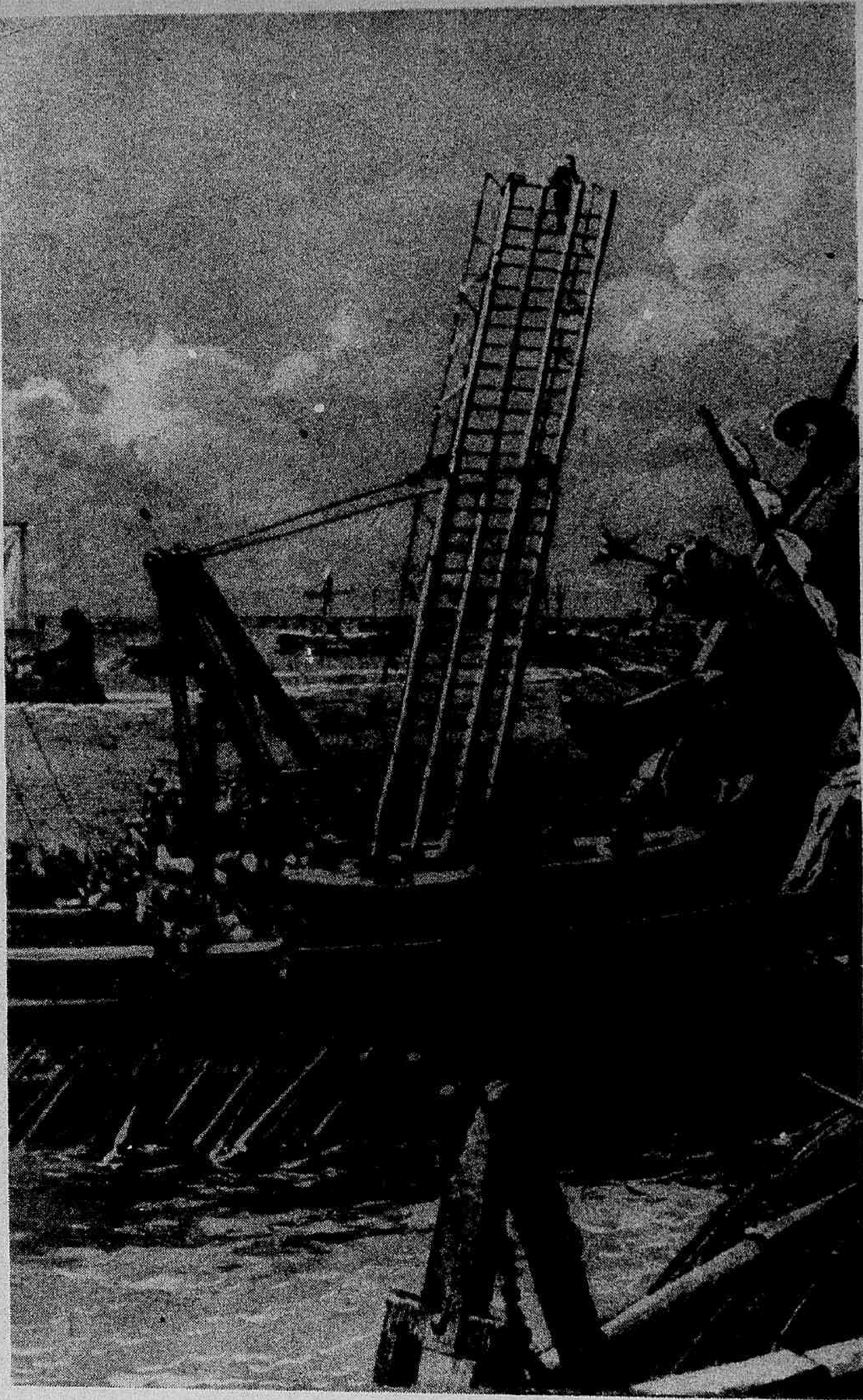
Êste foi um dos maiores momentos na vida de Arquimedes. Tão contente ficou com a descoberta (a qual, incidentalmente, veio mostrar que o ourives não havia utilizado outro material senão o ouro que lhe fôra fornecido, para a fabricação da coroa), que interrompeu o ba-



Uma das super-catapultas por êle idealizadas, que tanto estrago fizeram na esquadra romana, durante o cêrco de Siracusa.

Na defesa de Siracusa, Arquimedes empregou também aparelhos como guindastes, os quais, possuindo garras como das modernas escavadeiras, pegavam e suspendiam as embarcações romanas, afundando-as e desmoralizando os seus ocupantes.





nho e, esquecendo tôdas as regras do pudor, saíu a correr para a própria casa, completamente nu, enchendo o espaço com sua exclamação triunfante: "Eureka!"

Sob a instigação e a proteção do Rei Hieron, Arquimedes conseguiu outro de seus memoráveis triunfos, na construção de um navio de enormes dimensões, excedendo, em grande margem, tudo o que até então fôra construído. Com seus salões de banquete, suas galerias, cavalariças, locais para banhos, aquários, seu "Templo de Vênus", e os chãos decorados com cenas da *Ilíada*, de Homero, a embarcação deve ter sido, para a época, uma extraordinária cidade flutuante.

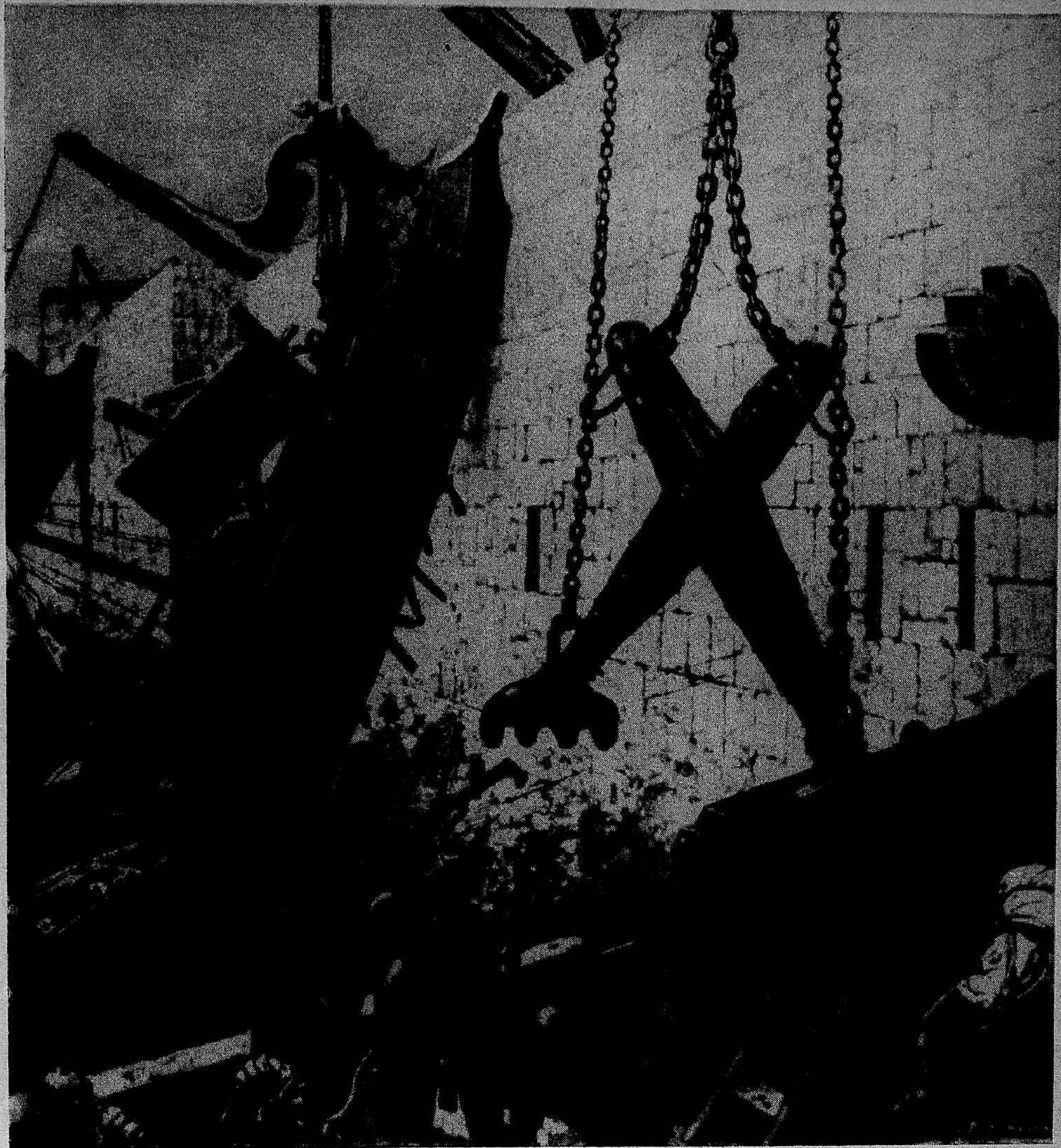
Essa monumental galera foi enviada a Ptolomeu, rei do Egito, como um presente, carregada de milho bastante para suprir as necessidades de uma séria penúria nacional.

VIDA TRANQUILA — Outra das invenções de Arquimedes foi uma esfera, construída de modo a imitar os movimentos do sol, da lua e dos planêtas. Cícero viu esta invenção, descrevendo-a depois como representando os períodos da lunação e os movimentos aparentes do sol, com tanta exatidão, que poderia até mesmo (após um curto período) mostrar os eclipses do sol e da lua. Êsse magnífico engenho era movido, segundo parece, hidràulicamente.

E, todo o tempo, a vida de Arquimedes continuou tão tranqüila como deve ser a de um grande matemático, se deseja executar tudo aquilo que lhe passa pela mente prodigiosa. Quando o sábio já era um velho de 74 anos, o rumo dos acontecimentos o levaram a participar da causa pública, como defensor de sua cidade natal, Siracusa. Aquelas peças mestras de matemática aplicada, com as quais lidara tão eficientemente, em sua longa vida, estavam, agora, destinadas a descobertas e invenções importantíssimas no campo das operações guerreiras.

Corria o ano 213 (A.C.) e a Segunda Guerra Púnica estava em desenvolvimento. Siracusa jazia, tentadoramente, diante da esquadra romana! Por que não sitiá-la? Foi o que fizeram os romanos.

PRONTO PARA O COMBATE CONTRA OS ROMANOS — Confiando em sua considerável reputação pessoal, e confiando, também, no preparo dos seus soldados, em vez de usar um pouco mais o cérebro, Marcelo, o chefe dos romanos, antecipava uma rápida conquista de Siracusa. O orgulho de sua armada era uma primitiva peça de artilharia, instalada numa alta plataforma, suportada por oito galés dispostas lado a lado. Diante de tão "formi-



dável" engenho de guerra, os desamparados cidadãos não teriam dúvida em ceder aos romanos o domínio de Siracusa.

Mas, prevendo um possível ataque à sua cidade, o Rei Hieron, logo após o início da guerra, encarregou Arquimedes de preparar um sistema defensivo para a metrópole.

Mais uma vez abandonando suas pesquisas matemáticas, para satisfazer aos rogos de seu amigo, Arquimedes preparou um eficiente sistema de defesa, a fim de "receber", convenientemente, os romanos. Assim, quando os navios de Marcelo apareceram diante da cidade, os engenhos de Arquimedes estavam já preparados para destruir a frota romana.

Marcelo, afoitamente, trouxe seus navios até o muro marítimo da Arcadina e arremessou uma chuva de pedras e flechas para quebrar o ânimo dos defensores, de modo que os mesmos se abrigassem, permitindo que os romanos encostassem as escadas aos muros, e, escalando-os, tomassem a cidadela de assalto. Essas escadas ficavam nas galeras, amarradas entre si, e eram empregadas como uma peça única, de ampla largura, permitindo que grande número de soldados por elas subissem, ao mesmo tempo. Quando os navios eram encostados aos muros, um sistema de cordas elevava essa enorme escada, fazendo-a *descansar* na prataforma superior dos muros.

Mas Arquimedes, com grande senso de previsão, havia dotado os defensores da cidadela com uma artilharia tão poderosa, que destruíu parte da esquadra romana, *antes* de que os navios dos assaltantes pudessem aproximar-se dos muros; não puderam, assim, os romanos, disparar as próprias armas. Quando se aproximaram, afinal, encontraram o muro salpicado por pequenas aberturas estratégicas: os soldados romanos eram abatidos com fatal pontaria pelos defensores da cidade, os quais ficavam, por sua vez, fora da vista do inimigo, que não podia arremessar suas flechas com perfeita segurança. (As mulheres de Siracusa contribuíram para a defesa da cidade, sacrificando seus compridos cabelos — como era costume na época — para a fabricação das cordas dos arcos!)

ARMAS ESTRANHAS — Os arremessos feitos por uma linha de super-catapultas (cada uma delas arremessando projéteis de mais de um quarto de tonelada de pêso!) prestavam seu poderoso auxílio na destruição da armada romana. E, se os atacantes teimavam em tentar escalar os muros, logo apareciam enormes guindastes, que, como as garras de uma moderna escavadeira, traziam enormes pedras ou imensos pedaços de chumbo, que eram lançados sôbre as escadas e os navios, destruindo-os e fazendo-os afundar.

Além destas, outras armas, também na forma de guindastes, eram arriadas do lado de fora das muralhas, e suas garras de ferro cravavam-se nas embarcações romanas. Isto feito, os navios eram levantados violentamente da água, como se fôssem de brinquedo. Uma vez elevados a certa altura, as garras de ferro se afrouxavam sùbitamente, deixando que os navios caíssem, com violência, dentro d'água, o que acarretava sérias avarias aos mesmos, redundando em seu afundamento, com a invasão da água.

Pouco demorou, para que o pânico se apossasse da destroçada esquadra de Marcelo. E, tão estupefatos e assustados ficaram os soldados romanos, que, vendo qualquer corrente, corda ou pedaço de madeira aparecer sôbre as muralhas, punham-se em fuga desordenada, afirmando que Arquimedes estava assestando outro de seus poderosos engenhos para destruí-los.

RETIRADA DESORDENADA DOS ATACANTES — As fôrças de terra de Ápio Cláudio também encontraram a mesma resistência organizada, e foram parcialmente destruídas pelos notáveis engenhos de Arquimedes.

Marcelo, a princípio, tentou impelir seus comandados a efetuar um combate contínuo, a fim de cansar os defensores da cidade, contando, para isso, com a fibra guerreira dos romanos. Sua estratégia resultou vã, decidindo, finalmente, que a habilidade levava a melhor sôbre o valor, resolveu retirar-se da luta, após cobrir seu recuo com as seguintes palavras, endereçadas aos seus comandados:

"Mas não abandonamos a luta contra êsse Briareus matemático, que, sàbiamente protegido, pôde destruir, metòdicamente, grande parte de nossa armada, atacando-nos com tamanha sucessão de terríveis engenhos, que chegou a exceder até mesmo o gigante de cem braços a que se refere a lenda.

Os atacantes não necessitavam de tamanha exortação. Nem sequer esperaram pela voz de comando, para bater em retirada. Com a maior rapidez que lhes foi possível, afastaram-se da cidadela, procurando ficar a salvo das armas destruidoras de Arquimedes. Marcelo, camuflando sua fragorosa derrota sob um plano de "cauteloso recuo para uma posição mais estratégica", não mais expediu ordens de ataque às muralhas, abandonando por completo a idéia de uma investida frontal. Em lugar disto, após conferenciar com o seu estado-maior, adotou táticas mais lentas e seguras, aventando a possibilidade de sitiar a cidade, para que seus defensores moressem de fome.

ESPELHOS INCENDIÁRIOS — Três anos decorreram. Arquimedes era infatigável, preparando futuras surprêsas para o inimigo. Assim, idealizou uma combinação de espelhos que seriam colocados sôbre as muralhas, e com o auxílio dos quais os navios inimigos poderiam ser incendiados à distância!

Êste último artifício, porém, não chegou a ser utilizado. Até o mais avançado cientista tem que levar em conta os fatôres individual e humano das pessoas. Os defensores, tendo obtido tão grande sucesso no repelir o inimigo, ficaram a repousar sôbre os louros da vitória, com o que facilitaram aos romanos a tarefa de os derrotar!

Esquecendo que o preço da liberdade é a eterna vigilância, permitiram-se comemorações ruidosas pela vitória alcançada, enquanto o inimigo aguardava pacientemente uma oportunidade, a fim de romper a linha defensiva de Siracusa. Os habitantes da cidade, longe de perceber o perigo que pairava sôbre êles, não cuidaram de preservar-se dos excessos, deixando de lado o espírito bélico, indispensável aos que, a qualquer instante, teriam que enfrentar os romanos.

Marcelo tinha espiões em todos os lugares. E êstes não tardaram a informar-lhe que o momento era excelente para uma nova arremetida. Desta vez, os romanos, protegidos pela sorte, aproximaram-se, quase sem ser percebidos, pela outra extremidade da cidadela.



Para auxiliar os defensores de Siracusa, as mulheres da cidade, espontâneamente, doaram seus cabelos, a fim de que os homens preparassem cordas que seriam utilizadas na fabricação das armas de Arquimedes.

Os defensores da cidade haviam dispendido grande parte das energias numa celebração religiosa em honra da deusa Artemisa; e assim, ao fim do dia, não estavam em condições de oferecer séria resistência aos romanos. Acordaram de seu sono de embriaguez, para sofrer um terrível massacre.

A primeira indicação de que a cidade fôra tomada de surprêsa chegou a Arquimedes, quando um soldado romano pisou o diagrama que êle traçava na areia. O

sábio estava tão absorto em seus cálculos, que nem o clamor dos soldados inimigos, irrompendo pelos muros da cidade, despertaram o seu espírito para a realidade da situação. Um soldado se aproximou, e ordenou-lhe que o seguisse, até a presença de Marcelo.

— Afaste-se do diagrama, e espere até que eu termine meu problema — retrucou Arquimedes.

Mas o soldado, sem o mínimo respeito pelo matemático ou por seu teorema, fêz uso da espada, matando o sábio.

SUA MEMÓRIA IMORREDOURA — Afirma-se que Marcelo havia dado instruções para ser poupada a vida de Arquimedes, não, talvez, por respeito ao valor do sábio, mas, provàvelmente, para exibi-lo entre o grande número de cativos, quando de seu triunfal retôrno a Roma.

Mas, qualquer que fôsse a humilhação que a êle estivesse destinada, não teria apagado o grande valor de sua mente prodigiosa, cuja fama já se estendia por todo o mundo, e que o coloca, ainda hoje, entre os poucos *supremos pensadores da História.*

Além de seu "princípio", conhecido por todos aquêles que freqüentam a escola, o sábio deixou, também, para esclarecimento dos estudantes, obras reveladoras a propósito das espirais, da área do círculo, das esferas e do cilindro, das figuras circulares, e o "Método de Tratamento dos Problemas Mecânicos", além de inúmeros outros tratados de suma importância científica.

Sua memória é perene. Pode o sempre inflamado vulcão Etna (na presença do qual Arquimedes viveu, e de onde parece ter assimilado as poderosas energias) deixar de expelir suas colunas de fumaça e suas torrentes de lava, mas o nome de Arquimedes, êste, jamais será olvidado e, através dos séculos, continuará a ser mencionado com admiração e respeito.



O FANTASMA ACUSADOR

(EPISÓDIO REAL)

Por JOSEPH F. FISHMAN

EM 10 de novembro de 1896, duas semanas depois da Sra. Ona Shue, de Lewisburgo, Estado de Washington, haver morrido, de causa aparentemente natural, e de ter sido enterrada, sua mãe, a Sra. Mabel Heaster, procurou a polícia local, à qual comunicou estar convencida de que a sua filha tinha sido assassinada.

— **O fantasma da minha filha contou-me tudo!** — declarou ela, para o maior assombro das autoridades, que a interrogavam sôbre que baseava essa sua declaração.

"— **Ela apareceu, repentinamente, junto do meu leito** — disse a desolada senhora — **e contou que o marido batera muito nela, até causar-lhe a morte; depois fôra esconder as suas roupas, manchadas de sangue, num cêsto que está embaixo de alguns caixotes, móveis imprestáveis e outras velharias, no porão da casa.**



As autoridades, naturalmente, mostraram-se discretes; porém, ante a insistência da Sra. Heaster, prometeram que mandariam dar uma busca no tal porão. Isto realmente foi feito e... de fato, foram encontradas as roupas manchadas de sangue, no cêsto, tal como fôra denunciado.

Interrogando a denunciante, a polícia veio a verificar que a Sra. Heaster não estivera em companhia da filha, residente em Lewisburgo, na época da morte da infeliz e, nessas condições, não podia ter, em absoluto, qualquer conhecimento, ou sequer desconfiança, dos acontecimentos. Em vista do exposto, o corpo foi exumado e procedida a autópsia. Esta, finalmente, revelou que a pobre mulher morrera estrangulada.

Imediatamente as autoridades prenderam o marido da assassinada, Edward S. Shue, que protestou, energicamente, sua inocência. Apesar disso, foi êle processado e levado perante um tribunal repleto de curiosos, em 4 de abril de 1897.

Apesar do tribunal não poder aceitar o depoimento da mãe da assassinada, o qual se baseava no testemunho de um fantasma, aceitou como provas... o cêsto encontrado no porão, assim como as roupas manchadas de sangue — o sangue da vítima! E assim o júri acabou aceitando o que afirmara o fantasma acusador.

Concluindo os debates do tribunal, com a sua habitual instrução aos jurados, o juiz declarou que os mesmos não podiam, realmente, dar valor a uma história de fantasmas. Mas, conforme ficou, a seguir, demonstrado, quase todos os jurados aceitaram essa história como verdadeira, pôsto que Shue foi considerado culpado e sentenciado a prisão perpétua.



"Tarpans" do tamanho de pônies, conseguidos por pacientes cruzamentos, ao lado de um cavalo moderno. Fotografia tomada no "Zoo" de Munique (Alemanha).

A EVOLUÇÃO TOMA OUTRO RUMO

UM GENEALOGISTA ALEMÃO CONSEGUE RESSUSCITAR UMA EXTINTA RAÇA DE CAVALOS DA IDADE DA PEDRA, POR MEIO DO CRUZAMENTO E DA CRIAÇÃO... EM SENTIDO CONTRÁRIO

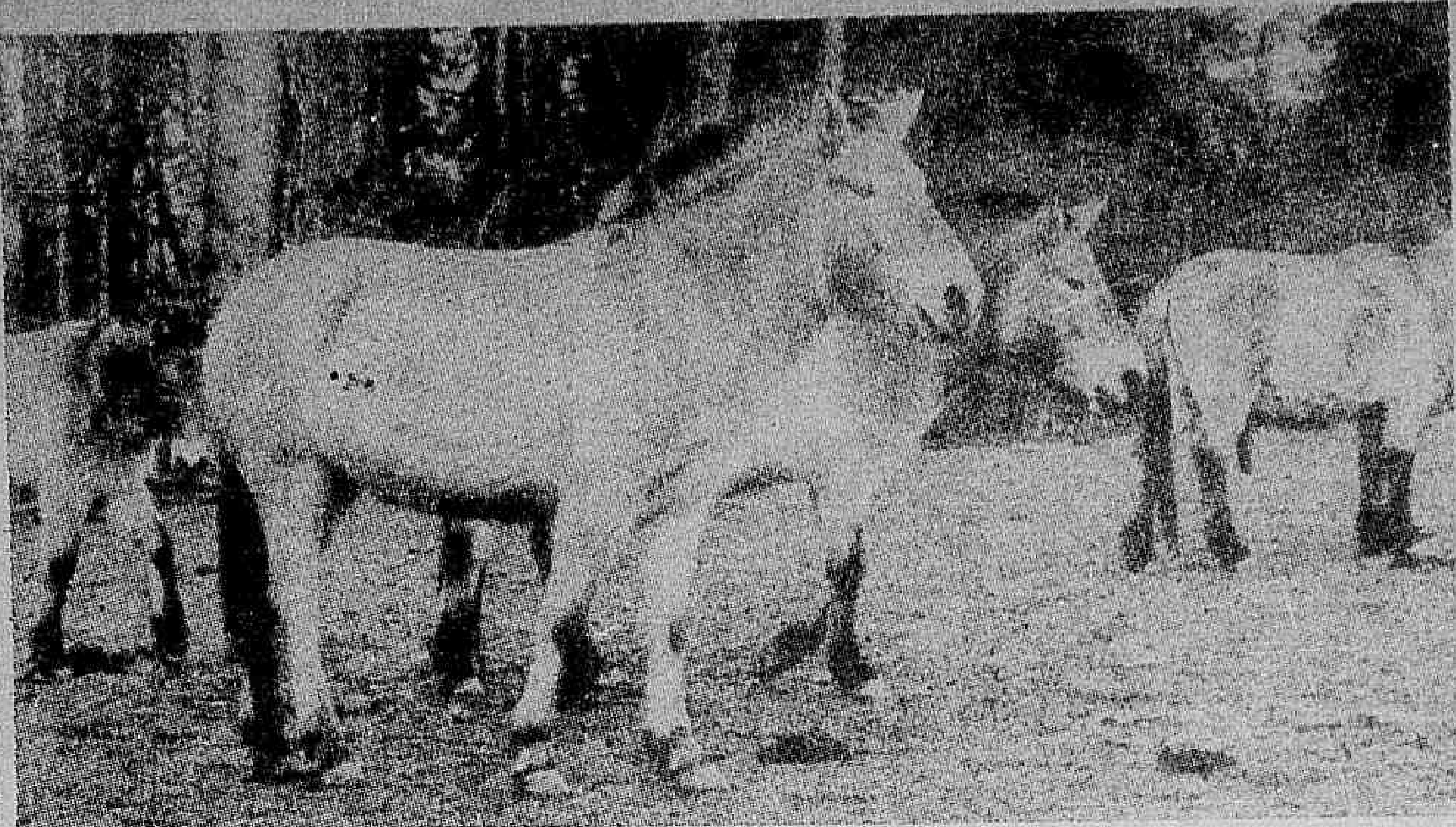
OS cientistas de hoje tentam "reconstruir" os animais pré-históricos, contentando-se, em geral, com alguns casos verdadeiros e completando o resto com imitações, bojos empalhados, etc. Entretanto, o diretor do Jardim Zoológico de Munique, Alemanha, após 30 anos de espantosos cruzamentos, realizados inteiramente ao inverso do que tem sido feito até o presente, pelos grandes criadores, conseguiu fazer a evolução caminhar artificialmente, em sentido contrário, até produzir um animal em tudo igual aos que eram caçados pelos homens da Idade da Pedra! De fato, nas muralhas de suas cavernas, há uns 15 000 anos, nossos antepassados pintaram cavalos de pernas curtas e focinhos característicos, a que denominavam Tarpans. Eram miniaturas e parentes pré-históricos dos cavalos de hoje. Robustos e atrevidos, cruzaram, êles, tôda a Europa, sobrevivendo até o início do século XIX, quando desapareceram.



Velho desenho representando um Tarpan, e publicado na Alemanha, em livro de zoologia, datado de 1862, antes do animal ser considerado extinto.



SATISFIZ A MINHA CURIOSIDADE! — diz o genealogista Heinz Heck.

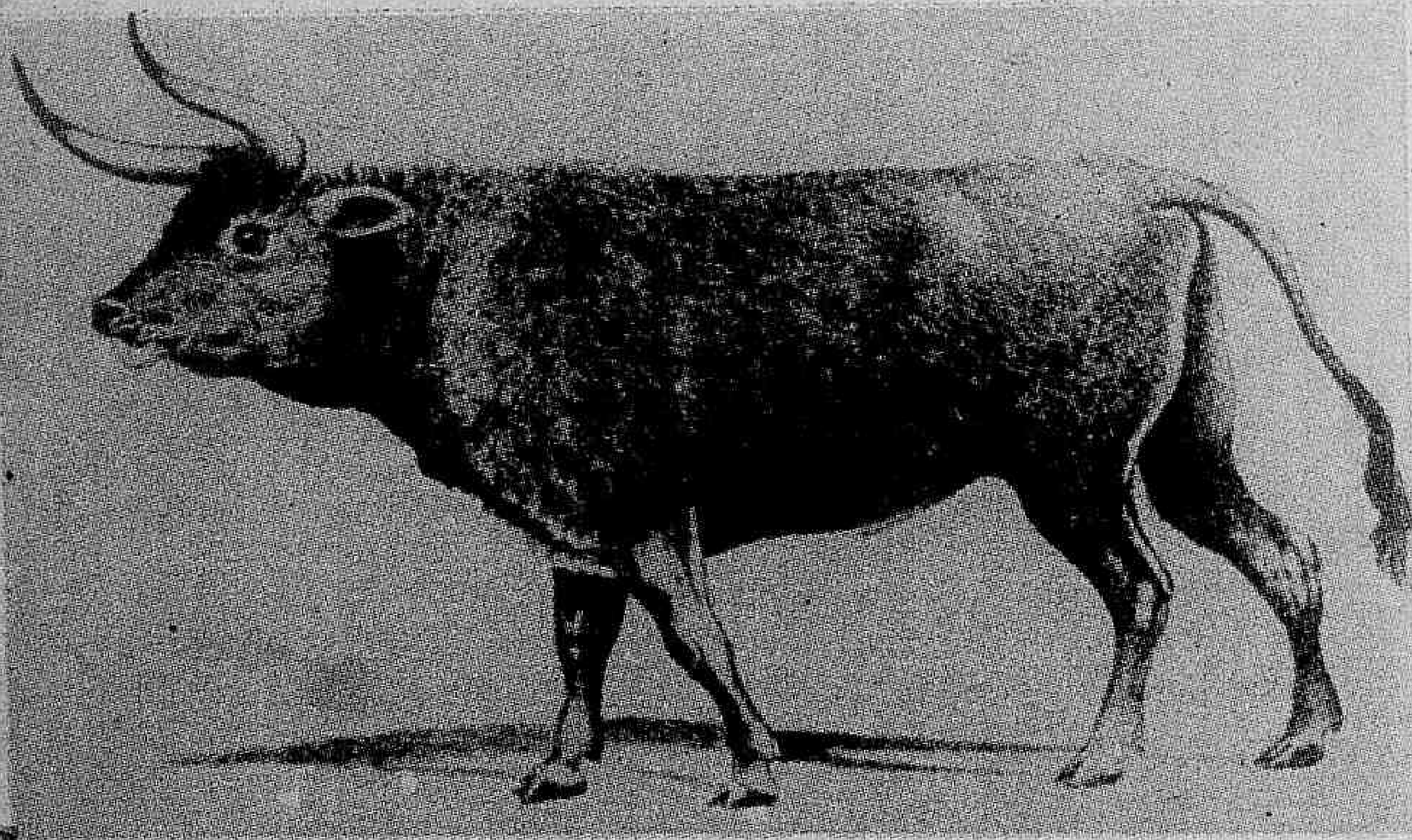


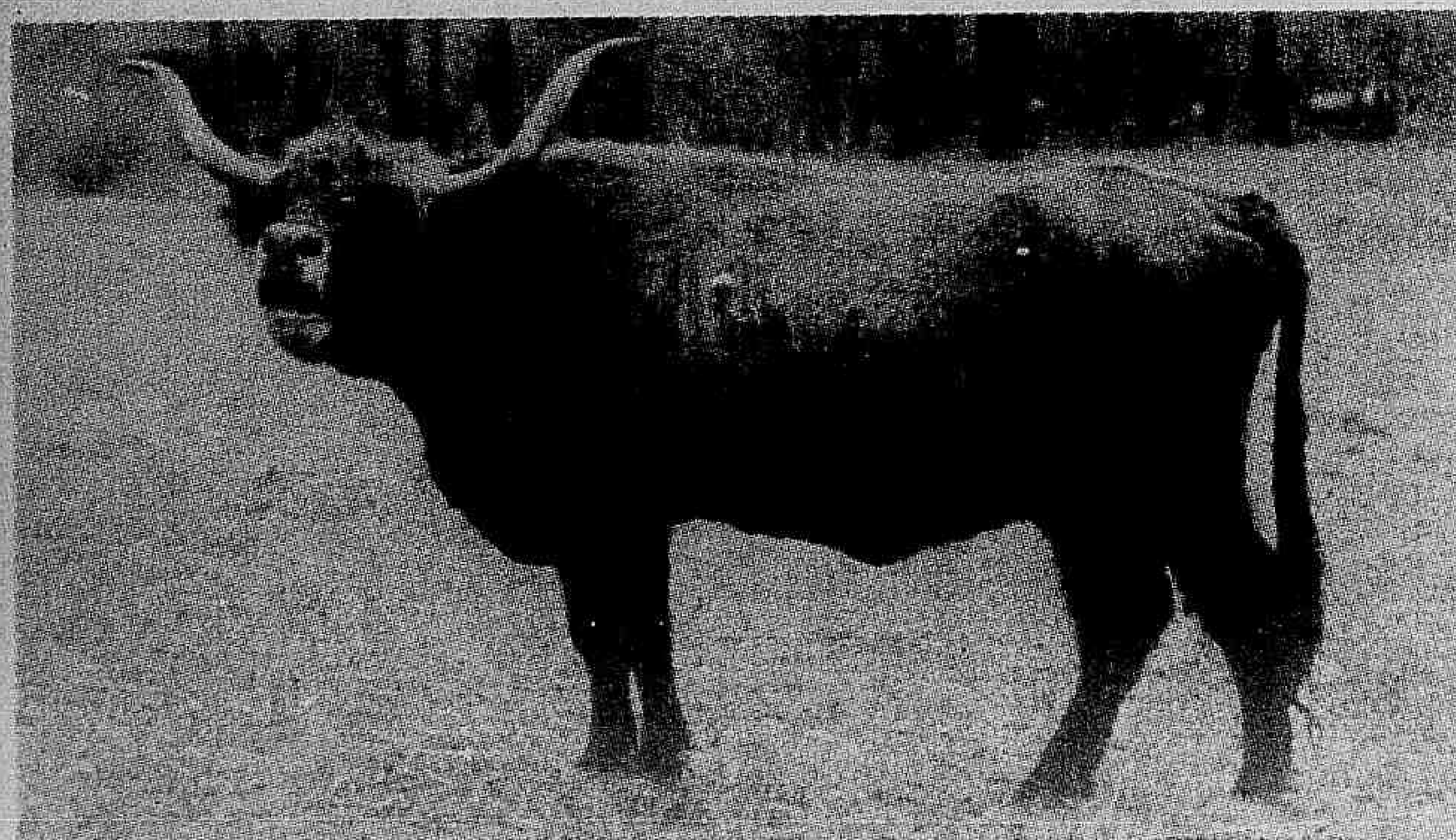
CAVALO SELVAGEM DA ÁSIA — Com apenas um metro e quinze centímetros de altura e pêlo ruivo, o cavalo da raça chamada Przmaliski foi usado como o primeiro passo de Heinz Heck para chegar ao Tarpan. Poucos existem, atualmente.

Em 1928, o genealogista Heinz Heck sentiu-se curioso e tentado a ver o que ocorreria, se pudesse **desevoluir** ou criar... **em sentido contrário**, a raça cavalar, até chegar à extinta Tarpan.

Infatigàvelmente estudou esqueletos, pinturas murais em cavernas e desenhos mais recentes, como o que apresentamos na primeira página, a fim de estudar tôdas as características. Depois, selecionando cavalos que revelavam traços dessas características, começou a realizar cruzamentos de cavalos selvagens asiáticos com certa raça da Islândia. Após cinco gerações, conseguiu reproduzir o Tarpan. Hoje tem êle cinco de seus produtos em diferentes "zoos" do mundo, enquanto em seus pastos particulares, tem outros doze exemplares perfeitos. Todos de pêlo cinzento, pernas curtas, focinho rombudo e aparentemente receosos diante do imenso cavalo moderno (segundo mostra a gravura principal da primeira página).

Quando Heck se decidiu a iniciar êsse gigantesco trabalho, tinha acabado de deixar a escola superior, mas tinha, já então, grande experiência com os animais, pois era neto de um professor de zoologia e também diretor do Zoo de Berlim. Sua grande paixão, desde menino, tinha sido observar a vida dos animais, e, assim, pôde chegar à convicção de que nenhum animal podia ser considerado extinto sôbre a terra, desde que em outro qualquer persistisse uma característica, embora ligeira, da raça desaparecida. Em seus esforços, Heck não se limitou ùnicamente aos cavalos. Também se serviu do gado moderno para chegar às raças consideradas extintas, como, por exemplo, o "aurochs". Heck confessou que jamais pretendeu reclamar qualquer vantagem de uso doméstico para os **aurochs** ou os tarpans. — "Apenas estava curioso" — explicou. — "E satisfiz a minha curiosidade!" — concluiu.





O antepassado do boi foi o animal apresentado no desenho (ao alto) e chamado Aurochs. O mesmo foi considerado extinto em 1627. Em baixo, o "Aurochs" criado por Heck.

VOCÊ SOFRE DE "ADIAFORIA"?

EM 1900, cento e setenta e cinco médicos recém-formados decidiram fundar um clube que, naturalmente, batizaram com o nome de "Diplomados de 1900", e cuja finalidade principal era a de reunir, anualmente, todos os seus membros, num grande banquete.

Em 40 anos, isto é, de 1900 a 1940, sessenta e oito dêsses médicos morreram. Uma percentagem realmente muito alta. Por isso mesmo, no banquete que reuniu os sobreviventes, naquele ano, um, dentre êles, pronunciou o seguinte discurso:

— Depois de participar, como venho fazendo há tantos anos, desta cerimônia — disse êle — estou deveras impressionado com um fato lamentabilíssimo: somos um grupo de médicos cujo número diminui ràpidamente. Somos, hoje, cento e sete; o ano passado, somávamos cento e quatorze. Muitos dos que agora estão aqui, nesta sala de banquete, não pertencerão mais a êste mundo no ano que vem. Agora, quero saber se vamos aceitar isto sem combater ou se podemos, realmente, fazer alguma coisa para remediar...

E êle próprio começou apresentando êsse "alguma coisa": a criação imediata de um **comitê**, cuja missão seria a de zelar pela saúde dos colegas, prolongando a vida de todos.

— Somos médicos — declarou êle. — Temos ao nosso alcance os melhores métodos da ciência. No entanto, agimos mais erradamente que os nossos mais teimosos doentes. Não fazemos, de fato, nenhum uso dos nossos conhecimentos em proveito próprio! Quantos, dentre nós, por exemplo, se submeteu a um exame médico, êste ano? O que assim tiver feito que levante a mão.

Nenhum dos presentes levantou a mão. O orador perguntou, a seguir, quem, naquela sala, se submetera, alguma vez, a um exame completo; e, mais uma vez, nenhum dos presentes se moveu.

A demonstração era, assim, concludente.

Nessas condições, sem mais hesitação, todos concordaram no sentido de ser criada uma "Comissão de Longevidade", que se encarregaria de zelar pela saúde dos membros do "Clube dos Diplomados de 1900".

E as coisas que essa comissão descobriu foram simplesmente espantosas: um dos especialistas mais respeitados em cálculo biliar sofria de um cálculo... sem o saber; um especialista em hérnia tinha uma, muito antiga, e que êle desprezava totalmente; finalmente, em numerosos casos, os médicos que acreditavam sofrer de um mal cardíaco, ficaram sabendo que estavam totalmente enganados...

Graças aos exames da comissão de longevidade e aos cuidados que daí decorreram, foi conseguida uma melhora evidente da saúde dos membros do "clube". A percentagem de mortalidade decresceu como por encanto e de tal forma que, no curso do ano passado, um único falecimento foi lamentado entre êsses homens que, quase todos, já passaram dos setenta anos...

*

Partindo dessa extraordinária experiência, que teve por heróis os médicos formados em 1900, pela Universidade de Columbia, Estados Unidos, e baseando-se em numerosas observações, o Dr. Martin Bumpert pôde tirar as seguintes conclusões:



O Dr. Bumpert afirma que um homem de oitenta anos não está condenado ao leito, podendo, ao contrário, ter uma vida normal.





Não; não diga: "Ah! No meu tempo!" — Viva e coma como uma criatura moça; e seja sempre moço!

1) O que foi feito, a título privado, pelos "Diplomados de 1900", pode também ser feito na escala nacional, desde que os governos assim o queiram, realmente;

2) Já hoje, os progressos científicos obrigaram a morte a efetuar um grande recuo e o número de pessoas de idade avançada, com que conta o mundo, cresce constantemente.

3) Não há razão para que a velhice e a enfermidade sejam eternamente sinônimos.

Há uma condição, todavia: que os humanos concordem em lutar contra uma nova enfermidade de nome realmente impressionante, descoberta em 1942, pela "comissão de longevidade" já citada: a adiaforia.

Êsse têrmo designa uma deficiência que revela, com certeza, um processo de envelhecimento e que se manifesta pelo descuido, a inércia, a falta de interêsse e o adiamento de qualquer esfôrço para "amanhã". O indivíduo atacado de adiaforia é incapaz de ter um outro qualquer pensamento senão o de rotina. Torna-se apático e negligente.

Foi para lutar contra êsse estado (estado físico e principalmente de espírito) que o Dr. Martin Bumpert decidiu publicar uma obra que, após alcançar grande êxito, na Inglaterra e nos Estados Unidos, acaba de surgir na França, através da coleção "Lair du temps" (Galimard-Edit), sob o título "O senhor é mais jovem do que pensa".

Verdadeiro balanço de todos os conhecimentos adquiridos sôbre a velhice, no curso dos últimos anos, o livro tem por fim ajudar a todos nós, "no sentido de melhor compreender a segunda parte da vida". Mas tem, acima de tudo, o mérito de tratar, abertamente, e pela primeira vez, tanto do ponto de vista psicológico quanto social, do importante problema das pessoas idosas, dos que são geralmente chamados pelo têrmo um tanto pejorativo de "velhos".

As cifras falam por si sós: na antiga Roma, a probabilidade média de vida, ao nascer, era de aproximadamente, 33 anos. Essa probabilidade era de 45 anos pela altura do ano 1900. E', hoje, de 68 anos! Houve, assim, uma verdadeira revolução da sociedade.

E' uma revolução que não pode ser evitada — declara o Dr. Bumpert. — Devemos, por isso mesmo, encará-la de frente. O sentido da evolução humana não pode, em seu conjunto, ser alterado. Os velhos já aí estão, vivendo entre nós, aos milhões, e nossa própria geração, nossos filhos e os filhos de nossos filhos irão, por certo, e, por sua vez, aumentar ainda mais as fileiras.

★

Quer queiramos quer não, o mundo de amanhã conterá um grupo sempre mais importante de pessoas idosas. Tal é a realidade, sem precedente na História.

— O mundo de amanhã, que muitos e muitos de nós ainda conheceremos — afirma o Dr. Bumpert — será, se permanecermos no nível atual de ciência e de organização social — um imenso asilo para pobres e doentes ou — se tomarmos medidas que se impõem — o **habitat** de uma espécie humana mais feliz e mais evoluída.

Segundo êsse médico, se o público soubesse que o combate contra as enfermidades crônicas da velhice é de uma importância vital para cada indivíduo, cada família e cada coletividade, daria de bom grado os fundos necessários para começar esta batalha. Há alguns anos entramos no que se chamou de "o século da criança". Cabe agora entrar no "século do idoso", dedicando-se quantias importantes para êsse problema capital, organizando-se a pesquisa, promulgando-se leis e educando-se a população.

★

A primeira medida a ser tomada é, sem dúvida, a da criação de uma medicina preventiva contra as doenças dos idosos. Êsse sistema já existe em numerosos domínios: vacinações contra as epidemias, exames dos candidatos ao casamento e das mulheres grávidas, maior higiene para o bebê, proteção contra as doenças profissionais, etc. Devemos, agora, estender ainda mais êsses cuidados.

A julgar pelos exemplos que nos cercam, podemos dizer que os velhos estão condenados, hoje, a tornar-se doentes ou fracos de espírito, se a morte não chegar a tempo, pondo fim a sua miséria.

— Ora — declara o Dr. Bumpert — uma das principais razões para êsse estado de coisas é o fato de que a maior parte das doenças crônicas é descoberta sòmente num estado já muito avançado, quando fora do alcance da medicina.

Sem dúvida, sabemos que o processo de envelhecimento começa no primeiro dia de vida e que a infância contém, em germe, grande número de deficiências da velhice. Mas ignoramos, geralmente, que o período decisivo da vida, o que acerta o relógio para a hora da morte, ou que prepara a horrível decadência da senilidade, fica entre os trinta e os cinqüenta anos.

Está provado, por exemplo, que as alterações da arteriosclerose começam no indivíduo muito jovem, e se desenvolvem ràpidamente, a partir do momento em que o organismo é adulto. De tal forma que, aos trinta anos, 50% de todos os sêres humanos já apresentam sinais dessa enfermidade da velhice.

Bossuet, que as orações fúnebres haviam transformado em especialista-precursor das questões da mortalidade, dizia:

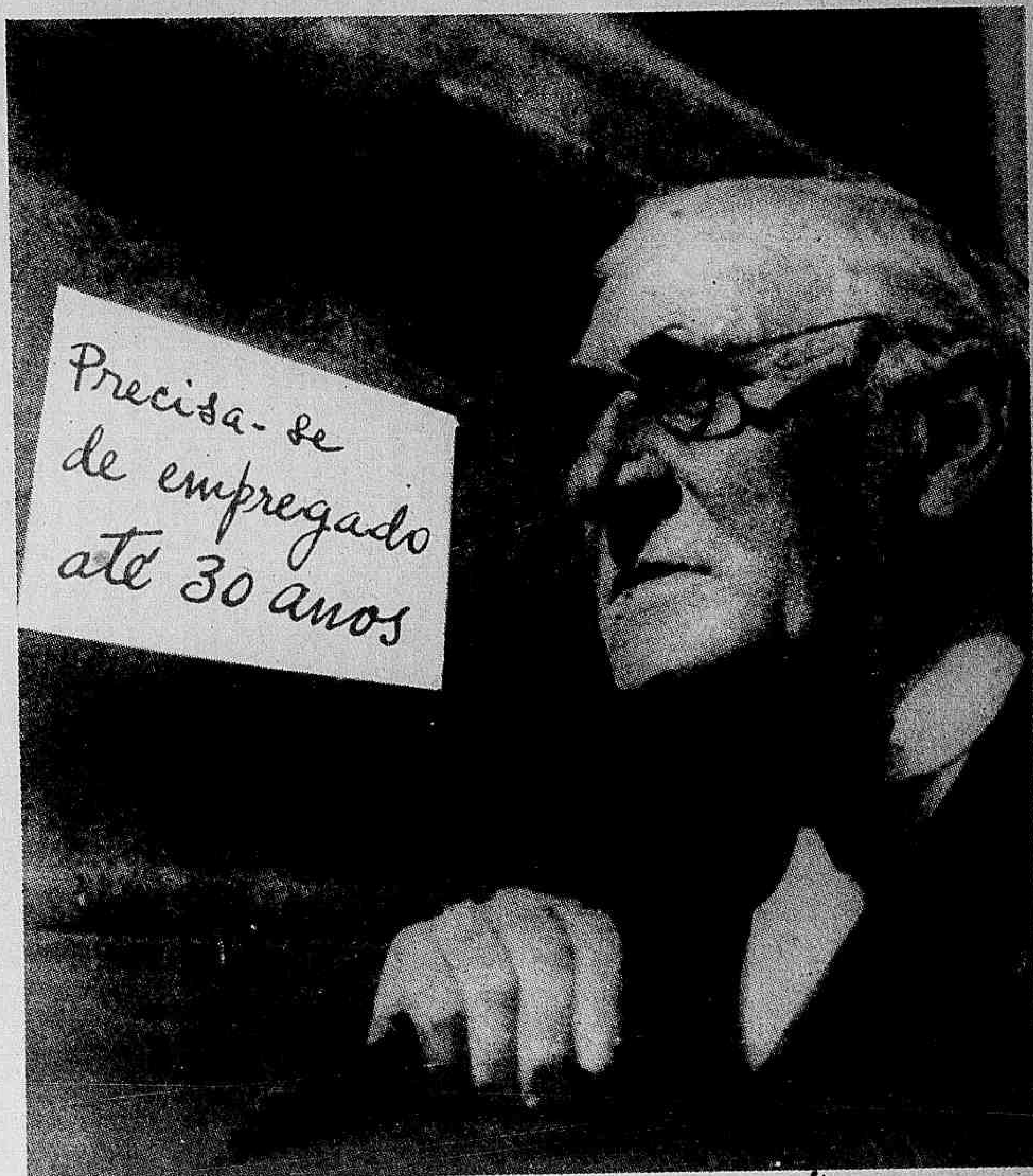
— Na maior parte dos homens, as transformações são feitas pouco a pouco, e a morte os prepara, ordinàriamente, para o último golpe.

Essa é também a opinião do Dr. Bumpert.

— O organismo humano — declara êle — não envelhece **em bloco.** Envelhecemos por etapas e por setores.

Eis por que êsse especialista deplora que, no nosso atual sistema de assistência médica, a proteção da saúde esteja tão desprezada.

— O primeiro diagnóstico do doente — diz êle — é sempre estabelecido pelo próprio doente, que determina, sòzinho — e quase sempre em





A sociedade moderna não tem o direito de criar velhos se é para lhes recusar, mais tarde, o direito de ganhar a própria vida!

momento pouco propício — se a doença exige a intervenção de um médico qualificado.

No dia em que se tiver compreendido que a única medicina eficaz na velhice é a medicina preventiva, um grande passo terá sido dado.

*

Após passar em revista as condições da longevidade (o que importa acima de tudo são as condições sociais), assim como os diversos métodos de rejuvenescimento, propostos pelos sábios, o Dr. Martin Bumpert passa, em seguida, a definir o que deve ser uma velhice normal.

Não serviria de nada, realmente, conseguir prolongar a existência, livrando-a de todos os males clássicos, que os anos costumam trazer, se o tempo suplementar assim conquistado não valesse a pena ser vivido.

O autor de **"O senhor é mais moço do que pensa"** resume o seu ponto de vista sôbre os idosos, numa fórmula realmente surpreendente:

"Dar mais dias a sua vida, mas também dar mais vida a seus dias".

Uma atmosfera de simpatia e de compreensão é, para os idosos, a melhor de tôdas as medicinas. Se notamos, freqüentemente, nos velhos, um sentimento de inferioridade, êsse fenômeno é devido tanto à perda de suas aptidões físicas, à deformação do corpo, como à atitude irreverente ou descuidada dos que os cercam. Também nesse terreno deve ser operada profunda modificação.

Mas, principalmente, o Dr. Bumpert propõe a criação de escolas para as pessoas idosas.

— Essa educação — diz êle — deveria tornar-se parte integrante do sistema educativo geral. E' absoluta falta de senso, que uma alegação, contradita há muito tempo pela experiência e pela experimentação, pretenda que os velhos são incapazes de aprender.

Que se lhes ensinaria? A adaptação física e mental a um novo gênero de vida. Aprenderiam a economizar energias, a **estandardizar** seus movimentos, para atingir o mesmo resultado que os adultos no gôzo de total saúde, com pequeno dispêndio de fôrças.

Seriam orientados no sentido de dividir seus dias em períodos iguais de trabalho e de repouso. Seriam instruídos sôbre como alimentar-se (dosagem de calorias e de vitaminas, preparo de alimentos apetitosos, fáceis de mastigar e de digerir, etc.).

Um detalhe curioso a assinalar: o Dr. Bumpert que desenvolve longamente seu ponto de vista sôbre o assunto, contràriamente a muitos de seus colegas, não proíbe aos velhos o uso — moderado — do café, do fumo ou do álcool. Afirma que "o café estimula ligeiramente o sistema circulatório" e que "uma ração quotidiana de 10 cigarros não pode fazer mal". Finalmente, o álcool, para uma pessoa idosa, é o "veneno ideal", **dado que tem efeito estimulante sôbre a digestão.**

Nessas escolas, seriam encontradas novas ocupações para os velhos.

— A ociosidade é a pior inimiga dos idosos — declara o Dr. Bumpert, que acrescenta:

"— E' ela quem lhes traz a "passagem" para "o outro mundo".

Sempre que fôr possível deverão ser mantidos no trabalho habitual. Foi isso, aliás, o que já realizou uma grande fábrica norte-americana, criando um "serviço dos velhos empregados", no qual, operários idosos, com a média de sessenta e seis anos (sendo que alguns já passaram dos oitenta), trabalham com excelentes resultados. Quando isso fôsse irrealizável, aprenderiam novo ofício ou, quando menos, seriam animados a nova atividade, a fim de que esquecessem, êsse comentário profundamente triste: **"Envelhecendo, fazemos pela última vez mais e mais coisas, fazendo-se menos e menos pela primeira vez..."**

Êsses conselhos e essas receitas, o Dr. Bumpert expõe, em seu livro, sem o tom grave e pomposo do homem de ciência imbuído de seus conhecimentos. De fato, tudo é dito com simplicidade e bom humor, havendo até mesmo expressões como esta:

"Em nossa existência dramàticamente curta, bom número, dentre nós, morre antes de ter sòmente começado a pensar ou a refletir".

A propósito de hereditariedade, que considera um dos fatôres importantes da longevidade, declara:

"Deveríamos poder escolher nossos pais com cuidados especiais".

* *

NA "FEIRA DE IDÉIAS"

Sem dúvida, profundamente feridos em seus brios, pelas contínuas declarações soviéticas reivindicando para a Rússia o monopólio das descobertas, os inventores ocidentais trabalham ativamente, nos últimos meses. Eis algumas de suas idéias mais geniais ou, pelo menos, mais inesperadas:

— *Papel perfumado* para embrulho, especialmente fabricado para envolver os presentes de Natal, Ano Novo e aniversários em geral. Os perfumes ficam à escolha do freguês.

— *A manicure-elétrica*, instrumento no qual um motor põe em movimento diversos aparelhos de cortar, limar, polir, retirar excessos de pele (e, às vêzes, também, pedaços de carne!) etc.

— O *cow-boy elétrico* — Uma espécie de pistola ligada a várias pilhas, e que permite ao vigia do gado provocar uma descarga barulhenta, mas inofensiva, que serve para deter a boiada em caso de "estouro".

— O *manequim-pneumático* — Cada mulher vai poder fabricar, segundo as próprias medidas, um manequim de tecido impermeável ao ar. Quando não o utilizar, o mesmo poderá ser guardado numa gaveta, onde ocupará pequeno espaço. Quando dêle necessitar terá apenas que o encher, como uma bola ou pneumático, a fim de ajustar um vestido sôbre a sua réplica exatinha...

Êsse modêlo engordará ou emagrecerá, seguindo as oscilações da balança de sua proprietária.

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO!

LEVANTAR a mão direita, apresentando a palma ao juiz, no ato de jurar dizer a verdade, nos tribunais norte-americanos e inglêses, tem sua origem nos dias em que o indivíduo condenado por felonia recebia, na palma da mão direita, marcado com ferro em brasa, um "F" que o distinguia, para tôda a vida, dos cidadãos decentes. Assim, todo aquêle que era ouvido num tribunal tinha, primeiramente, que provar sua idoneidade, exibindo a mão aberta.



Vestidos, cortinas, tapêtes, etc., que muitas vêzes são destruídos pelo fogo, nas casas de família, poderão agora estar livres dessa destruição pelas chamas, se submetidos a um novo produto químico que não mancha nem altera a consistência dos tecidos, mas torna os mesmos absolutamente **à prova de incêndio.**

As pessoas que vivem nas grandes altitudes têm maior número de corpúsculos vermelhos no sangue do que as que vivem nas campinas, quase ao nível do mar; por isso, um adequado suprimento de oxigênio tem que ser levado a tôdas as partes do seu corpo. Enquanto o número dessas células é, em média, de cêrca de 4 700 000 por milímetro cúbico de sangue, no nível do mar, aumenta para 6 000 000, a 1 500 metros de altitude e para 8 000 000, a 3 500 metros de altitude.

Cada vinte e quatro horas, uma fenda num encanamento, caixa d'água ou torneira, com a espessura de um alfinete, significa a perda de 680 litros do precioso líquido; uma fenda com o tamanho da cabeça de um alfinete, 3 880 litros, e outra, com as dimensões de um fósforo comum, 14 400 litros. Incidentalmente, cêrca de 400 000 000 de litros de água são assim perdidos, diàriamente, numa grande cidade.

Nos Estados Unidos, os caminhões dos Correios têm direito legal de passagem sôbre os carros dos bombeiros, os automóveis da polícia, as ambulâncias dos hospitais e qualquer outro veículo de emergência, mesmo que êstes estejam a caminho de apagar um incêndio, acabar com algum sério conflito ou chegar ao local de algum acidente.

O custo de fabricação de uma bomba de tamanho médio, para os aviões atuais (não bombas atômicas) é de, aproximadamente, quarenta vêzes o de fabricação de um automóvel de luxo, tomando-se por base o pêso proporcional.

O "Argus", um jornal que se edita em Banton, Pennsylvania, publicou, recentemente, um folhetim intitulado "A autobiografia de Jesus Cristo".

Na Primeira Guerra Mundial, apenas um navio da Marinha de Guerra norte-americana desapareceu sem deixar traços: o "Cyclops", que não tinha equipamento de rádio. Porém, na última Grande Guerra, quatro dos navios da armada norte-americana, todos equipados com rádio, desapareceram misteriosamente: os **destroyers** "Jarvis", "Pillsbury" e "Edsall", além do torpedeiro "Asheville".



O MENOR DO MUNDO! — No último "Salão do Diamante", em Amsterdão, o júri encarregado de premiar a mais bela peça apresentada, revelou originalidade concedendo o Primeiro Prêmio não ao maior diamante "in the World", mas sim . . . ao menor de todos.

De fato, ganhou o mais alto prêmio da exposição um brilhante de um quarto de miligrama, no qual tinham sido feitas cinqüenta e oito facetas. A perfeição da execução dessa peça foi considerada miraculosa: seu proprietário declarou que, enquanto era assim trabalhado, o diamante escapou da "pega" várias vêzes, desaparecendo na poeira de diamante!

SANGUE



NAQUELE dia a minha zona em Korinchi estava muito calma. Nada se movia, a não ser *Whiskey*, o galo de briga, e êle apenas ciscava o chão, sob a luz do sol, perto dos degraus. Eu estava só, na varanda do *bungalow*, pois Andrews fôra tomar banho e trocar de roupa. Seus vinte homens descansavam em suas barracas. Uma calma estranha pairava sôbre Korinchi. Meu empregado, Ali, se aproximou, talvez para me avisar a hora do almôço. Deu uma larga volta, evitando, cautelosamente, passar perto de *Whiskey*, que olhava, com insistência ameaçadora, para seus pés escuros. E Ali ainda olhava, receoso, para o galo, quando me deu o recado: — "Estive falando com um homem, lá de Gat Kalor, e êle me disse que uns caçadores haviam avisado que o velho Rajah e seu bando estavam vindo para cá. Êles já assaltaram três povoações e levaram escravos e gente das colinas. Encontrando a patrulha, fizeram fogo e fugiram. Um soldado foi morto. Estão todos apavorados em Gat Kalor". Conhecendo bem a mentalidade dos malaios, deixei passar algum tempo antes de responder. — "Tudo isso nós já sabemos. Mas será que o Rajah passará pelo rio, a caminho de Gat Kalor?" — "Sim, Tuan, se fôr a vontade de Deus; mas, sem canoas, não há outro caminho." — "Havia muitos escravos na colina?" — "Eram sete, Tuan, e aguentaram o assalto..." — "Tais relatórios, fielmente trazidos por êle, já me haviam proporcionado uma repreensão enérgica, escrita pelo próprio punho do Governador. A carta estava ali, ao meu lado, sôbre a mesa de bambu. Sir Edward não compreendia por que êstes distúrbios em Korinchi. Queria que aquilo acabasse de uma vez. Também nós queríamos, uma vez por tôdas, acabar com as atividades do Rajah. Eu estava sentado na varanda do meu *bungalow*, esperando por Andrews, e olhando para *Whisky*. Olhar o galo de briga, naquele momento, bem que tinha lógica. Êle era um pequeno terror. Punha a correr os cães das redondezas e os leitões, que fugiam dêle guinchando. Quando estava zangado, chegava até a atacar os meus soldados. Creio que êle seria capaz de atacar até um elefante, se tivesse oportunidade. Bastava olhar aquêles olhos faiscantes, os esporões fortes e a disposição para lutar. Parecia-me que, enquanto o bando de salteadores apavorava a povoação vizinha, um membro ali ficara, ciscando no meu quintal, pois *Whiskey* e o Rajah se assemelhavam muito. Recostei-me mais cômodamente na cadeira, e fiquei relembrando o que ouvira a respeito de Alrah. Nos primeiros dois anos que passei em Korinchi, eu o conhecia apenas como uma lenda popular, na minha zona. Para onde quer que eu fôsse, ouvia as histórias de seus *praus* ao longo da costa e de seus assaltos. Os outros chefes aceitaram a minha vinda, mais por temor ao Rajah Alrah, creio. Êle tinha uma espécie de reinado próprio, numa península rochosa. Nos dois primeiros anos após a minha chegada, êle estêve muito ocupado em seu próprio território, para me dar trabalho. Isto, graças a um sobrinho dêle que pretendia sucedê-lo. Ouvimos os boatos de que a luta entre êles foi crua e feroz. Mas, sem têrmos muita arma e muita munição, não podíamos pensar em intervir. E, além disso, eu já conhecia a fama do Rajah: quanto

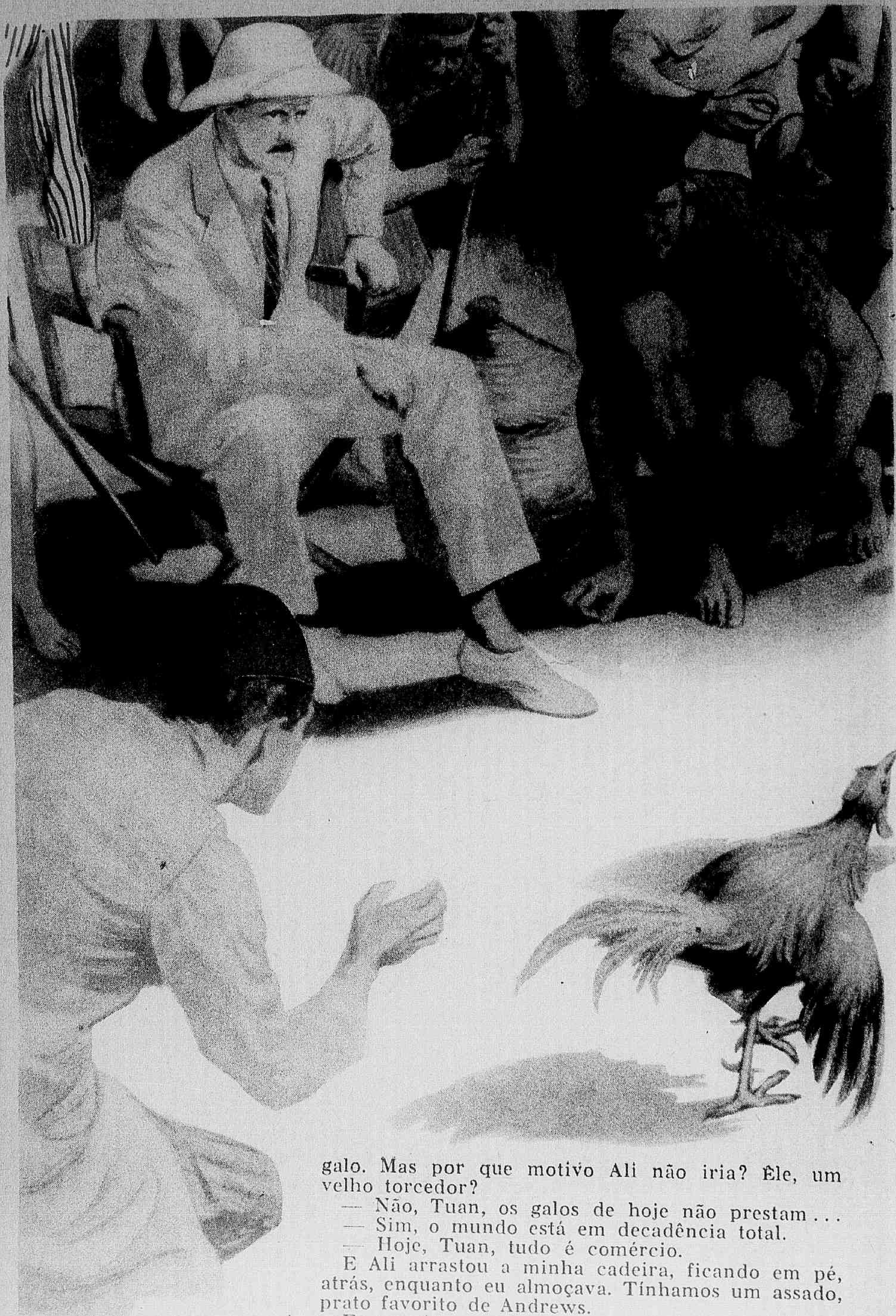
GUERREIRO

Por WILLIAM ARTHUR BREYFOGLE

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

mais êle brigasse em seu próprio território, menos brigaria nos dos outros. Quando chegou a notícia de que o sobrinho tinha sido derrotado e morto, pensamos que, talvez, o cansaço manteria o "Rajah" quieto por uns tempos. Dedução erradíssima! Finalmente, Andrews voltou, de uniforme limpo, e eu lhe transmiti o que Ali me dissera. — "Sim, tudo isto é verdade. E além do mais o "Rajah" tem a mania de brincar de esconder e de aparecer onde e quando ninguém espera." — "Acho que terei de mandar você, com os soldados, para barrá-lo na passagem do rio", disse para Andrews. Em Korinchi, qualquer dez metros para dentro da floresta significavam um labirinto assustador. Andrews acabara de voltar de uma dessas excursões, e estava cansado, mas o Governador fôra positivo na sua decisão de exterminar Alrah. — "Vida danada, esta de soldado..." — gemeu Andrews. — "Você leva a tropa que quiser, e a minha bênção!" — disse eu. — "Enquanto isso, vou escrever um relatório para Sir Edward, contando, antecipadamente, que pegamos o bandido." — "Muito bem. Eu sei como devo cumprir a minha missão; você explicará, naturalmente, que estamos tomando *medidas enérgicas*..." Esta era uma frase favorita de Sir Edward, e *Whiskey*, lá no quintal, emitiu um cacarejo que parecia uma gargalhada e nos fêz sorrir espantados. — "Bichinho irônico, êste..." — resmungou Andrews — "Será que êle tem alguma idéia boa?" — "Bem; chamam o Rajah de *Galo de Briga*. Se os malaios estivessem aqui, talvez sacrificassem o pobrezinho. Mas nós..." — "Talvez tenhamos de chegar a êste extremo, embora não já. Eu tenho a impressão de que *Whiskey* é a reincarnação de algum chefe antigo. Devemos respeitá-lo!" E, rindo, Andrews se encaminhou para a sua barraca. Pouco depois, formava seus soldados para a minha inspeção. Depois que êle partiu, o silêncio que ficou me deixou inquieto e descontente com a minha missão. Quando Ali entrou, silencioso, com seus pés descalços, ainda assim me assustei. Meus pensamentos eram sombrios e, para me distrair, perguntei a êle a razão do alvorôço que vira no povoado, naquele dia, se era algum casamento, batizado ou outra qualquer coisa. — "Não, Tuan; hoje é dia da briga de galo!" Os malaios são adeptos fervorosos da briga de

O nativo chegou, ofegante, dizendo: — "Tuan, êles aí vêm, como demônios!"



galo. Mas por que motivo Ali não iria? Êle, um velho torcedor?

— Não, Tuan, os galos de hoje não prestam...

— Sim, o mundo está em decadência total.

— Hoje, Tuan, tudo é comércio.

E Ali arrastou a minha cadeira, ficando em pé, atrás, enquanto eu almoçava. Tínhamos um assado, prato favorito de Andrews.

Eu, porém, comi meio sem vontade. Repentinamente, Ali me falou:



A sombra dos espectadores se retraía no terreno, quanto mais se curvavam sôbre os lutadores.

— Tuan: vem alguém se aproximando, e vem apressado.

Ali tinha ouvidos apuradíssimos. Em Korinchi estávamos acostumados a êsses visitantes inesperados. Um nativo chegou, ofegante, e, depois de beber um pouco d'água, deu notícias alarmantes de Gat Kalor. O Rajah tinha vinte homens, e vinham todos atrás dêle! Êle podera chegar primeiro, para avisar.

Alrah ia me pegar sòzinho, enquanto Andrews estaria no rio, esperando-o em vão!

Era como uma briga de galos, e por coincidência *Whiskey* ficou nas pontas dos pés e cantou forte, como que desafiando até o sol. Eu vi Ali olhar, estranhamente, para êle.

Mas havia muito o que fazer e o tempo era pouco. As aldeias malaias não resistiriam a um assalto. Estávamos, pràticamente, nas mãos de Alrah.

Mandei um jovem nativo avisar Andews do que se passava, pois o pobre nativo de Gat Kalor estava quase sem fôlego. Não aguentaria mais missão alguma. Por isso mandei Ali avisar a população. Se êles se apressassem, e se Alrah parasse um pouco no *bungalow*, haveria tempo para todos escaparem.

— Pode estar certo, Tuan, de que êles virão depressa... deixando tudo o que possuem, para salvar a pele... — disse Ali, que, a seguir, saíu correndo para dar o alarma.

Não tardei a ouvir um vozerio, vindo das choupanas dos nativos. E, logo depois, saíam aos bandos, em tôdas as direções, carregando o que podiam. Logo depois Ali apareceu, trazendo no ombro uma vara, de onde pendiam três cestos. Caminhava, aparentemente, com calma. A mim pareceu que Ali estava achando tudo muito divertido, pelo menos muito mais do que eu. Chegando perto da escadinha da varanda, parou e pousou os cestos no chão.

— O Sr. fica, Tuan? — disse êle.

Era mais um aviso do que uma pergunta. Eu fiz que sim, com a cabeça, sentindo que os minutos voavam. Ali não parecia ter pressa. Esbarrou, sem querer, num dos cestos, e algo se moveu, lá dentro.

— Dois homens enfrentarem vinte... é muito bonito, mas não é prático — tornou êle.

O nativo de Gat Kalor, ainda cansado e sem fôlego, sentando-se no degrau, respirava com dificuldade. Ali ignorou-o e disse:

— Se tivermos de morrer, morreremos como homens livres, não é assim que o Tuan quer?

Já que não havia outra alternativa, a resposta foi — sim — *embora o Tuan estivesse tremendo de mêdo até à medula.*

Foi com voz, que se esforçou por parecer natural, que perguntei:

— Que leva você nestes cestos? Alguma coisa que o defenda dos homens do Rajah?

Com surprêsa, fui informado de que eram galos de briga! Eis o que Ali trazia com tanto cuidado. Fôra tudo o que tivera a lembrança de salvar.

Eram três galos ao todo; não eram, exatamente, o que êle queria, mas não conseguira melhores.

Ali resolveu o seguinte: colocou a minha cadeira de vime no meio do terreiro; o nativo de Gat Kalor ficou segurando o pau com os cestos e o próprio Ali segurou *Whiskey* debaixo do braço; seus olhos brilhavam.

— Quando o Rajah chegar, Tuan — disse êle — lembre-se bem: não se levante, nem note a presença dêle, nem olhe...

Não havia tempo para discutir ou hesitar. Segui as instruções de Ali. Confesso que aquilo me parecia uma loucura heróica, mas, no fundo, havia um pouco de lógica e uma leve esperança.

O nativo tinha os olhos brilhantes de esperança, e Ali lhe deu ordens também. Tomamos nossas posições. Eu me impacientava, calculando quanto tempo Andrews levaria para chegar com os soldados. Êle era jovem e tinha pernas ligeiras, mas só nos restava esperar.

E esperamos, tensos, rígidos como estátuas. À minha direita estava Ali, acocorado, segurando *Whiskey,* que se debatia, meio zangado. À minha esquerda o nativo de Gat Kalor examinava um dos galos que havia retirado de um dos cestos. Tanto um quanto o outro pareciam inteiramente absorvidos no que faziam.

Agora o tempo parecia arrastar-se. Até eu próprio me espantei, quando vi que tinha um charuto aceso na bôca e estava fumando. O sol esquentava minha cabeça, mas eu nem dava por isso. As penas do pescoço de *Whiskey* estavam arrepiadas, formando uma espécie de gola espinhada. O outro galo estava bem mais tranqüilo!

E então, sem mover a cabeça, Ali prendeu um pouco a respiração, e disse:

— Pronto; lá vêm êles! Olhem apenas para os galos!

E eu olhei; olhei até que meus olhos arderam. O nativo curvou-se um pouco para a frente; Ali sussurrou qualquer coisa para êle, que pareceu esperar.

A estrada, vindo de Gat Kalor, dava exatamente no ponto do terreiro onde eu estava. Um ruído estranho de vozes, misturadas com passos, chegou até meus ouvidos e foi crescendo, crescendo como um rufar de tambores, e ouvi o som de galhos partidos e coisas arrastadas, e vozes, vozes. E gente começou a aparecer...

— E' agora! — falou Ali em voz cautelosa.

Êle e o nativo se aproximaram, segurando os galos com os braços estirados para a frente. As cabecinhas das aves se tocaram e o outro galo bicou *Whiskey.* Um outro sinal de Ali e os dois galos estavam no chão, começando uma luta que, para mim, durou uma eternidade. Ninguém se moveu quando sombras de vários homens se projetaram no chão, ao nosso redor. Nós parecíamos ver apenas os galos. Os assaltantes foram se aproximando, quase respeitosamente, como se estivessem assistindo a um ritual. Os malaios, como se sabe, são inteiramente devotados à briga de galos. Mas meu cérebro latejava — era tão pouco o que nos separava das facadas do Rajah!

Penas eriçadas, ruflar de asas, bicadas recíprocas e a luta continuava. Os adversários se aproximaram, de peito inflado, atacando-se furiosamente com os esporões. E então, *Whiskey* tomou a atitude de um lutador vitorioso, ergueu-se, e atingiu o outro galo na cabeça. Ali segurou-o enquanto o outro galo estremecia e agonizava. O nativo então abriu o cesto e retirou outro galo, mais forte do que o primeiro. E começou nova luta, mais violenta; logo depois, ambos os galos sangravam.

O novo lutador ficou com a asa partida e *Whiskey* tinha um corte no peito. Agora já não era um sacrifício observar a luta, pois os contendores eram fascinantes.

Ficar sentado, aparentemente alheio ao grupo de assassinos que nos rodeia, é uma sensação nova mas que não recomendo àqueles que acham a vida monótona; porém, tratando-se de prender a atenção, não há como uma boa briga de galos.

O nativo que nos ajudava perdera a primitiva expressão de pavor, que tinha uma hora atrás. Agora, olhava a luta e torcia, com entusiasmo esportivo, e praguejou quando seu galo tombou, mortalmente ferido por *Whiskey.* O círculo de assistentes, à nossa volta, murmurou de admiração, mas ninguém se moveu, e a última luta começou com um galinho mais franzino que os outros, embora mais alto que *Whiskey.* Tinha penas vermelhas como fogo, e lutava como um raio. Os homens

se aproximaram mais, em nossa volta, e eu ouvi o ruído de um rifle batendo no outro, mas não me mexi; continuei olhando a luta.

Era para *Whiskey* que eu olhava, agora. Êle era velho, pequeno e valente, e estava ferido; suas penas estavam sujas de sangue e terra. Os dois lutadores ciscaram um pouco a terra, e se olharam, articulando sons estranhos. Tive vontade de gritar para que acabassem logo com aquilo, mas aquêles momentos, para nós, eram vitais.

Whiskey teria que aguentar a luta *por nós,* até que Andrews chegasse com a tropa.

As aves se atiraram, uma contra a outra, com fúria. Encontraram-se no ar, e o ruído de suas asas se destacava dentro do silêncio que reinava.

Lembro-me bem da expressão de Ali, tenso, olhando.

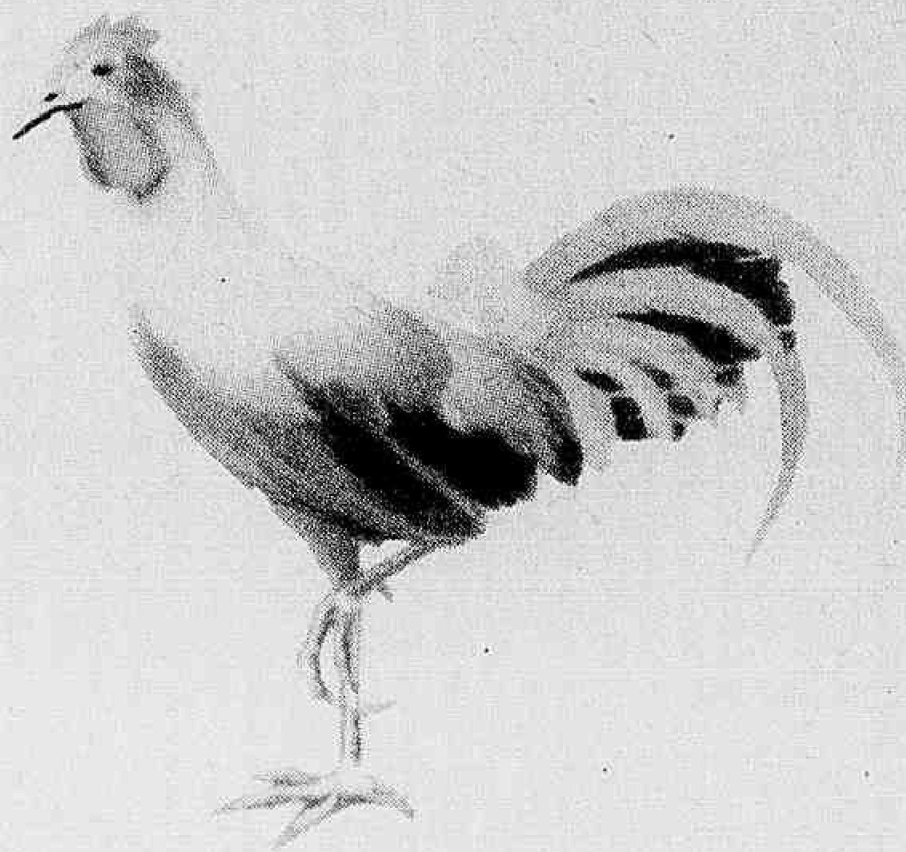
Os galos formavam, agora, um volume poeirento, rolando na terra; penas voavam, de vez em quando, e o sangue gotejava. Percebi a mão escura de um dos assaltantes segurando o braço da minha cadeira, e curvando-se para ver melhor.

Não sei quanto tempo durou a luta. Não tardei a ver que o meu pobre *Whiskey* arrastava uma perninha quebrada. O outro adversário estava ferido e abatido. Mas continuavam lutando. Na luta de chão, o outro levava vantagem e *Whiskey,* como se notasse isso, obrigava-o a lutar em vôo. Por um momento parecia que *Whiskey* o havia derrotado, mas o adversário conseguiu escapar e a luta continuou.

Nada, no momento, era mais importante do que o desfecho daquela luta.

Eu ainda me lembro do meu próprio espanto, quando vi um homem cambalear e cair quase em cima dos galos; caíu de cara contra o chão, estremeceu um instante, e logo ficou imóvel. E então outros foram caíndo, levando a mão à garganta ou à cabeça. E os rifles falaram. Alguém, isto é, Ali me empurrou da cadeira para o chão, obrigando-me a ficar quieto, deitado, imóvel. Eu via pés escuros arrastando-se na poeira. Um homem tombou perto de mim. Ouvi a voz de Andrews, gritando ordens. Depois disso não me recordo do que aconteceu.

Andrews concordou comigo, quando lhe disse o que se passara:



— Você já pode escrever seu relatório agora. Você viu tudo de perto! Ainda bem que êles estavam tão distraídos quando chegamos, que nem ouviram o ruído que fizemos. Foi até engraçado!

Nada comentei, pois também eu, tão distraído estava, que não ouvi a chegada da tropa.

Já era tarde mas nenhum de nós pensava em ir dormir. No povoado, preparava-se uma grande festa.

— Vamos dar uma volta e espiar a festa? — sugeriu Andrews. — Não sinto muita vontade de ficar parado.

Eu, tampouco, me sentia inclinado a repousar; apesar disso, custamos um pouco a levantar das cadeiras. Eu tentava me convencer de que o meu cansaço era puramente físico e não mental.

— Êle deve ter morrido instantâneamente — falou Andrews, de seu canto, lá no escuro. — Tinha acabado de virar-se para nos ver e a bala varou-lhe o coração.

Eu hesitei um instante, sem ânimo para perguntar; mas, afinal, disse:

— Então? Não escapou nenhum dêles?

— Nenhum... Nenhum... homem.

E Andrews moveu-se, inquieto, na cadeira; a brasa de seu cachimbo moveu-se também, no escuro.

— Ora... Êsses selvagens... Que motivo têm êles para festejar?

— Sim, foi uma grande vitória! Sir Edward concordaria com êles. Nós somos muito românticos, meu jovem Andrews, e estamos num mundo duro e cruel. E' melhor que nos acostumemos. Vamos, pois, olhar a festa. Ninguém se lembra mais de Alrah. Qual é o preço de uma vitória?

Sim, ninguém mais se lembrava de Alrah. Mas, ao passar pelo terreiro, vimos uma sombra escura, um homem sentado, com as pernas cruzadas e os ombros meio curvados. Fôra naquele lugar que eu estivera, momentos antes, olhando a luta dos galos. Andrews dirigiu a luz de sua lanterna para o vulto, e vimos Ali! Nem nos prestou atenção. O círculo de luz mostrou, também, uma figurinha rígida e fria: a do galinho de briga.

Ali segurava-o com carinho, como que lamentando uma perda irreparável para êle e para o seu povo.

Passamos em silêncio e fomos olhar a festa...

Quem sabe explicar? (I)

ÊSTE E' O PRIMEIRO DE UMA SÉRIE DE ESPANTOSOS EPISÓDIOS A RESPEITO DE MISTÉRIOS ATÉ HOJE NÃO DESVENDADOS. LEIAM COM CUIDADO O RELATO, E TIREM UMA CONCLUSÃO

Por VALENTINE DYALL

CONVIDAMOS O LEITOR A PENSAR NA TIGO E TAMBÉM A PROCURAR UMA EXPL

NA ALDEIA DOS

UM alto e garboso cavaleiro penetrou no pátio da Universidade de Friburgo, na Suíça, certa manhã do mês de maio de 1730, desmontou com elegância e pediu que o levassem à presença do Reitor. Alguns estudantes, reunidos à entrada do prédio principal, olharam o recém-chegado com curiosidade. Tinha êle as maneiras de um aristocrata, com o orgulho e uma certa vaidade estampados no rosto. Quanto ao modo de cavalgar e de caminhar, parecia um militar. Sua voz era sonora e firme, e o sotaque com que falou veio revelar que era estrangeiro.

Que assunto desejava tal cavalheiro tratar com o Reitor? Não seria, por certo, uma conversa a respeito das atividades escolares. Sòmente a sua presença, já parecia quebrar a tranqüilidade acadêmica ali reinante...

Um dos estudantes se adiantou e respondeu, polidamente:

— O Reitor não está aqui, senhor. Encontra-se acamado. Mas levarei o senhor até a secretaria...

O visitante assentiu, dispondo-se a seguir o estudante. Êste, antes de se pôr em marcha, perguntou ainda, em tom tímido:

— Poderia declinar o seu nome e a natureza do assunto que veio tratar?

Mas o visitante não tinha intenção de dar a conhecer a matéria que até ali o levara. Respondeu, em tom curto:

— Basta apenas que me leve à secretaria, rapaz. Lá direi qual o assunto que vim tratar.

HISTÓRIA ESPANTOSA

O jovem estudante corou e, procurando ignorar as gargalhadas emitidas pelos colegas, pôs-se em caminho, cruzando o pátio. Após demoradas apresentações e trocas de palavras com funcionários do estabelecimento, o recém-chegado foi introduzido no escritório do bibliotecário da Universidade.

O velho e baixote bibliotecário, sentado diante da imensa escrivaninha, colocada no meio do salão, levantou-se e cumprimentou seu anônimo visitante, numa voz amável e débil.

— Estou às suas ordens, senhor...

O estranho hesitou, olhando em tôrno, para as prateleiras repletas de livros de diversos tamanhos e côres, para os mapas que indicavam as antigas e as recentes terras descobertas, e que ocupavam uma parede inteira, e, também, para o monte de documentos e



CADA NOITE, QUANDO AS SOMBRAS COM TOS SE LEVANTAVAM DAS SEPULTURAS,

pergaminhos que jaziam sôbre a escrivaninha do bibliotecário. Finalmente, descobriu-se, fêz uma pequena mesura e falou:

— Sou o Conde de Cadreras. Meu lar é na Áustria, mas estou passando algum tempo na Suíça; ouvi dizer que, aqui, a mente sábia permanece livre, sem estar controlada pela igreja ou pelo Estado. E' isto verdade?

O homenzinho permaneceu em silêncio por alguns segundos, surpreendido com a natureza da pergunta. Em seguida, com um meneio afirmativo, respondeu:

— Sim. E' a plena verdade, Conde!

— Muito bem!

O Conde avançou para a escrivaninha, empurrou com a mão a pilha de papéis, molhou uma pena no tinteiro e entregou-a ao atarantado bibliotecário.

— Tenho uma história para contar. Uma espantosa e terrível história, porém **verdadeira**. Dar-lhe-ei os fatos, e o senhor poderá escrevê-los. Se êles forem convenientemente anotados, talvez, algum dia, os homens encontrem uma explicação natural para os mesmos...

EVIDÊNCIA APRESENTADA NESTE AR-
ICAÇÃO PARA O FENÓMENO OBSERVADO

MORTOS VIVOS



EÇAVAM A ENVOLVER A REGIÃO, OS MOR-
CAMINHANDO, EM SEGUIDA, PELAS RUAS

Falava ràpidamente, e com evidente sinceridade. O bibliotecário segurou a pena e sentou-se, sem protestar.

Durante as duas horas que se seguiram, os únicos sons que se ouviam na vasta sala eram a voz profunda e gutural do Conde, o arranhar da pena sôbre o papel e, de quando em vez, uma exclamação abafada por parte do bibliotecário...

A história do Conde foi transcrita, exatamente conforme saída dos seus lábios: em frases rudes. O manuscrito, encerrado com a sua assinatura, permaneceu nos arquivos daquela Faculdade, mas, até os nossos dias, nenhuma solução natural foi encontrada para os fantásticos e inacreditáveis fatos ali expostos.

Através dos três séculos que já decorreram, o manuscrito Cadreras levou muitos homens de ciência a remexer os arquivos dos museus da Áustria e de mais alguns países. Uma série bem grande de evidência documentária foi desenterrada, para corroborar o misterioso e terrível relato a respeito da "aldeia dos mortos vivos".

A FRAUDE, INCONCEBÍVEL

Os fatos são expostos, livres de qualquer dúvida, pelo número e pela ordem de testemunhas, atestando as afirmações de Cadreras — eminentes advogados e teologistas, os mais notáveis médicos e cirurgiões da Áustria, um conjunto de oficiais de exército, probos e distintos, além de vários emissários pessoais do Imperador Carlos VI.

A fraude, nos fatos ocorridos, é inconcebível: que poderia tão grande e diverso número de pessoas obter, ao confirmar os místicos relatórios de lavradores, aldeões e soldados supersticiosos? Pelo contrário, só tinham a perder, se tentassem tornar verdadeiros certos fatos não ocorridos. Incorreriam apenas no descrédito por

parte dos chefes da religião e, até mesmo, em punição, por parte do incrédulo Imperador...

E' difícil imaginar a veracidade de certos testemunhos de acontecimentos do passado. Trabalhando com traduções dos documentos originais, e guiado pelos escritos do Reverendo Montague Summers, um destacado pesquisador inglês, especializado no ocultismo, levou a efeito meticulosas investigações a respeito dêsse palpitante e misterioso assunto, podendo compor um quadro do horror e do pânico que se apoderaram de uma nação, deixando os seus habitantes e mandatários completamente desnorteados e aterrados.

Em 1720, o Império Austríaco dos Habsburgos atravessava um período de calma relativa, após cêrca de dois séculos de guerras, principalmente com a França e a Turquia. Os chefes militares procuravam aproveitar o período de trégua, para recompor os exércitos, procurando dotá-los da maior fôrça e eficiência possíveis para a época, antevendo um próximo reinício das hostilidades.

Joachin Hubner, um rapaz de Viena, era um dos soldados que compunham as tropas de muitos milhares de homens, concentradas, naquele ano, nas províncias do sudeste. Em junho, estava vivendo com uma família de fazendeiros, na isolada aldeia de Haidam, próxima à fronteira com a Hungria.

Joachin julgava-se um homem de sorte. Em meio ao verão, os campos estavam verdejantes, e a aldeia se situava numa bela região; os serviços militares eram, agora, muito leves. Seu leito era confortável, a comida era boa, e o rapaz tratado como se fôsse um membro da família. Era homem de hábitos simples, contendando-se com pouca coisa; assim, a vida campestre se lhe afigurava maravilhosa, em sua simplicidade e calma. Joachin se sentia mesmo inclinado a não mais retornar à vida da cidade.

Certa noite, logo após o jantar, enquanto as mulheres da casa trabalhavam na limpeza dos pratos e panelas, na cozinha, Joachin estava sentado à mesa, bebendo vinho e conversando com o dono da casa e seu filho, um rapazinho de quinze anos. O dia que findara fôra excepcionalmente quente, e agora, a porta de entrada estava escancarada, a fim de permitir que a brisa, que percorria a região, penetrasse na sala.

O fazendeiro estava contando um fato de sua juventude, rindo alegremente, quando, sùbitamente, uma sombra caiu sôbre a mesa. Instantâneamente, o fazendeiro revelou espanto e susto, interrompendo a frase que dizia e olhando para a porta com olhos arregalados. Joachin e o rapazinho estavam sentados um ao lado do outro, com as costas voltadas para a porta. Num gesto simultâneo, os dois viraram a cabeça para ver quem entrara.

De pé, logo à entrada da sala, estava um velho. Os cabelos bastante grisalhos, revoltos e despenteados, encimavam o rosto enrugado e inexpressivo. Seus olhos, grandes e umedecidos, fixavam-se nos circunstantes, e a mão nodosa estava levantada, num gesto que traduzia um cumprimento.

SENTADO EM SILÊNCIO

Ao primeiro olhar para o recém-chegado, o rapazinho esgazeou os olhos, da mesma forma por que fizera o seu pai, como se estivesse em algum transe hipnótico.

Joachin estava intrigado. O velho parecia uma figura inofensiva e, sem dúvida alguma, patética...

— Que se passa? — perguntou o soldado, após um longo silêncio. Mas não obteve resposta.

O velho caminhou para a mesa, sentando numa cadeira. O fazendeiro e seu filho continuaram a olhar fixamente para o recém-chegado, e Joachin notou que os rostos de ambos apresentavam a mesma expressão — que, aliás, êle jamais tivera oportunidade de ver em qualquer pessoa. Imediatamente, o soldado pôde traduzir o que as feições de seus dois amigos expressavam: mêdo, espanto, e uma profunda e infinita tristeza...

Durante alguns minutos, todos os quatro permaneceram sentados, em silêncio. Da cozinha, vinham os risos e os comentários das mulheres, entremeados com o barulho de louças e panelas. Em algum lugar, ali por perto, um cão ladrava, e uma carreta rodou, ruidosamente, pelo caminho próximo. Na sala de refeições, porém, ninguém pronunciava uma palavra, nem se movia.

Finalmente, Joachin, bastante intrigado e embaraçado, tentou iniciar uma conversa. Conscienciosamente, pronunciou uma frase de boas vindas e empurrou o jarro que continha o vinho, para o visitante.

O velho, no entanto, não pareceu notar seu gesto; permaneceu emsilêncio por mais um minuto e, sùbitamente, levantou uma das mãos por sôbre a mesa, tocando o ombro do fazendeiro. Pela primeira vez o dono da casa se moveu: inclinou-se para a frente, cobriu o rosto com as mãos, respirando bem fundo. Alguns segundos depois, o velho se levantou e caminhou vagarosamente para a porta, desaparecendo na escuridão que reinava fora da casa.

NENHUMA RESPOSTA

Joachin foi até à porta, observando o homem idoso cruzar a estrada e desaparecer nas sombras que envolviam a outra margem da campina, próxima à aldeia. Quando se voltou para seus amigos, o fazendeiro já levantara a cabeça e lágrimas rolavam em profusão, de seus olhos.

— Que aconteceu? — perguntou Joachin, em tom autoritário — Que significa tudo isso?

Ainda uma vez, ninguém lhe respondeu. O dono da casa levantou-se, caminhou para a escada que levava ao andar superior e subiu os degraus, dirigindo-se para o quarto de dormir. O rapazinho ficou a observá-lo, ainda com ar estranho, e sùbitamente, deixando escapar um grito, correu para a cozinha.

Joachin ouviu quando o rapaz começou a falar com excitação, mas as palavras se perdiam no côro de vozes femininas, entremeadas com gritinhos de susto, logo seguidas do ruído de louça caindo ao chão. Em seguida, tôdas as mulheres, com os olhos arregalados e murmurando coisas

ininteligíveis, vieram até à sala, e, guiadas pelo filho do fazendeiro, subiram a escada.

O intrigado e curioso soldado permaneceu na sala por alguns minutos mais, procurando ouvir as palavras que eram ditas na excitada conversação que em seguida se travou, entremeada de lamentações, soluços e choros. Resolveu subir a escada, para averiguar o que se passava, mas mudou de idéia: a causa de todo aquêle alarma era, muito provàvelmente, algum problema de família por demais íntimo, que não lhe dizia respeito.

Não desejando intrometer-se, pôs de lado a curiosidade que o dominava e saíu, com o intuito de passar a noite conversando com os conhecidos, na estalagem da aldeia. Quando retornou, por volta de meia-noite, a casa estava às escuras, e tudo parecia quieto e silencioso. Joachin foi deitar e, com a quantidade de vinho que ingerira, adormeceu quase imediatamente.

CHÔRO DE MULHERES

De manhã, foi despertado pelo chôro de mulheres. Saíndo ràpidamente do quarto, quase esbarrou com o filho do fazendeiro, que carregava uma coroa de flores...

— Que aconteceu? — perguntou Joachin, cheio de espanto.

— Meu pai morreu — respondeu o rapazinho com voz sumida.

O soldado ficou deveras surpreendido, pois o fazendeiro era um homem robusto, vigoroso, e aparentava ser bastante sadio.

— M... mas, como isso pode ter acontecido? Na noite passada mesmo... — E interrompeu-se, recordando o estranho episódio da véspera: — Aquêle velho que estêve aqui... Que tem êle a ver com o fato?

O filho do extinto fitou-o em silêncio, por alguns segundos, respondendo no mesmo tom de voz:

— O velho que entrou na sala era meu avô: o pai de meu pai.

— Sim? Mas não vejo qualquer relação entre a visita dêle e a morte súbita de meu amigo!

— Não? — e os olhos do rapazinho brilharam estranhamente. — **Meu avô morreu e foi enterrado há dez anos!**

Dentro de uma hora, o fantástico acontecimento já se espalhara por tôda a aldeia, atingindo ainda as localidades vizinhas. Joachin contou o fato aos seus camaradas e êstes o repetiram para seus superiores e para as famílias com as quais moravam provisòriamente. Era voz corrente que o velho voltara a fim de levar o filho para o túmulo.

INQUÉRITO OFICIAL

Dois dias depois, um carrancudo general ordenou a um oficial que procedesse a um inquérito a respeito "dêsse pernicioso rumor, que causava tamanha perturbação no seio das tropas e dos cidadãos". Para supervisionar as investigações, escolheu o comandante de um corpo da tropa de Infantaria Alandetti — o Conde de Cadreras.

Acompanhado por um experimentado médico do exército, um notário e outros oficiais, o Conde viajou para Haidam, estabelecendo seu quartel-general na pequena igreja da aldeia. Joachin Hubner foi interrogado durante todo um dia e, em seguida, um depoimento sob juramento foi tomado de cada membro da família do morto.

Ao fim dessas preliminares, todos os investigadores, profundamente impressionados, decidiram unânimemente, que deveriam exumar o corpo do ancião, cuja visita causara, presumìvelmente, a morte do fazendeiro. Diante de uma pequena e silenciosa multidão de soldados e aldeões, o caixão foi desenterrado e aberto...

O médico encarregado da exumação deu um grito de espanto, ao se inclinar sôbre o corpo daquele que estava enterrado há dez anos. O velho aparentava ter sido sepultado apenas há algumas horas antes, tal o estado de conservação em que seu cadáver se encontrava!

Os mais nervosos circunstantes saíram a correr para suas casas e os demais permaneceram ali, agora mais unidos, a certa distância da sepultura, enquanto o cirurgião apanhava um estilete, secionando uma das veias do braço do morto. Da ferida, jorrou sangue quente e vermelho...

— Incrível! — exclamou o médico. — Êle está morto e, contudo, continua vivo! Da mesma forma ocorre com os vampiros, segundo a crença geral!

— Sugiro então que façamos com êle o que se faz com um vampiro! — disse o Conde, com uma careta. — Enterre um cravo no seu coração, e secione a cabeça do tronco!

Os demais encarregados da pesquisa assentiram; nenhum dêles acreditava na existência de vampiros, mas não havia outra coisa a fazer. Não restava qualquer dúvida de que, de algum modo, o corpo do velho se reanimara e, assim, tinham de tomar tôdas as precauções, a fim de impedir que isto ocorresse novamente...

A macabra operação foi levada a efeito, e o corpo devolvido à sepultura. Os aldeões e soldados ali destacados sentiram-se mais aliviados, na certeza de que o morto não voltaria a andar pela região.

UMA COMISSÃO REAL

O relatório do Conde de Cadreras, assinado pelos demais membros do inquérito, deixou o general tão surpreendido, que êste acabou por levá-lo ao conhecimento da suprema côrte militar. E os componentes desta, igualmente estupefatos, enviaram o relatório para o Imperador.

Algumas semanas depois, Cadreras recebia ordens para se



Valentini Dyal

apresentar à referida côrte. Por horas a fio, Carlos VI o inquiriu, perscrutando todos os pontos da história, procurando notar qualquer contradição em que êle incorresse.

Vendo que não conseguia modificar as assertivas do Conde, o Imperador ordenou-lhe que retornasse à aldeia, acompanhado, desta vez, por uma comissão real. Não havia alternativa: se a segunda investigação não apresentasse os mesmos resultados, Cadreras e seus colegas seriam punidos.

Os doutos membros da comissão real não fizeram esfôrço para esconder seu ceticismo, durante a viagem para Haidam, e o Conde devia ter pensado, com certo temor, se seria capaz de os convencer da veracidade do fato ocorrido. Mas não era necessária tal preocupação da parte dêle: esperando pelos enviados do Imperador, estava um mistério ainda mais insondável e terrível do que o primeiro.

Penetrando na aldeia, encontraram várias casas vazias e abandonadas e outras, fechadas e protegidas por verdadeiras barricadas. Embora fôsse dia claro, as ruas estavam desertas. No pôsto militar, encontraram apenas alguns oficiais e uns poucos soldados — a maioria dêles havia desertado...

Daqueles que ainda permaneciam ali, ouviram uma história de morte e horror — um pesadelo que se tornara realidade — com diversas famílias atingidas pela desgraça, e acarretando a evasão de aldeões e soldados para outra região do país.

Testemunha sôbre testemunha — algumas meio desequilibradas e dominadas por um mêdo constante — atestaram, peremptòriamente, que diversas famílias haviam sido visitadas por parentes há muito tempo mortos e enterrados. E, o que era mais espantoso, em cada uma dessas ocasiões, um dos visitados, em cada casa, falecera algumas horas depois!

Haidam, juraram as testemunhas, estava povoada por um exército de mortos-vivos! Cada noite, quando as sombras começavam a envolver a região, o cemitério ficava repleto de cadáveres que se levantavam das sepulturas, caminhando em seguida, pelas ruas, e tentando penetrar nas casas em que haviam vivido há muitos anos!

E, quando as portas e janelas cerradas impediam sua entrada, os invasores sobrenaturais geralmente gritavam, em voz cavernosa, os nomes de suas vítimas, com o mesmo terrível efeito. Ao todo, os repugnantes mortos-vivos haviam levado consigo, para o cemitério, vinte e uma pessoas, de diversas idades...

RELAÇÃO DOS MORTOS

Os investigadores não quiseram esperar por mais provas, tal como aguardar que caísse o crepúsculo, a fim de verificar pessoalmente o que ocorria. Fizeram uma lista dos mortos-vivos e ordenaram que as sepulturas fôssem abertas imediatamente. Cada um dos cadáveres foi achado nas mesmas condições de conservação que o do velho inicialmente exumado. Por unânime e imediato acôrdo, procedeu-se da mesma forma que com o primeiro: um cravo foi enterrado no coração de cada um e, em seguida, separada a cabeça do tronco.

A noite vinha chegando, quando o último corpo foi devolvido à tumba, depois de convenientemente "tratado". Reunidos no santuário da igreja, os aldeões, soldados e emissários do Imperador aguardaram, em grande tensão, sem que qualquer fato sobrenatural acontecesse.

O "exército de cadáveres" foi derrotado...

Nos anos que se seguiram, a história tornou-se tão confusa e destorcida, que Cadreras passou a ser freqüentemente alvo da maledicência e da cólera popular, sendo mesmo, em certas ocasiões, acusado de bruxaria e necromancia. Chegou a apelar para a suprema côrte, a fim de que esta emitisse um atestado público que preservasse sua reputação e tornasse clara a missão que êle fôra obrigado a efetuar. Mas o Imperador, aconselhado pelos líderes religiosos e homens de Estado, continuou em teimoso silêncio. Temia-se que tal declaração renovasse o pânico e a onda de terror que se haviam espalhado pela nação, na época das fantásticas ocorrências, e que levariam à profanação de centenas de cemitérios nos municípios do país.

Assim, o Conde Cadreras tornou-se um rejeitado pela sociedade e, posteriormente, um autêntico exilado. Finalmente, alguns anos depois, resolveu êle narrar, pessoalmente, a terrível história ao bibliotecário da Universidade de Friburgo, a fim de que êsses fatos reais e inacreditáveis pudessem ser conhecidos, e ainda com o intuito de preservar sua honra!

A CONCLUSÃO DO LEITOR?

Muito tempo após a morte do Conde, pesquisadores, intrigados pelo manuscrito citado, rebuscaram os relatórios assinados pelos comissários reais, que haviam acompanhado o Conde na última visita a Haidam; acharam, em conseqüência, irrefutável confirmação para tudo o que fôra exposto no manuscrito. Foi em vão, porém, que tentaram encontrar alguma explicação baseada nas leis da natureza, para a extraordinária seqüência de acontecimentos...

Será possível conseguir, ainda neste século, uma explicação plausível para o apaixonante e misterioso problema? **Terá o leitor alguma explicação consciente para êsses fatos?**

Ou, por acaso, admitirá e aceitará uma explicação sobrenatural, de que muitos fantasmas, com tôda a vitalidade e "solidez" dos humanos, retornaram para reclamar a companhia de seus parentes no além-túmulo?



No próximo número, apresentaremos a história dos "Faquires de Paris", também relatada por Valentine Dyall; fizeram, êles, milagres de curas, as quais são consideradas acima da compreensão humana atual. Terá assim, o leitor, oportunidade de exercitar, novamente, seu poder de dedução.

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e Lady Júlia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade do Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seu velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto de Lady Júlia, que via também com grande desagrado as relações exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por Lady Júlia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, e que o impediria de ir à noite apreciar a sua *toilette* de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que ao regressar de Buckingham Palace iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney, que, em nome de Lady Júlia, pedira-lhe e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de Lady Júlia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o *chauffeur*, que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o *chauffeur*, derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado no próprio sangue. Na mão direita está um revólver. Rodney manda o *chauffeur* chamar o Dr. Pargetter, médico da família e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no "fog". O Dr. Pargetter aumenta o alarma, declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não fôra descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo *chauffeur*, vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico em impressões digitais. Depois de interrogar ligeiramente os presentes, o inspetor acaba dispensando a presença de Rod e Aline, que vão para casa, onde aguardam a chegada de Gerry para relatar o que acontecera. Depois, em seu quarto, Aline restitui à sua amiga o lenço encontrado no apartamento de Swete. Enquanto isso, Scotland Yard começa a agir...

Curvou a cabeça. Seus cabelos ligeiramente perfumados roçaram pelo rosto de Aline, cujos olhos se encheram de lágrimas. Porém o rosto, que colou um instante no seu, estava absolutamente sêco.

— Boa noite, minha boa Aline — disse finalmente Gerry, com voz firme. — Fui uma tola e uma errada vindo perturbar o seu repouso.

— Por que se retira? Por que não fica, para repousar, aqui mesmo? Afirmo que não me incomoda...

— Obrigada. Mas estou bem, agora. Trate de dormir, querida...

Os lábios que tocaram de leve a fronte de Aline estavam gelados. Gerry endireitou-se, pareceu hesitar um instante e depois declarou:

"— A propósito... êsse lenço que você me restituiu... Barry deve ter ficado com êle, na tarde do dia em que você retornou de Paris. Êle estava presente, recorda-se, quando você me ofereceu os lenços...? Barry deve ter roubado um... Gostava de brincar.

Deteve-se mais uma vez, para procurar ler o que havia nos olhos de Aline; depois continuou:

"Além do mais, isto não tem importância. Apesar de tudo, talvez seja melhor não mencionar êste fato...

Afastou-se sem fazer ruído, recortando sua figura na parede, com os primeiros albores que entravam pela janela. Em seu íntimo, Aline não podia deixar de refletir que um homem que rouba, por gracejo, o lenço de uma senhora, não o deixa rolar pelo chão, na própria residência; e, também, que era quase impossível um perfume impregnar um lenço tão fortemente, após vários dias.

Mas havia um sem número de coisas que Aline não conseguia compreender em Gerry.

Capítulo VIII

Scotland Yard começa a agir

Logo que Rodney e Aline se retiraram, Pargetter se dispôs a apresentar suas despedidas ao inspetor, quando êste mergulhou numa de suas indecifráveis reflexões. O queixo entre o indicador e o polegar, as costas voltadas para a porta, firmemente plantado sôbre as pernas, Manderton se levantava, enorme e imóvel, no centro da sala. Só, junto da lareira, Roberts

contemplava o detective com olhar melancólico. O silêncio parecia não ter fim e por isso o médico avançou para ver o que absorvia a tal ponto o policial.

Era a mesa que ficava junto da poltrona do morto ou, mais exatamente, os objetos que a guarneciam.

Além do telefone e do livro de assinantes, havia ali, sôbre uma bandeja de metal, meia garrafa de *whisky*, um sifão, um copo limpo e de bôca para baixo. Ao lado do livro de assinantes, outro copo no qual haviam bebido e, no bordo da mesa, um cálice de cristal talhado, que parecia usado e cuja presença poderia ser explicada por um frasco de beneditino, existente ao lado do grande cinzeiro de prata; finalmente, junto do cálice, um cofrezinho, também de prata, enquadrado de cedro, aberto e contendo cigarros.

Manderton tocou com a ponta do dedo o charuto consumido pela metade e que repousava no bordo do cinzeiro. A bandeja continha a ponta de outro charuto esmagado e outro cigarro, quase inteiramente fumado, que também havia sido esmagado para extinguir a braza.

Sem levantar a cabeça, ainda com o dedo na cinza, o inspetor falou, repentinamente:

— Olá, você, Roberts... se é Roberts realmente o seu nome...

— Eu? — perguntou o mordomo com voz que tremia.

— O seu patrão fumava charuto?

— E como fumava, senhor! Não era apenas um... mas...

— Fumava também cigarros?

— Oh, não, senhor!

— Mas tinha cigarros em casa, para servir aos amigos?

— Justamente, senhor. No cofrezinho de prata.

Pargetter resolveu intervir:

— Tinha horror aos cigarros, que considerava simbolizar uma época de decadência.

O inspetor se inclinou com ar distante e começou a examinar o tapête. Lentamente, de cabeça baixa, ia da poltrona até à porta, tal o jogador de golf estudando o terreno antes da jogada decisiva.

Foi interrompido em seu trabalho pela chegada de um homenzinho de *pince-nez*, ar apressado embora fatigado, e que trazia, na mão direita, uma bôlsa preta.

Manderton pareceu despertar, erguendo a cabeça.

— Doutor — disse êle a Pargetter — não o retemos mais tempo.

A seguir, apresentou o recém-chegado, que era o médico legista.

— Enquanto o Dr. Worburton examina o corpo, o senhor poderá descrever o que descobriu por sua parte. Em seguida, se êle tiver novidades a contar, nós o ouviremos.

E, voltando-se para o grupo de policiais:

— Retirem-se vocês! — declarou — Não você, Dene! Preciso que descubra as impressões digitais na pistola. Guarda! Trate de conseguir a ambulância. Você, Wainright, não se afaste muito, com o seu colega e previna-me logo que cheguem os fotógrafos. Quanto a você, Roberts, pode ir para casa, mas deixe ficar, escrito, o seu endereço com o guarda. E agora, Dr. Pargetter, pode começar.

A sala ficou quase vazia, o cirurgião afastou o paravento e ajoelhou-se junto do corpo.

— O caso é perfeitamente claro — disse Pargetter com firmeza; estava ainda furioso. Êle, um médico de West End, não podia tolerar que julgassem necessário outro exame após o seu! — Êsse homem foi assassinado com um tiro, disparado de frente e de uma distância superior, pelo menos, a dez passos! A bala seguiu, no interior, um trajeto ascendente. O fato de não haver encontrado a saída dá idéia de se haver esmagado contra as vértebras cervicais. Ao passar, secionou a carótida interna. A morte foi causada pela hemorragia e o choque.

— Permita que eu anote isto — disse o inspetor, extraindo do bôlso o seu volumoso caderno de apontamentos. — O senhor disse... *carótida interna*, hein? Muito bem. Fico-lhe muito obrigado. Não determinou a posição da bala?

— Não.

— Não tem qualquer idéia do calibre?

— Pelo diâmetro da abertura, acredito que seja de grande calibre: provàvelmente encontraremos uma bala atirada com um grande revólver do exército. Bala com camisa de níquel, utilizada com uma arma automática, semelhante à que o morto possuía, teria produzido orifício muito menor. A bala utilizada com arma militar não tem êsse envelope; nessas condições, ela se esmagará mais fàcilmente contra as vértebras ou a própria coluna vertebral.

— Pelo que vejo, o senhor tem certa experiência das armas de fogo.

— Fui, por quatro anos, médico do exército, durante a guerra.

— Acredita que a morte tenha sido instantânea?

— Quando a carótida interna é secionada, a morte é quase instantânea... coisa de segundos. O sangue escapa com violência terrível. A carótida, como o senhor deve saber, é a artéria que leva o sangue ao cérebro. Se, no caso em aprêço, a bala atingiu o alto da espinha dorsal, o Sr. Swete com certeza perdeu imediatamente a consciência.

— Nestas condições... êle não pôde gritar?

— Para mim — pronunciou o Dr. Pargetter, sentenciosamente — a rapidez da hemorragia deve ter sido suficiente para o impedir de emitir qualquer som.

Manderton mordeu os lábios.

— Não encontrei — disse êle — qualquer marca de queimadura provocada pela pólvora. Na sua opinião, doutor, de que distância o tiro foi desfechado?

— Mais ou menos o comprimento desta sala, ou pouco menos.

— Em outros têrmos, Swete não foi atacado *de surprêsa*? Acredita que, antes do tiro, êle tenha conversado com o assassino?

— Penso que, de qualquer maneira, êle teve tempo de empunhar o próprio revólver. A propósito, onde êle o guardava?

— Na gaveta da mesa: contou-me o criado, enquanto estávamos ainda em baixo. Mas, por enquanto, êsse detalhe não tem interêsse. Há outros mais urgentes. Por exemplo: Swete foi alvejado da porta? Pessoalmente, penso que não. E veja se tenho razão...

Manderton apontava para as duas cadeiras que ficavam uma em frente da outra, com a mesa ao centro, o livro aberto e, perto do livro, o copo em que o morto havia bebido.

— Swete não se deitou; o criado havia saído, deixando o patrão só no apartamento. Alguém bate à porta. Também alguém pode ter entrado mesmo sem bater — com a ajuda de uma chave. Mais tarde procuraremos saber quem era êsse alguém. Ponto já esclarecido: Swete não foi assassinado *à queima-roupa!* Não é isso mesmo? A uma dezena de passos, segundo o senhor? Muito bem. Neste caso, se êle foi abrir a porta, não foi assassinado nesse momento. Se alguém entrou, usando uma chave, êle não foi assassinado no limiar, nem logo após a entrada do assassino na sala; porque, segundo o cálculo do senhor, essa é uma distância muito curta. Além disso...

Manderton fêz sinal ao médico para que se aproximasse.

— Quer vir até cá?

O médico avançou até o local em que se encontrava o inspetor. Entre a mesa e a porta, Manderton, com o olhar voltado para o chão, designava, com um dedo, uma sucessão de manchas negras que se alargavam até perder-se na poça que cercava o corpo.

— Segundo penso — disse o inspetor — estas manchas demonstram que Swete tombou ao ser atingido. Pode não ter gritado, por haver perdido instantâneamente o conhecimento. Mas, de qualquer maneira, tenho a impressão de que, durante o breve tempo em que se esvaía de sangue, tentou gritar por socorro ou se arrastar para a porta. Pela maneira como o chambre se encontrava, imagino que êle tivesse caído sôbre os joelhos, mesmo no instante em que se atirava para a frente... e caíu para morrer, estirado sôbre o próprio sangue, como foi encontrado pelo senhor.

O médico aprovou com um movimento de cabeça.

— Sem dúvida, o senhor tem razão; a necessidade atroz de respirar, a "fome de ar" — como dizemos nós, os médicos — devia ser suficiente para que êle procurasse a porta.

— Se tenho razão — voltou Manderton a falar — isso significa que o assassino não se encontrava entre Swete e a porta, pois o homem que se vê visado por um revólver faz, instintivamente, o gesto de fugir ao seu agressor. Dado que as manchas de sangue começam justamente diante da poltrona de Swete, concluo que êle, depois de ter ido abrir a porta ao assassino, voltara à sua cadeira.

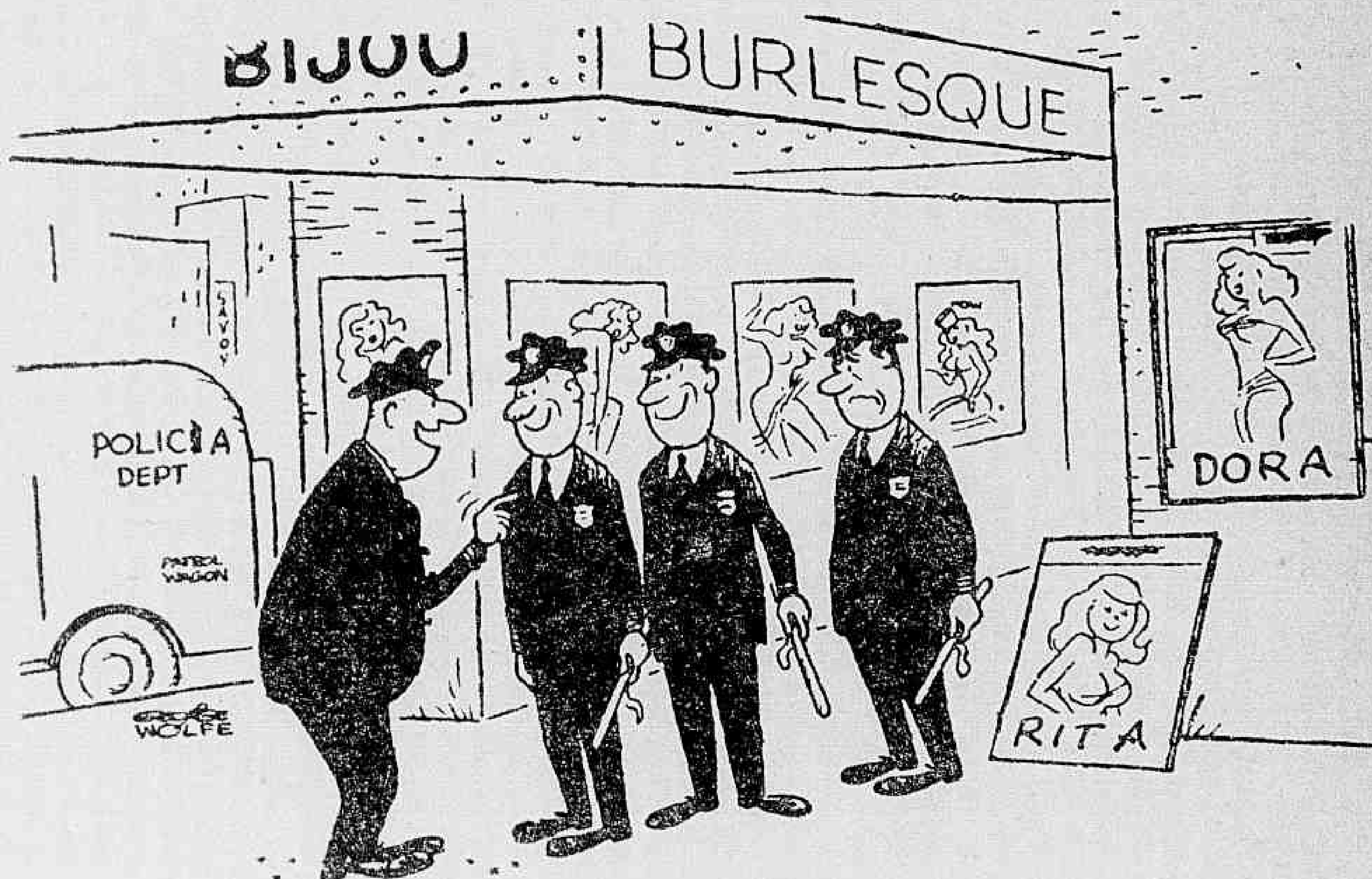
O médico, desta vez, discordou:

— Jamais, com a carótida cortada, êle teria tido fôrças para se levantar; no máximo, teria curvado o corpo para a frente, para tombar ali mesmo, junto da poltrona, a qual teria sido inundada de sangue.

— Admitamos, então, que êle não tornara à poltrona — replicou o inspetor em tom resignado. — O que pretendo é que, muito provàvelmente, o assassino disparou a arma de um outro local da sala.

Apontou para a lareira.

— O choque da bala, fêz Swete (de pé, junto da mesa) girar ligeiramente, numa meia-volta, para cair logo a seguir, não mais se mexendo. À sua frente estava a porta. Sentindo faltar-lhe o ar, tentou um supremo esfôrço para alcançar o patamar. De acôrdo?



— *Vamos fazer assim: eu prendo a Dora, o Paulo prende a Rita, você prende a Laura e o Bonifácio prende o gerente!*

— Essas conjecturas — respondeu o médico com altivez — escapam inteiramente à minha competência.

— A quanto tempo ocorreu a morte?

— Essa é uma pergunta a que nenhum médico responderia com dose suficiente de exatidão.

— Mesmo assim — resmungou o inspetor — o senhor pode formar uma presunção a êsse respeito?

Pargetter lançou para o inspetor um olhar gelado.

— Prefiro basear as minhas conclusões sôbre as minhas observações profissionais.

— Que horas eram, quando o senhor examinou o corpo?

— Meia noite e cinqüenta e três exatamente. Verifiquei que êle já estava frio e que já se manifestava um princípio de rigidez cadavérica. Se uma longa experiência permite julgar, a morte devia datar de aproximadamente duas horas.

— Eu poderia, neste caso, admitir que, às onze horas da noite, o Sr. Swete ainda estava vivo?

— Se faz questão... — respondeu Pargetter com voz acrimoniosa. — Recuso afirmar, sim ou não, sôbre êsse assunto. E' contra tôdas as leis da profissão!

Manderton não conteve o riso.

— Oh! Muito bem... — disse êle — Direi, então, que "o assassinato ocorreu entre onze horas e meia noite? Está bem, assim?

— Isso não sai dos justos limites da hipótese! O Sr. Swete, a meu ver, não foi assassinado antes das dez horas e trinta, nem muito depois de onze e trinta! E' só o que posso dizer, inspetor.

O cirurgião legista já estava novamente de pé.

— Sou também dessa opinião — disse êle, piscando os olhos várias vêzes — Quanto à necessidade de fixar exatamente a hora da morte... Bem... Esta é uma rua tranqüila e, possìvelmente, alguém ouviu o tiro.

O inspetor se enfureceu como por encanto.

— Oh, sim! Uma rua tranqüila! Uma série de garages, com motores em marcha a todo o instante, noite e dia... No entanto...

Fêz um sinal, chamando Dene.

— Vá dizer, por favor, a Mason, para procurar saber se, no correr da noite, algum residente nesta vizinhança ouviu um tiro ou um grito. E encarregue Wainright de organizar uma lista dos *chauffeurs* que reconduziram seus veículos à garage.

Dene saíu, enquanto Manderton se voltava mais uma vez para Pargetter:

— E' inútil que eu o retenha por mais tempo. Resta-me apenas agradecer por seu bom auxílio, doutor... Naturalmente, vamos necessitar do senhor no correr do inquérito.

Fêz, com a cabeça, ligeira saudação para o médico e, sem mais se importar com o mesmo, voltando-se para o cirurgião, começou a discutir com êle as disposições que deviam ser tomadas para a autópsia.

Pargetter foi fechar a sua valise e dirigiu-se, a seguir, para a porta. Pouco acostumado a essas maneiras bruscas e desatenciosas, sentia-se ferido profundamente em seu orgulho. Já prestes a cruzar a porta, teve que recuar, para não ser atropelado por dois homens que entravam, ambos carregando aparelhagem fotográfica. A sala se encheu de ruídos. Assim, impedido de sair por alguns segundos, Pargetter deixou o olhar errar pela sala, até se fixar no corpo frio, estendido no chão. Então ficou pensando no que diria dessa irrupção, em seu apartamento privado, o pobre Barry Swete, tão amante da paz de solteiro.

Capítulo IX

Indícios

Por trás das vidraças de suas janelas, a casa da porta amarela via fugir a noite e nascer o dia. Tinham levado o corpo. O jovem Dene era o único a continuar na sala. Sentado diante da escrivaninha, a cabeça curvada sôbre uma fôlha de papel, estudava com a ajuda de uma lente uma série de impressões digitais.

— Ainda vai tardar muito?

O inspetor Manderton avançou a cabeça sôbre o paravento, já agora colocado em seu local primitivo.

— Já terminei, chefe.

E Dene levantou, nesse instante, um rosto satisfeito.

— Identifiquei as impressões digitais do morto, sôbre a pistola, sôbre o copo, a garrafa de *whisky* e o frasco de licor. Havia também vestígios de dedos, mas que não eram os dêle, sôbre o copo de licor: tive um trabalhão para tomá-los!

Guardou a lente e começou a arrumar na caixa tôda uma série de escovas e papéis muito bem dobrados. No entanto, o inspetor havia extraído do bôlso, uma bôlsa de fumo e o cachimbo, que agora enchia, com gestos lentos e hábeis. Seu rosto vermelho exprimia uma alegria quase maliciosa.

— Então, meu caro Dene? — perguntou êle — Que lhe parece tudo isso?

O "Tio George", como era conhecido em Scotland Yard, revelava boa dose de confiança no seu jovem auxiliar. Não o distinguia dos demais, porque o seu auxiliar tinha tôda a aparência e a educação de um *gentleman*: ao contrário, o que lhe agradava em Dene era a maneira como procurava anular os inconvenientes de sua educação. Discernia em seu auxiliar uma aptidão natural no trabalho infinitamente penoso da pesquisa criminal. Não

tinha *pose* e, acima de tudo, revelava coragem e determinação muito louváveis de aprender, a fundo, a profissão. Ninguém podia ser promovido na polícia metropolitana, se não começasse vestindo o uniforme. E o graduado de Cambridge se submetera alegremente a essa regra. Servira dezoito meses como simples policial nos bairros londrinos, antes de ganhar um pôsto em Scotland Yard, no Serviço de Impressões Digitais, onde soubera distinguir-se aos olhos severos do inspetor Manderton.

"— Creio poder fazer alguma coisa do jovem Dene" — havia dito o "Tio George" ao diretor adjunto.

Eis por que, quando Manderton se ocupava de um caso importante, que exigia a cooperação do "Serviço de Impressões Digitais", solicitava sempre o concurso de Trevor Dene. E, sabendo que o seu subordinado era totalmente despido de orgulho, condescendia em conversar amistosamente com êle, sempre que não estavam presentes outros funcionários.

Dene fechou a sua valise e caminhou para a porta.

— Antes de sairmos, chefe — pediu êle — permite que eu *olhe* um pouco esta sala?

— Naturalmente... Pode ver o que quiser!

O inspetor foi instalar o seu corpanzil numa poltrona confortável.

Alerta, nervoso, Dene caminhava, parecendo medir atentamente o comprimento do tapête. No instante em que acabava de passar pelo quarto de dormir, Manderton lhe gritou:

— Verifique o conteúdo da carteira, sôbre a mesa de *toilette*.

O quarto era pequeno, mobilado simplesmente, com uma ordem quase exagerada. A janela, dando para as velhas cocheiras, estava aberta em sua parte superior. Nenhuma marca alterava a brancura luzente dos caixilhos.

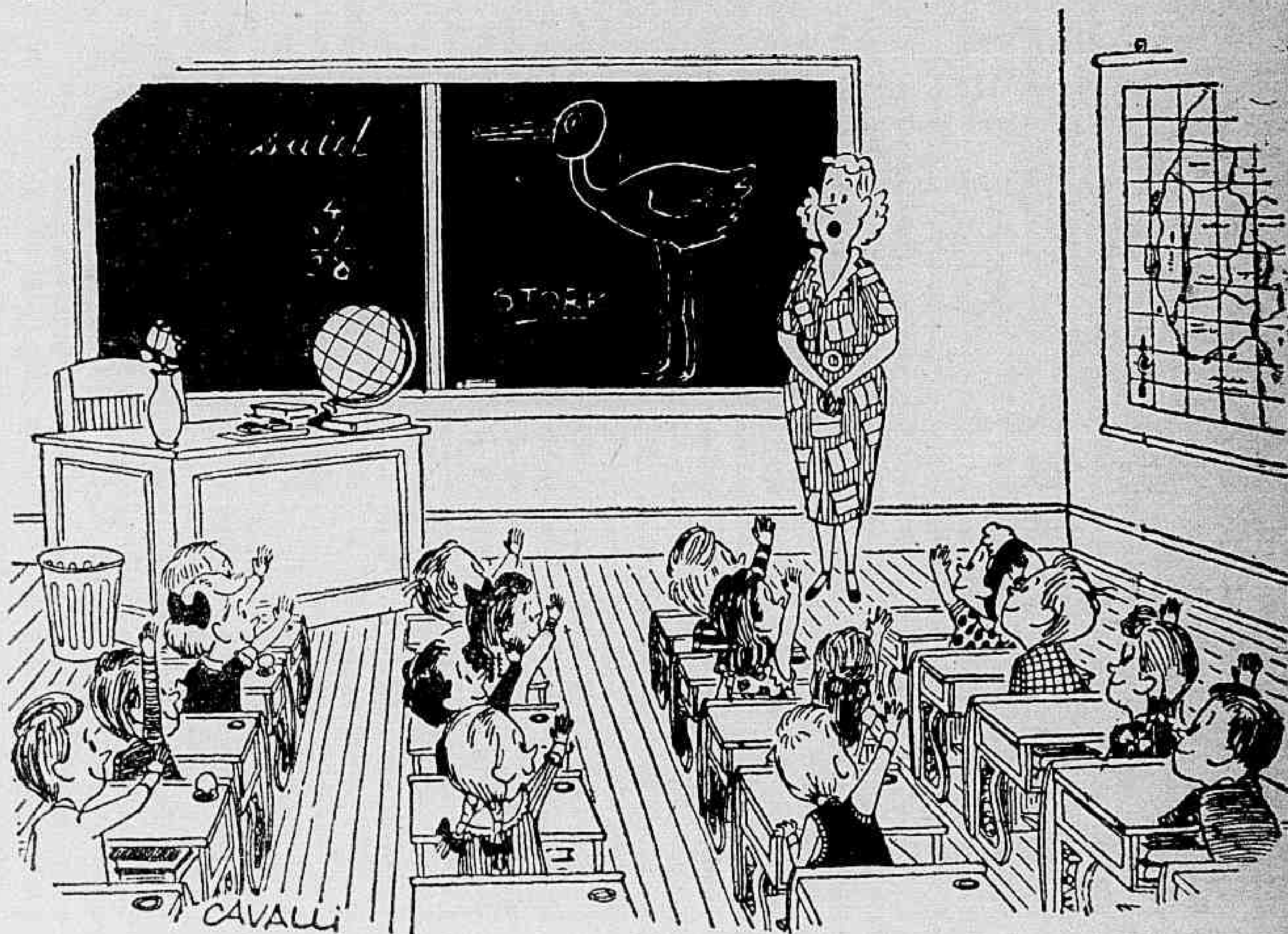
Junto do divã, Dene parou: revia, mentalmente, dois olhos, puros como estrêlas, e que se haviam prendido aos seus com tão meiga franqueza. Sôbre o leito, preparado para a noite, havia um pijama de sêda cinzenta. Parecia esperar. *"Há de esperar tôda a vida"* — pensou o jovem policial... que se revoltou, logo a seguir, contra o acaso absurdo que fizera surgir aquela aparição maravilhosa num tal cenário de drama.

O homem tenebroso que a jovem norte-americana avistara... onde se escondera, trêmulo de ansiedade, enquanto derrubavam a porta? Era preciso encontrar vestígios de sua permanência naquele apartamento. Mas, nem um alfinete podia ser encontrado! O banheiro, contíguo, com as paredes de cerâmica, também nada apresentava. Dene subiu para o bordo da banheira, a fim de se alçar até à janelinha que a dominava; era uma janela tão estreita que nem mesmo uma criança poderia passar por sua abertura. Além do mais, tinha grades fortes. Fora, quase ao alcance da mão, corriam vidraças poeirentas e que serviam de cobertura para o *court* de tênis.

Dene deixara para o fim o exame da carteira. Era artigo fino, de couro macio e azul, com monograma e cantos de ouro. Pousada sôbre um cofre, que Swete transformara em sua mesa de cabeceira, continha uma boa quantidade de notas. Contando-as, Dene revelou profunda surprêsa. No interior havia uma nota de 100 libras, além de outras de 10 e 5, num total de 185 libras! Nessas condições, quanto ao móvel do crime...

Manderton, em sua poltrona, fumava, o olhar perdido no teto, quando Dene passou, chegando à sala de jantar. Estava mobilada de Chippendale autêntico. A prataria reluzia. As janelas tinham, tôdas, os estores arriados, as cortinas recolhidas. Nem uma códea de pão sôbre o tapête. Nem um grão de poeira, em qualquer parte. Evidentemente, Roberts era dêsses criados que valem o próprio pêso em ouro!

A porta de serviço, conduzindo à escada interna, estava aberta. A escada descrevia uma curva e ia terminar num grande corredor, iluminado por uma lâmpada elétrica e cujo teto era cortado, na outra extremidade, pela escada que subia da rua.



— *Isto termina a nossa aula sôbre a cegonha... Desejam fazer alguma pergunta?*

Duas portas abriam para êsse corredor, uma à direita da escada, a outra em frente. A da direita dava para uma cozinha estreita e comprida, correndo sôbre tôda a extensão da casa. Ainda ali, podia ser notada a mão segura de Roberts, pela ordem meticulosa e irrepreensível, a limpeza da louça e todos os utensílios de cozinhar, do forno elétrico e do chão de linóleo, sem nódoas. Sólidas barras de ferro protegiam a única janela, situada sôbre a rua, quase no nível do solo.

À esquerda do corredor, em face da cozinha, estava um depósito com as mesmas dimensões, tendo janela semelhante e também protegida por grades de ferro e abrindo para a rua. Uma só lâmpada o iluminava. Dene torceu o comutador e viu um amontoado de tudo aquilo que já esperava ver: valises antigas e imprestáveis, enormes caixas de papelão, pilhas de jornais velhos, móveis fora de uso... Porém, mesmo ali, reinava boa ordem, com as caixas empilhadas metòdicamente. Quando Dene, terminada a sua inspeção, tornou a subir, teve o cuidado de examinar a escada, degrau por degrau. Mas, também ali, sua busca foi vã e, assim, foi de mãos vazias que reapareceu no *living-room*.

Manderton, que abandonara a poltrona, estava agora ajoelhado diante da lareira.

— Então? — gritou êle.

— Nada... Absolutamente nada! — respondeu alegremente o seu auxiliar. — Foi apenas um agradável passeio.

Enterrando então a mão direita no bôlso exterior da farda, Dene retirou um cigarro.

— Que procurava você, afinal? — perguntou o inspetor.

— Queria saber de que maneira o assassino teria podido penetrar...

— E então?

— Sei, agora, que êle não penetrou *por seus próprios recursos*. Pelo menos, com referência à parte dos fundos...

— E daí?

— Daí?... Eu gostaria muito de saber onde êle se escondeu.

— Não havia necessidade de descer para isso: para que acredita você que servem os paraventos? E quanto ao móvel do crime?

— Sei, pelo menos, que não foi o roubo, chefe.

O inspetor riu misteriosamente.

— Você viu a carteira? — perguntou êle. E, ante a resposta afirmativa de Dene, concluiu:

"— Perfeito! E quais foram as suas conclusões?

Dene, para ganhar tempo, acendeu o cigarro e aspirou a fumaça duas vêzes.

— Ei-las... — disse êle lentamente. — Swete passou a noite tôda em casa, estando só...

Manderton pareceu querer interromper o seu jovem auxiliar, mas conteve-se e, batendo com o forno do cachimbo contra o salto do sapato, para esvaziar, murmurou:

— Continue.

— Presumo que conhecia o assassino, pois temos pelo menos três testemunhas para declarar que a porta da rua fôra fechada pouco antes do encontro do cadáver. Portanto, Swete deve ter introduzido pessoalmente o seu visitante no apartamento.

— A menos que êste não possuísse uma chave... não deve esquecer!

— Swete o conhecia bastante... para consentir que entrasse e ainda oferecer-lhe um licor...

"Tio George" se inclinou, com ar satisfeito.

— Hmmm... Você notou o cálice?

— Naturalmente. Além disso, há a ponta de cigarro, deixada pelo visitante no cinzeiro.

O inspetor desatou a rir. Depois, enquanto aproximava o fósforo do cachimbo, perguntou:

— Como você sabe que foi o visitante quem deixou o cigarro?

— Swete era grande fumante de charutos. Fumava mais um, quando o visitante chegou; ali está êle, sôbre o bordo da bandeja, ao lado do copo. Era o segundo que êle fumava depois da saída de Roberts, pois a ponta do primeiro está ali, no centro da bandeja. Digo mais: há cinza de charuto na almofada da poltrona. Portanto, não pôde haver mais dúvida quanto à ponta de cigarro!

— Não, não. Está indo muito bem! Agora... lance um olhar ao cigarro...

Dene se curvou para a frente.

— Ahn! Parece-me a marca de um *baton*...

— Não será sangue?

— Não! E' baton para lábios. O senhor fêz muito bem, recomendando que eu examinasse melhor o cigarro... O senhor tem bons olhos, inspetor!

O inspetor pareceu animado. Não detestava os elogios.

— Foi por acaso que descobri êsse detalhe. Mas, agora, venha até cá... Que vê sôbre o rebordo da lareira?

— Céus! E' pó de arroz! — exclamou Dene.

Voltou-se novamente para o seu chefe.

— Foi por acaso, também — afirmou Manderton, com ar modesto.

— Isto significa que o senhor desconfia que tenha sido mulher? Mas não Miss Innesmore, penso eu?

O inspetor sorriu novamente, enquanto voltava a se instalar na poltrona.

— Não podemos chegar a êsse grau de precisão... E, de resto, Miss Innesmore tem um álibi. Mas vejamos... Quando entrei neste apartamento, logo senti que

estava num apartamento de solteirão. A atmosfera não engana! Charutos apagados, poltronas de couro... Ora, fatalmente, a idéia de um solteirão atrai a idéia de mulheres, de amizades femininas. E, para me informar sôbre o caso particular de Swete, fui diretamente aos lugares onde uma mulher pode deixar vestígios de sua presença.

— Diante do grande espelho da lareira?

— Justamente. Diante do espelho. E quer que lhe descreva como era essa criatura? Uma loura; e você deve estar lembrado de que a americana é clara, mas de cabelos escuros. Além do mais, a criatura que procuramos encontrar tem estatura mediana, vestia rica *toilette* — de *soirée*, é claro. Ela e Swete se conheciam muito bem. Eram, mesmo, excelentes camaradas...

O jovem Dene moveu a cabeça com ar desolado.

— Ah! Quando o senhor começa a falar assim como Sherlock Holmes, sinto-me pequenino e como se tivesse agido às cegas. O senhor tudo vê, enquanto eu... Por favor, mostre um pouco a êste pobre Watson, como convém trabalhar!

Essa tagarelice, pelo elogio que encerrava, não deixou de ser agradável ao inspetor. Sua risada fêz tremer a louça na bandeja.

— Tudo facílimo — disse êle. — Swete tinha um cabelo louro prêso na manga do seu *chambre*, juntamente com uma nódoa de pó de arroz. Quanto à estatura dessa desconhecida, devemos, primeiro, recordar a altura de Swete... Então tudo é muito fácil.

— Sim. Um ombro que roça de leve... E um ombro *empoado* significa, naturalmente, *toilette* de *soirée*.

— Penso que sim. Além do mais, essa mulher tinha um leque...

A esta altura, o inspetor introduziu dois dedos no bôlso do colete e dêle extraíu uma fôlha de papel, dobrada. Abriu-a e mostrou o seu conteúdo: uma pequena pluma branca.

— Apanhei isto, ali, sôbre o tapête, por trás do paravento.

— Pode ter caído de um vestido. O senhor sabe que, hoje, a pluma também serve de ornamento para certas *toilettes* luxuosas...

— Devagar, rapazinho. Sôbre o encôsto do divã, pude recolher quatro pêlos... e êsses pêlos são de uma *renard* branca, conforme hoje é moda. A mulher, fôsse quem fôsse, entrou e, logo a seguir, retirou o casaco, antes de sentar...

Manderton indicava uma poltrona entre as duas outras, usadas por Swete para sentar e pousar a perna estirada.

"...Então, ficou ali, tomando o licor.

— Beneditino?

— Aparentemente. As mulheres adoram êsses licores açucarados.

Dene ficou um instante pensativo, antes de dizer:

— Nestas condições, o senhor deixa entender...

A grande mão vermelha se ergueu nesse instante, num gesto de protesto:

— Nada... Não deixo entender... nada, por enquanto.

— Sem dúvida. Mas, enfim, o senhor atribui a essa criatura, com certeza, a morte de Swete? No entanto, foi visto um homem fugindo dêste apartamento!

O rosto do inspetor revelou incerteza.

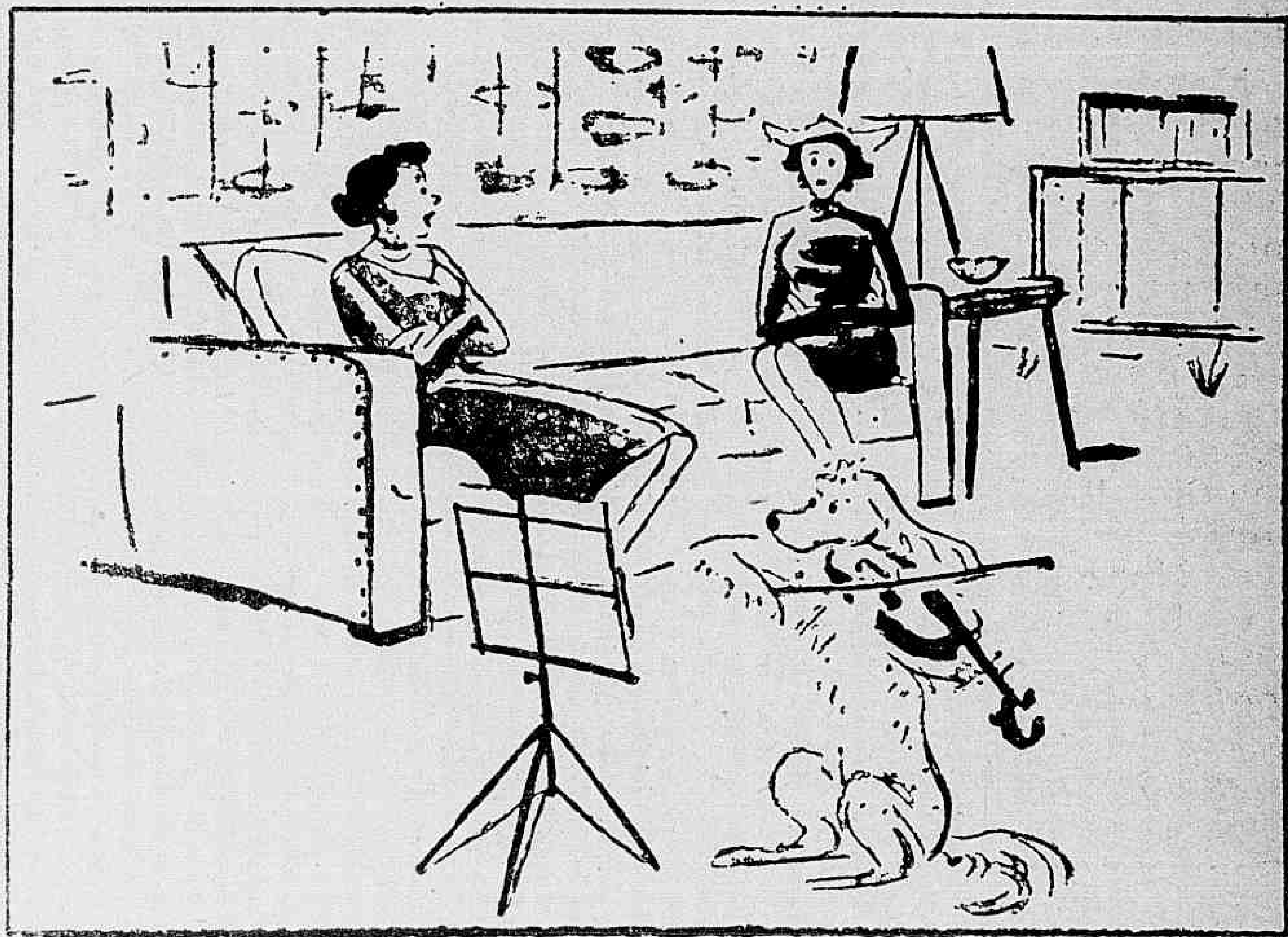
— A meu ver, se você quer mesmo saber, devemos contar com uma ou duas pessoas neste caso.

— Um homem e uma mulher?

— Justamente! Venha ver uma coisa.

Manderton caminhou para a escrivaninha, onde havia, além de uma pasta para papéis, um tinteiro de prata e um pesado cinzeiro de mármore prêto. Neste último, viam-se as pontas enegrecidas de dois fósforos de cera, e os restos de um cigarro que se consumira por si só.

— Há aqui — disse Manderton — cigarros de três marcas diferentes. Os que Swete guardava no cofre de prata são da marca "Savoy", com fumo da Virgínia. Mas o da mulher, marcado de *baton*, é um "Player" ordinário: imagino que ela teria



— Sim, mandamos "Plutão" para uma dessas escolas de etiquetas, para cães, e êles exigiram um teste de aptidão.

preferido fumar seus próprios cigarros. Quanto ao cigarro número três, ali está, diante de você. Uma parte da inscrição desapareceu, mas posso distinguir três letras. Um *M*, um *A* e um *I*. Confesso que não conheço tal marca. E você?

Dene moveu a cabeça negativamente.

"— Mas não será difícil descobrir — prosseguiu Manderton. — E' claro, você pode imaginar que a mulher misteriosa tenha fumado êsses dois cigarros. Quanto a mim, não acredito. O cigarro manchado de *baton* está sôbre a mesma mesa em que se encontra o cálice em que ela bebeu; e note que não há marca de *baton* sôbre o cigarro número três. Quanto aos fósforos...

O inspetor se voltou para uma das poltronas em que fôra depositado, antes de transportarem o morto, o conteúdo de seus bolsos: um porta-níqueis de ouro; um porta-minas (para isqueiro), também de ouro; um caderninho de fósforos da marca "Júpiter". Manderton abriu o caderninho. Os fósforos eras rosas, com cabeça amarela.

— São êstes os fósforos usados por Swete. A desconhecida também se serviu dêles, porque há uma boa quantidade, ali, sôbre a mesa. E apanhei outros dois sob a grade que fecha a lareira. Porém êstes...

Apanhou um dos fósforos de cera.

"...só podem ser encontrados aqui, sôbre a escrivaninha. Reunidos ao cigarro número três, confirmam a presença de um terceiro personagem nesta sala. Note que não são fósforos inglêses. Nunca vi, assim, tão finos.

— Eu já vi! — disse Dene — São muito usados no continente. São vendidos na França e na Itália, em caixinhas de fecho elástico...

Manderton pareceu refletir profundamente, deixando o cachimbo apagar. Repentinamente, erguendo-se, atravessou a sala, percorrendo mais uma vez o apartamento em tôdas as direções, de alto a baixo e vice-versa.

— Chefe?

— Fale.

— Há um ponto que me foge... Quanto tempo havia que Swete estava morto, quando descobriram o seu cadáver? Uma hora?

— Nunca menos, com certeza.

— Não viram a mulher deixar o apartamento... Viram sòmente o homem de boné, que caminhava apressado, quase correndo. A mulher, neste caso, já devia ter saído, antes da chegada de Miss Innesmore e de Rossway. O senhor disse que, provàvelmente, o caso envolve duas pessoas, um homem e uma mulher. Se foi a mulher quem matou Swete, por que motivo o homem teria continuado no local por mais de uma hora? Se foi o homem o assassino, neste caso, o fato é ainda mais espantoso...

Manderton ficou um instante em silêncio.

— Êsse homem continuará a espantar a todos nós — respondeu êle, finalmente — até que tenhamos apanhado a misteriosa visitante de Swete.

— Roberts, o criado, talvez pudesse ajudar nesse sentido...?

— Já nos ajudou.

— O senhor sabe quem é essa mulher?

— Não pretendo nada de semelhante. Comecemos por saber quem ela *não era!*

E com estas palavras enigmáticas, o inspetor mandou Dene repousar, despedindo-o afinal. A seguir mandou Wainright subir.

O *living-room* estava todo côr-de-rosa com os primeiros raios de sol.

Capítulo X

Mr. Murch

Como de um negro abismo marinho, Aline subiu lentamente, saindo de um sono agitado por sonhos angustiantes. Via-se, com sua *toilette* de côrte, fugindo através de um labirinto de estradas pedregosas, que conduziam, tôdas, para grandes portas onde apareciam escadas manchadas de sangue. Ali estava, pálido e triste, Barry Swete, de olhos apagados; Rodney, sorridente, conversava com um homenzarrão antipático. O cortinado de seu leito brilhava extranhamente e os lençóis estavam empapados de sangue... Uma forma pálida gesticulava na escadaria escura. Aline, com um grito abafado, despertou.

Ouviu, então, o ruido de uma **bandeja** com chá, que pousava sôbre a **mesinha** central do seu quarto. Vendo Cox se aproximar do seu leito, tomou pela mão a camareira.

— Oh, Cox! — disse com voz que parecia um gemido — Que sonho horrível acabe de ter! Que horas são?

Ergueu-se a meio, sôbre os cotovelos. A meiguice de uma manhã de sol frágil iluminava o exterior, deixando ver as fôlhas paradas das árvores da praça.

— Nove horas e meia, miss. Julguei que devia deixá-la dormir um pouquinho mais, hoje...

Por que, ao falar, Cox parecia tão triste e séria?

E, repentinamente, a lembrança do que ocorrera na noite anterior, invadiu o seu cérebro: a escadaria negra, o homem que fugia, Barry morto e o tapête ensanguentado... O homem de *Scotland Yard*, Gerry...

Ao pensar em Gerry, Aline sentiu pesar sôbre o coração a mão gelada do mêdo.

(*Continua no próximo número*)



SOLIDÃO MARINHA — Antonio Melbye (Nascido em Copenhague, em 1818; morto em Passy, Paris, em 1875) — Hamburgo, Kunsthalle.

Nos últimos 25 anos do século XIX, a arte dinamarquesa contava com uma pequenina série de pintores de marinha: os três amigos Melbye, Sörensene e Neumann. Dos três, cabe, sem dúvida, o primeiro pôsto a Melbye. Em companhia do pai, que era funcionário da Alfândega em Helsingford, e dos irmãos menores, Guilherme e Frederico, dos quais, mais tarde, foi professor, Melbye teria ingressado na marinha, se não fôsse impedido pela miopia. Inclinado, desde menino, para o desenho, ao ver um quadro de marinha, numa exposição, decidiu ser pintor. Freqüentou, durante um ano, a Academia, tendo lucrado principalmente com as lições de C. W. Eckersberg, inovador e príncipe da pintura de marinha na Dinamarca. A sua primeira marinha agradou ao alemão C. F. Rumohr, que lhe deu utilíssimos conselhos e o recomendou ao Rei Cristiano VIII. Thorwaldsen, de retôrno à Dinamarca, comprou dois quadros de Melbye, que, por favor do rei, embarcou em navio da Marinha dinamarquesa, navegando pelo Báltico, Mar do Norte, Groenlândia e Marroco (1844). O rei ainda lhe fêz encomenda de vários quadros, enaltecendo as glórias da Marinha dinamarquesa. Em 1846, a Academia de Belas Artes concedeu uma medalha a Melbye, além de uma pensão para viagens. Estêve em Paris, já artista de renome, ali trabalhando quase ininterruptamente até 1858. Casado com francesa e condecorado por Napoleão III, retornou a sua pátria, onde o aguardavam outras honrarias e um título de cavalheiro. A partir de então, viveu um pouco em Copenhague, um pouco em Hamburgo e um pouco em Paris, onde morreu, em 1875. Embora muito enfêrmo nos últimos anos de sua vida, jamais deixou de pintar, procurando, acima de tudo, aprimorar o desenho. A sua copiosa produção artística está espalhada em muitas coleções públicas e privadas, em Copenhague, Estocolmo, Moscou, Schwerin, Hamburgo e outras grandes cidades da Europa. No Kunsthalle de Hamburgo, estão muitos de seus quadros, entre os quais êste que aqui reproduzimos. Revela-nos uma turva, solene e esmagadora solidão marinha, com a presença de uma gaivota, anunciadora de terra não distante. Admirável como pôde fundir, num miraculoso acôrdo de linhas, a luz, o movimento do ar e da água.

LEMBRE-SE: VOCÊ SUBIRÁ OU TOMBARÁ PELO SEU PRÓPRIO TRABALHO

O SEGRÊDO DO ÊXITO

HÁ trinta anos, no último dia da vida escolar, sendo um rapazinho de 17 anos, fui dizer adeus ao meu professor, que sempre me aconselhara, não apenas nos estudos, como, ainda, na maneira como convinha viver e que caminho seguir. Eu já não era assim tão jovem e até mesmo revelava um certo ardor e uma determinação fora do comum. Queria ser escritor!

Os moços têm, às vêzes, grande fé na larga visão dos mais velhos e eu não fazia exceção a essa regra. Perguntei (realmente esperando ouvir alguma secreta fórmula para atingir o êxito incontestável e grato) se êle não tinha algum conselho final para mim. A resposta, em sua simplicidade, deixou-me surpreendido e um tanto desencantado.

— Lembre-se sempre de que você subirá ou descerá por suas próprias fôrças ou fraquezas.

Àquele tempo, essas palavras me pareceram — devo confessar — inteiramente vazias. Não encontrava uma explicação... "Você subirá ou descerá..." Pois claro! Isso era coisa óbvia... Igualmente óbvio seria o fato de que eu sempre subiria, jamais desceria. Levei muitos anos "apanhando", como se costuma dizer, e caindo muitas vêzes, para chegar a entender a profunda significação daquelas poucas palavras. Estava já bastante "surrado" e meio desconfiado comigo mesmo quando cheguei, afinal, a traduzi-las.

"Você subirá ou cairá..." Em outras palavras: *"Se você preferir caminhar sòzinho numa corda bamba, não se queixe se cair desastradamente."* Essa era uma tradução. Mas podia haver outra: *"Se você persistir teimosamente em caminhar sôbre uma corda bamba, sem dúvida perderá a conta do número de quedas que sofrerá. Um dia, talvez, conseguirá atravessar tôda a corda... para não encontrar, do outro lado, os aplausos esperados. Isso dependerá só e só... de você!"* Em resumo: *"Você terá que encontrar o equilíbrio ou cair; sustentar-se ou fracassar. Dependerá de você mesmo!"*

Ainda assim, *tudo era simples demais* — e decepcionava! Mas, em verdade, depois de 30 anos, essas palavras — mais que quaisquer outras que eu ouvi em minha vida — passaram a fazer parte do meu caráter. Ficaram firmemente encravadas na minha filosofia. Sou o que sou e o que *eu próprio* pude fazer. Tomei atitudes, aceitei posições... (Talvez nem sempre fôssem as melhores.) Andei muito tempo na "corda bamba". (Talvez nem sempre com muita habilidade ou inteligência.) Assumi compromissos, aceitei riscos — e suas conseqüências. Aprendi, finalmente, que o *êxito começa de dentro.*

★

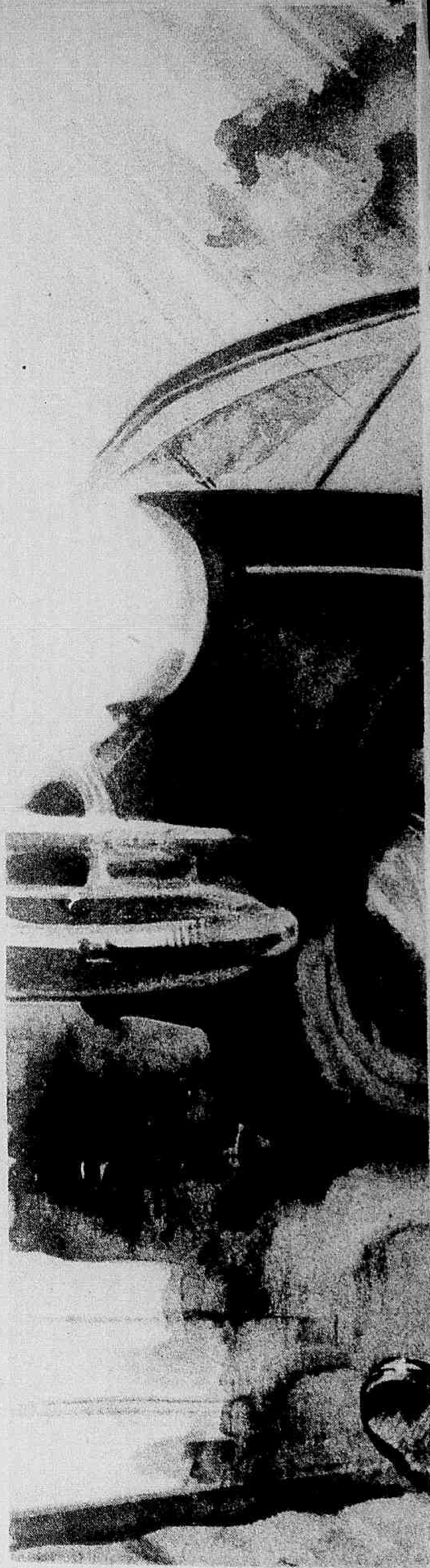
Há trinta anos, eu não via nada disso. Durante muito tempo, nem sequer entrevi a verdade. Só hoje começo a compreender tôda a significação dessa filosofia do "subir ou descer", do "manter-se ou cair". E quando, alguma vez, nos decidimos a tentar caminhar sòzinhos nessa "corda bamba", ficamos surpreendidos de como nos sustentamos... e como só raramente caímos.

Por H. E. BATES
(Novelista inglês)

Os dois "caronas"

NÃO E' BOA IDÉIA DAR "CARONA" A PESSOAS ESTRANHAS, NUMA NOITE CHUVOSA, EM PLENA ESTRADA, ESPECIALMENTE SE ALGUMA DELAS TRAZ UMA PISTOLA!...

Por ROBERT N. EADE



NORMAN COLE vinha "fazendo" bom tempo, a despeito de estar dirigindo sob uma daquelas temidas chuvaradas de novembro. Às duas da madrugada, havia pouco tráfego na ampla estrada, e por isso mesmo pudera manter a agulha do "speedometer" apontada, invariàvelmente, para as sessenta milhas, o que significava que "rodava" a cem quilômetros, aproximadamente. Bem que desejaria estar em Sacramento, agora. Tinha um encontro importante, às dez e trinta da manhã, e desejava poder repousar um pouco, antes de começar a tratar de negócios. Ah! A vida de vendedor comercial não era assim tão "canja", como muitos pensavam — especialmente numa noite como aquela!

De fato, a chuva continuava a bater com fôrça contra o vidro do painel, e as pás automáticas não conseguiam libertar inteiramente o semi-círculo que êle precisava ter livre, para ver perfeitamente a estrada. Felizmente, o nevoeiro não era muito espêsso, sem o que seria forçado, sem dúvida, a reduzir a velocidade, para uns cinqüenta quilômetros. Mal a pá do "limpa-vidro" passava, veloz, para um lado, a água escorria fartamente, impedindo-lhe a boa visão. Cole procurou melhor posição por trás do volante e deixou a velocidade cair um pouco, a fim de acender um cigarro. Acabou achando que assim até era melhor, pois daria descanso ao motor, que revelava grande aquecimento.

★

A negra figura de um homem surgiu, repentinamente, no foco de seu farol lateral. Parou o automóvel uns sessenta metros mais além, à direita da linha branca, conforme recomenda o regulamento do tráfego, pois o seu pé afrouxara instintivamente a pressão sôbre o acelerador. *"Senhor!* — pensou — *Que noite para um desgraçado viajar a pé, por uma estrada!"*

Mas agora, era muito tarde para mudar de idéia! O veículo havia parado completamente e o homem já abrira a porta, preparando-se para entrar.

Cole não pôde reprimir uma careta de contrariedade, sentindo-se também receoso, quando viu o desconhecido de perto... e o suspeito volume que deformava o seu paletó, do lado esquerdo, parecendo ser uma pistola. O "carona" vestia roupa barata e maltratada, que a chuva acabara de tornar irreparável. Os sapatos e o chapéu de feltro completavam o conjunto miserável. A água escorria, ainda, das abas amolecidas do chapéu, descendo pelo rosto de barba crescida, e formando uma goteira na ponta do queixo voluntarioso. As pobres roupas empapadas molhavam, também, o fôrro do banco; os sapatos, ensopados de água e lama, que procurou colocar contra o calor do motor, não podiam ter muitos dias mais de vida. O desconhecido mastigou ou rosnou um "obrigado", antes de curvar-se para a frente e esfregar as mãos.

— Você espere aqui — disse para Cole. — Vou levar êste "trouxa" para fora da estrada e lá o deixaremos.

Cole, nervosamente, deu nova saída ao veículo. "Aquêle indivíduo era um salteador! *Só podia ser um salteador* — e talvez fôsse até um prêso fugitivo! Teria que se considerar muito feliz, caso saísse com vida dessa tola aventura".

Procurou um pretexto qualquer para falar, mais para buscar uma negativa para os seus dramáticos pensamentos, que pelo seu desejo de conversar:

— Está uma noite realmente pavorosa... Como há muito tempo não via!

O outro apenas grunhiu ininteligìvelmente.

— Você vai para longe? — perguntou Norman Cole, tentando mais uma vez.

— Sacramento — respondeu o homem a seu lado.

— Também vou para lá — disse Cole.

— Nem pode imaginar como ficarei contente quando lá tivermos chegado! (A última frase foi pronunciada *de todo coração*.)

O desconhecido não fêz qualquer comentário. Apenas ajeitou melhor os pés molhados sôbre a capa do aquecedor.

Cole tratou de arranjar mais assunto para entreter a conversação.

— Vem de longe? — perguntou.

Outra vez o seu companheiro respondeu com um grunhido que podia ser "sim".

— Mora em Sacramento?

— Não.

Novo silêncio. Os lábios de Cole se apertaram em redor do cigarro apagado. A qualquer momento esperava ver surgir o cano da pistola bem junto do seu ombro e ouvir, ao mesmo tempo, a ordem de parar o automóvel. Chamou a si próprio, mil vêzes, de louco, por haver dado "carona" àquele tipo!

Tinha agora as mãos crispadas na roda do volante, ao mesmo tempo que sentia o sangue latejar nas têmporas umedecidas de suor, apesar do frio que fazia. Inconscientemente pisava mais e mais o acelerador, elevando o ponteiro marcador de velocidade para os cento e trinta quilômetros, quando, sùbitamente, viu surgir na estrada, nova figura de homem, acenando frenèticamente dentro do foco luminoso do farol. Cole repetiu todos os movimentos da primeira vez, fazendo o automóvel parar.

Desta vez, entretanto, aquêle homem, surgindo na estrada, era, para êle, como uma "tábua de salvação", como uma "graça do céu", que êle recebia de braços abertos e coração aliviado. Raciocinara ràpidamente, convencendo-se de que só no número de "caronas" poderia encontrar a proteção almejada. Com um segundo "carona" no veículo, o primeiro, dificilmente, tentaria executar um assalto. Assim raciocinando, Cole sentiu sua tensão diminuir agradàvelmente.

O segundo "carona" subiu apressadamente para o automóvel, como havia feito o primeiro, sentando-se, porém, no banco tràseiro. Ao contrário do primeiro, era um homem magro e alto, protegido por uma capa impermeável, chapéu também próprio para chuva e gravata vistosa, que surgia elegantemente atada entre os bicos do colarinho bem cortado. Saudou os ocupantes do automóvel alegremente e foi com um sorriso amável que iniciou uma descrição dos últimos cinco minutos que passara na estrada, sob a forte chuva, fazendo tudo de modo pitoresco e chistoso, prometendo ser um excelente companheiro de viagem. Cole aceitou-o imediatamente, como se fôsse um velho companheiro de colégio, que voltava para casa, pedindo "carona" na estrada.

Tudo agora estava *okay* e muito melhor para Cole. Recuperava o seu velho e bom contrôle no volante — e a sua calma, a sua boa conversação. Voltava-se a meio, a fim de oferecer um cigarro, quando, repentinamente, notou uma transformação na atitude do segundo "carona". O sorriso desaparecera do seu rosto, ao mesmo tempo que surgira um volumoso e medonho revólver na mão direita do mesmo indivíduo.

— Muita calma, meu velho — dizia êle. — Isto aqui dispara quando menos se espera! Por isso é melhor ir parando devagar...

★

Depois disso, os fatos se sucederam, tão rápidos, que Cole nada pôde acompanhar, muito bem. Sentiu a respiração difícil e a língua como paralisada repentinamente, enquanto um frio agudo *colava* contra o seu peito, como se pretendesse esmagá-lo. Porém êsse primeiro choque de surprêsa foi imediatamente seguido por outro, quando seu primeiro "carona", meio curvado para a portinhola, e retirando a sua arma às escondidas, hàbilmente, de algum lugar do corpo, com ela bateu, inesperadamente e com fôrça, contra a cabeça do pistoleiro. Houve o som como de um saco de areia, logo seguido pelo ruído da queda do assaltante, no fundo do veículo. Depois, foi de novo o silêncio.

Sem saber ao certo o que fazia, automàticamente, Cole deixou o motor morrer, detendo o veículo na parte neutra da estrada. Pálido e trêmulo, voltou-se para o homem a seu lado, com verdadeiro assombro.

O homem, em silêncio, apeou e foi abrir a portinhola de trás. Então falou:

— Você espere aqui — disse para Cole. — Vou levar êste "trouxa" para fora da estrada e lá o deixaremos.

— M... mas — gaguejou Cole — êle... êle não está morto! Está?

— Morto nada! Apenas o tonteei com o *casse-tête*. Êle vai recuperar os sentidos dentro de alguns minutos mais. Espere aqui! — reiterou para Cole.

Cole esperou, sentindo-se doente para poder fazer qualquer coisa sòzinho. Em pouco tempo, aliás, seu "carona" Nº 1 voltava e tornava a ocupar o seu lugar, sempre sério, indiferente, calado.

★

Viajaram em silêncio, ambos, Cole sentindo a urgente necessidade de um bom "trago", enquanto seu companheiro parecia apenas preocupado em esquentar os pés, como se nada de mais tivesse ocorrido.

"Aí está! — pensava Cole — Isto prova que as aparências enganam!" Êsse pensamento rolou muito tempo em seu cérebro, enquanto o examinava e procurava ligar o fato com discussões que já tivera a respeito, com amigos. E assim chegaram, afinal, a Sacramento. Então Cole perguntou ao "carona" onde queria ficar.

— Em qualquer lugar — grunhiu o homem, que logo se refugiou no silêncio.

Cole parou diante do seu hotel. Então, retirou do bôlso a carteira e dela extraíu dez dólares.

— Aqui tem — disse êle para o homem a seu lado. — Fique com isto. Não é muito, porque você, realmente, salvou o meu automóvel — e talvez, também, a minha vida. Mas pode muito bem comer alguma coisa e pagar um quarto confortável para dormir. E, se quiser procurar-me amanhã, poderei arranjar um emprêgo...

Pela primeira vez, um sorriso brilhou no rosto do outro. Com gesto vagaroso abriu a portinhola do veículo.

— Nada... — disse êle. — Tenho dinheiro... O bôlso cheio! Venho agora mesmo de uma temporada nas montanhas, onde estive trabalhando todo o verão.

Qualquer coisa, como uma risada brusca e curta, saíu de sua garganta.

"— Pelo direito — disse êle — eu, sim, devia dar a você dez dólares, da *sua parte*.

— Minha parte? Parte de quê? Você não me deve nada!

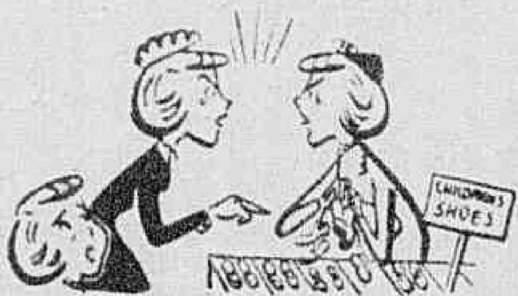
Outra vez aquêle som, como o de uma curta risada, saíu da garganta do outro. Já com um pé na calçada, sacudiu a cabeça na direção de onde tinham vindo.

— Aquêle "trouxa" — disse êle — lá na estrada! Fiz uma "limpeza" nêle, quando o levei para junto do barranco. Tinha vinte dólares no bôlso — concluiu.

E afastou-se.

★ ★

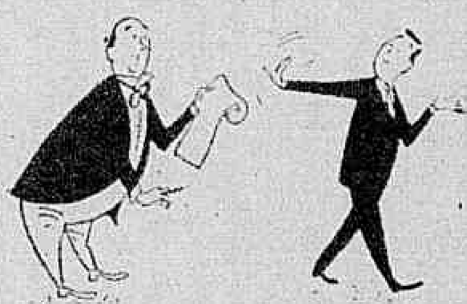
RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS



Minha mãe sabia muito a respeito do poder da curiosidade infantil. Era muito religiosa, e procurou criar os filhos num ambiente cristão; não conseguiu, no entanto, que qualquer de nós lesse a publicação semanal de nossa igreja, até que se valeu do seguinte ardil: pretextando desejar manter limpa a toalha para a hora do almôço, utilizava as páginas da referida publicação à guiza de pequenos guardanapos, que colocava sob nossos pratinhos, no café da manhã. Dêste modo, tôdas as manhãs, por mera curiosidade, empurrávamos os pratos para o lado, e passávamos os olhos sôbre a fôlha impressa, enquanto esperávamos o café (que a partir dêsse dia passou a se atrasar escandalosamente).

Anos depois, minha mãe revelou-me que, diàriamente, trocava as páginas de um para outro prato, de tal modo que, no curso da semana, nós, inadvertidamente, líamos a edição completa da publicação eclesiástica.

MAUDE A. ANDERSON
Media, Pennsylvania, E.U.A.



Em um negócio de livros para aluguel, que mantive por alguns anos, verifiquei que meus clientes, quando ficavam com um livro durante muito tempo, não se sentiam muito inclinados a devolvê-lo, para não pagar a dívida, relativamente grande, que haviam contraído; com isto, eu perdia o livro, o dinheiro, e o freguês! Em conseqüência, pensei na possibilidade de resolver o problema de um modo satisfatório para mim e para os clientes, a fim de que êstes continuassem a alugar meus livros. Assim, quando o freguês retinha um livro por tempo superior ao ordinário, eu lhe enviava um bilhete, no qual informava que o mesmo me devia sòmente 35 centavos. O cliente supunha, assim, que eu me equivocara, e se apressava a aproveitar meu "engano", trazendo de volta o livro, e pagando os 35 centavos. Dêste modo, continuava a ser meu cliente.

Desde que adotei tal política, foi rara a vez em que voltei a perder meus livros ou os clientes.

T. L. ABEL
Columbia, Pennsylvania, E.U.A.

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Aspirar à clareza, à simplicidade e à precisão sem um bom vocabulário e uma gramática exata seria querer o fim sem os meios".

RUI BARBOSA

PROFESSOR SAID ALI

Fugiríamos a um imperativo da consciência se não prestássemos aqui homenagem póstuma ao mestre que faleceu no dia 27 do mês de maio último. E' que o antigo professor conhecia realmente os segredos do idioma, e contribuiu com seus estudos para o esclarecimento de vários problemas. Imprimiu aos seus trabalhos aspecto científico, jamais deixando de associar às suas pesquisas aspectos psicológicos, presentes aos fenômenos linguísticos, principalmente nos limites da sintaxe.

Com a morte do professor Said Ali perdeu o Brasil a sua maior autoridade em língua vernácula. E isso dizemos porque os que andam por aí, apresentados como tal, fossilizaram-se nos trabalhos iniciais, e hoje constituem meras sombras de um passado que apenas prometeu alguma coisa. Se outras obras não tivesse escrito o mestre, uma só — *Dificuldades da Língua Portuguêsa* — bastaria para assegurar-lhe o lugar eminente e ímpar que vinha ocupando, e que ficará vago, sabe Deus até quando.

Escreveu ainda: *Lexeologia do Português Histórico, Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, Gramática Secundária, Gramática Elementar, Vocabulário Ortográfico, Meios de expressão e alterações semânticas, Geografia Elementar.* Traduziu, adaptando ao português: *Primeiras lições de francês,* de Carlos Ploetz; *The English Student,* de E. Hausknecht, *Seleta Francesa,* de Kuhn e *Língua Francesa,* de Rossmann e Schmidt. Colaborou em várias revistas nacionais e estrangeiras, e em alguns jornais desta capital.

Há pouco, o professor Evanildo Bechara iniciou a publicação da *Philologica,* em que reuniu uma série de artigos do grande mestre, por êste intitulados *Investigações Lingüísticas*

Nasceu em Petrópolis, no ano de 1861. Foi professor de alemão no Colégio Militar e no Colégio Pedro II. Lecionou geografia. Desempenhou funções na Escola de Estado Maior.

CORRESPONDÊNCIA

FLEXÃO NUMÉRICA — Plural de **caneta-tinteiro**

Consulta de **A. R.** (Natal) leva-nos ao terreno incerto da flexão dos substantivos. Costumam as gramáticas formular regras práticas para a formação do plural dos nomes compostos. Entre elas, figura a de que o substantivo formado de dois outros substantivos deve ter ambos os elementos pluralizados. Daí a facilidade com que, generalizando a norma, sem maiores indagações, os inexperientes não têm dúvida em flexionar desde logo os substantivos que integram os nomes compostos. Há, porém, nesses vocábulos, conteúdo psicológico que deve influir na pluralização. Não basta a forma, para disciplinar o assunto: impõe-se penetrar o sentido, examinar a significação do substantivo. E porque êste assuma, por vêzes, duplo sentido, comporta igualmente flexões correspondentes. E' o caso de **decreto-lei**, de **guarda-marinha.** Se tomamos o substantivo **decreto-lei** no sentido objetivo e simples, como há **leis, decretos, regulamentos,** o plural será **decretos-leis;** mas se respeitamos a idéia de finalidade do decreto, qual a de servir de lei, o plural deverá ser **decretos-lei,** como dizemos **navios-escola, cafés-concêrto.** O uso, no entanto, que é a última palavra em matéria de linguagem, generalizou a primeira forma. Quanto a **guarda-marinha,** as razões psicológicas a que nos referimos justificam **guardas-marinhas** (hoje flexão oficializada, através do Voc. Ort. da Acad. Bras. de Letras), **guardas-marinha,** e até **guarda-marinhas,** como temos encontrado. E' que nesse vocábulo, como em outros, o elemento **guarda** ora sugere a idéia primitiva de verbo, ora a de substantivo.

A palavra **caneta-tinteiro** tem o plural **canetas-tinteiros,** quando o substantivo é indicado no seu valor intrínseco, e **canetas-tinteiro,** quando o segundo elemento determina uma das finalidades do objeto.

No próximo número, trataremos de outros tópicos de sua carta.

JOSÉ RICARDO NETO



PÈGADAS NA SUA "FOLHA DE SERVIÇO"

(EPISÓDIO REAL)

DURANTE um período de quase 25 anos, Arthur Kirk serviu na pequenina aldeia de Cosby, Inglaterra, como guarda — o único, aliás, no lugar, que conseguiu manter a paz para satisfação de todos. Isso até que, em 16 de fevereiro de 1951, apenas três meses antes de sua bem merecida aposentadoria, ocorreu o "caso do encapuzado", para perturbar o perfeito recorde de paz e tranqüilidade do policial e da aldeia.

Pouco depois de seis horas da tarde, Harold Sanderson, o gerente do grande e próspero Armazém-Cooperativa Crosby, caminhou, esforçadamente, da loja até a própria residência, não muito distante. De sua cabeça o sangue corria profusamente. Arquejante, êle pôde dizer à espôsa:

— Alguém me atacou, tentando roubar! Chame, depressa, o guarda Kirk!

A mulher correu para o pôsto policial, em busca do guarda, mas apenas para saber que o mesmo havia saído, pouco antes, para uma ligeira ronda, mas que não tardaria a voltar! Deixando um recado dando relato do atentado sofrido pelo espôso, a Sra. Sanderson voltou à residência e dali telefonou para a delegacia geral, em Leicester, poucas milhas distante.

Em menos de uma hora, o Inspetor Detective G. H. Fisher ouvia as declarações de Sanderson.

— Eu tinha acabado de colocar a féria do dia na caixa forte, quando senti que havia alguém mais na sala. Voltei-me a tempo de ver um homem, de pé, a um passo de distância. Tinha um saco ou capuz branco cobrindo-lhe a cabeça, com apenas dois orifícios à altura dos olhos, e vestia um casacão do exército, com botões dourados. Antes de que eu pudesse fazer um gesto, atacou-me com uma espécie de *cassetête* de madeira, que tinha na mão direita; porém eu gritei desesperadamente e creio que isso o amedrontou, pois imediatamente fugiu!

Indo ao armazém, o Inspetor Fisher já ali encontrou o guarda Kirk, que havia sido avisado do que acontecera. Junto da porta dos fundos, fizeram êles um importante achado: uma mancha de sangue de sete centímetros por doze e, não muito distante dela, a marca de um pé de homem. Fisher mediu esta marca, verificando que pertencia a um sapato número 7.

— Fui informado muito tarde, a respeito do assaltante — explicou Kirk, desolado. — Queria estar aqui perto, na ocasião! Êle não teria escapado assim!

No dia imediato, a situação do guarda era comentada em tôda a aldeia e, principalmente, o seu desejo de aposentar-se e deixar a farda sem uma ocorrência desagradável.

"Êle tanto soube manter a ordem e a paz neste lugar, que acabamos deixando de apreciar o seu trabalho — disseram alguns vizinhos. — Foi preciso isto, e especialmente o roubo do Golf-Club, há dias, para ficarmos sabendo quão necessário é o Guarda Kirk!"

A êsse tempo, enquanto Kirk atendia aos seus deveres rotineiros, o Inspetor Fisher prosseguia com as suas investigações. Agora, à luz do dia, retornava ao armazém para ter uma grande surprêsa. De fato, o que encontrou foi surpreendente: justamente ao lado direito da marca única, observada na noite anterior, viu uma segunda marca, absolutamente idêntica. Isto mais o surpreendeu porque a estranha posição das duas marcas indi-

cava que o salteador encapuzado retornara ao palco de sua tentativa de roubo.

Examinando a vasta área, Fisher encontrou outras pegadas — pegadas que seguiam, depois, pelos fundos de sucessivos jardins até a larga porta de uma garage, que se abria no quintal de um elegante *bungalow*.

Fisher decidiu perguntar a Kirk a quem pertencia aquela garage. Enquanto procurava o guarda, pela aldeia, outro pensamento assaltou o inspetor. O mesmo se relacionava com o caso do Golf-Club local, quando um capote militar, igual ao usado pelo encapuzado, tinha sido encontrado.

— Sim — disse Kirk, quando o inspetor, afinal, o encontrou. — Êsse capote foi deixado sob minha guarda. E continua no mesmo lugar! Não sabia que existia qualquer ligação entre êsse capote e o caso Sanderson. Deixe-me ir ver isso, primeiro, depois o senhor me mostrará essa garage, a fim de que eu possa dizer a quem pertence.

Quando os dois homens chegaram diante do prédio, Kirk declarou que a garage era sua! Os lábios do inspetor logo se abriram, num "Ah!" de surprêsa. A garage, situada no fundo da elegante residência, era a mesma onde terminavam as pegadas de sapatos número 7!

— O capote está na minha garage — disse Kirk, que imediatamente extraíu a chave do bôlso, a fim de abrir a porta.

Enquanto o guarda se atarefava no interior, durante alguns segundos, o inspetor examinava a fechadura, não notando nela qualquer sinal de ter sido forçada. Sem comentário, recebeu o capote das mãos de Kirk, examinando-o detidamente. Havia sangue no capote, e o inspetor logo recordou que, no assalto ao Golf-Club, não tinha havido derramamento de sangue.

— Vou ficar com êle — declarou a Kirk; depois, antes de se separar do policial, não deixou de olhar atentamente para os sapatos do mesmo.

Dias depois, o inspetor Fisher retornou a Cosby e mandou chamar Kirk à loja. Logo que o guarda se apresentou, o inspetor foi logo dizendo:

— Você está prêso. Você é o salteador encapuzado!

Kirk negou enèrgicamente, porém Fisher logo o dominou, obrigando-o a calar, com a apresentação de inúmeras evidências irrespondíveis.

— Na manhã seguinte ao assalto — disse êle — havia aqui uma segunda pegada, na loja. Mais tarde, compreendi que ela só podia ter sido feita por você, quando encontramos a primeira marca.

"Depois do assalto, você correu para casa, a fim de se livrar do capote. Só podia ser você, porque a garage estava fechada e não havia sinais de ter sido a porta forçada. Além do mais, o mesmo capote tinha marcas recentes de sangue — e do mesmo tipo do sangue encontrado na loja!

"A sua ficha, existente na Polícia Central, revela que você calça sapatos número 7 — tendo, portanto, pés muito pequenos para um policial. E havia, também, ligeira marca de sangue na porta da garage. *Por que, enfim, você foi fazer isso?*

No correr do julgamento de Kirk, acusado de assalto com intenção de roubo, realizado em maio do mesmo ano (1951), foram alvitradas algumas respostas para explicar os motivos que levaram o velho policial a manchar a sua longa e tranqüila carreira. Além das que apontavam o desejo de conseguir muito dinheiro para o fim da vida, houve também variadas explicações, inclusive a de que o policial desejava, ao mesmo tempo, criar um ambiente de terror na pequenina aldeia, a fim de que seus habitantes solicitassem das autoridades superiores a continuação dos seus serviços.

Apesar de Kirk continuar negando qualquer participação nesses delitos e protestando inteira inocência, não impediu que o júri visse as coisas por outros prismas. Kirk foi condenado e, hoje, em vez de estar repousando, em casa, amparado por uma pensão do govêrno, está cumprindo pena de prisão por 3 anos e sabendo que, quando dali sair, não terá mais direito a qualquer pensão.

Por sua vez, tôda a população de Cosby está irremediàvelmente desiludida.



O LADO RISONHO DO... CRIME

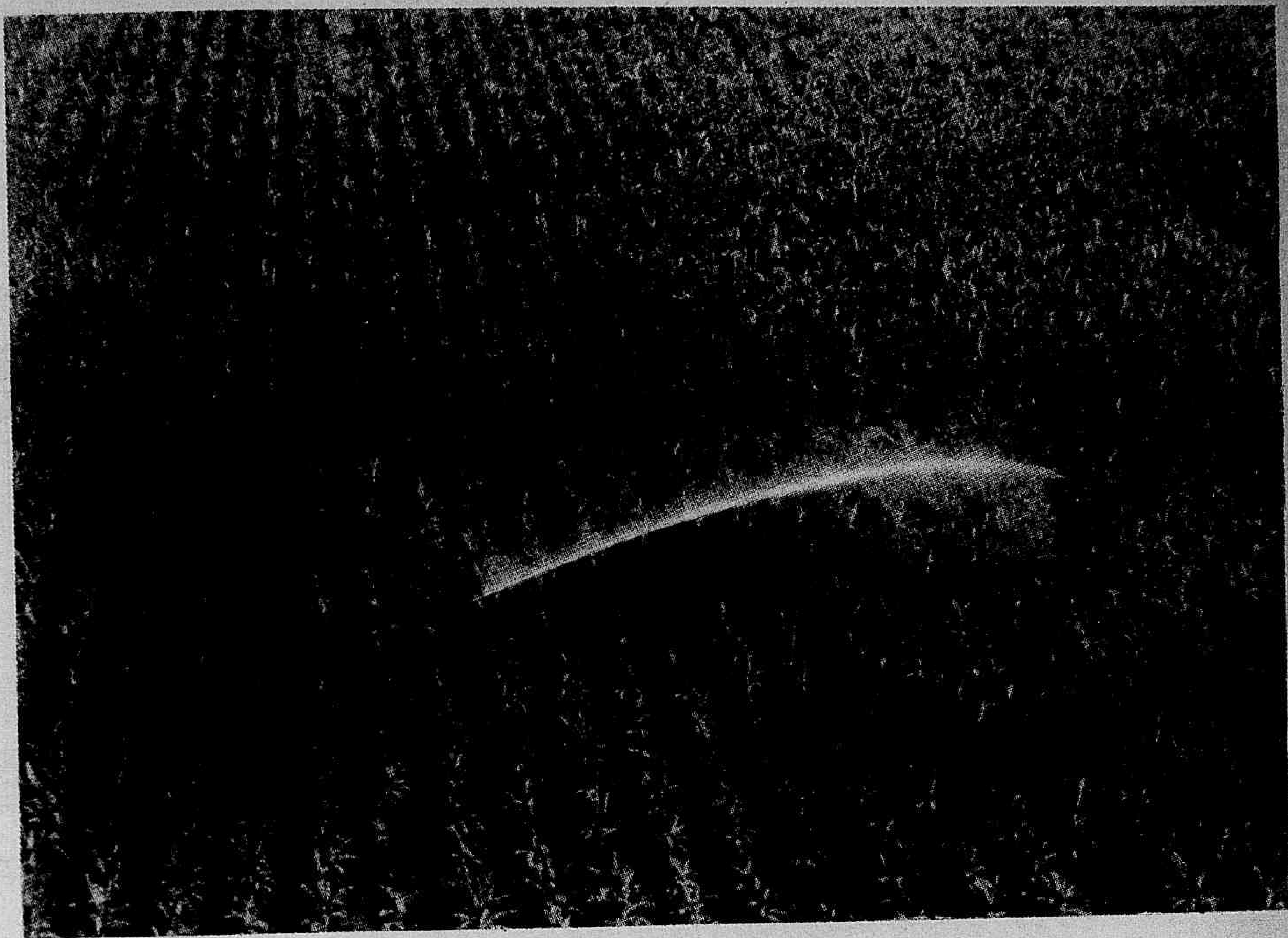
Um indivíduo, cujo nome verdadeiro ignoramos, mas que é muito conhecido por *Bert de Chicago* (por ter nascido na grande cidade norte-americana — Illinois), ou *Pontiac* (por estar sempre sendo *hospedado* na prisão dêsse nome), é doido pelo rádio, embora — infelizmente — esteja sempre ligado à mesma estação: a policial.

Em julho de 1948, deu o fora da casa em que estava empregado, em Evanston, carregando com um rádio de mesa do patrão. Prêso e condenado a dezoito meses de prisão, com sursis, foi libertado, embora pôsto sob severa vigilância. Em fevereiro de 1949 tentou roubar o mesmo aparelho de rádio e, desta vez, foi enviado para o "Reformatório de Pontiac". Em janeiro do ano corrente, o mesmo aparelho de rádio tornou a desaparecer. Chamada a polícia, esta, após rápidas sindicâncias, descobriu que Bert obtivera liberdade sob palavra. Descobriu também que o rádio *já estava na casa de Bert*... que voltou a "Pontiac", a fim de ver quem é mais teimoso: êle ou a polícia.

No dia de Natal de 1951, o juiz Walter Chalmers, de Houston, não apenas anulou tôdas as sentenças e acusações de embriaguez contra meia centena de indivíduos, como ainda convidou todos êles, como hóspedes dessa cidade do Texas, para um grande Jantar de Natal, no próprio presídio.

NOSSAS IRMÃS DA AMÉRICA

HONDURAS VIVE PRINCIPALMENTE DA AGRICULTURA



Uma plantação de banana protegida por um sistema de irrigação de chuva artificial, que aumenta a produção e o tamanho da fruta.

HONDURAS é um dos poucos países que contam com capacidade para financiar, em grau elevado, o seu próprio desenvolvimento com recursos próprios. O orçamento do país tem marcado sucessivos *superavits* em cada um dos anos recentes, com base, principalmente, no imposto sôbre a renda, que foi criado em 1949.

Até então, as rendas governamentais procediam, quase exclusivamente, do produto dos direitos alfandegários e outros gravames indiretos, que encareciam os artigos de consumo das classes econômicamente inferiores, muito mais duramente, é claro, que as mais abastadas.

A BANANA CONSTITUI O PRINCIPAL PRODUTO DE EXPORTAÇÃO. NA ORDEM DE IMPORTÂNCIA SEGUEM O CAFÉ, AS MADEIRAS, A PRATA E O OURO

Atualmente, o produto do imposto sôbre a renda representa cêrca de 15% da renda total do Estado. Grande parte do mesmo gravita sôbre as emprêsas fruteiras da costa setentrional do país. Outra medida importante, para facilitar o desenvolvimento do país e robustecer a situação econômica do govêrno, foi o estabelecimento do Banco Central de Honduras, inaugurado em julho de 1950, e que iniciou as suas atividades com a nacionalização do sistema monetário do país.

Por muitos anos, os pagamentos ao exterior vinham sendo feitos, em sua maior parte, com dólares americanos. As poucas divisas nacionais com que se contava, estavam vinculadas a uma série de rígidas disposições que impediam a sua expansão, quando mais necessária se tornava. Daí surgirem, de quando em quando, crises de escassez ou de superabundância de circulante, derivadas das perturbações da balança de pagamentos internacionais, de variações no preço dos metais, etc., com os conseqüentes prejuízos para o sistema bancário e o público em geral. Os negócios se ressentiam, também, consideràvel-

Por MOGENS V. HERMANN

mente, como conseqüência dessas imperfeições do sistema monetário do país, que se via exposto a inflações e deflações impossíveis de controlar-se.

Durante dois anos (que são os de vida do referido Banco Central), pôde o govêrno acumular reservas superiores a 25 milhões de dólares, quantia muito superior à necessária para assegurar a livre convertibilidade do *lempira* — que é a unidade monetária hondurenha, com o valor de 50 centavos de dólar.



Por diversos meios econômicos e educativos, a agricultura é fomentada, como fonte principal de riqueza. Acima, um camponês aprende a manejar um trator.

Tal êxito foi possível como conseqüência do saldo favorável a Honduras, na balança de pagamentos internacionais, que, por sua vez, se traduz em ausência de fatôres inflacionários poderosos.

A saudável situação financeira do país tem por base a agricultura e a exploração de bosques e minas. Os principais produtos de exportação são a banana, o café, as madeiras, a prata e o ouro. A banana é, sem dúvida, o mais importante de todos.

O valor anual das exportações de banana ascende a uns 45 milhões de dólares. Nem tôda esta quantia fica no país, porém sim a sua maior parte, que vai parar nas mãos dos hondurenhos, em forma de salários, compra de materiais, impostos, aluguel de terrenos, etc.

Quanto ao café, Honduras foi favorecida pelo auge que, durante os três últimos anos, tem marcado o comércio dêsse grão. Não pode ser Honduras incluída entre os maiores produtores da rubiácea, porém nos últimos anos, tanto a produção quanto o valor da sua exportação têm aumentado consideràvelmente. Vão aumentando em extensão às áreas semeadas. O valor das exportações atuais do café está calculado em dez milhões de dólares, contra apenas dois milhões em 1946.

As grandes utilidades que os plantadores perceberam foram aproveitadas em comprar ou instalar máquinas beneficiadoras do grão, geradores de energia elétrica, auto-caminhões e outros elementos modernos de produção, que constituem um notável amparo, para um mais amplo desenvolvimento econômico do país.

Indiscutivelmente, as fontes principais de riqueza, de Honduras, estão representadas por suas terras cultiváveis e seus bosques. De umas e outros vivem, direta ou indiretamente, a imensa maioria de seus habitantes. Das primeiras há grandes extensões não ocupadas ainda, na metade oriental do país, onde se desfruta de clima são. No entanto, em quase a totalidade do território nacional, a capa de terra fértil é pouco profunda e está exposta à erosão, o que determina que o camponês hondurenho tenha que trabalhar rudemente, para lograr meios modestos de sustento para êle e para os seus.

À mineração cabe lugar secundário em relação com a agricultura. As únicas minas exploradas intensamente são as de prata e ouro. A produção anual é calculada em uns oito milhões de *lempiras*, sendo quase totalmente exportada.

Conta ainda o país com ricas jazidas de ferro, carvão e outros minerais, porém as mesmas não são ainda exploradas em escala apreciável.

Os bosques cobrem mais de 40% do território nacional. São explorados moderadamente. Peritos na matéria sugeriram que se aproveite a madeira como matéria prima para a criação de uma poderosa indústria manufatureira de papel, que modificaria profundamente a estrutura

econômica da nação, porém o govêrno negou sua aprovação a tais planos, firmado na idéia de que os bosques significam proteção contra uma possível catastrófica erosão. A produção atual dos bosques, em têrmos comerciais, não passa de sete milhões de *lempiras* anuais.

A indústria, com que pode contar o país, tem por base matérias primas de origem agro-pecuária e florestal. Seus produtos são o azeite, a manteiga, sabonetes, velas, etc., e representam uma renda anual de uns três milhões de *lempiras*, aos quais devemos somar quantia similar como produto da indústria madeireira.

Por diversos meios econômicos e educativos, vem sendo fomentada intensamente a agricultura, como principal fonte de riqueza, não tendo sido esquecidas, entretanto, as pequenas indústrias típicas do país. Destas, a mais importante é a do tério liberal, considerando que, enquanto o país contar com terras abundantes para a absorção do excedente demográfico, e enquanto a balança dos pagamentos lhe fôr favorável, a melhor política consiste em tornar possível a existência das condições sociais e materiais mais fovoráveis ao desenvolvimento do país, e dar oportunidade à iniciativa privada para participar amplamente no mesmo.

Nesse empenho, um dos problemas mais difíceis de resolver é o do transporte. A topografia do país e a pouca densidade da população determinam que algumas terras fiquem muito afastadas, economicamente, dos mercados potenciais para os produtos das mesmas. Fatôres adversos idênticos afetam a indústria e a mineração, sendo muito comum ter que transportar por avião materiais pesados e maqui-



Vistas dos bosques virgens que servem de fundo ao lago Yojoe. Quanto por cento do solo hondurenho está coberto de bosques como êste?

junco, que tem por cenário o departamento de Santa Bárbara. Com êsse material são feitos objetos tais como chapéus, bôlsas para senhoras, sandálias, cinturões, gravatas, pegadores, leques e outros objetos de uso pessoal ou caseiro, todos de desenho e execução finíssimos.

Infelizmente não há ainda uma organização adequada para a venda dêsses produtos, daí resultando que os produtores recebam preços muito baixos por seus artigos. Já o Banco Nacional de Fomento vem tomando medidas para remediar êsse mal.

Os impostos são os mais baixos em tôda a América. As autoridades seguem um critério

naria, pois não há outro meio mais barato de transporte.

Daí derivou um surpreendente desenvolvimento da aviação civil, que é uma das mais prósperas do mundo, guardadas, naturalmente, as devidas proporções. Compreende-se, além do mais, a imprescindível necessidade de melhorar os meios terrestres de transporte. Êste assunto é dos que merecem atenção preferente do govêrno atual.

E' realizado esfôrço intenso e bem orientado, por parte das autoridades responsáveis, para melhorar as condições de vida, podendo ser observados notáveis progressos nesse sentido.

COMO É FÁCIL SABER TUDO

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

PEQUENA ENCICLOPÉDIA POPULAR

BIOGRAFIA DE TODOS OS SANTOS E PERSONALIDADES HISTÓRICAS E LEGENDÁRIAS

PAULO I, imperador da Rússia, nascido e morto em Petersburgo (Leningrado) (1754-1801) — Era filho de Catarina II e de Pedro III, que o considerava como fruto de um adultério. Pouca afeição mereceu de sua mãe; casou-se, em 1774, com a princesa Natália de Hesse-Darmstadt. Perdeu-a em 1776 e desposou a princesa Dorotéia, da Prússia. Subiu ao trono em 17 de novembro de 1796. Seu primeiro ato foi o de mandar exumar os restos de Pedro III e de punir seus assassinos. Por ocasião de sua coroação, deu novo regulamento ao ato de sucessão ao trono, por meio de um que estêve em vigor até 1917 e que assegurava a hereditariedade aos varões por ordem de primogenidade. Os primeiros anos do seu govêrno foram felizes; mas o orgulho do poder absoluto transtornaram o seu espírito. Chegou a regulamentar até as modas, exigiu de seus súditos e até mesmo dos estrangeiros marcas de servilismo total. A Revolução Francesa o exasperou. Quando Malta foi ocupada pelos franceses, Paulo I se proclamou grão-mestre da ordem, declarou guerra à França, enviando contra ela três exércitos, um na Holanda, outro na Suíça, o terceiro na Itália. O insucesso dessa tríplice campanha, malgrado as vitórias de Suvarov, na Itália, desanimou o imperador. Irritado contra a Inglaterra, que ocupara Malta, procurou uma aproximação com o Primeiro Cônsul e expulsou os Bourbons de Mittau, onde lhes dera asilo. No entanto, o estado mental do fantástico soberano constituía um perigo permanente para os seus súditos e sua família. Formou-se, então, uma conspiração cujos principais membros eram: Panini, os irmãos Zubov, Benningsen, Uvarov, Pablen. Em 12 de março de 1801, Paulo I foi assassinado. Teve por sucessor seu filho Alexandre I. Deixou ainda outros filhos: Constantino, Nicolau (que foi o imperador Nicolau I) e quatro filhas, das quais uma foi rainha da Holanda e a outra rainha de Wurtemberg.

PAULO EMÍLIO, o *Macedônico*, general Romano, filho de Paulo Emílio, também general romano (230-160 A.C.). Pertencia ao partido aristocrático. Foi nomeado edil curul em 192 e pretor em 191. Procônsul na Espanha, sofreu de início um revés, mas saiu finalmente vitorioso dessa guerra difícil, sendo feito cônsul em 182. Triunfou sôbre os piratas lígúrios, em 181. Cônsul pela segunda vez, em 168, com a idade de sessenta anos, bateu os Ilírios, aliados de Perseu, rei da Macedônia e também a êste, apoderando-se de Pydna (168), reduzindo a Macedônia a uma província romana. A seguir, entregou o Epiro à pilhagem, por ordem do Senado. Seu triunfo foi entristecido com a perda de dois de seus filhos. Os dois outros tinham sido dados em adoção a ilustres famílias: eram G. Fabius Maximus Emilianus e P. Cornelius Scipião Emilianus, o mesmo que destruiu Cartago. Paulo Emílio morreu em 160, depois de ter sido Censor em 164.

PAUSANIAS, historiador e geógrafo grego (segunda metade do século II da nossa era). Era originário da Ásia Menor e havia visitado tôda a Grécia, Roma e a Itália, a Síria, a África e o oráculo de Amon. Escreveu seu quinto livro em 173. Pausanias é conhecido quase ùnicamente por sua obra: *Descrição da Grécia*, em dez livros, que escreveu ao tempo de Marco Aurélio. O autor parece haver desejado ùnicamente completar e corrigir as indicações dos exegetas e dos guias. Muito copiou os escritores anteriores. Mas muito tirou, igualmente, de suas viagens e de suas leituras; descreve, assim, como testemunha ocular, as diversas regiões, os monumentos e as obras de arte: menciona as tradições locais, cita fragmentos de historiadores, de poetas, de velhas espopéias. Seu livro é uma compilação bastante indigesta, mas geralmente exata, e infinitamente preciosa para o estudo da topografia, da mitologia e da arqueologia Grécia antiga.

PAUSANIAS, príncipe espartano, do ramo dos Agidas, regente de Esparta, filho de Cleombroto e sobrinho de Leônidas. Comandou em Platéus o exército grego; depois, orgulhoso dessa vitória, acabou indispondo os aliados. Em 477, à frente da frota aliada, ocupou Chipre e Bizâncio, embora sempre desconl tentando aos gregos. Na realidade, Pausanias sonhava conquistar tôda a Grécia, começando por dominar Esparta, e para isso adotava as idéias asiáticas. Desconfiados, os Aliados deram o comando supremo aos generais atenienses. Imediatamente Esparta saíu da Liga e chamou Pausanias, que foi julgado e absolvido. A seguir, Pausanias se dirigiu a Bizâncio, de onde os atenienses o expulsaram. Chamado novamente pelos espartanos foi prêso e depois, mais uma vez, libertado. Recomeçou suas intrigas com Xerxes e o sátrapa Artabaze. Desta vez os espartanos obtiveram a prova da sua traição e o perseguiram. Pausânias se refugiou no templo de Atena; para não violar o asilo, muraram a porta, acabando Pausanias por morrer de fome.

PAUSANIAS, rei de Esparta, neto do precedente e filho de Pleistonax, morto em 380 antes de Cristo. Tendo o pai sido banido em 444, Pausanias o sucedeu sob a tutela de seu tio Cleomene. Dirigiu uma expedição à Elida. Em 403, foi enviado à Ática, para ali sustentar os trinta tiranos, estabelecidos por Lisandro. Enciumado contra êste último, apoiou, ao contrário, Trazíbulo, contribuindo para o restabelecimento da democracia. Pôsto em julgamento, por sua vez, foi absolvido. Alguns anos mais tarde, na guerra contra os tebainos, partilhou o comando com Lisandro. Teve que evacuar a Beócia, em 385. Ameaçado de ser pôsto em julgamento, refugiou-se em Tegeu, onde viveu exilado até morrer.

PAUSIAS, pintor grego da escola doriana de Sicione, no século quarto antes de Cristo. Plínio lhe dá como pai um pintor chamado Bryes. Moço ainda, Pausias restaurou em Téspis as pinturas de Polignote. Dedicou-se aos efeitos pitorescos e às imagens ligeiras e decorativas. Uma de suas obras mais notáveis, representava "Bois conduzidos ao sacrifício" e apresentados de frente. O retrato da cortezã Glykera, representada em trançadora de coroas (Stephanoplocus), que pertenceu a Luculus, em Roma, era também considerada uma obra prima. No dizer de Plínio, o artista foi o primeiro decorador a imaginar composições especiais para os tetos. O mestre de Sicione teve muitos alunos, entre os quais podemos citar o seu próprio filho Aristóteles e Nicophones.

PAUSON, pintor grego do século V, antes de Cristo, contemporâneo de Polignote, de Micon e de Panaínos. E' conhecido, principalmente, por algumas passagens de Aristóteles, Aristófanes, Plutarco e Suídas. A historieta de um quadro de sua autoria, representando um cavalo galopando ou deitado de costas, com os quatro pés para o alto, segundo era visto direito ou de cabeça para baixo, não passa de gracejo.

PAVENTIA, divindade romana, invocada contra os ataques do mêdo (do latim: pavor) ou para proteção das crianças.

PAYSII ou PAISII, escritor búlgaro, nascido em 1720, morto em data desconhecida. Foi monje no monte Atos e foi enviado em missão entre os sérvios da Hungria. Em 1762, terminou o seu livro sôbre a História do povo eslavo-búlgaro, de seus tzares e de seus santos, preciosa compilação que contribuiu para despertar o patriotismo búlgaro. Foi impressa várias vêzes no século XIX.

PEDASOS, herói troiano, filho de Bucolion e de uma Naiade. Foi vencido e morto por Euriale.

LIVROS DE BÔLSO

MAIS LIVROS POR MENOS DINHEIRO

Uma estupenda coleção de livrinhos, que são os melhores que existem para aprender em poucos dias, e poder falar, qualquer destas línguas. Experimente e ficará maravilhado.

- YES SIR! Inglês sem Mestre — Edwards — Nº 32 — 12,00
- Aprenda Espanhol em quadrinhos — Nº 31 — 12,00
- 45 Lições Italiano sem mestre — Nº 24 — 12,00
- 45 Lições de Francês sem mestre — Nº 25 — 12,00
- Alemão sem mestre — Nº 30 — 12,00
- Crime e Castigo — Nº 207 — 10,00
- O Retrato de Dorian Gray — Nº 181 — 15,00
- Os Encantos da Mulher Nua — Nº 148 — 75,00
- As Amantes do Imperador — Nº 206 — 10,00
- A Arte e a Técnica do Beijo — Nº 93 — 15,00
- O Conde de Monte Cristo — Alexandre Dumas — Nº 223 — 10,00
- Regras para Vencer na Vida — Nº 182 — 15,00
- Vigor Sexual — Coleção Educação e Saúde — Nº 6 — 20,00
- As Chaves Ocultas do Poder — Nº 11 — 15,00
- Método de Datilografia — prático e rápido — Nº 96 — 15,00
- O livro das Mágicas — Nº 68 — 10,00
- Instalações Elétricas — Nº 38 — 60,00 — Livro de grossura muito maior que os usuais. Com 450 ilustrações e inúmeras tabelas. É o mais prático que existe.
- Lucíola — Nº 239 — 10,00
- Cenas de Amor — Nº 81 — 10,00
- Técnica e Prática Sexual — Nº 2 — 20,00 — Obra notável, que trata à luz da ciência, dos mais importantes problemas da vida.
- Senhora — Nº 247 — 10,00
- A Conquista Amorosa
- Como Ler os Pensamentos — Nº 73 — 15,00 — Ensina com métodos práticos. Cada um pode atingir boa capacidade de ler pensamentos e adivinhar coisas.
- Anedotas
- Tenha Sangue Frio — Nº 214 — 15,00
- Jiu-Jitsu sem Mestre — Nº 129 — 15,00
- Métodos para Hipnotizar — Nº 147 — 15,00 — Ensina diversas técnicas para que as pessoas possam escolher o melhor sistema.
- Guia do Mecânico de Automóvel — Nº 188 — 15,00
- Luiz A. P. Victoria — Fala e Escreve corretamente a tua língua — Regras práticas de português: A Crase. O Emprêgo do pronome lhe. Pronomes de tratamento. Colocação… — Nº 27 — 15,00

LIVROS ÚTEIS

INGLÊS PARA AS AMÉRICAS
Por professores do Instituto Brasil-Estados Unidos. N. 52 - 20,00

FRASES PARA CORRESPONDENCIA COMERCIAL INGLESA
Livro muito prático com frases classificadas. N. 56 - 20,00

PEQUENAS BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES
N. 128 - 15,00

PENSAMENTOS SÔBRE O AMOR
Stendhal – N. 19 - 15,00

ENCICLOPÉDIA INDUSTRIAL OCULTISTA
Filtros Mágicos - Varinha Mágica – Mágica de Amor, influências. Talismãs. Águas Medicinais. N. 10 - 15,00

DICIONARIO MODERNO DE SEXO E AMOR
Um livro científico. Curioso e Diferente. Interessantíssimo. Em ordem alfabética se encontram explicações pormenorizadas sôbre cada assunto. Desde o adultério e o Beijo até o Travesti e os Vampiros. N. 7 - 15,00

VENDAS:
RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 25 – RUA DO OUVIDOR, 150 - e - RUA MÉXICO, 128 - 1. Sobreloja 3
SÃO PAULO: R. CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403
BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

INTERIOR
PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO A DIREITA, ENDEREÇANDO-O SOMENTE PARA O RIO DE JANEIRO.



Editôra **GERTUM CARNEIRO**
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 6 - C - RIO
Peço enviar pelo Reembolso Postal, os livros, cujos números, indico abaixo:

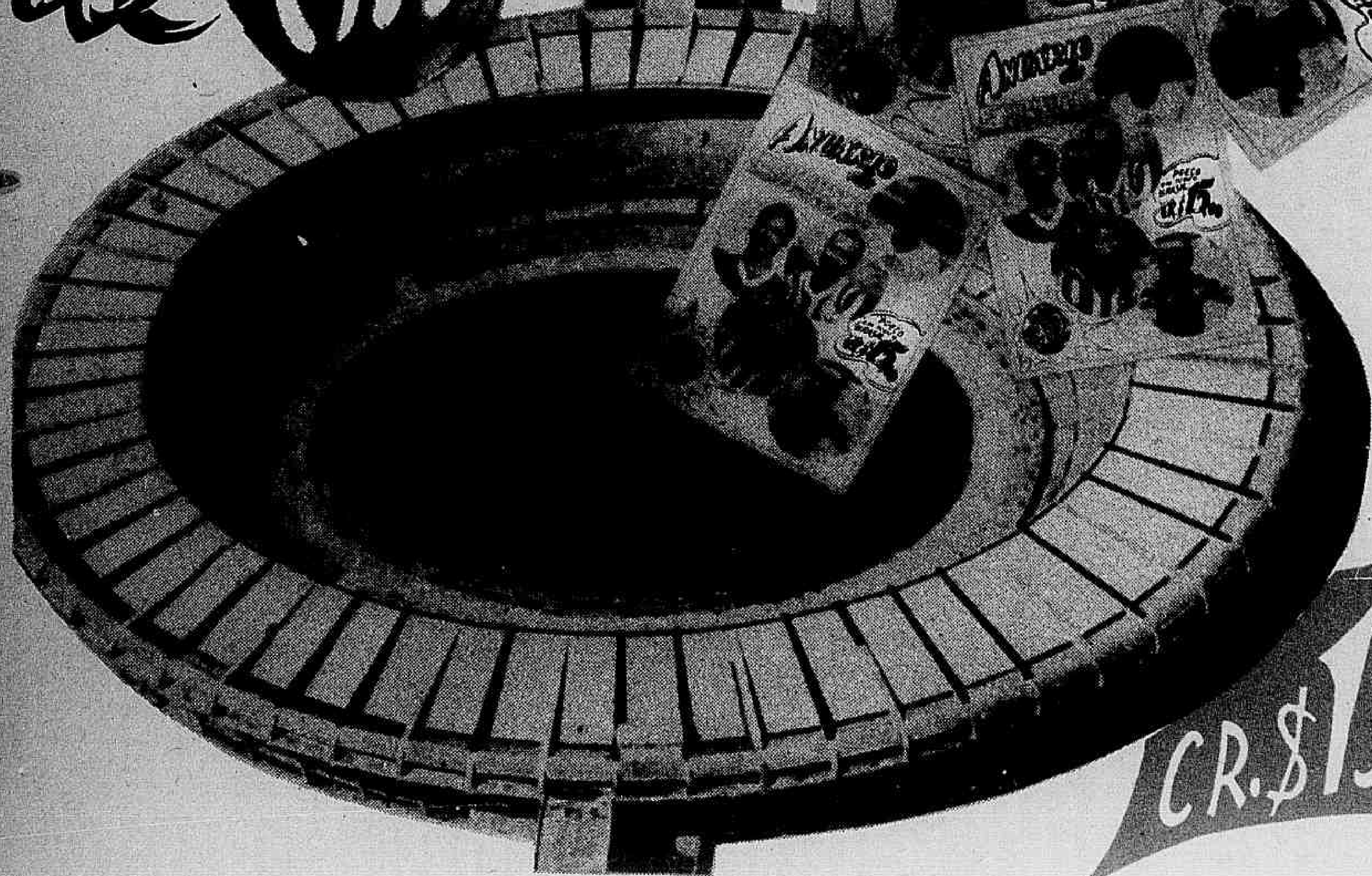
....
....
....
....
....
....

BASTA INDICAR O NUMERO
Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 há aumento de 10 %. (Não temos catálogo).

NOME. . .
RUA. . .
LOCALIDADE. . .
ESTADO. . . .

Goal ESPETACULAR

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado de 1953



CR.$ 15,00

SERÁ VENDIDO EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL

Redação: VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — Lapa — RIO

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM MAIO DE 1953

1 — SEXTA-FEIRA — "O govêrno de Washington estaria pronto a apoiar qualquer pedido oficial junto ao govêrno de Karachi, para que o Paquistão concordasse em tratar dos prisioneiros refratários ao repatriamento" — noticiava-se ontem, à noite, nos círculos bem informados desta capital. ★ Os representantes sino-coreanos consideram neutros, a Índia, o Paquistão, a Birmânia e a Indonésia, porém não designam nação alguma, enquanto não ficar estabelecido que os prisioneiros de guerra refratários ao repatriamento devem, efetivamente, ser enviados para um Estado neutro. O General Nam Il, chefe da delegação sino-coreana, declara que também considera a Suíça e a Polônia como nações neutras, acrescentando, todavia, que não julga realizável o envio dos prisioneiros de guerra para países tão afastados.

2 — SÁBADO — O assassino do Sr. Chedly Kastally, vice-presidente tunisino da Municipalidade de Túnis, é prêso na vila de Dermech, tendo confessado o crime. A polícia descobre um depósito de armas no local da prisão. ★ O Papa Pio XII eleva à categoria de Bispo de Cajàzeiras o Padre Zaccharia Rolim de Moura, pároco da Igreja de Nossa Senhora da Guia, em Patos. ★ O Sr. Presidente da República regressa ao Palácio do Catete, encerrando o período de veraneio em Petrópolis. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto promovendo o Sr. Hugo de Araújo Faria, diretor-geral do Departamento Nacional do Trabalho. ★ As Nações Unidas propõem o Paquistão, como nação neutra, para assegurar a guarda dos prisioneiros que se recusarem ao repatriamento, em sessão, na qual o General Harrison, delegado aliado, declarou aos sino-coreanos: "Se não aceitardes o Paquistão como potência neutra, não adiantará prosseguir as discussões convosco".

3 — DOMINGO — Um batalhão comunista ataca as posições aliadas na principal linha de resistência ao longo da frente ocidental da Coréia, porém é rechaçado depois de sangrentos combates corpo a corpo, nas trincheiras. ★ A polícia argentina anuncia haver descoberto uma organização terrorista, a cargo de elementos dos partidos conservadores "Democrata" e "Democrata Progressista", sendo apresadas pistolas e fuzis". Essa informação é dada a conhecer após a detenção de dois homens, o fabricante Vicent Centurion e Patricio Cullen. ★ O matutino peronista "El Lider" aplaude a investigação, pedida pelo Presidente Peron, junto às agências de notícias norte-americanas. ★ O Departamento de Defesa revela que os gastos militares dos Estados Unidos foram reduzidos de uns 300 milhões de dólares.

4 — SEGUNDA-FEIRA — Depois da União Soviética e da Rumânia, a Tchecoslováquia proclama uma anistia. Segundo a rádio de Praga, os mineiros e as mulheres grávidas, condenados a penas inferiores a dois anos de prisão, foram anistiados em virtude de decisão governamental. Além disso, as condenações perpétuas foram reduzidas a 20 anos; os presos doentes de mais de 60 anos e as mulheres de mais de 55 anos foram beneficiados com uma redução de pena. A anistia não se aplica aos condenados por "sabotagem", roubo de bens pertencentes ao Estado ou

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete m a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-2

aos sindicatos, nem aos condenados pela aplicação da lei relativa à proteção da paz. ★ O Primeiro Ministro Winston Churchill expressa, na Câmara dos Comuns, a preocupação britânica pela invasão comunista do Laos. Churchill declara que a Grã-Bretanha está preparada para continuar ajudando a França com armas e munições, havendo, no entanto, pouca esperança de poder fornecer-lhe os aviões de transporte solicitados pelo govêrno francês. ★ O Sr. Presidente da República regressa de Uberaba, onde presidiu à solenidade de inauguração da XIX Exposição-Feira Agro-Pecuária, onde pronunciou um discurso. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto criando a Comissão Executiva de Socorro às vítimas das enchentes do Rio Amazonas. ★ Os Chanceleres do Brasil e do Equador trocam notas sôbre um entendimento ocorrido entre os dois países. ★ O Chanceler de Israel concede, na A.B.I., uma entrevista coletiva à imprensa. ★ A Câmara Legislativa do Distrito Federal suspende os trabalhos, por motivo do falecimento do ex-intendente Dr. José de Azurém Furtado.

5 — TÊRÇA-FEIRA — O Presidente Eisenhower recomenda um programa de assistência militar e econômica ao exterior, de 5 000 milhões de dólares. As recomendações de Eisenhower foram feitas nos debates travados sôbre o assunto, na sessão conjunta das comissões de Relações Exteriores do Senado e da Câmara. ★ Prosseguem, em tôda a República Argentina, as investigações em tôrno das atividades terroristas que estariam sendo desenvolvidas pela oposição ao govêrno do General Peron. Numerosas prisões são realizadas pela polícia de Buenos Aires. Entre as pessoas detidas, figura o líder socialista Alfredo Palácios. ★ Entram em greve os oficiais da marinha mercante da França. ★ Prosseguem, em Paris, as trocas de pontos de vista entre os governos inglês, francês e norte-americano, a respeito do tratado austríaco. ★ Os trabalhistas conseguem ligeiras vantagens sôbre os conservadores, nas eleições realizadas para vereadores. Os trabalhistas solicitam um voto de censura ao govêrno do Sr. Winston Churchill, em conseqüência dos vivos debates da semana. ★ Um comunicado do Ministério da Defesa da Grécia assinala que um incidente de fronteira verificou-se na ilha Gama, que delimita aquêle país e a Bulgária. ★ De Los Angeles, parte para Nova York, o casal Amaral Peixoto, que se encontra em visita aos Estados Unidos. ★ Parte de Buenos Aires a missão comercial japonêsa que negociou, naquela capital, um convênio de intercâmbio com uma missão comercial argentina. ★ O Sr. Prefeito do Distrito Federal sanciona projeto de lei votado pela Câmara dos Vereadores, considerando feriado municipal o dia 13 do corrente, em homenagem à chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima, a esta capital.

6 — QUARTA-FEIRA — O general norte-coreano Nam Il repele uma proposta aliada, no sentido de pôr em liberdade os comunistas, logo após a assinatura de um armistício, para que seguissem para onde bem entendessem Nem sequer os vermelhos quiseram aceitar o novo pedido da ONU, de que o Paquistão fôsse escolhido como nação capaz de ficar com a tutela dos comunistas detidos, que não querem mais regressar ao "paraíso" vermelho. ★ Os invasores comunistas vietminheses estão retirando-se em direção norte, através do Estado de Laos, numa manobra repentina que poderia significar a terminação de sua ofensiva. A inesperada transformação radical da situação ocorreu no momento em que os comunistas se encontravam a apenas 40 quilômetros da fronteira da Tailândia. ★ Um cargueiro norte-americano parte em dois um "ferry" do Canal da Mancha. A tripulação do cargueiro enceta, em seguida, uma heróica operação de salvamento, que termina com tôdas menos uma das 557 pessoas a bordo de ambos os navios, aparentemente salvos. Um número indeterminado de pessoas, que se encontrava a bordo do "ferry" inglês "Duke of York", estava ferida, algumas com gravidade. O cargueiro norte-americano "Haiti Victory", de 7 600 toneladas, sofre danos mas sua tripulação, de 50 homens, escapa ilesa. ★ Assinado, no Palácio Itamarati, o Tratado de Extradição com a Bélgica.

7 — QUINTA-FEIRA — A Câmara dos Deputados argentina constitui a comissão que estudará um projeto de lei, segundo a qual se pedirá uma investigação nas agências de notícias estrangeiras que operam na Argentina. ★ O Presidente Peron declara: "Acredito que as prisões efetuadas nestes últimos dias não porão, sem dúvida, fim aos atentados que se sucedem há cêrca de um mês. Encorajados pela propaganda e pelas difamações que vêm do exterior, outros terroristas podem surgir, mas eu os combaterei com tôdas as minhas fôrças. Sou pago pelo povo para defendê-lo e devo cumprir minha missão pela qual me elevou ao poder". ★ A França recusa uma proposta norte-americana para que a questão da invasão de Laos pelos comunistas, na Indo-China, seja apresentada perante as Nações Unidas. ★ A Rainha Elizabeth II entrega a seu espôso, o Duque de Edimburgo, o bastão de Marechal de Campo. ★ Verificam-se cinco mortos no total das baixas do vapor "Duke of York", quando do acidente verificado neste navio. ★ E' aprovado por 14 ministros de Estado da Europa Ocidental um plano para reanimar o Conselho da Europa. ★ O Sr. François Menthon (França) é reeleito presidente da Assembléia Consultiva Européia, por unanimidade dos 99 sufrágios emitidos. ★ Inúmeras cerimônias, de que participaram os alunos das escolas, operários e funcionários dos serviços públicos e emprêsas particulares, além de representantes das fôrças armadas, realizam-se em Buenos Aires e em tôda a Argentina, para comemorar o aniversário de nascimento da falecida Sra. Eva Peron.

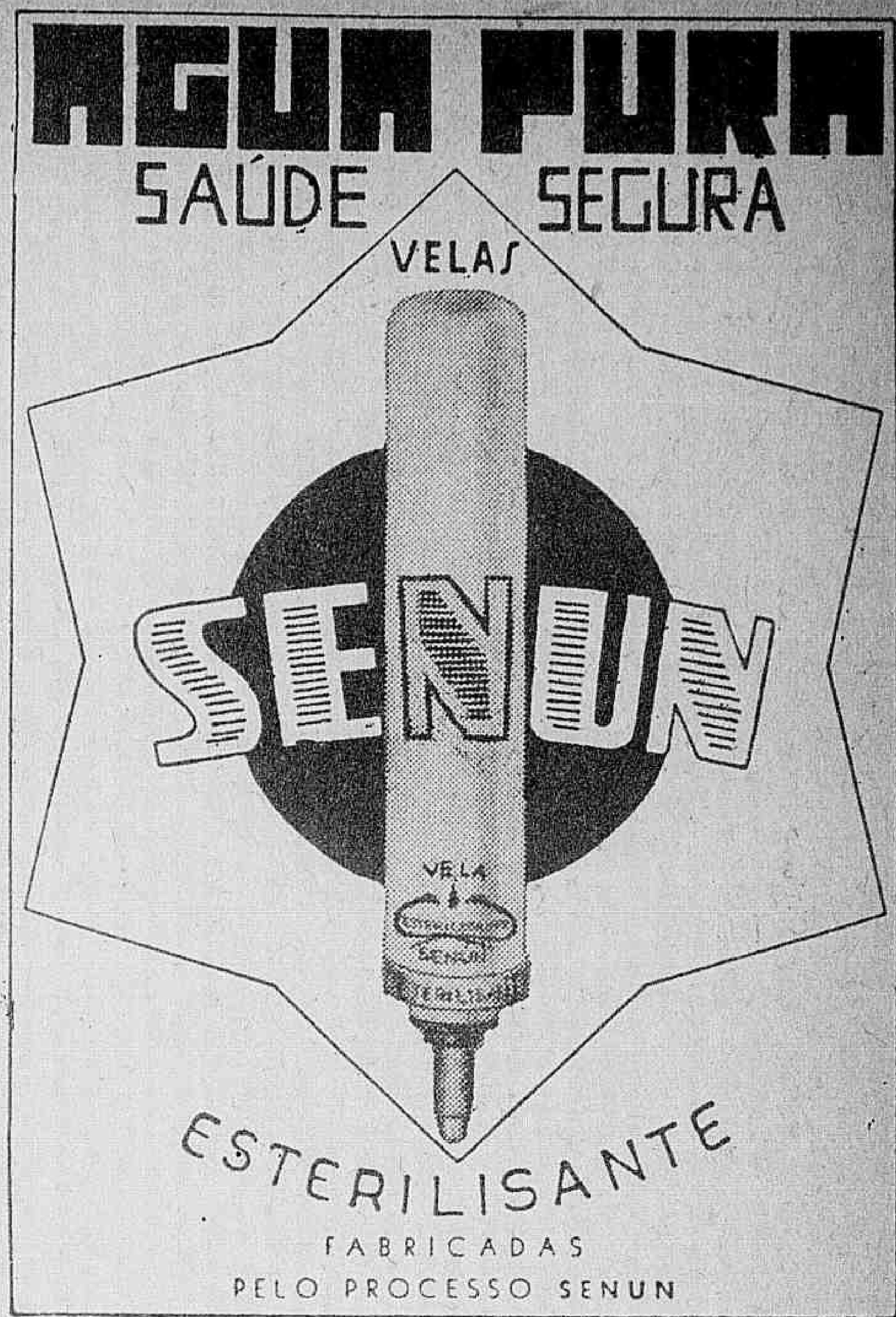
8 — SEXTA-FEIRA — Diz Eisenhower que os Estados Unidos "devem continuar fortes para continuar livres". Sua política exterior jamais deverá ser uma "ação reflexa" da política exterior de outras nações. Segundo Eisenhower, qualquer solução da guerra coreana deve ser justa para o povo da Coréia. ★ Pilotos norte-americanos, com aviões de transporte do último modêlo,

procedentes dos Estados Unidos, deixaram cair, em pára-quedas, os abastecimentos urgentemente necessários nos principais postos de defesa do invadido Reino de Laos, enquanto o alto comando francês advertia que a retirada das fôrças comunistas invasoras pode ser apenas uma manobra temporária. ★ Uma das mais poderosas bombas atômicas, que já foram experimentadas nos Estados Unidos, explode, a 800 metros, sôbre um conjunto de alvos colocados na meseta de Frenchman, onde se encontram os terrenos de provas de armas nucleares. Os alvos, expostos às chamas e a mortífera radioatividade da bomba, compreendiam desde um bosque, transplantado, de pinheiros, e pontes de aço, até aviões a jacto, sem pilotos, que levavam "tripulações compostas de ratos e macacos. ★ Grandes depósitos de armas são apreendidos em inúmeras estâncias disseminadas pela província de Buenos Aires, segundo as últimas informações da polícia acêrca das investigações em tôrno do que se afigura serem agora três organizações terroristas. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Procurador do Trabalho o Sr. Roque Vicente Ferrer.

9 — SÁBADO — A conferência de armistício de Pan Mun Jom marca novo progresso, após a proposta comunista que mereceu a atenção da delegação aliada. ★ A campanha do Presidente Juan Peron, contra as agências norte-americanas de notícias, se intensifica e todos os jornais de Buenos Aires, com uma só exceção, deixam de publicar o serviço de informações fornecido por essas agências. A única exceção é a do jornal independente, publicado em inglês, o "Buenos Aires Herald". A campanha do govêrno é dirigida exclusivamente contra as agências jornalísticas norte-americanas, pois não foram tomadas medidas contra a agência britânica "Reuter's", ou a "France Presse". Os órgãos locais dependem, agora, dessas duas agências, para dar informações do estrangeiro. E' a primeira vez, desde a Primeira Grande Guerra Mundial, que os jornais dêste país não publicam despachos de agências norte-americanas. ★ Na próxima semana, França e Alemanha procurarão, uma vez mais, resolver o problema do Sarre, que desde a morte de Carlo Magno vem dificultando as boas relações franco-alemãs. O Chanceler da Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, partirá para Paris, com o propósito aparente de tratar, com os outros cinco Primeiros-Ministros da "Pequena Europa", acêrca do ante-projeto de Constituição de uma Europa federada. ★ O Sr. Presidente da República comparece à cerimônia da Páscoa dos Militares. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto, designando o Embaixador do Brasil na Alemanha para fazer a entrega do Grande Colar da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul ao Sr. Presidente Theodor Heusz.

10 — DOMINGO — Trinta e nove "Fortalezas Voadoras" deixam cair 390 toneladas de bombas nos centros de abastecimento das tropas comunistas sino-coreanas, situados no Yangsi, a leste de Sinuiu, perto do rio Yalou. ★ Falece em desastre de aviação o Sr. Rafael Gomes Hurtado, filho do Presidente da Colômbia. ★ A polícia federal argentina intensifica suas investigações, convencida que está de que a campanha terrorista de agitações tem ramificações em tôda a República. ★ Na questão da alta dos preços, a direção de vigilância pede ao govêrno a deportação de mais dezoito comerciantes estrangeiros. ★ Fica decidido que o futuro presidente da República do Egito será eleito por cinco anos. ★ O Secretário de Estado norte-americano, Sr. John Foster Dulles, e o diretor da Agência de Segurança Mútua, Sr. Harold Shassen, iniciando uma excursão de três semanas pelo Oriente Médio, chegam, por via aérea, ao Cairo.

11 — SEGUNDA-FEIRA — Iniciando os debates sôbre assuntos exteriores, os quais deverão durar dois dias, Sir Winston Churchill declara, na Câmara dos Comuns, que a última proposição dos comunistas, para um acôrdo na Coréia, requeria "um exame paciente e compreensivo", acrescentando que "não existe razão alguma conhecida por mim, no momento, para presumir que



CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

dita proposição não possa servir de base de acôrdo, de vez que a mesma tenha sido apresentada com sinceridade". ★ O perito brasileiro em saúde pública, Dr. M. G. Candau, é eleito diretor-geral da Organização Mundial de Saúde, substituindo o canadense Dr. Brmok Chissolm, que há sete anos dirigia êsse organismo da ONU e cuja renúncia vigorará em julho. ★ Os primeiros resultados do inquérito realizado em Mazatlan, sôbre o atentado dirigido contra um avião da Companhia "Aeronaves de Mexico", confirmam que a bomba, que matou três pessoas e feriu sete, era uma bomba de retardamento depositada, primeiramente, dentro do aparelho, por mãos criminosas. ★ O conselho de suplentes para o tratado de Estado Austríaco, é convocado para 27 do corrente, anunciou na Câmara dos Comuns o Sr. Selwyn Lloyd, Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros. ★ Falece o caricaturista, professor de Direito e autor teatral Raul Pederneiras.

12 — TÊRÇA-FEIRA — O juiz argentino Carlos Osan Gacne confirma uma multa de mais de trinta e dois milhões de pesos argentinos imposta sôbre o falecido Ezequiel Paz e sua irmã Zulmira Paz de Anchorena, antigos proprietários do diário "La Prensa", por haverem utilizado papel de jornal isento de impostos alfandegários para a impressão de avisos. ★ O matutino peronista "Democracia" dedica quase tôda uma página a numerosas reproduções de ataques à revista norte-americana "Vision", editada em espanhol e português, dizendo que a mesma "está ligada ao "complot" terrorista". ★ Interrogado na Câmara dos Comuns pelo deputado conservador, Comodoro Harvey, sôbre as perspectivas de um reinício das exportações britânicas para o Brasil, o Sr. Peter Thorneycroft, presidente do "Board of Trade", declarou que as discussões financeiras anglo-brasileiras que se vão abrir "muito brevemente", no Rio de Janeiro, girarão em tôrno "não só das dívidas passadas do Brasil, mas, também, sôbre o futuro do seu comércio com a Grã-Bretanha". ★ O Ministro Mohammed Fuad Gaial exige a retirada incondicional das fôrças estrangeiras do Canal de Suez, como base para o reatamento das negociações anglo-egípcias. ★ Tôda a imprensa egípcia revolta-se contra o que denomina "o conluio anglo-americano" para impor a ocupação da zona do Canal de Suez ao povo egípcio. ★ A Assembléia Nacional francesa reabre seu período de sessões, após uma interrupção de seis semanas, por motivo das recentes eleições. ★ Falece num hospital parisiense, no qual estava em tratamento há algum tempo, o Sr. Jacques Dumaine, embaixador da França em Portugal.

13 — QUARTA-FEIRA — A Grã-Bretanha enviará para o Egito, se a situação exigir, batalhões do exército britânico enviados da zona do Canal de Suez, a fim de participarem das festas da coroação. ★ O General Francis Festing, comandante supremo das tropas britânicas no Egito, dispõe atualmente de duas divisões de infantaria, uma brigada de pára-quedistas e um grupo de artilharia. Sabe-se, além disso, que unidades de "comandos" dos "marines" reais deixaram La Valeta (Malta) a bordo de três transportadores de "tanks" e, apesar de não ter sido revelado o seu destino, não há dúvida de que êsses fuzileiros seguiram para o Egito. ★ "Não existe indicação alguma do meu conhecimento, segundo a qual houvesse diminuído a ameaça soviética" — declara o General Matthew Ridgway, no transcurso da entrevista concedida à imprensa conjuntamente com o General Alfred Gruenther, seu chefe de estado-maior chamado a substituí-lo brevemente na chefia do grande-quartel general atlântico. ★ O Departamento de Estado declara que o govêrno dos Estados Unidos não concorda com a manifestação do primeiro ministro britânico, Churchill, de que o momento é oportuno para uma conferência entre os altos dirigentes da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e União Soviética.

14 — QUINTA-FEIRA — O Chanceler Konrad Adenauer adverte, contra tôda tentativa de resolver, por partes, o conflito entre o comunismo e o mundo livre. Acredita Adenauer que a tensão política entre o leste e o oeste "não se baseia em conflitos isolados", senão que "antes nos defrontamos com um grande complexo de tensões entre dois grupos de potências. A seu juízo, "deve existir em âmbos os lados, em primeiro lugar, a firme resolução de liquidar êste complexo de

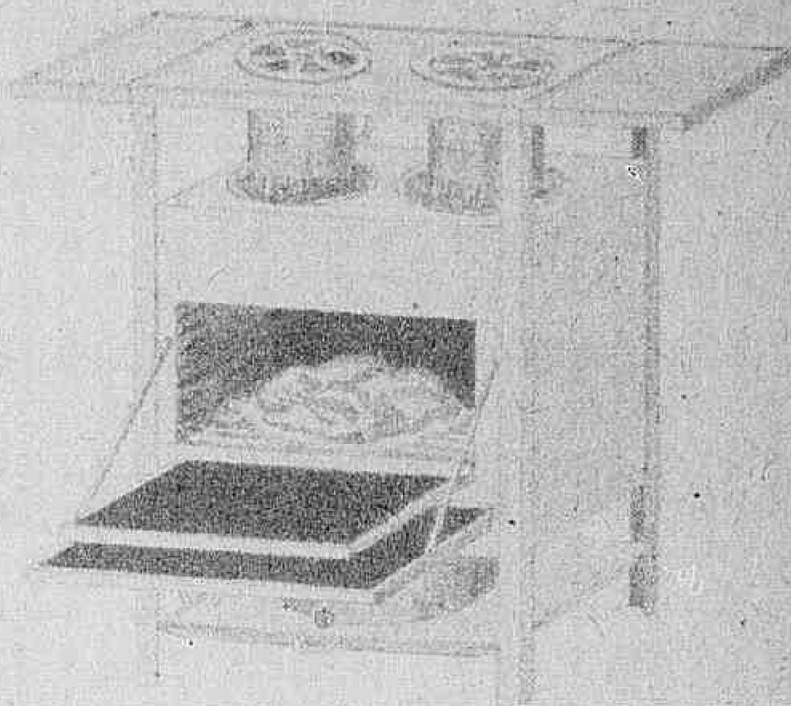
tensões e estabelecer, realmente, "um acôrdo entre as partes". ★ Os fatos fundamentais da situação estratégica mundial não mudaram ràpidamente e uma Europa livre é sempre indispensável à segurança dos Estados Unidos — salienta o Presidente Eisenhower, em sua entrevista à imprensa. ★ A chamada "cidade das tendas", que os comunistas construíram quando se preparavam para a permuta de prisioneiros, foi demolida. ★ O govêrno egípcio proíbe o transporte de abastecimentos destinados à guarnição britânica, a não ser com permissão especial, alegando que os inglêses haviam dado morte, nas últimas semanas, a oito naturais dêste país. ★ Uma operação franco-vietnamita, desencadeada no setor de Phuly, 40 quilômetros ao sul de Hanoi, custa cem mortos ao Viet Minh. ★ O govêrno boliviano anuncia haver dominado um movimento subversivo. ★ A polícia prende vários elementos políticos em diversos pontos de La Paz. Não foi publicado nenhum comunicado oficial a respeito, mas afirma-se que a maior parte dos detidos pertence à Falange Socialista Boliviana. São detidos, também, alguns elementos militares da ativa. ★ Na Argentina, a Polícia Federal efetua a apreensão, em Buenos Aires, de copioso material bélico. ★ Anuncia-se em Nova York que o Federal Reserve Bank recebe a primeira parcela de seis milhões de dólares do Expor-Import Bank.

15 — SEXTA-FEIRA — Iniciadas em Bonn as negociações econômicas germano-brasileiras, para a renovação do acôrdo comercial entre os dois países. A delegação brasileira é chefiada pelo Ministro João Alberto Lins de Barros, diretor dos serviços econômicos e consulares do Ministério das Relações Exteriores. ★ O Dr. Marcolino Candau, do Brasil, presta juramento como novo diretor-geral da Organização Mundial de Saúde. ★ De acôrdo com os têrmos do pacto, a Alemanha poderá organizar um exército de 500 000 homens, como parte das fôrças da Comunidade de Defesa Européia. A Câmara Alta também ratificou o tratado de paz com as nações vitoriosas do ocidente. ★ A segunda assembléia do "Instituto Internacional de Imprensa" aprova, por unanimidade, uma resolução condenando em têrmos enérgicos o govêrno argentino, especialmente pela liquidação do grande jornal independente "La Prensa", assim como pelas "ameaças que êste govêrno faz pesar sôbre a distribuição, no mundo, de notícias provenientes da Argentina". ★ Pelo Sr. Ministro da Educação, é inaugurado o II Salão Nacional de Arte Moderna. ★ Sob a presidência do Sr. Ministro do Trabalho, instala-se a I Semana Brasileira de Enfermagem. ★ Realiza-se, no Palácio Itamarati, a cerimônia de assinatura de um Acôrdo Comercial, por Troca de Notas, entre o Brasil e a Finlândia. ★ Falece o Prof. Lindolfo Gomes. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto, designando a delegação brasileira ao II Convênio da Civilização Cristã e da Paz Cristã.

16 — SÁBADO — A pedido dos delegados das Nações Unidas, são adiadas até o dia 20 do corrente as conversações de armistício. Um porta-voz aliado esclarece que êsse adiamento fôra determinado por "razões administrativas". ★ As fôrças militares do Viet Minh iniciam uma violenta ofensiva contra um importante ponto das linhas de defesa francesas, a menos de 35 quilômetros ao sul de Hanoi. ★ Vários batalhões rebeldes lançam-se sôbre o baluarte francês de Yen Vi, que está situado uns poucos quilômetros ao norte de Phuly. Yen Vi foi fortificada por ordens do extinto Marechal Dellare de Tassigny, a fim de proteger as ricas plantações de arroz na região da desembocadura do Rio Hanoi. ★ O Secretário de Estado Foster Dulles declara que a "diplomacia mais eficaz é aquela que se apoia na fôrça". O Sr. Dulles, que realiza viagem ao Oriente Médio, considera que os povos do mundo sentem-se garantidos pela potência militar dos Estados Unidos, "que estão prontos a apoiar os compromissos internacionais, quando se tratar de defender a democracia contra os ataques que poderão ser lançados contra ela". ★ No Palácio do Catete, realiza-se a cerimônia da entrega das insígnias da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito ao Monsenhor Carlo Chiarlo, Núncio Apostólico, e ao Sr. Marechal Mascarenhas de Morais.

17 — DOMINGO — Chega à cidade do México a Sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, que ali passará alguns dias. ★ O "Journal of Commerce", de Nova York, diz ser provável que o Brasil comece o pagamento de suas dívidas comerciais aos exportadores norte-americanos em princípios desta semana. ★ O inspetor geral da Polícia de

FOGÕES E FOGAREIROS
o gás de óleo cru ou querosene
REI



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, 5

Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

Buenos Aires dá a conhecer aos jornalistas novos pormenores sôbre a conspiração terrorista. ★ E' localizado outro foco na rua Juncal, sendo detidas várias pessoas implicadas no movimento. ★ E' prêso em Guadalajara o General Hermenegildo Carrillo Aguirre, sob a acusação de ser co-autor intelectual do atentado do aeródromo de Mazatlan. ★ O General Henri Navarre, novo comandante-chefe na Indo-China, deixa Paris, com destino a Saigon. ★ O Primeiro Ministro Winston Churchill expôs, claramente, na Câmara dos Comuns, que já é tempo de a Grã-Bretanha deixar de "mortificar" os Estados Unidos sôbre as negociações de trégua coreanas.

18 — SEGUNDA-FEIRA — O General Matthew Ridgway declara ao Congresso, que a ofensiva de paz dos soviéticos não diminui a ameaça vermelha na Europa. ★ O Supremo Comandante da NATO solicita à comissão de assuntos estrangeiros que aprove o orçamento de cinco mil e 800 milhões de dólares, pedidos pela administração, para a ajuda estrangeira. Ridgway diz que só conseguidos os primeiros objetivos e não intensificadas as defesas, poderá haver um ataque seríssimo contra a Europa Ocidental. ★ A Câmara de Comércio dos Estados Unidos, em relatório destinado à Comissão de Estudos da Câmara dos Representantes, declara que um aumento das tarifas aduaneiras norte-americanas seria prejudicial à segurança do mundo livre. ★ Adiada pela terceira vez a nova prova atômica da série de 1953, por não serem favoráveis as condições atmosféricas. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Comandante das Fôrças de Alto Mar o Vice-Almirante Nelson Noronha. ★ No Palácio Itamarati, é assinado o acôrdo de assistência técnica entre a Repartição Internacional do Trabalho e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Brasil.

19 — TÊRÇA-FEIRA — Na Argentina, a polícia prossegue ativamente seu inquérito sôbre as organizações terroristas, mas observa uma reserva total. Segundo os meios informados, entretanto, teria conseguido descobrir o método de financiamento da organização. Os fundos necessários teriam sido fornecidos por uma família afortunada que, há algum tempo, foi punida pelas autoridades por evasão fiscal. A polícia procura estabelecer quem teria entregue a Firmat Lamas o salvo-conduto que lhe permitiu penetrar, em 1.° de maio, no recinto do Congresso, para ali depositar uma bomba no momento da inauguração da sessão. ★ O correspondente da Associated Press, Marc Purdue, é expulso do Irã, sob a acusação de "ter enviado despachos provocadores" sôbre assuntos nacionais. ★ Falece em Curitiba o Sr. Erasto Gaertner, Prefeito dessa cidade.

20 — QUARTA-FEIRA — Desde o comêço da guerra da Coréia, as perdas norte-americanas se elevam a 135 155 homens. Essas perdas se dividem da seguinte maneira: mortos, 21 540; feridos, 100 503; desaparecidos, 13 112. ★ Pouco antes das 8 horas da manhã, habitantes da ilha dinamarquesa de Bornholm observaram um avião a jacto que sobrevoava a ilha a baixa altura. Voava tão baixo que logo pôde ser identificado: era um "Mig". Seu pilôto, de 22 anos de idade, é detido e em suas declarações afirma que muitos outros jovens poloneses deverão deixar a "cortina de ferro". ★ O alto comando francês anunciou a perda do baluarte de Muong Khuna, que havia resistido desde o princípio da invasão de Laos. ★ O povo egípcio é notificado sôbre a suspensão, por parte de seu govêrno, das conversações com a Inglaterra, a propósito da questão de Suez. ★ O Presidente Eisenhower exorta o Congresso a aprovar seu programa de seis pontos, para evitar uma perda de 2 mil e cem milhões de dólares nas rendas federais, durante o próximo ano fiscal. ★ Chega a La Paz a missão comercial brasileira, chefiada pelo Sr. João Batista Pinheiro. ★ Chega a Buenos Aires o Vice-Presidente da Bolívia, Sr. Hernan Silez Zuazo. ★ A televisão na América Latina está consideràvelmente mais avançada que na Europa Ocidental, segundo se informou numa mesa redonda realizada sôbre o assunto na Philco International Corporation. ★ Quatro pessoas sucumbem no desmoronamento de uma casa paroquial, em San Antonio de Oeste, na província do Rio Negro, Argentina. ★ A Rainha Elizabeth II vai à Abadia de Westminster, a fim de observar a sua "doublé", a Duquesa de Norfolk, nos ensaios da cerimônia da coroação de dois de junho. ★ O Ministério das Comunicações notificou à "United Press", que havia levantado a suspensão das transmissões rádio-telegráficas do serviço noticioso da U. P. para seus clientes do interior do país.

21 — QUINTA-FEIRA — O govêrno do "Premier" René Mayer cai, ao perder um voto de confiança na Assembléia Nacional, tendo sido a contagem extra-oficial de 319 votos contra 240. Muitos degaullistas votaram contra Mayer e os comunistas e socialistas uniram-se a êles, opondo-se à exigência do Govêrno, de lhe serem dados poderes especiais para fazer economias no orçamento e reformar a administração. ★ Ordenada a prisão de dois dirigentes radicais envolvidos no plano terrorista descoberto em Buenos Aires. ★ Por decreto do govêrno, é determinada a intervenção no Jockey Clube, no Aero Clube e no Centro Universitário de Aviação argentinos. ★ A embaixada do Brasil no México informa ser possível, em futuro próximo, a criação de um serviço marítimo entre os dois países. ★ O Primeiro Ministro japonês Shigeru Yoshida anuncia a formação de seu 5.° gabinete. Do novo govêrno de 18 membros, apenas seis não pertenceram ao gabinete anterior. ★ Chega à Baía de Guanabara a iole "Rio Grande do Norte II", que fêz o "raid" Natal-Rio de Janeiro. ★ O Sr. Ministro das Relações Exteriores oferece, no Palácio Itamarati, um almôço de despedida ao Sr. Abou-Richeh, Ministro da Síria, a quem conferiu as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

22 — SEXTA-FEIRA — O govêrno de Eisehower fêz saber que a reunião entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a França, que terá lugar nas Bermudas em junho próximo, não conduzirá a uma conferência com a União Soviética enquanto

esta não der provas de que renunciou à agressão. ★ O Presidente Vincent Auriol, em vista da necessidade de buscar um "premier" que possa se avistar com o primeiro ministro inglês Churchill e com o Presidente Eisenhower, no próximo mês, inicia a procura, na forma de costume, o 10.° chefe de gabinete depois da libertação. O gabinete de René Mayer é derrotado pela Assembléia Nacional por 328 contra 244 votos. A primeira oportunidade de formar um gabinete corresponderá possìvelmente aos degaullistas, que carecem de líderes e cujos votos determinaram a moção de não apoio a Mayer.

23 — SÁBADO — A crise do govêrno francês toma caráter inesperado, mas não se aproxima da solução. Enquanto esperava-se, geralmente, que o Sr. Vincent Auriol apelasse para o Sr. André Diethelm, presidente do grupo do "Ressemblement du Peuple Français", cuja defecção está na origem da queda do gabinete, ou para o Sr. Paul Reynaud, o Presidente da República decide encarregar o Sr. Guy Mollet, secretário geral do Partido Socialista, para constituir um govêrno sustentado, nos têrmos do comunicado publicado pelo Elysée, "pela maioria republicana que, na quinta-feira passada, seu grupo convocou com seus votos". ★ O Viet Minh, dominado pelos comunistas, inicia uma ofensiva política no invadido reino de Laos, com a esperança de conquistar o apoio dos camponeses para seu govêrno de "Laos Livre". Tendo cessado quase por completo as hostilidades, devido às chuvas torrenciais da primavera, a rádio rebelde anuncia a promulgação de uma lei de reforma agrária, nos 38 mil quilômetros quadrados da parte setentrional de Laos, que os comunistas arrebataram aos defensores franceses quase sem derramar sangue. ★ Um comunicado da 5.ª Fôrça Aérea anuncia que, durante a semana, 28 aparelhos "Mig" foram destruídos, 2 foram provàvelmente destruídos e 9 foram danificados. Essa cifra das perdas semanais do inimigo é a mais elevada desde a segunda semana de setembro de 1952, em que foram destruídos 31 "Mig". ★ O Sr. Presidente da República assina decretos promovendo a Almirante de Esquadra os Vice-Almirantes João Carlos Cordeiro da Graça e Carlos Dehoul Conceição.

24 — DOMINGO — O Sr. James Hagerty, secretário da Presidência dos Estados Unidos, declara que a Conferência dos Três Grandes, nas Bermudas, não se realizará senão na segunda quinzena de junho. ★ Segundo a emissora de Moscou, o Sr. Malik, Embaixador da União Soviética em Londres, entregou a resposta soviética a respeito da Conferência de Suplentes para a Áustria. Nesta confirmação, a emissora de Moscou acrescenta que, "nas condições atuais, seria preferível que a questão do tratado de paz com a Áustria fôsse examinada por via diplomática e não por uma Conferência de Suplentes". ★ O supremo comandante aliado, General Mark Clark, conferencia durante duas horas com o Presidente da Coréia do Sul, Syngman Rhee, após o que Rhee convoca uma reunião extraordinária do seu ministério. ★ Logo depois da saída do Eliseu do Sr. Diethlem, que declinara do convite para formar o gabinete, o Presidente Auriol decide chamar para presidente do Conselho o Sr. Paul Reynaud, presidente da Comissão de Finanças da Assembléia Nacional, ao qual oferecerá que se encarregue de constituir um govêrno de união republicana em larga escala.

25 — SEGUNDA-FEIRA — Sob a presidência do Ministro britânico de Saúde Pública, é inaugurado o VIII Congresso Internacional de Hospitais. ★ O Almirante Fechteler é nomeado comandante-chefe das fôrças aliadas na Europa Meridional. ★ A Côrte Suprema rejeita o pedido de revisão do processo dos espiões atômicos, Rosenberg e sua espôsa. E' a terceira vez que a Côrte Suprema rejeita êsse pedido. ★ Realiza-se em Paris a 44.ª Convenção do Rotary Internacional. ★ O expresso Calais-Basiléa descarrila nas proximidades de Saint Omer, havendo muitos fe-

BANCO DO COMÉRCIO S. A.
FUNDADO EM 1875

O MAIS ANTIGO DO RIO DE JANEIRO
Capital .... Cr$ 90.000.000,00
Reservas .... Cr$ 69.015.930,40

Matriz:
RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Tel. 43-8966

AGÊNCIAS:

Distrito Federal:
COPACABANA — Av. Copacabana, 1.155
MÉIER — Rua 24 de Maio, 1.355
S. CRISTÓVÃO — Rua S. Luís Gonzaga, 45
TIJUCA — Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA — Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO — Rua Riachuelo, 387
Estado de S. Paulo: S. PAULO — CAPITAL

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
INCLUSIVE CÂMBIO

SEÇÕES ESPECIALIZADAS PARA
GUARDA DE TÍTULOS E VALORES

ridos. ★ O "New York Times" publica uma informação dizendo que a dívida comercial do Brasil, para com os exportadores norte-americanos, alcançou novo teto de 208 300 000 dólares no mês de abril, segundo informação do Federal Reserve Bank de N. York. ★ A Associação do Comércio e da Indústria de N. York informa que o Banco do Brasil começou a liquidação das dívidas comerciais brasileiras desde têrça-feira passada, esperando-se que os pagamentos cheguem às mãos dos credores no curso desta semana.

26 — TÊRÇA-FEIRA — Na Argentina, o matutino "Democracia" revela que se descobriu grande quantidade de armas e explosivos em uma fazenda da província de Entre Rios. Acrescenta o jornal que um indivíduo de nome Hasenkamp foi conduzido a esta capital e pôsto à disposição do Juiz Miguel Vignola. Entre os presos, figura a conhecida poetisa e escritora Victoria Ocampo. ★ O Sr. Constantin Zuichenko, secretário-geral adjunto das Nações Unidas, pede demissão. ★ A Côrte Suprema rejeita o pedido de suspensão da execução dos espiões atômicos, esposos Rosenberg. ★ A "North American Aviation Incorporated" anuncia estar disposta a construir uma usina elétrica utilizando a energia atômica. ★ O govêrno norte-americano exige a "retirada imediata" de um diplomata comunista rumeno. Êsse diplomata teria tentado impelir um cidadão norte-americano a fazer espionagem em proveito da Rumânia. ★ Falece em Glaucester o Almirante Sir Robert Henry Faunton Raikes. ★ O govêrno britânico apóia as novas propostas apresentadas pelo General Harrison, em Pan Mun Jom, para pôr fim ao impasse criado nas negociações de armistício pela questão dos prisioneiros de guerra" — declara o Sr. Winston Churchill. ★ Os aliados propuseram ficar a cargo das Nações Unidas a decisão sôbre a sorte dos prisioneiros de guerra. ★ Terminam os ensaios para as festas da coroação. ★ Chegam a Londres vários membros da representação brasileira para a cerimônia da coroação da Rainha Elizabeth II. ★ O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando Ministro interino da Educação o Sr. Péricles dos Santos Madureira de Pinho; designando os representantes do Brasil no Seminário latino-americano sôbre o Problema da Terra; designando a delegação brasileira ao VII Congresso Pan-Americano de Estradas de Ferro. ★ O Dr. Roberto Urdaneta Arbelaez constitui o novo ministério colombiano.

27 — QUARTA-FEIRA — Paul Reynaud, de 75 anos, primeiro ministro durante a guerra, declara no Parlamento francês que só formaria novo govêrno depois que a Assembléia Nacional tivesse emendado a Constituição do país, a fim de que se realizassem eleições, caso o govêrno venha a cair com menos de 18 meses de poder. ★ A Coréia do Sul continua em sua ferrenha oposição à nova proposta de armistício das Nações Unidas, a qual, segundo observadores aliados, talvez encerre a fórmula de terminação da guerra coreana. ★ A chave da proposta da ONU — ainda secreta — estaria na apresentação de todo o problema dos prisioneiros de guerra à Assembléia Geral da ONU, se houver impasse. ★ Não se realizou sob pressão de fôrças do Viet Minh a evacuação do pôsto de Yen Vi, segundo esclarecimentos dos círculos militares de Hanoi. As linhas de defesa serão estabelecidas na outra margem do rio, em frente ao antigo pôsto de Yen Vi. ★ Julius e Ethel Rosenberg, espiões atômicos condenados à morte, requerem à Côrte Suprema novo adiamento da execução.

28 — QUINTA-FEIRA — Iniciada na Argentina a construção de aviões a jacto, sob a direção de técnicos alemães. ★ Violentos vendavais açoitam o Panamá. ★ O Sr. Jacob Malik, novo embaixador da Rússia na Inglaterra, apresenta suas credenciais à Rainha Elizabeth. ★ A Rainha Elizabeth II aprova uma modificação dos títulos com que será distinguida, ao ser coroada. ★ Uma nota dissonante, em meio ao entusiasmo delirante diante da iminente coroação, verifica-se em Scarborough, entre os delegados a um almôço e baile do Grêmio de Operários em Fundições, que impediram a orquestra de tocar o hino "Deus Salve a Rainha". ★ O Presidente Eisenhower nomeia o Sr. Nelson A. Rockefeller, sub-Secretário de Estado de Saúde e Educação. ★ Os socialistas holandeses logram apreciáveis vantagens nas eleições locais em mais de mil municípios. Os escrutínios denotam que os comunistas continuam perdendo prosélitos. Em Amsterdão, baluarte dos socialistas, os vermelhos só conseguem eleger dez conselheiros, perdendo duas cadeiras. ★ A polícia de Munique prende os proprietários de três emprêsas metalúrgicas, por terem fabricado armas ilegalmente. Apesar da recusa de qualquer esclarecimento da parte da direção geral da polícia, noticiou-se que as três firmas teriam fabricado, por conta de uma república da América Central, certas peças de fuzil "98-K", antigamente utilizado pela Wehrmacht.

29 — SEXTA-FEIRA — O Presidente Eisenhower pede ao Primeiro Mandatário da Coréia do Sul, Syngman Rhee, que reconsidere sua oposição à nova proposta aliada para a trégua na Coréia. ★ O Departamento de Estado [illegible] categòricamente as notícias publicadas no exterior, de que os Estados Unidos ameaçaram não prestar qualquer ajuda no futuro à Coréia do Sul, se continuar combatendo depois de concertado o armistício. ★ O Serviço de Meteorologia causa profunda consternação entre o público, depois do magnífico ensaio geral da coroação, na Abadia de Westminster, ao prognosticar possível chuva têrça-feira, quando ocorrerá o maior e mais suntuoso espetáculo da época moderna ★ O líder radical francês Pierre Mendes France aceita o pedido do Presidente Auriol, para que tente formar o novo govêrno. Procurando pôr fim à crise política francesa, Mendes France entra em consultas com grupos parlamentares, inclusive os socialistas. ★ Os comunistas chineses, avançando no seu mais violento e encarniçado ataque desde oito meses, forçam as tropas americanas e turcas a abandonar três postos avançados que defendiam a estrada para Seul. ★ Os vermelhos lançam no ataque mais de quinze mil homens, ou vinte batalhões, contra vários pontos-chaves dos aliados, ao longo das frentes ocidental, central e oriental. ★ O juiz federal Irving Kaufman fixa a se-

mana que principia a 15 de junho como nova data para a execução dos sentenciados espiões atômicos Julis e Ether Rosenber. ★ E' assinado decreto pelo Sr. Presidente da República, promovendo ao pôsto de Marechal o General de Exército Artur Silo Portela.

30 — SÁBADO — Os caças de bombardeio e artilharia pesada dos aliados lançam centenas de toneladas de altos explosivos contra as posições da rota de acesso a Seul. As fôrças norte-americanas da 25.ª Divisão solicitam o apoio da artilharia pesada, antes de abandonar Vegas e Elko. Os vermelhos já haviam, então, desalojado os turcos de Carson. Logo que terminou a retirada das fôrças aliadas, a artilharia pesada iniciou o fogo contra as referidas posições, e, pouco depois, surgiu a aviação para desfechar contra as mesmas um tremendo bombardeio. ★ O entusiasmo provocado pela coroação envolve tôda a cidade de Londres, desde o bombardeado e pobre bairro de Limehouse ao elegante Mayfair. Milhares de pessoas, nesta engalanada capital, congregam-se nas vizinhanças do Palácio Buckingham, na esperança de ver a sua Rainha. ★ Um boletim médico assinado por cinco doutores anuncia que é absolutamente necessário que o Sr. Anthony Eden se submeta a uma nova operação cirúrgica. O Secretário de Estado do Foreign Office partirá em cinco de junho, de avião para Boston, em companhia da Sra. Eden e do Dr. Guy Blackburn. ★ Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto designando os Srs. Joaquim Vidal Leite Ribeiro, Nelson Moura Brasil do Amaral e Rui Rolim para representarem o Brasil no I Congresso Latino de Oftalmologia.

31 — DOMINGO — Londres está superlotado de gente para assistir os festejos da coroação. Cêrca de 400 mil pessoas, muitas horas antes do início das cerimônias, ocupam todo o percurso por onde transitará o cortejo real. ★ O Presidente Syngman Rhee reitera a sua decisão de sòmente aceitar um armistício que preveja a unificação da Coréia. ★ O Sr. Mendes France, encarregado de formar o novo gabinete, prossegue nas conversações com os líderes dos diversos partidos, em tôrno da questão do Exército europeu. ★ Anuncia-se que o Presidente do Conselho, designado, pedirá amanhã a indispensável investidura à Assembléia Nacional. ★ O "Journal of Commerce" ventila a hipótese de estar sendo trocados por cruzeiros, no câmbio livre, parte dos 300 milhões de dólares concedidos pelo Banco de Exportação e Importação, para liquidação dos atrasados comerciais do Brasil com os exportadores norte-americanos.

★

A MENTA E TIO SAM

Que os Estados Unidos estejam à frente da produção mundial de um certo número de matérias primas importantes, como o algodão, o petróleo ou o aço, não causa surprêsa. Mas que apareçam também no primeiro plano do plantio e colheita industrial de um produto como a menta, causa surprêsa, realmente.

No entanto, temos que nos render à evidência: segundo as informações de fonte oficial, os Estados Unidos consagram 19 080 hectares à cultura dessa planta da qual extraem cêrca de 800 000 quilos de essência de menta.

Por que sacrificar tanta terra em proveito de uma colheita aparentemente secular?

Simplesmente para permitir à indústria norte-americana de balas que continue a perfumar os seus produtos, particularmente o "chewinggum", que são lançados no mercado, anualmente, em quantidade superior a noventa e três mil toneladas.

E ESTA?...

O delegado policial de Bellingham, Washington, George Hoyde, acaba de recorrer à arte, a fim de usar novas armas no combate ao alcoolismo e, principalmente, reduzir o número de ébrios que sempre aparecem nas noites de sábado. Assim determinou que as salas, especialmente reservadas para que êsses "visitantes" de sábado possam "cozinhar" a bebedeiras, fôssem pintadas com figuras ridículas de ébrios, além de horrendas figuras de morcegos, cobras, lagartos, elefantes de pernas tortas e trombas arrastando, etc., etc.



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, liquidificador, máquina de costura, etc.

Conheça o Brasil: recorte da "Revista da Semana" e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico, com ótimo texto educativo,

no Álbum Revista da Semana

ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da "Revista da Semana" e colocadas no "Álbum", começaram a ser publicadas na "Revista da Semana" n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da "Revista", bem como o "Álbum", são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.



Condições na REVISTA DA SEMANA a venda. Redação: Rua Maranguape, 15 — Rio —

REALIZAÇÃO DA BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A.
RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134 — RIO DE JANEIRO

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 2 — JULHO — 1953
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílados — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

3.º TORNEIO

JULHO — SETEMBRO

ENIGMAS

— 1 —

Onde moro tem bicho de môsca
que corrói, aos poucos, a tôsca
madeira de minha estante.
Vou dar um jeito, prometo,
Com arsênico, chumbo, brometo
e *cascalho* de *diamante*.

KTQZ (S. Paulo)

— 2 —

Vi-a antes do réu confesso
Que agora sou por seus olhos...
Nesta prisão, *hesitante*,
Seu olhar seja os escolhos!

Mascobei (Barra Mansa)

— 3 —

Rasga no peito um abismo
De perpétua esperança.
Não sei por que, sempre cismo
Na tua *grande segurança*

Elmano

— 4 —

Destituído de qualquer aptidão
Com gesto simples de indivíduo [alvar,
Ali, bem próximo do paredão,
Tenta o magarefe um boi *amansar*.

P. Del Debbio (S. Paulo)

★

CHARADAS SINCOPADAS

5 — Três (duas) — Diga ao garôto que *trace* uma circunferência no seu caderno.

Bigi Neto — *C.E.E.* (Rio)

Ao insigne Dr. Lavrud

6 — Três (duas) — Grande *transformação* no charadismo querem *estabelecer*.

Bisilva (Manaus)

---

7 — Três (duas) — Tem qualquer *complicação* na estação, quando há ruído no rádio.

Carsioli — *Angico* — *Mairi-Ba*

---

8 — Três (duas) — Aquêle que se *apóia* na *razão* e no direito, não se dobra ao arbítrio de qualquer chefete *ignorante*.

Conselheiro (S. José de Mipibu)

---

9 — Três (duas) — Foi preciso uma *indireta* para livrar-me do *embaraço*.

Donatila Borba (Criciuma)

---

10 — Três (duas) — Indivíduo *ridículo* não leva *vantagem* na vida.

Ed Vep (Maceió)

---

11 — Três (duas) — *Calor forte*, após muitos dias chuvosos, não é *agradável* ao povo.

Fiote (Cuiabá)

---

12 — Três (duas) — Alterando o serpear dêste rio, forçosamente farás melhorar a irrigação das terras circunvizinhas.

Gumercindo Leite (Alagoa Grande — Pb)

---

13 — Três (duas) — Você pode ser um charadista *muito grande*, mas que é um *maluco*, isso ninguém duvida...

KTQZ (S. Paulo)

---

14 — Três (duas) — Todo aquêle que sente prazer com a *desgraça* de outrem, não passa de um indivíduo errado e desleal.

P. Del Debbio (S. Paulo)

15 — Três (duas) — Ao *indivíduo muito pobre* você não *logre*.

Tony (Campo Florido)

16 — Três (duas) — O *ânimo* faz parte da *energia*.

Velo-Vela — *C.E.E.* (Rio)

★

CHARADAS ANTIGAS

A Godofredo Dantas

— 16-A —

"Sem" ti, nesta soledade — 1
sob o pélago da dor — 1
passo a desejar saudade,
entre suspiros de amor..

João Sipó (Bahia)

MOLÉSTIAS DA BEXIGA

A irritação intolerável e os ardores produzidos pelos distúrbios da bexiga, devem ser combatidos, logo de inicio. Sendo a bexiga a porta de saida das substâncias tóxicas e impurezas que os rins separam do sangue, sofre-se dores cruciantes quando esse delicado orgão está inflamado, devido ao contacto com tais substâncias. O exagerado desejo de aliviar a bexiga, os ardores e as irritações das vias urinárias devem ser combatidos, tomando, ainda hoje, as Pilulas de Witt para os Rins e a Bexiga. Sua ação calmante e antisética, faz-se sentir logo na bexiga, nos rins e em todas as vias urinárias.

As Pilulas De Witt são fabricadas especialmente para as doenças dos Rins e da Bexiga.

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

— 17 —

Já está feito o princípio, — 1
Pois o fim jamais se alcança — 1
Porque neste município
Todo operário descansa.

Bisilva (Manaus)

★

CHARADAS CASAIS

Abraçando o Romeu do Prado

18 — Quatro — Naquela casa *luzente*, que estás vendo ali no lado, mora um sujeito influente que é um grande descarado.

Bisilva (Manaus)

—

19 — Três — *Coisa de que não se pode dar a definição* reputo como fato *indefinível*.

Cysneirense Junior

—

20 — Três — *Traga uma vara*, porém *a vara mais comprida do mangoal*, a qual está prêsa o *mango*.

Cysneirense

—

21 — Três — Para ter *vida tranqüila*, a humanidade sente *grande prazer* com pouca *coisa*.

—

Ao Kurban, se fôr vender algum anel

Donatila Borba (Creciuma - S.C.)

22 — Quatro — *Inscrevo-me* aqui como candidato à *aquisição do anel*.

D'Ávila - G.E.M. (Pará de Minas)



Cabelos sedosos, brilhantes e bem penteados com o uso constante de FIXBRIL, asseguram o complemento indispensavel para sua elegância.



★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

Ao Mascobei

23 — Três

Num lugar todo encoberto
Foi armado muito perto
Um parque de diversão.
Havia muita folia,
Muita luz, muita alegria
E grande satisfação.

Euclides Vilar (Campina Grande)

24 — Três — *Aguardente fervida com açúcar e gengibre dá gôsto à bala de melaço.*

Gomes Júnior (Maceió)

—

25 — Três — Além da *ofensa* que recebeu, o pobre homem ficou todo *salpicado de prêto e branco*.

Gil Vírio (Andradina)

—

26 — Cinco — Parecia um homem *puro*, mas bem que entrava na *cachaça* . . .

Asclépios (Rio)

27 — Três — No Japão usa-se *garrafa* como pequena *medida de grão*.

Marcimento (S. Paulo)

—

28 — Duas — Nem tôda *narração* têm o *propósito* de agradar.

Matsuk (Rio)

—

29 — Quatro — *Disponha* de meu *telefone*.

Marcus (Belo Horizonte)

—

30 — Quatro — Sentia-se *desonrado* ao ver sua pátria *humilhada*.

Oarcim (Rio)

—

31 — Três — Estou de *saída* do grêmio porque êle está *dividido*.

Dalwa (Rio)

—

32 — Duas — *Entreabro e fecho ràpidamente os olhos* por causa do pó.

Sertaneja (Rio)

—

33 — Três

Galgo a ladeira da vida,
Que, *ladeirenta* e penosa,
Fica o dôbro de comprida.
E como estou no começo,
E é muito longa a subida,
Da gente tirando a prosa,
Palavra que me *aborreço*.

R. Kurban (T.B. — S. Paulo)

—

34 — Duas

Quem *colhe* na roça alheia
E pelo dono é pegado,
E' *natural* que levado
Seja às grades da cadeia

Dr. Barreto Cardoso — GCN (Maceió)

★

CHARADAS NOVÍSSIMAS

35 — Duas — uma — *O rei de Lácio? Não diga mais! Já sei, era muito extravagante.*

Eva Dio (Rio)

EVITE A OBESIDADE



Com o uso diário do ENO. Elimina as toxinas do organismo, combate a prisão de ventre, a azia e a acidez... Laxante ideal, alcalinizante e estomacal.

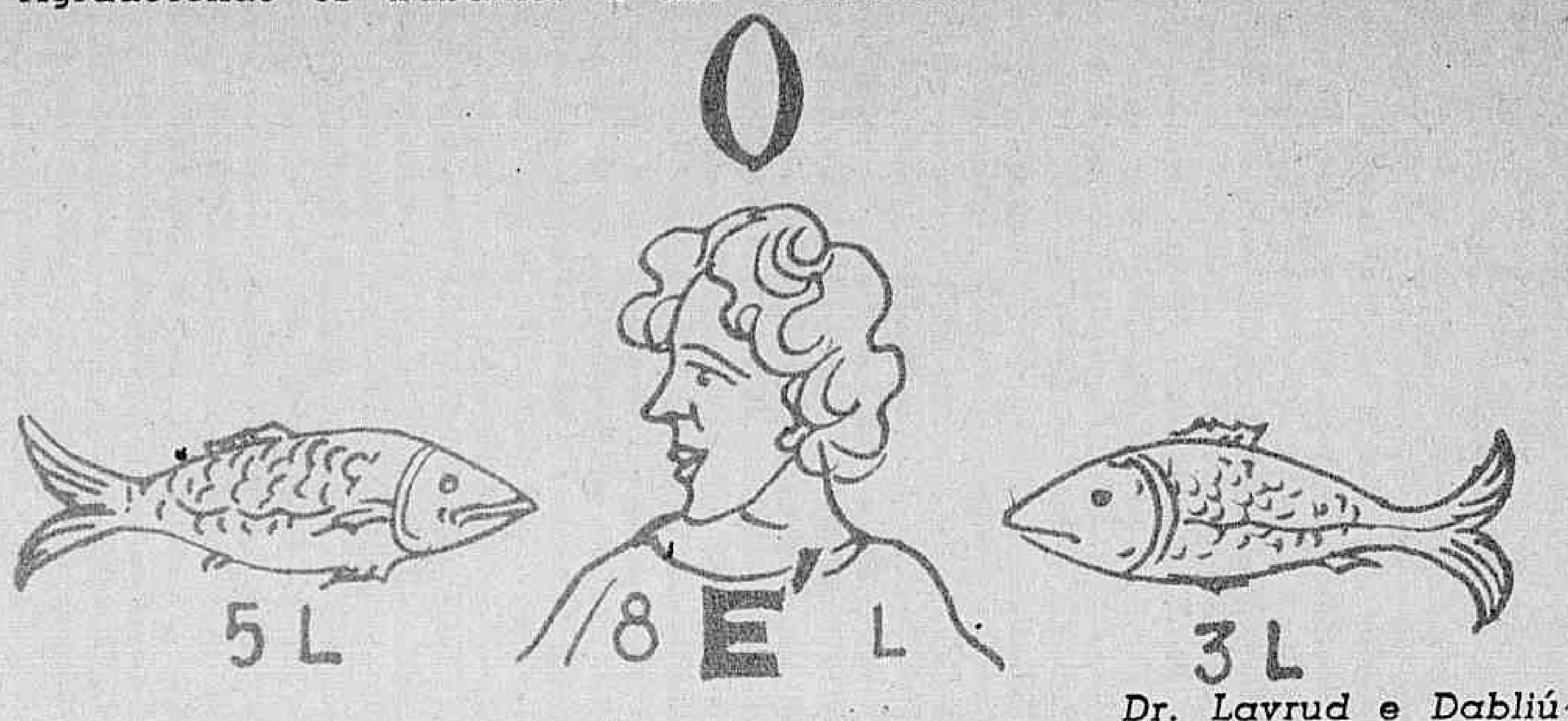
"SAL DE FRUCTA"

ENO

Mais de 70 anos de uso no Mundo inteiro!

ENIGMA PITORESCO — 34

Agradecendo os trabalhos a nós dedicados



Dr. Lavrud e Dabliú

36 — Uma - uma - duas - *Mulher carinhosa* e de "*caráter*" *puro* não se presta a ser *sacerdotisa* de *macumba*.

Segon (Rio)

37 — Duas — duas — Por causa da *mudança* das medidas da *superfície* da mesa, o operário teve que fazer uma *retratação*

Bigi Neto — C.E.C. (Rio)

38 — Duas — duas — Êle procura o *funil* na casa do vagabundo.

Dopasso (Recife)

39 — Duas — uma — Na *cabana*, o pobre homem esperava *apenas*, a hora da *morte*.

Edur Gomes Monteiro (Cuiabá — Mato Grosso)

40 — Duas — uma — Aquêle velhaco, então, sim, é homem que não *anda* na *linha*.

El Principe (Uberaba)

ENIGMA FIGURADO — 55



Trica (Rio)

41 — Duas — uma — três — Por que é que o seu *patrão* concede rendas do Estado àquele *mulato?*

Heron Silpes (Canavieiras)

42 — Uma — uma — Onde trabalho só "*aceito*" como secretária *mulher muito bonita*.

Gomaque — C.E.C. (Rio)

43 — Duas — três — Um *cravo áureo* foi achado pelo *menino louro*.

Sertanejo II (Lavras)

44 — Duas — uma — duas — Todo *indivíduo* à quem não se *ajude* a sair de um *embaraço*, poderá tornar-se um *tipo desclassificado*.

Seamva (Santos)

45 — Duas — uma — Sem muita *lábia* êle conseguiu que a "*produção*" subisse e agora já está sendo reparada a *parte* da *construção* que *ressai* do *prumo*.

Zepenha (S. Luiz — Ma.)

46 — Uma — uma — *Qualquer coisa basta* para pôr *têrmo* a uma *briga* de mulher.

Zytho (Rio)

47 — Duas — uma — duas — Mulheres *inexperientes*, mas muito *idosas*, só tomam *chá de zínia*.

Eva Dio (Rio)

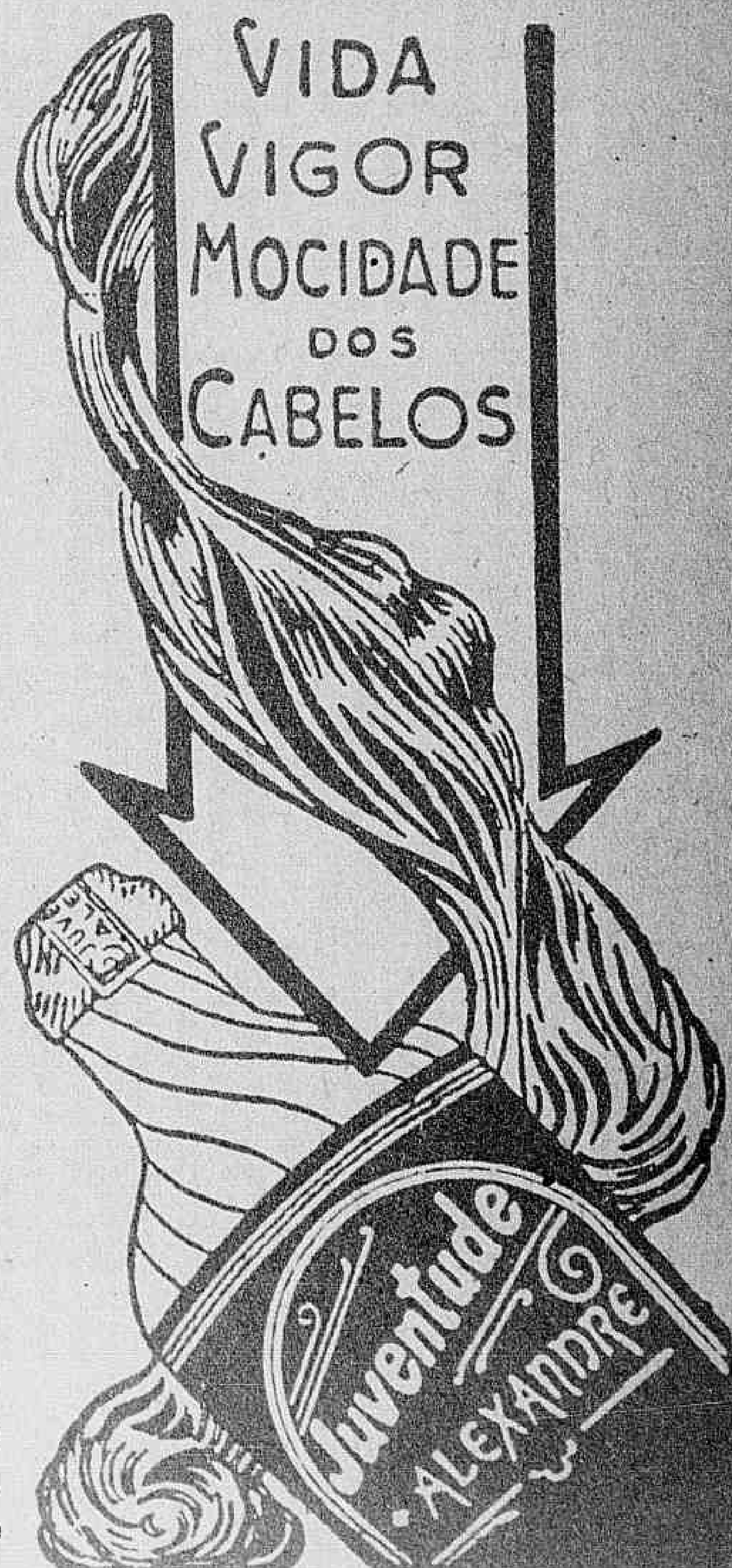
48 — Duas — três — *Volta* à *navegação* o navio que estava no *refugo*.

Iza Abel (Rio)

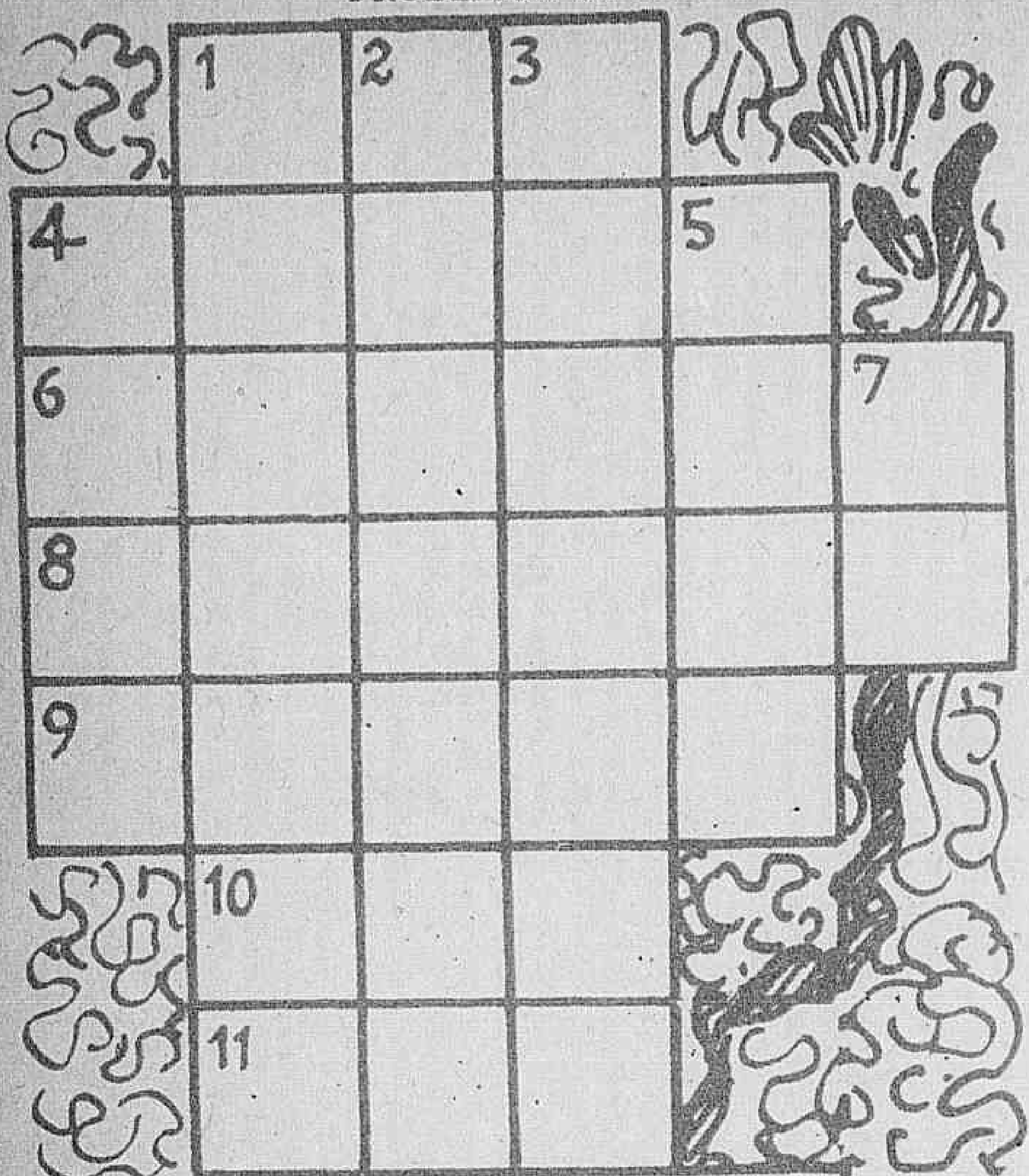
49 — Duas — uma — A seringa não está *cheia* do remédio, e sim de *coisa diversa*, que não serve



JUVENTUDE
ALEXANDRE



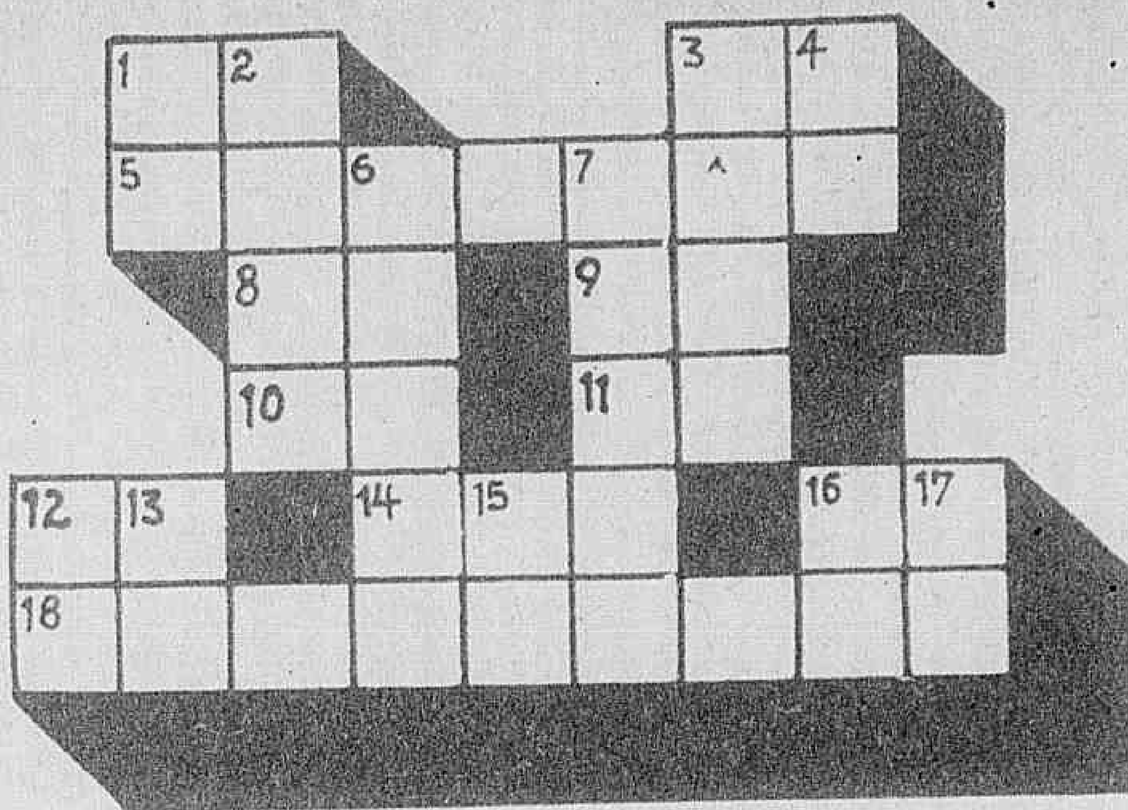
PROBLEMA N.º 1



Sefton (Rio)

HORIZONTAIS: 1 — Mealheiro; firma; 4 — Praia; 6 — Pássaro das Índias que aprende fàcilmente a falar; 8 — (João) Notável escritor italiano como poeta, romancista e crítico literário (1776-1855); 9 — Ajuntas o casulo ao trigo; 10 — Moeda búlgara, correspondente a 20 centavos; 11 — Nome próprio feminino.

VERTICAIS: 1 — Árvore da família das Malastomatáceas; diz-se de uma espécie de cana-de-açúcar; 2 — Célebre físico dinamarquês, foi o inventor do eletromagnetismo; 3 — Enchia; fartava; 4 — Amargo; agro; 5 — Sobrenome de família; 7 — Interj. exprime espanto



P Del Debbio — C.E.P. (S. Paulo)

HORIZONTAIS: 1 — Cânhamo da Índia; 3 — Ilha do rio Parnaíba; 5 — Espingardão de rodete; 8 — Relicário ou cofre dos japonêses; 9 — Pref. denotando: falta, privação; 10 — Simb. químico do érbio; 11 — Em psicanálise, o substrato instintivo da psique; 12 — Medida itinerária na China; 14 — Pessoa de grande mérito em qualquer coisa; 16 — O resto; 18 — Espécie de roupão com meias mangas e capuz, que chega até ao joelho.

VERTICAIS: 1 — Tumor; 2 — Profissão; 3 — Estreito entre a ilha de Seeland e a Suécia; 4 — Alcatéia; 6 — Plano de construção; 7 — Dança; 12 — Omoplata; 13 — Freguesia de Portugal; 15 — Sôpro; 16 — Queixa; 17 — Adiante.

para cada um dos músculos da perna.

Guilherme Tell (Rio)

---

50 — Duas — duas — Não há *recurso* para melhorar a *passagem entre duas montanhas*, sem recorrer ao *protocolo*.

Costa Pereira (Rio)

51 — Uma — uma — Foi uma *calamidade* o *acôrdo* feito com o *espião*.

Segon (Rio)

---

52 — Uma — três — Homem *torto*, pode estar *provido de roupa*, mas tem sempre o aspecto de *mal entrajado*.

Paulistinha (Rio)

LOGOGRIFO

Dona Ana, senhora *idônea*, —
[1, 2, 7, 8
Sabe onde tem a *cabeça*; —
[4, 5, 6, 10
Sofre, contudo, de insônia
Por tudo que lhe aconteça.

Pregou-lhe o marido um *lôgro* —
[2, 6, 8, 9
E a pobre, com dor na *nuca* —
[8, 7, 3, 10
Sem dormir, deu queixa ao sogro,
Que a censurou de maluca.

— E' assim? — disse Dona Ana —
Quer briga comigo, quer?
Pois vai ver como se engana,
Que eu não sou *qualquer mulher!*
[— 7, 6, 2, 1

Vou requerer o desquite!
Com êsse recurso extremo,
Deixo seu filho, acredite,
Numa canoa sem remo.

Lutércio (Rio)

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!
CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO" BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRACKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE
Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO
300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00
À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

SOLUÇÕES DO 4.º TORNEIO DE 1952

1 — Contra ataques; 2 — Subalugar; 3 — Melcochado; 4 — Qualquer; 5 — Passa moleque; 6 — Pula ventana; 7 — Garrano; 8 — Corrimaça; 9 — Bate-orelha; 10 — Quero mana; 11 — Ditadura; 12 — Infiel; 13 — Pesado; 14 — Reiuno; 15 — Macaia; 16 — Menoscabo; 17 — Amortecedores; 18 — Potrilha; 18A — Fabiano; 19 — Estofo—a; 20 — Lisura; 21 — Saranga; 22 — Panaço; 23 — Cepudo; 24 — Vitanda; 25 — Contato; 26 — Arauto; 27 — Álacre; 28 — Sajica; 29 — Linhaça; 30 — Palonço; 31 — Instinto; 32 — Bondade; 33 — Colosso; 34 — Esvurmar; 35 — Passada; 36 — Porfia; 37 — Regalar; 38 — Fruta—o; 39 — Fabiano—a; 40 — Macaia—o; 41 — Lampa—o; 42 — Tetra—o; 43 — Armado—a; 44 — Gatuna—o; 45 — Galguincha—o; 46 — Lombo—a; 47 — Regateiro—a; 48 — Repleta—o; 49 — Releixa—o; 50 — Traça—o; 51 — Canguinha—o; 52 — Antes novelo que novela; 53 — Peixe de botequim, para ti e não para mim; 54 — Colaboração; 55 — Dédalo; 56 — Soldado; 57 — Mariola; 58 — Dardar; 59 — Poçuca; 60 — Mujique; 61 — Patota; 62 — Corveta; 63 — Talisca; 64 — Rapilho; 65 — Forçura; 66 — Pileque; 67 — Fregona; 68 — Gabela; 69 — Tagante; 70 — Cujuba; 71 — Traves; 72 — gogrifo; 73 — Honroso; 74 — Brevemente; 75 — Destronada; 76 — Latido; 77 — Caradura; 78 — Cascata; 79 — Retorta; 80 — Pontoso; 81 — Portátil; 82 — Silo; 83 — Morredor; 84 — Soveu; 85 — Areias Gordas; 86 — Catarse; 87 — Barregar; 88 — Escaro; 89 — Pola—o; 90 — Médico—a; 91 — Apartada—o; 92 — Macaco—a; 93 — Sécio—a; 94 — Parada—o; 95 — Marinho—a; 96 — Estofa—o; 97 — Módica—o; 98 — Esturdia—o; 99 — Gandula—o; 100 — Tratado—a; 101 — Bandeiro—a; 102 — Rebato—a; 103 — Ressalvo—a; 104 — Cupido—a; 105 — Antes ter sarampo que varíola; 106 — Prefiro galo vivo a cavalo morto; 105-A — Goliardo; 106-A — Desfeita; 107 — Pélago; 108 — Adriça; 109 — Toada; 110 — Corcoba; 111 — Alfama; 112 — Serpentear; 113 — Averter; 114 — Tudo nada; 115 — Tapaolho; 116 — Intercorrente; 117 — Estazado; 118 — Reviravolta; 119 — Bateboca; 120 — Sorri; 121 — Gagata; 122 — Trato; 123 — Natal; 124 — Ramada; 125 — Lobacho; 126 — Moderar; 127 — Moleca; 128 — Garito; 129 — Quiete; 130 — Préstito; 131 — Ministra; 132 — Andrajo; 133 — Furbesco; 134 — Lúcido; 135 — Mamona; 136 — Crepido; 137 — Sentada; 138 — Xibimba; 139 — Charuto; 140 — Faneca; 141 — Fiota; 142 — Lídima; 143 — Prato; 144 — Poeto—a; 145 — Entulha—o; 146 — Coarctado—a; 147 — Gozo—a; 148 — Cachada—o; 149 — Postiça—o; 150 — Afoito—a; 151 — Lavo—a; 152 — Caranguejo—a; 153 — Incenso—a; 154 — Traqueja—o; 155 — Lodeiro—a; 156 — Remanisco—a; 157 — Só—só; 158 — O velhaco tem remédio para tudo; 159 — O bom bem bom.

★

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 1 — PIC — SANAR — AGATI — RENAR — MER.

N.º 2 — GAITADA — EL — O — IR — TRATO — PIO — ARA

VARIZES E HEMORRÓIDAS
TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO
HEMO-VIRTUS
VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LIQUIDO
HEMORRÓIDAS: TOME O LIQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL
NAS FARMÁCIAS
Usar durante três meses.

Não chore!
POLVILHO ANTISSÉPTICO
GRANADO
acaba com as Brotoejas
JOÃO FREY



É TÃO FÁCIL GANHAR CR$ 1.000,00

Não deixando de ter em casa o melhor para os móveis

Óleo de Cedro

Se a senhora ainda não experimentou êste produto, experimente-o que jamais deixará de usá-lo, estamos absolutamente certos.

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA» TODOS OS DOMINGOS NO «RADICAL» E AS SEGUNDAS-FEIRAS NO «CORREIO DA NOITE»

— AVARIAS — E — O — M — AZENHAS.

N.º 3 — PARMA — ALUIR — RUBRO — MIRIM — AROMA.

N.º 4 — M — GAS — ETA — GLEBA — RA — AR — VA — RE — EVO — MEL — AXE — OBA — IO — AR.

N.º 5 — LADEAR — AVULSO — RA — SE — EN — AD — ATEADO — REITOR.

N.º 6 — EVANGELHO — PA — AAR — AL — I — TU — AA — I — SOA — CAF — TATE — ARIA — O — OR — RE — N — LA — RUA — UT — ARMA — LOTE.

DECIFRADORES

Janota, Julião Riminot, Seamva, Pompeu Júnior, Malba Tantan, Sefton, Jomaque, Bigi Neto, Gil Vírio, Milon, Oarcém, Ziul, Pati, Gomes Júnior, O Sineiro, Breque, Cantagalo, Nostradamus, Jayreis, Sertanejo II, Alguém, Édipo, Envergonhado, Jocati, Ordisi, Varetas, Lujoca, Oicaroh, Dom Roal, Durmel, Vigário de Welkfield, Conde de la Fere, El Principe, Botucaiahy, Lupe, Asclépios, Tony, Dr. Barreto Cardoso, Acobar, Farani, K. Nivete, Buridan, Ronega, Cysneirense, Padre Chagas, Juca Pirolito, O. Jang, Ratinho, Lidaci, Carlos, De Souza, Ralvo Ilras, Paraná, Sinhô, Agabê, Arpetra, Ratia, Oilaleh, Lerocha, Telma, Sam, Gumercindo Leite, Derito, Alô Tropina, Marcus, Lutércio, Plá, Nilva, Zytho, Emidlej, Nelmos, Toberal, Marcimento, Spartaco, Zepenha, Júpiter, Binastro 159 pontos; Sotnas, 154; Bisilva 151; Roama 148; P. Del Debbio 141; Nomísio Nuno 138; Heron Silpes 136; Donatila Borba, Sphynx 117; Dacosta 114; Racha, Walter T. Chaves, Naná 102; Íris 93; Sertaneja 70.

DICIONÁRIO DISSILÁBICO INVERSO

O nosso distinto amigo e confrade *Garamufo* (Cel. Laurentino Lopes Bonorino), autor dêste dicionário, teve a gentileza de vir oferecer-nos um exemplar de sua já consagrada obra para prêmio dos nossos concursos.

Êste dicionário é um ótimo auxiliar para os decifradores de charadas, tendo boa aceitação no Brasil e Portugal.

Gratos pela valiosa oferta.

ROAZO

Apresentou-nos suas despedidas, por ter de voltar para o Maranhão, o nosso velho colaborador *Roazo* (Amadeu Arazo).

GRÊMIO CHARADÍSTICO DO NORTE

Foi eleita e empossada a nova diretoria dêste grêmio, para o período de 1953-1955, assim constituída

Presidente — Tte. Cel Edgar Vilela (Radge); 1.º secretário — Henrique do Passo (Dopasso) — reeleito; 2.º secretário — Ivan Dowsley (Milon); tesoureiro — José Amaro de Brito (Debrito) — reeleito. *Conselho Deliberativo*: — Prof. Antônio Correia Raposo (K. Nivete); Hermelinda Aragão (Violeta); José Simplício de Lima Júnior (Josim Amil); Bianor Ferreira da Silva (Bisilva); Carlos Diniz (Mucuim).

TRABALHOS GRÁFICOS

LIVROS E FOLHETOS

Tratar na Companhia Editôra Americana, rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio Telefone 22-8647.

CORRESPONDÊNCIA

Heron Silpes (Canavieiras — Bahia) — Muito agradecemos a colaboração que mandou para o "Almanaque de 1954" e para o EU SEI TUDO. Oxalá, pudéssemos dizer isto a todos os confrades. Gratos.

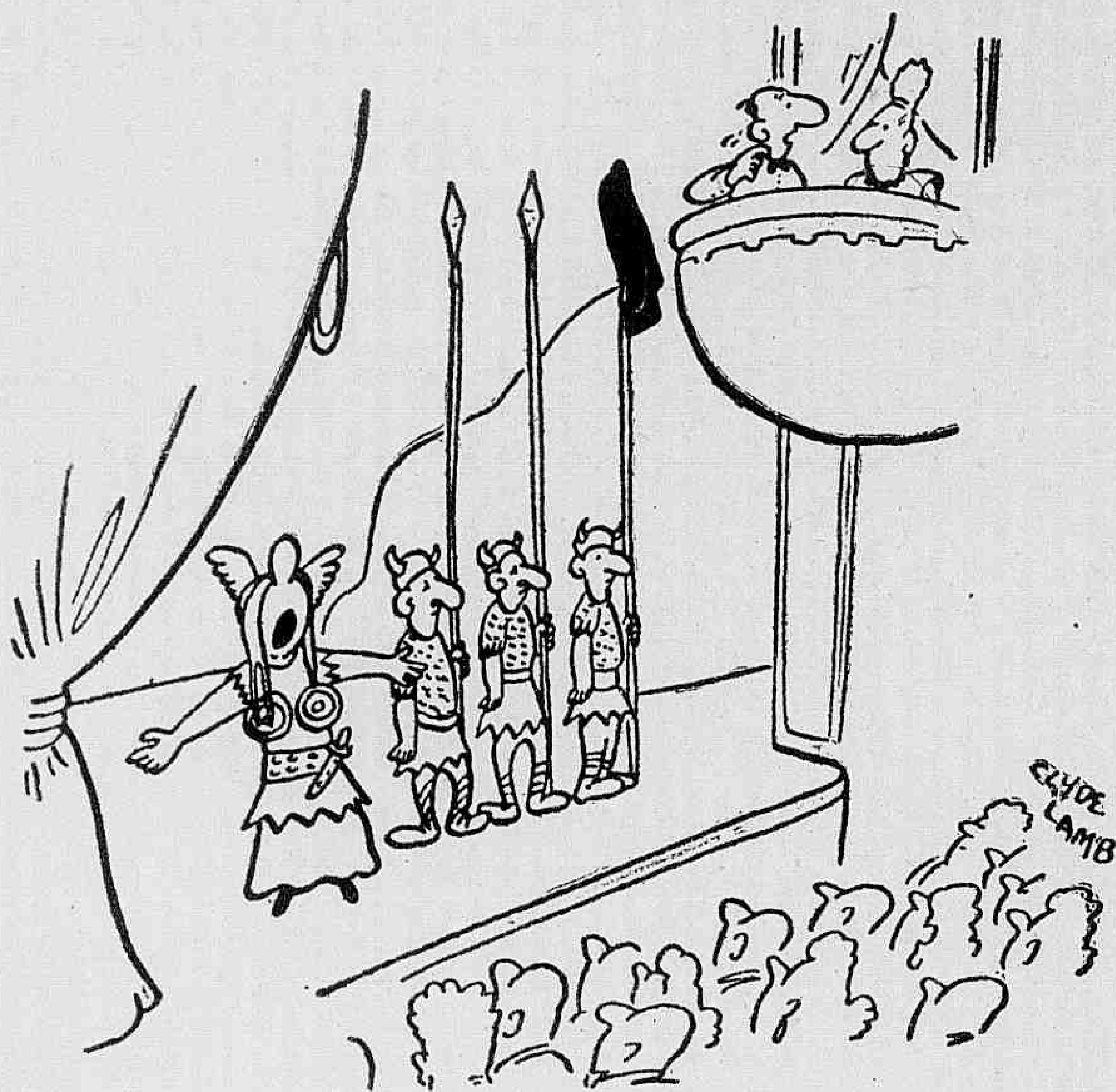
Asclépias (Rio); *Fiote* (Cuiabá); *Sertanejo II* (Lavras — Minas); *Bigi Neto* (Rio); *Plá, Lutércio* e *Nilva* (Rio); *P. Del Debbio* (S. Paulo); *Gil Virio* (Andradina); *Oarcim* (Rio) — Recebemos colaboração e agradecemos.

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser endereçada ao seu diretor,

DR. LAVRUD



— Está um calor insuportável, não acha?

Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelos hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS AINDA: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovada pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

AGORA
o tricô já não me causa tonteiras!...



O que supus fôsse velhice, era ùnicamente debilidade orgânica. E depois de tomar Emulsão de Scott readquiri minhas fôrças, tornei-me robusta, sadia. Emulsão de Scott é a mais completa combinação do melhor óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo! Fortifica e nutre e não contém álcool!





EMULSÃO DE SCOTT
Tonico das Gerações

EU SEI TUDO

N.º 434 — ANO XXXVII N.º 2 — JULHO DE 1953

SUMÁRIO:

Frontispício: O fantasma sedutor (Conto) 5
Uma anedota dos tempo da guerra 10
Amor e grades 10
Feitos um para o outro (Conto) 11
A "Boa Resposta" do mês 15
Cara de palhaço também pode ser patenteada 17
Por que temos soluços? (Eis um mal cômico, que também atormenta os médicos. A ciência sabe, porém, os casos que poderá curar, bem como os que não poderá — a maioria...) 18
O "doce beijo" da morte (Episódio real) 22
O que não disse o Duque de Windsor (O príncipe que trocou o trono por um amor — III) 23
Novidade na construção de arranha-céus 28
Templo Universal de Luz 29
A fôrça de um juramento (Romance, continuação) 35
A Madalena dolorida (Policromia) 43
Os maridos nunca dão ouvidos 45
Que somos? Resistentes ou frágeis? 46
As "delícias" do lar: o canário 51
Comércio internacional 51
Arquimedes e seus engenhos de guerra (Estudos abstratos. Um grande momento. Vida tranqüila. Pronta para repelir os romanos. Armas estranhas. Retirada desordenada dos atacantes. Espelhos incendiários. Sua memória imorredoura) 52
O fantasma acusador (Episódio real) 58
A evolução toma outro rumo (Um genealogista alemão consegue ressuscitar uma extinta raça de cavalos da Idade da Pedra, por meio do cruzamento e da criação... em sentido contrário) 59
Você sofre de Adiaforia? 61
Na "Feira de Idéias" 64
Esteja em dia com o mundo 65
O menor do mundo! 65
Sangue guerreiro (Conto) 66
Quem sabe explicar? Na aldeia dos mortos vivos (I) — Convidamos o leitor a pensar na evidência apresentada neste artigo e também procurar uma explicação para o fenômeno 72
Por trás da porta amarela (Romance, continuação) 77
Solidão marinha (Policromia) 85
O segrêdo do êxito 87
Os dois "caronas" (Conto) 88
Resolva os seus problemas 91
Nos domínios da Gramática 92
"Pegadas" na sua fôlha de serviço (Episódio real) 93
O lado risonho do crime 94
Nossas irmãs da América — Honduras vive principalmente da agricultura 95
Dicionário de nomes próprios (Pequena enciclopédia popular) 98
Memento EU SEI TUDO — O mundo há sessenta dias (Maio de 1953) 101
Quebra-cabeças, charadas, etc. 111

CORRESPONDÊNCIA



Roberto Moura Tôrres — Rua Luís Gama, S. Paulo (Capital) — Recebemos os trabalhos e agradecemos o seu interêsse, lamentando a atual crise de espaço, que impede a aceitação, por nossa parte, de novos colaboradores.

MANUEL MONSARRAT — Goiânia — Estado de Goiás — Sim. Existem vários, aqui no Rio de Janeiro, não, porém, com êsse título. Não seria possível enviar melhores informações?

J. Batista Pereira — Distrito Federal — Não publicamos tal assunto. Com certeza foi lido em outra publicação, porquanto foge inteiramente ao nosso programa.

J. G. Daniels — Recife — Pernambuco — Seu pedido será atendido pela administração, que enviará os exemplares juntamente com o recibo da assinatura.

Ângela Maria Uchoa — Niterói, Estado do Rio — Tão antigo assim? Por que não pediu antes? Serão enviados com certeza.

★

A CAPA — A rinha de galos, delícia para uns, brutalidade intolerável para outros, é hábito muito antigo entre os homens, havendo referências a essas rinhas nos textos mais antigos e tendo sido encontrados êsses animais desenhados em luta, nas velhas cavernas dos tempos pré-históricos. Mas, uma rinha de galos também pode salvar tôda uma aldeia e a vida de seus pacatos habitantes, conforme os leitores poderão ler em "Sangue Guerreiro", que publicamos nesta edição, na página 66.

BOLOS, BISCOUTOS e MINGAUS de

CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, máquina de costura, liquidificador e muitas outras coisas úteis.



Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no

Álbum Revista da Semana



ATENÇAO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista», bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

●

Realização da BRAZILIA TURÍSTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio